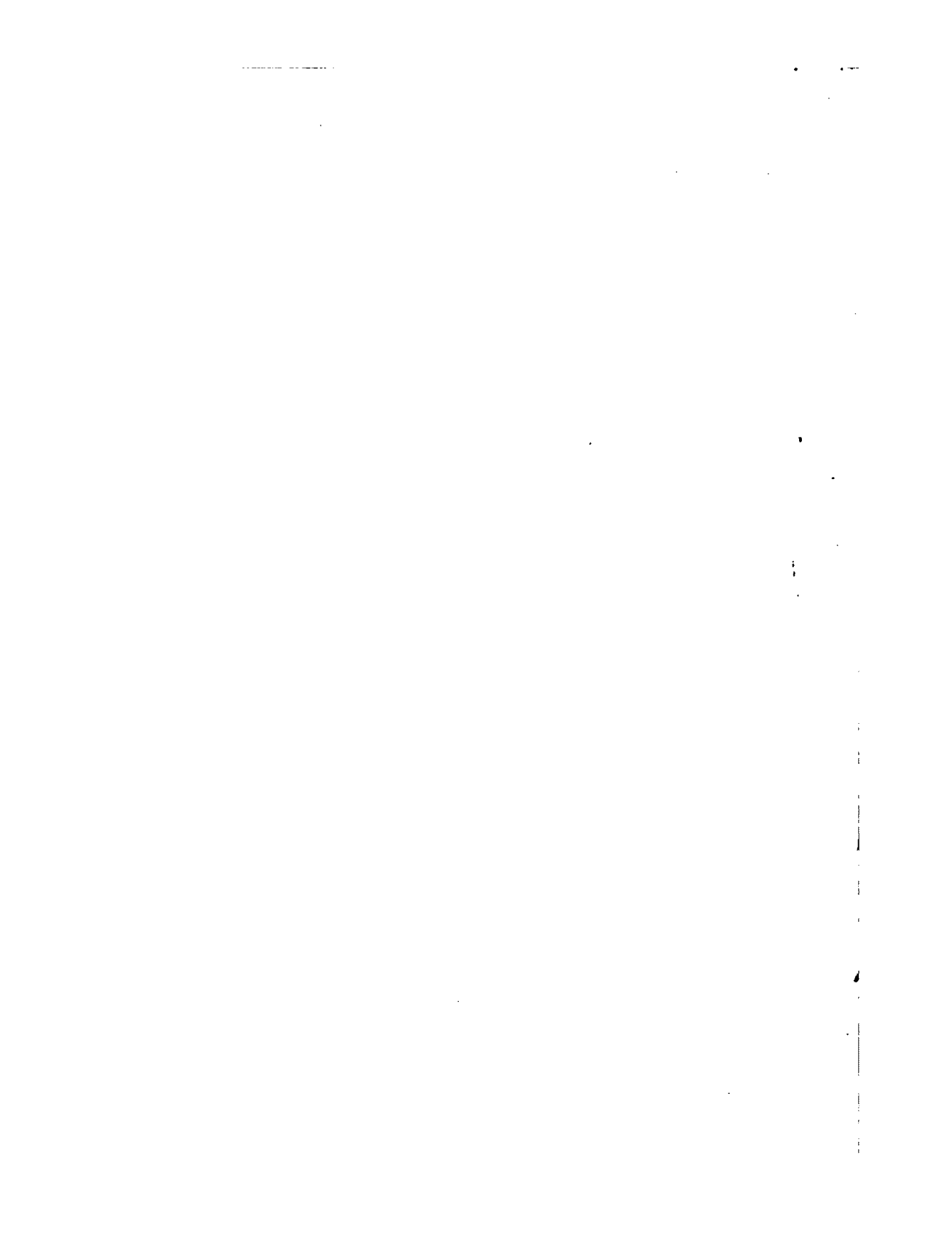


869.8

P645tr



Pina de mello, Fructos de

TRIUMPHO
DA
RELIGIAO.
Poema Epico-Polemico;
QUE
A' SANTIDADE DO PAPA
BENEDICTO XIV.



DEDICA
FRANCISCO DE PINA E DE MELLO,
*Moço Fidalgo da Casa de Sua Magestade Fidelissima, e Academico
da Academia Real da Historia Portugueza.*

COIMBRA:

Na Officina de ANTONIO SIMOENS FERREIRA, Impressor
da Univerſidade, Anno de 1756.

Com todas as licenças necessarias.

869.8

P645 tr

13- 374407

L I C E N Ç A S

D O S O F F I C I O .

O M. R. P. M. D. Fr. Bernardino de S. Rosa, Qualificador do S. Officio, veja este Livro de Francisco de Pina e de Mello, e infôrme com o seu parecer. Coimbra em Meza de Abril 2. de 1754.

Garrido.

Juízo, e approvaçõ do M. R. P. Fr. Bernardino de S. Rosa, da Ordem dos Prégadores, Mestre, e Doutor na Sagrada Theologia pela Universidade de Coimbra, Presentado do numero pela lição dos Estudos geraes da sua sagrada Religiaõ, Consultor do S. Officio, Examinador das Trez Ordens Militares, Regente dos Estudos, e Reitor do Real Collegio de S. Thomás da mesma Universidade.

Muito Illustres Senhores Inquisidores Apostolicos.

POR ordem desse rectissimo Tribunal vi, e examinei o *Triumpho da Religiaõ*, ou *Poema Epico-Polemico* de Francisco de Pina, e de Mello, Moço Fidalgo da Casa de S. M e Academico da Academia Real, e conto por favor esta Ordem, que recebo; pois em ter lido este brilhante *Poema* tenho logrado huma singular complacencia, vendo feitas Religiosas, e sagradas as Mezas mais amenas, nas quaes entre os Poemas do seu tempo he facilmente Principe Francisco de Pina, e de Mello. Elle as ~~passa~~ neste Poema, desde o monte Heliconio para o monte Sião, e se deixa ver Philolopho, e Theologo todo coroado de Louro. Elle em suave metro desfaz os errados Systemas dos *Atheistas*, *Politheistas*, *Deistas*, *Libertinos Religionarios*, e *Cyrenaicos*, do *Mahometismo*, *Hebraismo*, *Lutheranismo*, *Calvinismo*, e dos *Inchoerentes*, e assim cantando o mais glorioso Triumpho da Religiaõ Catholica Romana

nos mostra a Espada dos seus illustres Maiores degenerand em lustrosa penna, a penna em palma, e a palma em Lour Elle, deixadas as fabulas, faz servir o verso ao verdadeit Nume, illustrando as Musas com o pincel da verdade, e não ter dado outro nome ao seu elegante Poëma, eu lhe ch mara o *Anti-Virgilio*, ou *Anti-Ovidio*, assim como aquelle celebre Cardeal Polignac se diz o *Anti-Lucrecio*. Tanto, e mais dista o Pina da mentira, como aquelles dous Poetas fama distarã da verdade. Toda esta obra respira doutrina lida proposta com ardor, e efficacia, declarada com subtil veza, authorizada com todas as letras; as divinas com grao proprio, e judicioso commentario; as profanas com tal grao que sendo ellas pura folha a luz das divinas, as converte a f destreza em penetrante espada, que adoçando o ouvido com florida, se sente no coração como pedra preciosa, que edifica. Destes milagres hum só se conta em a natureza; porém ne fabrica hum, e muitos em cada folha. Nobre Edificador este Poëta, que de novo levanta a gloriosa Torre do Liba contra a Cidade de Damasco, adornendoa com os dourad Escudos da verdadeira Religiaõ, e despidendo de todo o gen de defeza aos pestiferos dogmas, de que triumpha neste clarimo *Poëma*. Elle oppoem aos rebeldes as armas, que espendentes dos Baluartes da Igreja, e com taõ unifoorme disciplina, que sendo os modernos sectarios, como mãos ovos mãos Corvos, tirados das cinzas dos antigos Hereges, a hu e outros acomette com Catholico valor, tirando do Thesoro da sua vastissima erudição novas, e antigas preciosidad. Tambem os Hereges quizerã adoptar as Musas para mel encobrirem a perversidade dos seus fantasticos enredos.

Ario no principio do 3.º seculo da Igreja, primeiro scissico, depois fatal Hereirca, compo a sua infame Thale que era huma Cantilena arelle, em a qual exprimio todo veneno do seu erro contra a caritababilidade do Filho, e com este artificio atrahir os ignorantes de hum, e outro ao seu nefando partido. Seguiu Ario neste genero de Poesia impurissimo Sotates. Outros Hereges poetizarã, e poder agitar o seu espirito com dous ferores, hum nobre, outro vilissimo. o nobre da Poesia, o vilissimo da Seita. Distingui Theodoro Beza, celebre Discipulo de Calvino, de cujos ve nos dá noticia Santeio com outros. Cantou na confusa

nebra, onde se recolheu depois do afamado colloquio de Poiffi. O falso Oraculo de Londres junto à porta *Alderghet*, onde de hum cavado muro, reclusa por industria dos Hereges *Izabel Croste*, pronunciava infaustos successos à grã Bretanha, reinando a Catholica Maria, era huma especie de Apollo Delifico, porque tudo quanto pronunciava era verso. Porém descobrio-se, que o Author destes versos era o infame *Drar*, que assim instrua a reclusa *Izabel Croste*, para animar o *Protestantismo*, que naquelle reinado hia declinando. Porém as Musas sendo de sua natureza lúidas, na dolosa lingua dos filhos das trevas estaõ como violentas. Bem fei, que no Etnicismo, e principalmente no seculo de Augusto sobiraõ ao ponto mais brilhante; mas ainda nas linguas dos Gentiõs padeciaõ sua violencia, e estavaõ como Ancillas. Apareceo a gloriosa Legiaõ dos SS. PP. e as chamou para a fortalela da Igreja. Foraõ cantados em doces versos os Dogmas Sagrados do *Catholicismo*. De Ancillas passaraõ as Musas a Senhoras, e como deixados os suaves licores de Aganippe, principiaraõ a beber mais christalinas agoas na perenne fonte do Libano.

Desde o Vaticano usou dos metricos numeros o Santo Pontifice Damaso, natural de Guimaraens conforme a mais ajustada tradiçaõ, e naõ de Madrid, como queria Flavio Dextro, Author de cuja existencia duvida a Critica moderna. Pio II. foi excellente Poeta, e Urbano VIII. foi na mesma arte peritissimo. S. Prospero Padre do 5. século invicto Defensor da Doutrina Augustiniana contra os Palegianos, e Semipelagianos, das mesmas sentenças de S. Agostinho compós, e deixou à Posteridade hum livro de Epigrãmas, de cujo primeiro distico se conhece bem a excellencia da obra, assim como da unha a grandesa do Leaõ:

*Dum sacris mentem placet exercere loquelis,
Caestique animam pascere pane juvat.*

Alguns lhe quizerãõ attribuir o Poëma de *Providentia Dei*; mas já os Eruditos tem mostrado, que he de Author Pelagiano, o qual naõ explica bem a graça de Christo. Assim deixado o tal Poëma aos Sectarios, temos por obra certa, e indubitavel de S. Prospero o *Carmen de ingratias* contra os Pelagianos, cujo argumento, e Prefacio he este:

*Unde voluntatis sanctae subsistat origo ;
Unde animis pietas insit , & unde fides ;
Adversus ingratos , falsa & virtutes superbas
Centenis decies versibus excolui.*

S. Gregorio Nazianzeno Padre do 4. século , e chamado por antonomasia o Theologo, enriqueceo a Igreja de excellentes Versos , e ainda hoje fervem de admiração aos mais cultos engenhos o Poëma, que dirige a Christo : o da virgindade : o outro às Virgens ; e varios opusculos em verso , sem que contemos a tragedia da Paixão de Christo, a qual não quer Belarmino seja obra sua, porque não diz com a gravidade do Theologo. S. Paulino de Nola, Padre do 5. século escreveu huma Carta poetica a Jovio, em a qual entre varias doutrinas, que lhe explica, ensina, que nada são o fado, e a fortuna. Escreveo outra a Ausonio : outra a Citherio : outra a Pe-Neumacio : os versos Natalicios de S. Felix , e cantou com novo metro muitos Psalmos de David : varios versos , e de varios argumentos cantou S. João Damasceno, Padre do 8. século. Isto basta para se perceber o como se virão as Musas em Siao , e que não foi só o Parnasso, onde habitaraõ. Ellas, como todas brilhantes, também fizeraõ a sua guerra às sombras.

Entre as Musas do Parnasso cultivou-se a Musa sublime de Lucrecio. Foi Tito Lucrecio Caro, Poeta Latino elegantissimo, Philosopho Epicureo, de nação Romano. Conta-se, que estudou em Athenas, e que tivera por Mestres a Zeno, e a Phe dro, que naquelle tempo eraõ os Principes da Seita Epicurea. Seja, como for, Lucrecio, tirada toda a providencia do Nume, não só tirou a Religião, mas tambem todo o raciocinio, escrevendo seis livros de *natura rerum* em verso bellissimo. Nelles tudo respira hum puro *Atheismo*. Dizem, que a obra de Lucrecio fora emendada, e acabada por Cicero, Principe da Eloquencia Romana, o qual lhe achou mais arte, que ingenho. Quintiliano a louva. Carlos Stefano julga, que elle seguiu o systema Philosophico de Empedocles. Por ultimo Edmundo Purchote no Prefacio à Fisica o poem na classe de Aristoteles. Seja, como for, Musa mais feliz achou o Cardeal de Polignac em Siao, e com tal Musa oppos ao *Atheista* Lucrecio nove livros no glorioso reinado do Christianissimo Luis XIV. em que delineou o seu *Anti-Lucrecio*. Quem foi o senhor Polignac, e quanto foi estimada a sua obra, consta dos elogios, que lhe pronunciarão nas

Aca:

Academias reaes das Inſcripçoens, Bellas letras , e ſciencias M. de Boze , e M. de Mairan. No livro 1. dos amores celebrou Ovidio a profana Muſa de Lucrecio:

*Carmina ſublimis tunc ſunt peritura Lucreti,
Exitio terras quem dabit una dies.*

Nos factos da honeſtidade, e da honra elogiaraõ aquelles Sabios de Paris o merecimento, e virtude do ſenhor Polignac. Nuncia a Urna do eſquecimento terá em depoſito o ſeu nome, e a ſua Muſa.

O Methodo do Eminentiffimo Polignac contra o *Atheiſmo* he ſeguido pela eminente Muſa de *Franciſco de Pina e de Mello*, cõtra o *Atheiſmo*, *Politheiffas*, *Deiffas*, &c. Uma, e outra Muſa de Polignac, e de Pina ſe abraçaraõ em Siaõ. Mais dilatado argumento ſegue o noſſo *Pina*, e ſe os Franceſes tem a gloria de que o ſeu Polignac confutou em atiloquo verſo ao *Atheiſmo*, os Portuguezes, levando mais a diante a ſua gloria, temos no noſſo egregio *Pina* o acerrimo confutador de tantas Seitas, quantas ſe vem proſtradas neste valente *Poẽma*. O Polignac ſeguiu Carteſio, e peleijando com Epicuro converteo as armas contra os Auxiliares deſte velho *Atheiſta*. Ao Spinoſa a cometteo de paſagem, a Hobbeſio por hum lado, apertou muito a Lochio, e Newton, reſervando a eſte ultimo algum reſpeito, porque nelle admirou a pericia das artes Mathematicas. O *Pina* ſem perdoar à Ariſtoteles, chama a juizo o Carteſio, e a quantos ſe fizeraõ Antefignanos no Orbe Philoſophico, moſtrando ſe ſabedor de todos os *Systemas*, ſem abraçar algum delles, e com ſagacidade evita o *Pirrhoniſmo*, tomando para ſi de cada hum o melhor. Affim bem instruido entra no conflicto com os Sectarios de varias idades; e nos representa hum invencivel Herõ, taõ peregrino, que diſcorrendo pelo ambito da terra triumpho glorioſamente de todos os falſos *Systemas*, ſem lhe eſcapar Confucio na China, e Maſoma na Arabia. Eſte he *Franciſco de Pina e de Mello*, Fidalgo da Caſa de Sua Mageſtade, e Academico da Academia Real Portugueza, Herõ, Peregrino, e Illuſtre Ciſne, que, ameu ver, excede a todos, quantos tem cantado nas margens do noſſo aprazivel Mondego. Elle ſerá gloria a todo o Portugal.

Heſpanha teve a Prudencio Poëta Palatino, mas Chriſtaõ, e inſigne em toda a litteratura. Eſcreveo *de Mundi fabrica*, *de Revelatione in celites*, *de pugna animi*, *de Origine Peccati*. Genadio

no livro de *Viris illustribus*, diz, que Prudencio escre vera hum *Enchiridion novi, & veteris Testamenti*. Lábheo na Dissertação de *Script. Eccles.* entre as obras de Prudencio conta dous livros contra Symmacho Presidente de Roma, o qual defendia a Ara da Victoria, e o culto antigo dos Deoses. Italia teve o Conde de Mirandula Joaõ Pico, que entre varias obras Dogmaticas deixou o celebre *Poema da Cruz*. Alemanha teve o famoso Alberto Pighio estimado dos Soberanos Pontifices Adriano VI. Clemente VII. e Paulo III. que deixando as Espectações Mathematicas, para as quaes inclinava muito o seu animo, seguiu com todo o estudo a Rainha das Sciencas, e confutou com polidissimos escritos Luthero, Melanthaõ, Bucero, e Calvino. Outros Reinos, e Provincias no mesmo Estado secular, e na mesma faculdade Theologica tiveram Varoens eminentes. Ao Cathalogo destes vem dar novo lustre *Francisco de Pina, e de Mello*. O Pighio teve hum estilo mais Ciceroniano, que Escolastico. O *Pina* na prosa dos Prolegomenos, e Notas tem huma locução brilhante, no verso huma facundia sublime. O Pico, como querendo comprehender a todo o scivel, reconheceo o Palacio de todas as Sciencias. O *Pina* leva o seu Herõe a examinar quanto no Mundo se sabe.

Mais queria dizer; porém suspendo a penna, porque quando fui a escrever a censura, tudo o que escrevia hia sahindo Elogio, aindaque sempre inferior à qualidade do Author, e à grandesa da obra. O celebrado nome do Author sobra, paraque a estudiosidade faça a maior estimação das suas preciosas fadigas.

Com saberse na Antiguidade, que a Estacua era de Fidias ou o lenço de Apelles, bastava para aplaudir em hum os acertos do pincel, e em outro os golpes do buril. Na destreza dos Artifices se comprometia o juizo dos curiosos. Estimavaõ as suas obras pelo sobrescrito dos nomes. Tal nome tem o Author deste *Poema*, que no juizo dos Eruditos com qualquer obra sua nasce gêmea a recommendação mais plausivel.

Peloque julgo, que sendo todo este *Poema* dirigido a estabelecer os Dogmas Catholicos com os argumentos, ou dos Santos Padres, ou dos mais famigerados Polemicos, naõ pude encontrar nelle opposição alguma à Fé Catholica. Nos costumes tambem o naõ acho delinquente. Em fim no *Triumpho da Religião* merece o *Jõ triumpho* dos Cesares, que cantaraõ claras victorias de quasi todo o Mundo; pois o Author faz huma guer-

ra geral aos Sectarios, e ligado com os PP. e mais Doutores Orthodoxos, leva ao Capitolio da Igreja os despojos ganhados aos *Atbeistas, Polytheistas, Deistas, Mahometanos, Hebréos, Libertinos, Lutheranos, Calvinistas, e Incoherentes*. Este he o meu parecer; esse realissimo Tribunal mandará o que for servido. Coimbra no Real Collegio de S. Thomás 12. de Abril de 1754.

Doutor Fr. Bernardino de S. Rosa.

O M. R. P. M. D. Fr. Jozé Caetano de Souza, Qualificador do Santo Officio, veja este Livro de Francisco de Pina e de Mello, e infórme com o seu parecer. Coimbra em Meza de Abril 22. de 1754.

Pitta. Garrido.

Juizo do M. R. P. M. Fr. Jozé Caetano de Souza observante de N. S. do Carmo, D. na Sagrada Theologia pela Universidade de Coimbra, Lente jubilado, Qualificador do S. Officio, Examinador das Ordens Militares, Consultor da Bulla, e Desfidor actual da sua Provincia.

Illustrif. Rever. Senhores Inquizidores Apostolicos.

L I o *Triumpbo da Religião* cantado em nove livros de hum *Poema Epico potensico*. A doce, util, suave lição deste volume me instruiu, e deixou arrebatado; elle voa e leva em si hum anathema ou maldição contra os principaes erros que perturbão o entendimento dos fieis; elle me trocou com importantes interesses o *Caracter* fevêro de Censor no respeito, ardor, e ventura de dicipulo. Concebi huã grande idea, penetrei-me de sentimentos sobre a grandeza desta obra, os quais não sey medir mais q̃ pelo nome do teu Author; e não achei melhor proporção. *Francisco de Pina, e de Mello* illustre por nascimento, e por merecimentos, ainda mais illustre por si, sendo-o muito pela
natu-

natureza, deu à luz este parto não de monte, mas sim da emi-
nante capacidade do seu profundo juizo. Elle deve a origem, e sã-
gue aos *Pinas* chefes desta Familia em Aragaõ; Isabel a trouxe a
Portugal, nelle tiveraõ os seus maiores as estimaçoens que lhe con-
tinua este descendente bem capaz de ser tronco de sua genealo-
gia, de que he ramo. A Magestade Fidelissima o conta entre os
familiares da sua caza no exercicio de Moço Fidalgo. A socieda-
de Real das Sciencias, e Bellas letras, da Historia Portugueza,
e Latina tem a gloria da sua Companhia, e estudos. Quando o
mundo não tivesse admirado athe agora que este grande homẽ não
se acha facilmente hospede nõ Palacio de todas as Sciencias, nesta
obra elle se deixaria ver, e ouvir *Theologo, Dogmatico, Escolasti-
co Polemico, Historiador*. Elle sem declinar para o *Pirronismo* tra-
ta com hum *Septicismo* prudente todos os systems antigos, e
modernos, e conhece em qualquer delles aquella incerteza que
ferve de abater a vaidade do entendimento humano, o qual não
tem evidencia dos admiravejs segredos da natureza. Elle vizita o
Peripato, e nota-lhe a obscuridade dos seus effugios pelas qualida-
des occultas: elle examina o Cartesianoismo, e descobre a dif-
ficil organizaçã dos atomos: elle contempla o Newtonismo,
e estranha o estebalecimento da mechanica: elle ouve aos mais
Philosophos sem aquelle imprudente desprezo com que o vulgo
trata à quelles dos quaes não approva as doutrinas; verdadeiramen-
te vem a ser este livro hum compendio das mais nobres fadigas,
livro de ouro digno de trazer-se aos hombros dos homens sábios,
e de servir-lhes de Coroa, como de outro livro dizia o Principe
da Idumea no cap. lib. 31. Cõra *Francisco de Pina, e de Mello* cin-
coẽta, e nove annos de idade occupada não só cõ a cõsonancia das
Musas, das quais he mimo, mas com os estudos mais serios, e
proveitozos que examinaõ aos melhores Mestres da eloquencia,
e labedoria. Com esta distracçã formou hum parto tão bello
como este, que tarda seculos para a sua producçã. Nõs já vimos a
beneficio da luz publica o dedo deste Gigante, agora admira-
mos-lhe a corpulencia. Vimos os seus *Poemas*, elles serviaõ de ex-
emplares, e impossibilitavaõ a imitaçã: elle ideou, e levantou
hum Palacio da eloquencia, ao qual chamou *Theatro*: Que gran-
deza que apparatus que erudiçã pede esta obra promettida no ti-
tulo, e fachada, mas desempenhada no âmago, e effeito! Esta
maquina athé agora occulta entre outras que esconde o seu mes-
mo Author, se deu à noticia do mundo pelo insigne Diogo Barbo-

za Machado, na sua Bibliotheca Lusitana. A Historia, hum dos espiritos que alentaõ a eloquência, que não he outra coisa mais que huma arte de fallar bem; tem desta Sciencia dobrados espiritos *Francisco de Pina, e de Mello*: elle escreveu hum *Epitome da Historia Romana desde Romulo athe Carlos sexto*; aonde reduzia a compendio os successos de vinte seis seculos: Que caracter, q̄ verdade, que sinceridade respiraõ as lembranças deste Imperio! Elle escreveu o despotismo dos Reis, o respeito dos Consules, a dignidade dos Magistrados, e passando às fortunas da guerra faz presentes as victorias que fizeraõ formidaveis aos Romanos no mundo todo. Tinha merecido para o seu Author esta obra huma gloria immortal; elle a despreza, dá hu sepulcro glorioso na sua Bibliotheca a este precioso manuscrito, no qual se continha huma, e a melhor porção da historia universal. Alguma innocente curiosidade vio o trabalho, e merecimento, e necessidade desta producção mas taõ pouco satisfeito vive das suas *Francisco de Pina, e de Mello*, que lhe nega a licença da luz publica; esta resolução he o caracter do homem sabio: só os que o são se fazem austeros censores de si mesmos; a vaidade dos estudos proprios he indole muito natural da ignorancia. Quando decia do Parnaso soltava a penna nesses bellos raios; athe que concebendo a difficuldade de huma obra digna do seu nome, estado, e piedade entrou nado o *Triumpho da Religião* contra os seus inimigos, e desertores. Escolhe para credito, e Patrio a hum Mecenas, que no capitolio de Roma cinge trez cercas; não tir ha liberdade para escolher outro: a proporção da obra com o Mecenas he huma força, e necessidade da eleição. A Regra visivel da Igreja, e da Fé, a Cabeça da Religião, o Capito da milicia Christã estava declarando huma evidente justiça para que se lhe consagraffe o *Triumpho*: Elle, e nós fomos Soldados que vencemos athe dar a vida, e o silencio da morte he a mais eloquente confissão no martyrio: a quem levanta o estendarte, e declara os vencedores se devia a victoria. Offerece prostrado *Francisco de Pina, e de Mello* este *Jo triumphal* ao Santissimo Padre, e Rey univertal *Benedicto Decimo quarto* nosso Senhor, e na ferie dos Pontifices duzentos, e quarenta, e sete. A lembrança, e eleição dos Mecenas he huma das melhores provas da capacidade, e espirito dos escriptores: o Protector da obra deve conhecella para a saber estimar, e tem huma gloria que o faz Author quando defende a producção alheia. O Mecenas que honrou a Virgilio, e Horacio, o que mereceu que os seculos

los futuros respeitarem o seu nome, e o dêsem aos protectores dos Sabios, quer Vossio que não só patrocinasse a causa dos homens doutos, mas tambem que o fosse: elle o conta entre os Poetas Latinos: muito devedoras lhe são as letras; parece que hum taõ declarado amor aos que as professavaõ não poderia estar em hum entendimento ociozo desta cultura, e que facilmente se empregaria nas applicaçoes que patrocinava nos mais. Deste caracter he o Mecenas de *Francisco de Pina, e de Mello*. Que amor, que protecção, a favor dos homens sabios não tem declarado o Santissimo Padre? Quanto os distingue nos beneficios, na affabilidade na estimaçãõ! He esta inclinaçãõ, poderosa no seu real animo hũa especie de innocente amor proprio; elle patrocina nos mais aquelle merecimento; q̃ conhece em si mesmo cõ eminente vantagem. As delicias da sua mocidade de Bolonha, e de Roma sacrificou aos mais serios, e importantes estudos dignos do seu espirito, das suas esperanças, e das q̃ fiava delle a Christandade para o governo da Igreja. No trono Pontificio entre os cuidados do seu rebanho estuda a arte de o apascentar; elle desempenha as obrigaçoes de Mestre universal, e aquellas mãos sagradas que se occupaõ com a vara, e com a bençãõ não largaõ a penna; antes a sua he vara de ouro, com que lança as medidas à edificaçãõ espiritual da sua Jerusalem. Instrue aos povos, aos Bispos, e aos seus successores, e para guardar os preciosos volumes da sua cõposiçãõ tem a Bibliotheca Vaticana hũ erario mais amplo do que para as obras dos seus Antecessores. Quão grande Theologo Philosopho, Jurisperito, Historiador se mostra nos seus livros! Em que regiaõ, e provincia do orbe literario poderá ser hospede? Nada mais direi, porque sempre direi pouco: o mundo adora no Santissimo P. *Benedicto Decimoquarto* o espirito dos Leões dos Gregorios, Innocencios, Alexandres, Martinhos, Clementes, Urbanos, e outros. O zelo da Religiãõ, a observancia, e reformaçãõ da disciplina Ecclesiastica, a providência de prevenir o remedio aos damnos, avigilancia de arrancar a Zizania que apparece entre o seu trigo; e outras qualidades de hũ SS. Vigario de Christo fazem a este amavel, e prudentes os desejos da tua dilatada conservaçãõ. Ainda *Francisco de Pina, e de Mello* teve outra vantagem na eleiçãõ deste Protector: elle se tem declarado na affeiçãõ, e estimaçãõ dos Portuguezes. Desde que o Grande Rey digno de eternas saudades o Rei Joãõ Quinto tratou com o Santissimo a aliança de huma correspondencia frequente fez inclinar

o *polio Pontificio* para os interesses de Portugal; faceis se fizeram
muitas maiores dependencias; ouvia Roma com respeito o no-
me deste Monarcha; elle mereceu para os seus Vassallos que o
Santissimo os amalle; delles ainda agora fia os seus favores, e-
conomia, e affabilidade. Neste fiador espera *Francisco de Pina,*
e de Mello os effeitos do Soberano patrocínio para esta sua estima-
vel Obra. Elle os mereceu por si, e pela empreza. Eu ainda não vi
tanta utilidade com tanta doçura em huma compozição que me
promettia huma escuridade austera. Quando eu lia as declama-
çoens contra os erros, me persuadi que elcutava hum *Beffarmino-*
hum Gregorio de Valença, hum Soares, hum Natal Alexandre,
hum Bossuet, hum Gotti, hum Petavio, hum Gravina, e outros
que se declarão a favor da Christandade contra os infelices Secta-
rios do *Atheismo, Deismo, Paganismo, e Heresia.* Os inimig-
os da Fé fogem de interessar-se nestas disputas, porque a si mes-
mos ameaçaõ o infalivel desdouro de serem convencidos: para
estabalecer os delirios do *Mahometismo,* prohibia o seu infausto
Legislador aos seus professores outros argumentos mais que os da
espada, estabalece na valentia o que não tinha fundamentos na
razão: assim temem, e aborrecem a razão os que se declarão anta-
gonistas da verdade: sabe *Francisco de Pina, e de Mello* fazer-se fa-
miliar aos inimigos, a fim de que a benificios da astucia, e disfar-
ce penetre o interior para abrir brecha facil, para levantar com
menos resistencia o estendarte da Religião a vista de todas as Set-
tas. Os desgraçados Corifeos dos erros que inficionaraõ as quatro
partes do mundo terjaõ talvez por alivio na sua infelicidade ou-
vir o canto deste *Triumpbo,* porque ainda com proveito seu ve-
riaõ preparados os meios para a evidencia dos seus delirios. He
este *Poema* hum *Cathecismo* facil, suave, forte, capaz
de conduzir a verdade ahe os animos mais obstinados na infide-
lidade. Tanta efficacia, tanto poder he reconhecido como em ou-
tro que compoz em cincoenta razoes o Serenissimo Antonio Ul-
rico Duque de Brunwic Elle q' fora creado no *Lutheranismo* con-
cebeu escrupulos desta profissão, quis contemplar as outras, lan-
çou os olhos para o *Calvinismo, Arrianismo, Analaptistas,* e
quantas reformaçoens fizeraõ destes erros em outros peiores os
Fillippes, Melantheoens, os Castaldios, Oecolampdios, Bucerios;
este ultimo peior que os primeiros fundou o estabalecimento do
seu erro nas esperanças de tirar da Igreja a hum só homem o An-
gelico Thomaz, tanto o respeitava e temia, ainda quando del-
preza-

prezava as suas doutrinas. *Monf. de Vallemont* conta de *Buccé*,
aquella temeridade e louca expressão *ville Thomam & dissipab.*
Ecclesiám. Prometia-se aquelle infeliz huma facil invasão neste
Párazo da Igreja, se Thomaz como Anjo q' a guarda não defedese
a entrada. Este desertor de duas profissões sabia o esforço com
que Thomaz esgrimia a espada; e aqui veras muito se as doutrinas
escolasticas se fazem formidaveis a heresia. Deste exame que
fez o Duque de Brunswic ainda entao professor do *Lutheranismo*
tirou elle huma consequencia firmada com evidencias da razao,
e da Fé que só a Religiao Catholica Romana era digna de hum
homem que via com attenção as importancias do espirito. Eu as
li no primeiro tomo da Theologia do Padre Bento Schmier Mestre
desta faculdade, e de hum, e outro direito na Universidade
de Benedicta salisburgense: Contra todos estes fortes armados que
defendem o partido contrario ao Christianismo, sabe a campo
Francisco de Pina, e de Mello, do Parnaso toca o clarim para o desafio;
elle não teme a multidão dos inimigos, porque vai stado na
valentia da verdade, e na justica da causa: O Eminentissimo *Polignac*
tambem cantou em suave metro o seu triumpho contra o
Atheismo; ouviu este na victoria o seu desdouro, mas a consonancia
da lyra fez doces athe as vozes do vencedor ao vencido.
Aquelle Principe foi o Homero da Franca; e desagravou a sua
Patria do erro commum que lhe disputava o bom gosto para o *Poema*;
erro commum parece negar aos Francezes a cultura, e capacidade
da Poesia, quando o mundo se está aproveitando com respeito
das suas bellas letras, critica, etoquencia, e estudos. Não
he alheia do *Poema* a matéria que neste se trata: O Grande Thomaz,
Anjo da sua escola, e das mais, quer que os Poetas antigos
fossem Theologos, entre elles conta a Orpheo Muscu, e Lino,
e diz que Theologos se chamavao os Poetas entre os Hebreos
quando erao governados pelos Juizes. S. Agostinho nos ensina
que nos principios desta divina arte da Poesia mereciao, e gozavao
os seus professores das honras de Theologos; entao cantavao
os louvores de Deos. Setecentos annos antes que houvesse
na gentildade Philosophos todas as materias da Religiao se liao,
e guardavao nos *Poemas*, assim se communicavao de Pays a
Filhos estas sagradas tradições; os versos se cantavao particularmente
nas casas, e publicamente nas praças. Melhorou *Francisco de Pina*
neste *Poema* os antigos; fez ainda mais sagrado o seu plectro.
Para a effluencia singular bebeu enchentes naquelle rio
que

que nasce da face do Senhor do qual correm incendios de furos
divino arrebatado: neste fogo pronuncia novos estragos as infa-
mes frias cinzas dos *Arbeos, Polytheistas, Deistas*, e outros q pagão
nestas chamas huma pena posthuma dos seus erros. O Prolego-
meno desta obra devia ser hum corpo separado: não necessita o
Poema desta prefacção; por si se declara; e leva aquella luz, e
distribuição que lhe daria o Prologo que serve para hum entendi-
mento da materia que se trata. Este he a melhor arte Poetica,
Critica, Apologetica, rara, e preciosa: ensina a poetizar com
facilidade, e ella faz muito dificultozo hum *Poema* perfeito; a
theotica nunca se ensinou melhor, a imitação nunca foi mais ar-
dua, porque não ha no *Poema* maior embaraço, que a obser-
vancia de tantas leis q propoem *Francisco de Pina*, e de *Mello* as
quias elle enche cõ os poucos dos que athe agora forão nullo, e
delicias das Musas. O que notará todos he a facilidade, e pro-
priedade com que cabem sem violencia os termos proprios das
Philosophias e da Theologia, e ainda aquellas palavras q pedio à
lingua latina a necessidade, e penuria de vocabulos. He qual
devia ser esta obra, qual se devia à materia, ao artificio ao Au-
thor. No ultimo livro prepara a pompa, e Magestade do *Trium-
pho*; falta neste apparato que *Francisco de Pina*, e de *Mello*, vença
a sua modestia para ouvir o merecimento do appaulo. Elle deve
levado nos braços dos mais valerosos, e vencedores Capitães
do *Christianismo* athe o Capitolio de Roma, aonde escute por
vivas a suave harmonia deste seu canto; deve-se-lhe a coroa civica
porque salva em huma guerra da Religião aos Cidadãos da Igreja
militante contra os seus mais arrogantes inimigos: O seu nome
será eternamente celebre na memoria dos homens, no *Christianis-
mo*, e na Fama: esta obra he o monumento mais perenne que o
bronze, he a estatua e quebre; elle a delineou e lavrou com a
penna; a pesar do seu desinteresse nobre debuxou assim huma
imagem do seu engenho, e gloria, à qual adorará a posteridade.
Não sey que haja em Portugal quem dispute a *Francisco de Pina*,
e de *Mello* a vaidade de primeiro nesta nova producção, elle he o
Author, e inventor: poderão conceber estímulos poderozos, e
fecúdos os espiritos Portuguezes para a imitação, este será o eter-
no louvor deste exemplar. Na Bibliotheca do Vaticano terá di-
stincto lugar entre os veneraveis defensores do *Christianismo*
este: aquelles venerandos Próceres haõde respeitar a hum ho-
mem que ajunta em si o preciczo cabedal de muitos sabios. Este
he,

He Illustrissimo Santo Tribunal da Fé, o conceito, e idea que
concebi mais como final da minha licença, e respeito, do que da
minha censura: He pura a obra como a Fé que trata: ascetica na
regra dos costumes Sanctos, os quais persuade no ultimo livro:
he obra digna do Cedro, da luz publica, e da immortalidade:
Coimbra, no Real Collegio da Senhora da Conceição da Ordem
do Carmo da observância aos 28. de Mayo de 1754.

Doutor Fr. Joseph Caietano de Souza.

Pode-se imprimir o Livro, de que se trata, e não correrá
sem nova licença, para o que torne conferido. Coimbra
em Meza 1. de Julho de 1754.

Garrido, Pitta.

DO

DO ORDINARIO.

O M. R. . M. D. Fr. Jozé da Trindade , Agostinho descalço, do seu Collegio de Santa Rita desta Cidade, reveja o Livro de que o supplicante faz menção , e informe com o seu parecer. Coimbra de Junho 18. de 1754.

Gama.

Juizo , e approvaçãõ do R. P. M. Fr. Jozé da Trindade, Lente duas vezes Jubilado em Theologia, e Doutor pela Universidade de Coimbra, Oppozitor às suas Cadeiras, Qualificadõ do S. Officio, Examinador Synodal do Bispado de Lamego, Ex-Discreto do Capitulo Geral pelo seu Convento de Porto de Móz, Prelado, q̄ foy das suas Cazas de Coimbra, e Malhada Sor-da, Ex-Commissario Geral da Provincia da Beira da Real Congregaçãõ dos Eremitas Descalços de S. Agostinho, &c.

Reverendissimo Senhor Doutor Provizor.

V I o Livro intitulado *Triumpho da Religiãõ: Poema Epico-Polemico*, q̄ à Santidade do Papa *Benedicto XIV.* dedica *Francisco de Pina e de Mello*, Moço Fidalgo da Casa de S. M. e Academico da Academia Real, e por informar com o meu parecer sobre a Licença para a sua publicaçãõ, digo que não sómente se lhe deve conceder esta por não contêr couza algũa contra o depósito da Fé, Bondade da Disciplina, e Immunidades da Igreja, assim universal, como particularmente Lusitana; mas que ella, e mais particularmente a nossa Conimbricense se deve gloriar com este illustre Filho, e com este Divino esforço do seu sempre admirayel Talento, de que ainda persevera no seu campo aquella fertilidade primitiva para as producçoens sagradas, que lhe deixou com a sua Bençaõ Apostolica, o gloriosissimo S. Mancio Fundador da nossa Igreja. Este grande Espirito, taõ

**

distiã-

distincto entre os primeiros 72. Discipulos de Christo , desde o Sagrado Siaõ , onde administrou a agua no ultimo , e mysteriosissimo Banquete do Mestre Sacrosanto , até os *Castellos de Manlio*, hoje *Monte-Mór o Velho*, e Monte tambem sagrado por muitos Titulos , onde colhia os abundantes fructos do seu Luzitano Apostolado, quando o Ceo no lo arrebatou para lhe dar em Evora a gloriosa Coroa do Martyrio, ficando os nossos Collimbrienses innocentes do sangue de seu Pastor, primeiro espalhou juntamente com as Luzes da Fé , hum Espirito de Piedade , e verdadeira Religiaõ , que em todas as idades naõ só se tem deixado perceber florente , mas com desculpavel inveja de outras Igrejas menos distantes , tem offerecido à Sacrosanta de Roma , universal Mãe , e particularmente sua , preciosissimos , e fazoadissimos fructos da sementeira Evangelica , com que a Caza do Senhor , e a sua Familia na Terra naõ só se nutre , mas se fortalece , vence , e triumpho com estes esforços de todos os seus inimigos os Espiritos das trevas. Naõ individuo esta abundancia , porque a digressaõ naõ converta a informaçaõ em Historia , e porque quando faltassem tantos argumentos da solida , e antiga Religiaõ da nossa Igreja ; bastava este heroico desempenho com que hum taõ illustre Manliano faz servir as Musas taõ felizmente , e taõ novamente nos ministerios da Christandade , para que o Vaticano saiba , o Reino conheça , e admirem as mais Naçoens Catholicas em os seus mais celebres , e estudiosos theatros da Theologia , que a Providencia de Deos sempre extraordinaria , e benevola com Portugal concedeo à Igreja de Coimbra, e isto em o Estado Laical, hum Engenho tambem empregado , e hum Espirito taõ superior a todos os empregos do coraçãõ humano , e ao mesmo tempo taõ rendido , taõ unido, e taõ penetrado dos Divinos Oraculos , que sobre serem sempre innocentes os seus Escritos , como confessaõ obrigados da evidencia os seus mesmos emulos, que só se lhe arrojarãõ disfarçados, agora faz ver a todos os incredulos o quanto saõ vastos , continuos, proprios, maduros, sagrados, e bẽ loçrados os seus estudos, a fim de fazer patente , e dar a razaõ da sua Fé ; e radicalla forte , e suavemente em todos os Espiritos, e Coraçõens: Novo genero naõ só de Poësia , que sendo tanto , he no meu conceito o menos que resplandece nesta obra ; mas de *Catecismo*, de *Missaõ*, e ainda , se he Licito explicarme assim , de Martyrio incruento , qual aquelle com que os SS. DD. da Igreja nos deixa-

raõ

raõ da verdadeira Fé tantos publicos Testemunhos, como livros, unicamente trabalhados para conversãõ, instrucçaõ, e conservaçaõ dos vindouros. Tal he o fructo que se póde esperar deste Livro taõ delicado como o gosto do presente seculo, cujo genio conhecendo bem o Author, elegeo, entre tantas outras para publicar, esta singularissima producçaõ, em que logra todo o seu influxo naõ só o enthusiasmo natural, q̃ todos lhe reconhecem excellentissimo, mas a especial assistencia daquelle Espirito cujos auxilios se ordenaõ à verdadeira gloria, que he a da salvaçaõ dos Authores, dos Leitores, e dos Lidos em estes tratados: Dous grandes Francezes, os meus Santos Paulino, e Prospero escreveraõ antigamente *Poemas* contra Sectarios: Modernamente outros dous Francezes Polignac, e Racine escreveraõ *Poemas* de argumento semelhante; porém este Portuguez sem encarecimento os excede nesta obra tanto, que naõ lhe impede a excellencia de Author original a antecedencia de todos os quatro. Glorêe-se pois a nossa Igreja de que ainda fóra da sua Athenas he fecunda em taõ preciosos frutos da saudavel sabedoria, e naõ só conceda, mas exorte ao Author a fazer publica esta, e as mais suas dignissima applicaçoes. Assim o sinto. Coimbra, e Collegio Real dos Agostinhos Descalços 26. de Junho de 1754.

O D. Fr. Jozé da Trindade.

P O'de-se imprimir o Livro intitulado *Triumpho da Religiãõ*, e depois de impresso, torne conferido, sem o qual naõ correrá. Coimbra, e de Julho 2. de 1754.

Teixeira.

D O P A C O.

L Uis Fracisco Pimentel Cosmografo mór do Reyno, e Academico da Real Academia veja este papel, e interpondo o seu parecer o remetta à Mesa. Lisboa 8. de Agosto de 1754.

Com tres rubricas.

SENHOR

O Livro que V. Magestade me manda vêr, intitulado: *Trumpbo da Religião*, que para fazer imprimir pede licença seu Author *Francisco de Pina, e de Mello*, vem dignamente approvado por seus insignes, e doutíffimos Revifores com as mais eruditas, elegantes, e encomiafticas censuras; e para eu os igualar na exposiçãõ dos louvores, de que se mostra, e sempre reconheci benemerito este taõ illustre Escritor, entendo que basta proferir o seu nome, que transcende a todos os elogios.

Consta esta obra de utilíffimos Prolegomenos, e instrucçoens sobre a Arte Poetica, judiciofas reflexoens, e criterios sobre as obras de muitõs Authores, em que estabelece regras, e preceytos conducentes para a perfeiçãõ da mesma Arte, que consequentemente exemplifica em hum elegante Poëma de Versos elevados, dirigido a convencer, e refutar os delirios de todas as seytas hetherodoxas.

Assim me parece este livro huma riquíffima torrente de doutrinas Sagradas, e profanas, e hum dos que mais satisfaz o preceyto de ajuntar o util com o deleytavel; em que seu Author naõ só ratifica, mas excede todas as acclamaçoens, com que he applaudido por hum dos mais doutos Escritores que illustraõ o presente seculo.

E por naõ conter couza alguma contra o serviço de V. Magestade, entendo será muito conducente ao bem publico a brevidade com que, dando-se ao prélo, satisfaça os alvoroços com que todos os eruditos, que tem noticia desta obra, estaõ dezejando a sua ediçãõ. Isto me parece. V. Magestade mandará o que for servido. Lisboa 15. de Agosto de 1754.

Luis Francisco Pimentel.

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará à Mesa para se conterir, e taxar, e dar licença para que corra, e sem isso naõ correrá. Lisboa 2. de Setembro de 1754.

Com duas rubricas.

Está



E Stá confôrme ao seu Original. Coimbra no Real Collegio de S. Thomás 15. de Março de 1756.

Fr. Bernardino de S. Rosa.

P O'de correr. Coimbra em Mesa 18. de Março de 1756.

Garrido. Vasconcellos. Pitta.

P O'de correr, visto estar confôrme ao seu Original. Coimbra, e de Março 22. de 1756.

Teixeira.

E Stá conforme com o seu Original. Lisboa 10. de Mayo de 1756.

Luis Francisco Pimentel.

Q ue possa correr, e taxaõ em quatro centos reis. Lisboa 12. de Julho de 1756.

Com tres rubricas.

Erra-

ERRATAS DO PROLEGOMENO.

Erratas. Emendas. Erratas. Emendas.

Pag.	reg.		Pag.	reg.	
I	18 Idomea	Idumea	XI	33 e he de Jerusalem que he a de Jera	
II	10 Caliope	Calliope	XII	22 delifonja da lifonja	
II	13 e Epigramatogra- phos	Epigramatogra- phos	XII	33 com que este pa- rece	com que este ceito parece
II	36 moderavel	memoravel	XVI	15 Ulyfles fez	Ulyfles a fez
II	38 Metamorphoficos	Metamorphoficos	XVI	26 ou Tragedia	ou tragica
IV	21 aspirao	aspirarao	XVII	4 aquelles trabalho	aquelles traball
V	32 Aedro	André	XIX	24 inflecidade	inflecidade
VI	7 Racini	Racine	XXX	25 frontefpicio	frontifpicio
VI	16 Grao Bretanha	Grao Bretanha	XXXIII	44 Sectuarios	Setarios
VI	20 e julgarao	e a julgarao	XXXV	11 Achilles	Achilles
VII	6 que fazemos	que fizemos.	XXXV	19 congruencia	confequencia
X	28 animaveis	amaveis	XLVII	27 Racini	Racine.
X	29 na Italia	na Itada	XLIX	1 na Fabula	da Fabula
X	39 sobre fi justica	sobre fi a justica	L	5 setaria	se fazia
XI	29 com violencia	com a violencia	LI	38 ad Heren.	ad Heren.
		LII 30 Deiffac		Deiffas	

ERRATAS DO POEMA.

*Adverte-se que V. vale verso, e R. as regras das notas, e que
têmõs na conta das regras, assim o principio das linbas, como
os versos, que vão allegados.*

8	V. 25 que taõ heroico	que effe heroico	47	V. 12 asparas	asperas
12	R. 9. Olympiade	Olympiada	53	V. 9 amente	a mente
19	V. 21 figura	figura	53	R. 2 & onne	ètonnè
20	V. 16 Epicuro	Epicuro		ibidem e' coure	ècoure
22	R. 4 Democrite	Democrite	53	R. 6. e' couter	ècouter
23	R. 11 lespais	les pais	55	V. 4 A garganta	A' garganta
23	R. ult. de Popin.	de l'opinion	62	a regra quinta se deve unir com o prime da regra 6.	
26	V. 9 seja qualqu er for	seja qual for	67	a palavra como não reclama o principio pagina seguinte, e em feu lugar se põr as noffas	
28	V. 16 A' fantasia	A fantasia	70	R. 10 Soltraõ	Soldaõ
29	V. 3. Astrologos	Astronomos	70	R. 22 Lerde	leide
29	R. 11 Pofefe	Pode-fe	70	R. 23 bodanico	botanico
30	R. 2. Pelinganio	Palingenio	72	V. ult. A sapiencia	A' sapiencia
30	R. 13 in zva	in zvo	72	R. 3 noui	nous
30	R. 15 mortum	mottum	72	R. 6 parece que	parceque
32	R. 2 rebuffis	rebuffis	72	R. 7 a fez	aféz
32	R. 3 abundantii	abundant ii	72	R. 8 aitate	aiteté
32	R. 4 unde	deinde	72	R. 8 l'etemile	l'eternité
33	R. 1 inpyxide	in pyxide	73	R. 3 vingtans	Vingr ans
35	V. 16 vehementes	vehemente	77	R. 3 Dephane	Daphne
37	V. 13 eile	e les	77	R. 3 Cidede	Cidade
37	R. 1 Athao	Atheo	78	V. 10 exemplar	exemplar
39	V. 7 microcofmo	microfcopio	78	V. 17 o viffeis na fi- o viffeis nas i gura	gens
39	V. 8 vivefica	vivifica	79	R. 5 Ulyffem	Ulyffem
40	R. 4 d' autres	d' autres	80	R. 4 Medinde	Melinde
43	R. ult. lid.	lib.			
44	R. 2 Ceita	Seita			
44	R. 12 Idlos	Idolos			
45	R. 5 só movia	se movia			

Erratas. Emendas. Erratas. Emendas.

Pag. reg.

81	V. 9	queriria	quereria
84	R. 3	e adoracao	e adoratao
85	V. 4	todo	toda
87	V. 8	Nhum	N'hum
88	R. ult.	religiao	religiao
94	V. 23	grosseiro	grosseiro
98	V. 9	geolhos	geolhos
104	V. 16	obedeuido	obedeuido
105	V. 4	adeo	a deo
114	V. 23	virao	Virao
116	V. 17	e homem	e que he homem
119	R. 16	Pericofem cao	Pericofem cao
122	V. 2	aterra	aterra
122	R. 2	Aiay	Ajax
123	V. 8	ropera	rompera
145	V. 10	juntamente	e juntamente
148	V. 7	A quelle	A' quelle
151	R. 3	das suas	das duas
152	R. 12	defiliis	de filiis
152	R. 20	quis enim ad-	quis enim cum ad-
		ducet	ducet
157	R. 7.	nutricio	nutricio
163	R. 7	de meure	demeure
163	R. 8	jugens	jugens
		ibidem rompent	rompant
163	R. 9	roues	roues
		ibidem n'ya	n'y a
		ibidem destruite	destruire
163	R. 12	Chap. 21	Chap. 2
163	R. 13	la foi bbesse	la foibleffe
163	R. 14	me tablit	on etablit
164	R. 1	L'on les	l'on les
		ibid. desformes	des formes
		ibid. font ennen	soutiennen
164	R. 4	convain quantes	convainquantes
		ibid. sompifes	son pifes
164	R. 5	qu'ily a	qu'ily a

Pag. reg.

164	R. 7	se fournit	on fournit
164	R. 10	pour quoi	pourquoi
169	R. 1	etendie	etenduee
169	R. 6	quel que fois	quelque fois
169	R. 11	p. 1. tom. 2. lib. 3. 6	p. 1. tom. 2. lib. 3. 6
		2. art. 3.	5. art. 3.
169	R. 13	S'ila	S'ila
		ibid. del' etendia	del' etenduee
169	R. 13	si'l nen	& si'l n'en
169	R. 14	quel sprit	que l' esprit
173	R. 15	entreprand	entreprend
173	V. 2	clara	chara
192	R. 1	znone	Oenone
192	R. 3	znon.	Oenon.
192	R. 5	y las penas	y las penas
203	V. 4	apontallo	apartallo
203	V. 6	sem fadigas	sem fadiga
235	V. 17	offensa	offensa
239	V. 8	e dificios	e edificios
240	V. 3	Libi dia	Libidia
241	V. 5	Amftardam	Amfterdam
141	V. 8	podeis	podicis
252	V. 21	e Hebdomada	e a Hebdomada
269	V. 15	que	que
287	V. 13	l'he pedinos	l'hes pedimos
287	V. 17	reconpeufa	recompensa
287	V. 21	Confifao	Confiffao
288	R. 11	orentes	orantes
291	R. 5	Bafluet	Boffuer
293	V. 2	se quereiso Pon-	se quereis que e
		tifice	Pontifice
299	V. 15	ocidente	acidente,
309	V. 5	impaciente	impaciente
317	V. 14	efimolo	estimulo
323	V. 17	elequente,	eloquente
331	V. 14	efplendidos	pe-efplendidos, perez-
		renes	nes

BRE-

B R E V E,

Que o Santissimo Papa reinante concedeu ao Author
deste Poema :

BENEDICTUS P. P. XIV.

Dilecte fili, Salutem, & Apostolicam Benedictionem. Litterarum scientia, vitæ, & ac morum honestas, aliaque laudabilia probitatis, & virtutum merita, super quibus apud Nôs fidè digno commendaris testimonio, Nos inducunt, ut tibi reddamur ad gratiam liberales. Eapropter, ut magis, magisque & in studiis, & in pietate proficias. Apostolica auctoritate tenore præsentium tibi, ut in tua Bibliotheca, sub clavi tamen, quorumvis Hæreticorum, & Hæresiarcharum, & aliorum quorumcumque reprobatorum, Auctorum quacumque auctoritate prohibitos, & prohibendos libros, manuscripta, & opera tam hætenus in lucem edita, quam imposterum edenda, seu scribenda quæcumque habere, legere, & tenere liberè, & licitè, & absque ullo conscientiaæ scrupulo possis & valeas, concedimus, & indulgemus. In contrarium facientibus non obstantibus quibuscumque. Et Apostolicam Benedictionem tibi, dilecte fili, peramanter impetitur. Datum Romæ apud Sanctam Mariam Maiorem sub annullo Piscatoris die XI. Septembris MDCCLIII.

Pontificatus nostri anno Decimo quarto.

Cajetanus Amatus.

E nas costas do Breve

Dilecto filio Francisco de Pina, & Mejo,
nobili Conimbricensi.

PRO-

PROLEGOMENO^L

P A R A

A BOA INTELLIGENCIA,

E

CONHECIMENTO

DO POEMA.

PRIMEIRA PARTE.

§. I.

SE Adam (como querem alguns escriptores) compôz o Psalmo 92, que anda entre os de David, hé a Poesia *Anti-* antiga como o Mundo; e quando começou a nascer logo *guidade* principiou a poetizar. Ao meos Santo Ildoro nos diz que *do Poe-* os Versos se conhecerã primeiro, que a Prosa. A' Poesia *fia.* se deve a sociedade humana; porque Lino, Orpheo, e Musco foram os primeiros, que com a suavidade dos numeros poeticos civilizarã os homens, e os arrancarã da barbaridade das selvas para a cultura das Povoações. Apuleo, Florid. lib. 2. observa que Pherecides fora o primeiro que introduziu a Prosa. Strabon no lib. 1. ajunta a Pherecides, Cadmo, e Hecateo; o que nos faz considerar que terião bastante exercicio antes do Deluvio; e apenas a Terra se levantou sobre as aguas, fez harmonicos os seus Vaticinios a Sibylla Chaldea, Neta, ou Nora de Noé; o que prova que o conhecimento do Verso vinha dos Antedeluvianos.

Tubal trouxe a Poesia ás Hespanhas 150 annos depois do Deluvio; e foram em Verso as Leis, que deu aos Hespanhões. Passados seis Seculos appareceu Job, Principe, ou Regulo da Idumea com os seus livros poeticos, como affirma S. Jeronymo. O Oraculo divino nos assegura que Moyses, com o Povo de Israel na Jahida do Egypto, deu graças ao Senhor em verso, pelos livras daquelle captiveiro. Ao depois David fez evidentes os seus Psalmes como inhou *Catholico.* *União* o seu filho Salomom no seu ultimo Poe-

II. Prolegomeno.

ma dos Cânticos. De cinco mil versos compostos por este filho de David faz menção o livro 3 dos Reis, cap. 4. v. 32. *Loquutus est quousque Salomon tria millia parabolas; & fuerunt carmina ejus quinque & mille.* E aqui temos desde o principio do Mundo, os homens maiores do Testamento velho, os mais sábios, e os mais illustres, estimando, e exercitando a Poesia.

Poetas
gentilicos.

Dos Poetas gentilicos, o primeiro, que se descobre entre a escuridade da Historia antiga, hé o famoso Orpheo, que a Thracia, donde era natural, pretendeu inculcalle taõ divino, que o fez filho de Apollo, e da Mãe Caliope: Floreceu 950 annos depois do Deluvio: seguiuolhe seu discipulo Musco, quasi coetaneo de Lino.

Poetas
Gregos.

Tres Seculos adiante se conhecerã os Poetas Gregos, assim heroicos, como lyricos, elegiacos, e pigrammatographos, comicos, e tragicos. Distinguirãose Antimacho, Apollonio Rhodio, Aristhenes, Parthenio, Hesiodo, Alceo, Anacreonte, Philoxeno, Alexis, Hermippo, Aristophanes, Diodoro, Euryches, Menandro, Alcimenes, Cleophon, Euripides, Sophocles, Architas, Callimacho, Phocilides, Theocrito, Symonedes, Tirteo, Xenophanes, e Hyponnas: Até que passados 1332 depois do Deluvio veio ao Mundo Homero, para deixar de repente, como o Sol todas estas estrellas escurecidas.

Poetas
Latinos.

Mais de 300 annos depois de Homero, passou a Poesia, dos Gregos para os Latinos; e os primeiros versos, que se ouviraõ no Lacio foraõ os que se cantaraõ nos sacrificios de Numa Pompilio; mas devele entender que estes Versos eraõ estrangeiros, porque o primeiro Poeta, que se conheceo entre os Romanos, foi Livio Andronico, que floreceu quasi aos vinte annos da segunda guerra Punica.

Nã tardou Ennio a fazerse attendivel, e logo Plauto inimitavel no theatro. Dahi a cem annos se conheceu Terencio; e a outros cem, Virgilio, que fez no Lacio o que Homero tinha feito na Grecia. Nasceu em Mantua, quando M. Tullio accusava a Verres: succedeu ao magisterio da Prosa o da Poesia; ou para que Roma perdesse as laudades de Cicero, ou para que à vista da Prosa se percebesse melhor a vantagem do Verso.

A Virgilio se seguiu Ovidio: a sua desgraça o fez mais moderavel, e talvez que maior o seu grande engenho; porque me parece que as elegias do Ponto he o melhor das suas obras, ainda que elle fizesse dos Metamorpheseos toda a sua jactancia.

Foi Horacio quasi seu Coetaneo, e repartira Virgilio com elle a sua gloria, se soubesse conhecer o seu sublime espirito. A preguiça, ou as delicias de Roma o fizeraõ inclinar para o Lyrico, sendo o seu genio todo heroico.

No tempo de Nero veio o Seneca tragico, se acaso este he tam-

tambem o philosopho; e Lucano seu sobrinho, sacrificados ambos a enveja, ou á crueldade deste abominavel discipulo.

Forão succedendo Perseo, Sylo Italico, Stacio, Marcial, Juvenal, os dois Catulos, Tibulo, Ausonio, Lucrecio, Propercio, e Claudiano.

Depois da ruina do Imperio, o mais antigo Poeta da Italia, he Dante: chamaraõ-lhe Divino, porque pareceu huma coiza muito rara sair esta Poesia de entre a barbaridade dos Godos, de que ainda señaõ tiuha poldo aquella Provincia.

A fama de Petrarca foi igual a de Dante. Ariosto pretendeu *Poetas* *Italia-* *nos.* escurcellas; e naõ sei se Trifino teve o mesmo intento com a sua Tragedia de Sophonisbe, a primeira, que se escreveu em Liugua vulgar; e com a sua Epica da Restauraçõ de Italia, livrada da oppressãõ dos Godos pelas armas de Belizario.

Mas aqui fizeraõ outro ensaio as Estrellas para produzirem sobre estes modellos a Torquato Tasso. Na mesma Italia sãõ tambem famosos Ludovico Dolce, os Cavathezos Marino, e Guarino, Preti, Sannazaro, o Cardeal Bembo, Mario de Leo, Tansio, Joãõ Bocacio, Serafino Aquilano, Pamphilo Saffo, Bernardino Rota, Ludovico Paterno, o Conde de S. Martinho; e outros, que naõ podem numerarse, porque naõ há campo Apollineo mais regado com as agoas da Hypocrene. No prezente Seculo houve Bernardino Perfetti, que foi laureado no Capitolio, segundo a noticia, que deraõ as Gazetas: e Pedro Metastasio que com as suas *Operas* tem adquirido huma grande estimaçãõ entre os Poetas Dramaticos.

Em toda a Hespanha, o primeiro, que conheceu a Poesia foi o nosso Rei Dom Diniz: Hoje existe na livreria do Escorial hum livro de Versos seus, que elle mandou a seu Avô Dom Affonso X. de Castella, a quem chamaraõ o sabio. Seu filho o Infante Dom Pedro Conde de Barcellos, a quem deve tanto a Nobreza de Portugal pelas suas geneologias, deixou em Testamento outro livro tambem de Versos a seu sobrinho D. Affonso XI. Seu neto o Rei D. Pedro I. foi tambem Poeta. Do Infante Dom Pedro, filho do Rei Dom Joãõ I. se achãõ alguns Versos em louvor da Cidade de Lisboa.

Os Poetas mais antigos de Castella sãõ Fernando de Pulgar, *Poetas* *Castellanos.* e Joãõ de Meua, que viveo no Reinado de Fernando, e Izabel. No de Carlos V. floreceu Boscan: no de Philippe II. seu filho, Jeronymo Cortereal; e hé do mesmo tempo meu patricio Jorge de Montemaior, que pertence aos Castellhanos por escrever neste idioma. A sua Fabula de Píramo, e Tisbe tem todo o esforço poetico, que podia dar de si aquella idade; e talvez que nesta, naõ chegue a ser excedida de toda a delicadcaza dos Modernos.

Entre todos se distinguio Garcillasso de la Vega: Naõ sei se diga que Castella naõ tem Poeta de maior estimaçãõ. Luiz de

IV. *Prolegomeno.*

Gongora, e Francisco de Quevedo tratarão a Poesia com grande pulso, engenho, e agudeza: Na fertilidade, nenhum se compara com Lope de Vega: De cómicos há tanto numero, que não cabem no algarismo, quanto mais na memoria: He muito digno della Eugenio Gerardo Lobo: Entre os tambores, e clarins, se ouvis o seu plectro na campanha.

*Poetas
Portu-
guezes.* Os que precederão ao tempo do nosso Rei Dom João III. foram também outros typos, que formaram os outros para se ensaiarem na producção de Luiz de Camoens: Este grande Espirito levantou a Poesia ao auge, que entre a incultura Portugueza se podia esperar de hum impulso humano: Deunos a mesma felicidade, que teve a Grecia com Homero, e o Lacio com Virgilio, a Italia com Tasso.

Arrebarados desta gloria emprenderão também as suas Epicas Diogo de Paiva nos seus Chaulcidos, Miguel da Silveira no seu Machabeo, Valco Mousinho na sua Arzila, Gabriel Pereira de Castro, e Antonio da Soufa de Macedo, hum na sua Ulyfsea, outro na sua Ulyfippo: Francisco de Sá de Menezes na sua Malaca conquistada, e o Conde da Ericeira Dom Francisco Xavier de Menezes na sua Henriqueida.

Os outros Poetas de Portugal, que não aspirão a tanto, foram Bernardino Ribeiro, Simão Machado, Antonio, e Jorge Ferreira, Diogo Bernardes, Paulo Gonçalves de Andrade, e outros muitos, que se podem ver na Bibliotheca do eruditissimo Diogo Barboza Machado, Abade de Cever.

De entre todos me não devo esquecer de Francisco Rodriguez Lobo, tão infeliz no seu Poema do Condestravel, como admiravel nas suas Eglogas, e em outras Poemas pastoris, em que não foi menos venturozo Dom Francisco Manoel.

No presente Seculo encherão de resplandores o Pindo o Conde de Targuca João Gomes da Silva, o Marquez de Fronteira Dom Fernando Mascarenhas, o Conde de Valladares Dom Carlos de Notonha, o Visconde de Aucea, o Abade de Sambade Manoel de Soufa Moreira, e Gaspar Leitão da Fonseca.

Merece hum lugar muito distinto o Conde de Villar-maior Manoel Telles da Silva; não só por cultivar com felicissimo genio a affluencia hereditaria da sua casa; mas pelo egregio patrocínio, que tem dado à poesia com a Academia dos Occultos de que se fez Mecenas, e Secretario onde se ouvem todos os mezes as obras dos melhores engenheiros da Corte, de que produz o Catalogo da mesma sorte, que me foi communicado.

Alexandre Antonio de Lima.

Dom Antão de Almada.

Antonio de Brito de Oliveira.

Prolegomienos.

V.

- Antonio Carlos de Oliveira.
Antonio José de Mello.
- O P. Doutor Antonio de Santa Marta Lobo. Loio.
- O Principal Antonio de Saldanha de Albuquerque.
Antonio de Saldanha da Gama.
- O Doutor Braz José Rebello Leite.
- O Dezembarg. Carlos José de Mello.
- O Monsenhor Fernando Xavier Botelho.
Dom Francisco de Almada.
Francisco de Pina e de Mello.
- O Monsenhor Francisco de Saldanha da Gama,
Gastão José da Câmara Coutinho.
- O Doutor Jacinto da Silva.
Jayme da Silva Telles.
- O Doutor João de Alpoem de Brito.
João Manoel da Costa.
João Manoel de Mello.
Dom Joachim Bernardes.
Joachim Simpliciano do Couto.
- O Monsenhor Dom José de Almeida.
- O P. Fr. Joseph de Lemos. Graciano.
- José Mascaranhas Pacheco.
Dom Jozé Miguel de Portugal, Marquez de Valença.
- O Doutor José Teixeira de Magalhães.
- O P. Doutor Manoel Joaquim de Santa Martha Teixeira. Loio.
- Manoel Teller da Silva Conde de Villar-maior.
Marcos José Monteiro.
- O Monsenhor Martinho Correia de Sá, Visconde de Assesa.
Martinho de Mello de Castro.
- Dom Miguel Lucio Portugal de Castro.
Paulo Nogueira de Andrade.
- O P. Fr. Aedro José da Silva Botelho.
Salvador Correia de Sá. Jeronymo.
- O Doutor Verissimo Manoel de Almeida.
- O P. Fr. Vicente da Silva. Graciano.
- Victorino de Almeida.
Dom Urbano José de Mello.

Falecidos:

- O Doutor Diogo João de Serpa.
Francisco Antonio da Silva.
Dom Francisco de Portugal, Marques de Valença.
- OP. Fr. Manoel da Silveira. Dominico.
- José Manoel Penabvo deixou de hir à Academia.

VI.

Prolegomeno.

Poetas
Fran-
cezes.

A França, ainda que reconheceu tarde os primores da Poesia tem alcançado para o gosto poetico da sua Nação engenhos muito distintos: Entre os Francezes he muy estimavel o seu Ronsardo, Corneille, Moliere, Ruy Malherbe, Montfuxon, Habert, Chapelain, Guinaut Balzac, e outros: Eu não tenho visto mais que alguns modernos: o Abbade Genest no Poema da Philosophia, Racini no da Religião, e da Graça, Voltaire no da Henriade, nas Tragedias, e em outras Poesias: Porem Despreaux me parece melhor que os outros. O Cardeal de Polignac no seu Anti-Lucrecio ensinou á sua Patria o modo com que devia usar da Poesia; pois desprezando a fructa Franceza, pegou da trombeta Latina, e inspirou-lhe tanto impulso, que fez menor o estrondo, com que no Lacio tinha retumbado a Aeneida.

Poetas
Ingle-
zes.

Em Inglaterra não conheço mais, que Milton, e Pope: ouço gabar muito ao Inglezes o seu Poeta tragico Shakespear: Voltaire, sendo muito apaixonado pela Grã Bretanha, o condemna sem piedade: Os maiores homens estão fegositos a estes defectes. O padecellos he a melhor prova de serem grandes.

Temos visto que as Provincias mais cultivadas sempre fizeram da Poesia hum sublime conceito; e julgarão pela primeira, e mais estimavel de todas as artes: Se recorremos outra vez á Antiguidade, achamos que o mundo no berço foi embalado com Versos: Que com elles se agradece a Deus os maiores beneficios: Que nelles se compunha as Leis, e se escrevia os mais altos mysterios do Santissimo: Que entre as glorias, e triumphos da Asia chorava Alexandre o não ter outro Poeta como teve Achilles: Que o Povo Romano se levantava quando apparecia Virgilio no theatro para recitar os seus Versos, e que lhe fazia o mesmo obsequio, que a Augusto: E se pomos diante dos olhos o nosso Seculo, reconhecemos tambem a estimacão que tem a Poesia na Italia, França, Alemanha, Polonia, Prussia, Dinamarca, Grã Bretanha, Olanda, Suecia, e Moscovia.

Jorge I. de Inglaterra mandou dar há bem poucos annos cem mil cruzados a Pope pela traducão de Homero, e fez todas as instancias para o passar da Religião Romana para a Protestante a fim de o occupar no ministerio da Corte: He fama que a Voltaire lhe tem produzido mais de meio milhaõ de cruzados as reimpressoens das suas Poesias; e no consumo dellas se prova o gosto, que tem desta arte huma Nação tão polida, e sabia como a Franceza: Pelos seus Versos o elevou o grande Genio do Rei da Prussia reinante ás maiores honras da sua Corte, e ao mais distinto agrado do seu Gabinete. A incomparavel magnificencia, e profunda capacidade do sempre Augusto Dom Joã V. da gloriosa memoria, se fez Mecenas da Academia poetica dos Arcades de Roma; e edificou naquella scientifica Cidade hum novo Helicon para fazer mais delicioso, e illustre o congresso dos Academicos.

M As para que exparei todos estes exemplos à vista do nosso Portugal, senão para lhe mostrar que elle despreza aquelle mesmo Ornamento, de que homens tão grandes, e Reinos tão civilizados tem feito a sua maior lisonja?

Que mais triste testemunho de tão inculta influencia, que o pouco caso que fazemos do nosso Camoens! Sempre pobre, perseguido, desterrado, até vir a morrer no mesmo hospício do desamparo, e da miseria. Este foi o conceito, que formaraõ os Portuguezes daquelle tempo deste sublime espirito; elle nos louva muito nas Lusíadas, mas igualmente nõs condemna nesta estancia.

*Em fim não houve forte Capitão,
Que não fosse também douto, e Sciente;
Da Lacia, Grega, ou barbara Nação,
Senão da Portugueza tão somente:
Não, sem vergonha, o digo, que a razão
De alguém não ser por verso excellent
He não se ver prezado o Verso, e rima;
Que quem não sabe a arte, não a estima.*

Mas não foraõ só os Portuguezes os que se infamaraõ com o tratamento, que deraõ ao maior Poeta da sua Nação: Tambem os Italianos praticaraõ a mesma insolencia com outro homem igual ao nosso Camoens.

Bernardo Tasso natural de Surrento, e sua mother Porcia de Rossi, nobilissima Veneçiana, tiveraõ a felicidade de serem illustres Genitores de Torquato Tasso. Sendo o Principe de Salerno despojado dos seus domínios por Carlos V. ficou comprehendido Bernardo Tasso na mesma desgraça, por ser muito familiar deste Principe; porem ainda ficou com alguns meios de sustentar o filho nos Estudos de Padua. Distinguiu-se muito nesta Academia; mas com a morte do Pai, deixou a applicaçõ civil para seguir a poetica, para onde o chamava o natural impulso do seu grande genio. As grandes honras, que recebeu em França de Carlos IX. pelo patrocínio do Cardeal de Este, lhe não detiveraõ o desejo de voltar á Italia, aonde se fêz seu Mecenás o Duque de Ferrara; mas não bastou este patrocínio para não padecer varios desgostos nesta Corte; e dizem que pelos amores, que teve com huma Irman do mesmo Principe: Cahio por esta causa em huma hypochondria, que o perseguiu vinte annos, em que foi reputado por louco; e este infortunio o reduziu a huma grande calamidade, tanto pela falta de bens, como pela perseguçãõ dos seus inimigos; até ser preso por ordem do mesmo

Infelicidade do Tasso.

VIII.

Prolegomeno.

Dique; e depois de muitos tempos, sahio do Carcere na mais deploravel miseria. Apé, e quasi despido, foi procurar huma sua Irman, que ainda vivia em Surrento; mas não achando aqui o socorro que esperava, voltou para Ferrara, e nella foi prezo segunda vez: Estas continuas vexações desconcertarã a sua boa constituição, e depois de tantos damnos, perdeu tambem a saude, e a reputação dos seus grandes talentos.

Estando sem alguma esperança de fargir deste naufragio, o chamou a Roma o Pontifice Clemente VII. para o laurear no Capitolio, cerimonia de grande estimação, e applauso na Curia. Fora de Roma foi recebido por dois Cardeaes, e por hum grande numero de Prelados, que o conduzirão a audiencia do Papa: *Eu quero* (lhe disse Clemente) *que vós honreis a Coroa de Laura, que tem bom ado ategora a todos, que a conseguirão.* Adoeceu o Tasso neste tempo, e morreu no mesmo dia, em que se esperava este triumpho: Este ultimo periodo da sua vida deve parecer mais infelice, que os outros; pois o assalto a morte entre as suas maiores esperanças.

Não sei se a Camoens, e a o Tasso lhe trouxerã os seus costumes bastante parte desta infelicidade; porém muito se deve perdoar aos espiritos de tão alto caracter, como fizeram os Gregos, e Romanos aos seus, mais distintos engenhos.

Eu estou certo que nada me perdoariaõ os Portuguezes, e muito menos concorrendo, e conspirando para a condemnação do conceito de semelhante estudo: Entre nos o nome de Poeta, he como o de Visionario em França. Com tudo eu ainda tenho alguma esperança de que mudemos de opiniaõ, quando vejo que temos começado a desterrar as sombras que tem feito mais escuro o nosso occidente. Bifequi e que diz o P. Rapin nas suas Reflexões sobre a Poética.

Conceito
que se
deve fa-
zer da
Poética.

O pouco conhecimento, que vulgarmente se tem do verdadeiro prezo da Poética, faz com que senão formos della aquelle conceito, que ella merece. São nos espiritos sublimes hé que se consegue a sua verdadeira estimação. E sabendo-se que Alexandre, Scipião, Julio Cezar, Augusto, e todos os grandes homens da Antiguidade, se arrebataram tanto com esta arte, hé preciso que se conceba della huma grande idea. Hé de todas as artes a mais perfeita: as outras são limitadas; esta não tem limite, porque todas abrangem, e abrange todas as sciencias. Mas o seu valor não se pode bem alcançar, senão pelas qualidades necessarias, que deve ter hum Poeta: Necessita-se de hum genio extraordinario, de hum grande natural, de hum espirito ajustado, fértil, pen-
tran-

trante, sólido, e transcendente: de huma intelligencia pura, e regulada; de huma imaginação limpa, e agradável: Esta elevação de genio, que não depende da arte, nem do estudo, e que he hum dom puramente Celestial, deve ser, foyda de huma grande intellecção, e igual vivacidade: intellecção para cogitar sabiamente das coisas: vivacidade para exprimi-las com agudeza, graça, e abundancia, em que consiste a formosura. Porquẽ sem genio, será fraco, e languido: O genio, sem juizo, estragante, e cogo: Em fim para se fazer hum Poeta perfeito, he preciso hum temperamento de espirito, e de imaginação: de força, e doçura; de penetração, e delicadeza; e sobriedade, e huma soberana eloquencia, e huma profunda capacidade: Estas são as qualidades, que simultaneamente devem concorrer para se formar hum Poeta; e para poder sustentar-se neste caracter.

Aqui tem o nosso Portugal em breves palavras tudo o que inclue o nome de Poeta, que tão mal se nos seus ouvidos, e que lhe parece tão desprazivel na sua imaginação.

Agora quizera perguntar: se quem lograsse todas estas prerogativas, ou a maior parte dellas, seria digno de admiração, ou de desprezo? Será por ventura necessario tanto para se conseguir o Carácter de Philosopho, Theologo, Jurisperito, ou Medico, que são as Faculdades, que se attendem só no nosso Reino.

Bem advirto que nem todos os que fazem versos se podem chamar Poetas: mas eu louvava a nossa Nação se estimasse os Poetas, e desprezasse os Versificadores; porem que se me pode dizer em ser mais estimado Gabriel Pereira de Castro, e Antonio de Souza do Macedo pelas suas Decisões Juridicas, que pelos seus Poemas Epicos?

Aristoteles, que foi seguido quem os Peripateticos, o maior de todos os Philosophos, e que foi Theologo, Jurisperito, Medico, Astrologo, Ethico, Politico, e Rhetorico, foi tambem o maior Mestre da Poesia: Sobre os Poemas de Homero he que fundou esta doutrina; e que dirão os Professores das nossas Sciencias, se eu affirmasse agora que todas as regras scientificas, que hoje conhece o Mundo se originaram destes Poemas? Esta he huma proposição, que senão pode trazer a publico, sem hum grande Pano: O mesmo P. Rapin a authoriza com as palavras seguintes, fallando de Homero.

Poesia,
origem
das ar-
tes e sci-
encias.

Nos seus Poemas he que se tem formalizado as grandes
Personagens da Antiquidade: Delles tomarão os

Le.

Legisladores a planta das Leis que deram aos homens: Desses sahiram os modellos, com que se fundaram as Monarchias, e Republicas: Nelles acharam os Philosophos os elementos da Ethica: Nelles estudaram os Medicos os remedios para as doencas: Nelles descobriram os Astrologos a Sciencia do Ceo; e os Geographos; a da Terra: Os Reis, e os Principes acharam nos mesmos Poemas a arte do governo civil; e os Generaes a do militar: Com este grande Original he que Socrates, Platao, e Aristoteles se fizeram philosophos: Com que Apelles, e Polygnotes encheram de admiracao a pintura: com que Alexandre se fez invencivel.

Daqui se conhece tambem que a Poesia, como alguns erradamente presumem, nao se derige so ao deleite; mas tem outro objecto mais sublime, que he o da instrucção dos homens. Nao ha arte alguma, que nao deva attender á utilidade publica; e a Poesia como arte mais eminente, deve tambem constituirse neste necessario, e proveitozo intento. Mas com huma grande differença, que as outras artes instruem com fadiga; esta com suavidade: Pelo voto de Aristoteles e de Horacio, consiste a Poesia no *util*, e no *suave*: este he o seu maior Elogio. A maior parte dos homens aborrecem as instrucções pelo trabalho, que experimentam no ensino: A Poesia insensivelmente os leva arecebello com a doçura da consonancia, de que nao ha espirito humano, que senao agrade; e so os espiritos malevolos he que desesperam com a harmonia.

Para se alcançar este admiravel effeito, he muito mais proporcionada a Poesia, do que a Prosa: Nenhum Historiador faria tao animaveis as façanhas de Achilles, nem tao odiosos os desalentos de Therites, como Homero na Italia: Quem nao amara em muitas acções a clemencia de Eneas no Poema de Virgilio, e quem nao aborrecera a Crueldade de Mezencio! Talvez que nao podesse produzir tao vivamente estes contrarios affeitos toda a elegancia de Tito Livio. Quando leio em Joao de Barros a historia da India, confesso que fico ensinado: mas quando recito o seu descobrimento nas Lusitadas nao so fico ensinado mas commovido.

Com os olhos neste impulso pathetico he que Sophocles representa com tanta vivacidade o castigo de Egisto depois de haver gozado tantos annos das suas maldades: E assim nos persuade que o delicto sempre tem sobre si Justica divina, e que quanto mais se dissimula, mais gravemente se castiga; compensandose a tardança do supplicio com a gravidade da pena.

Para curar a vaidade das mulheres de Athenas he q Aristophanes debuxou com todas as cores poeticas, a louca jaçtancia de Praxagoras: Para mostrar aos Valencenos de Roma a verdadeira fortaleza, he que

*util, e
deleite
da Poe-
sia.*

*Para a
instruc-
ção, he
melhor
a Poesia
do que
a Prosa.*

que Plauto descreveu as bravuras de hum Capitão arrogante no seu *Soldado glorioso*. Com estes, e semelhantes intentos se compozeraõ as Epicas, as Tragedias, e as comedias, que saõ os Poemas maiores: Naõ fallõ nas Eglõgas, nas Satyras, Elegias, Odes, e outros Poemas menores, em que os Poetas sezudos seguirãõ sempre a ideia de accuzar o vicio, e louvar a virtude: E hirei só aos preceitos da Epopea, tirados da arte de Aristoteles, que he o que me pertence ao prezente assumpto.

§. III.

D Eve o Poema epico constar de *Fabula*, e *Episodios*: chama-se *Poema Fabula* a accão principal, ou seja verdadeira ou fingida: Chama-se *Episodios* a todos os acontecimentos, que acompanhaõ a *Fabula*; e que finge o Poeta para a exornar, e introduzir a ficção, e o arteficio no mesmo Poema; porque sem artificio, e ficção naõ ha Poesia; e por ella he que se distingue formalmente da Historia.

A *Fabula* deve ser perfeita, e acabada; e que faça com os *Episodios* huma proporcionada grandeza; pois muitas coizas ha que saõ *Fabulas* acabadas, e perfectas, e tem o defeito de naõ serem grandes: Tambem deve ser unica, exemplar, e digna de ser imitada; pois na dignidade do exemplo, e da imitação he que consiste o *usã* do Poema.

Naõ fez se a colera de Achilles, e a destruição de Troia, que he a *Fabula* da Iliada, he muito digna de imitação.

Nos Ethnicos se contava a vingança, e a ferocidade entre as virtudes do Heroismo: Homero, se merece desculpa, he porque poetizou debaixo deste conceito.

Mais imitavel, e exemplar he a *Fabula* da Encida pela fundação do Imperio Romano: aindaque o modo de o fundar naõ foi muito virtuoso. Eneas naõ tiuha alguma justiça para succeder em hum Reino estranho, e muito menos com violencia da guerra, e com a morte de Turno, a quem se devia o Cazamento de Lavinia, herdeira da Coroa.

O descobrimento da India para a introdução do Evangelho na Asia, que he a *Fabula* das Luziadas; e a restauração dos lugares Sagrados, que he a de Jerusalem conquistada, saõ accoens muito exemplares, e mui dignas de imitação.

A *Fabula* da *Thebaida* naõ tem nada de exemplar pelo odio dos dois Irmaõs Etheocles, e Polynices. A do famoso Milton no *Paraizo perdido*, mais servia para Tragedia, que para Epopea.

Na escolha das accoens naõ deixa de parecer tambem viciosa a ideia de Virgilio, e a do Taffo: Todo o intento do primeiro foi lisonjear a Ascendencia de Augusto: a do segundo a do seu Mecenas, e Marques de Ferrara, fazendo a Rinaldo, seu ascendente, ainda maior

XII.

Prolegomeno.

maior, que o Herbe do seu Poema.

De Homero não sabemos o intento, com que celebrou a Achilles, e a Nijiles: Hocrates no Panegyrico de Helena nos diz que ella lhe apparecera em huma visã nocturna; e o persuadira a que cantasse os Varoens, que morrerã no cerco de Troia porem esta noticia teria melhor lugar nos Epifodios da Iliada, do que na austeridade da Oratoria.

A escolha mais pura, e innocente foi a do nosso Camoens: A mesma ingraticidã, com que o trataraõ os Portuguezes purificou o heroico pensamento da sua Epica: Faz lastima ouvilo sobre esta materia.

*E ainda Nymphas minhas não bastava
Que tamanhas misérias me cercassem;
Senão que aquelles, que eu cantando andava,
Tal premio de meus Versos me tornassem:
A troço dos descansos, que esperava
Das Capellas de Luro, que me honrassem,
Trabalhos, nunca usados, me inventarãõ,
Com que em tão duro estado meditarãõ.*

Na escolha da *Fabula*, se he verdadeira, se deve attende ao tempo, em que foi succedida: Perteude-se, que não seja muito proximo, nem muito remoto; por não cahir o Poeta no perigo de *Ilouis*, ou da escuridade do successo. Aquelles, que contaõ menos tempo, desde a destruiçã de Troia até o nascimento de Homero, fazem este intervallo de 250 annos; ainda que Voltaire lhe dá pouco mais de hum Seculo: Em dois Seculos, e meio já parece a accão bastante remota: A accãõ da Eneida foi remotissima; pois desde a destruiçã daquella Cidade até o nascimento de Virgilio se contaõ mais de 1500 annos. Desde a conquista de Jerusalem ao nascimento do Tasso vão 450 annos. O nosso Camoens a escolheu modernissima; pois desde a partida de Vasco da Gama para o Oriente até que viesse ao Mundo este Poeta, não se passaraõ mais, que vinte annos. Com que este parece de pouco momento porque nenhum destes grandes homens cuidou muito em lhe dar satisfacãõ.

§. IV.

Herõs. Assim como a *Fabula* ha de ser unica, tambem o *Herõ*: não deve ser mais do que hum. Bem se vê que não ha mais do que hũ *Herõ* na Iliada, na Odyssea, e na Eneida: Na Jerusalem, ainda que se propoem sómente hum; Rinaldo, e Godofredo parecem dois. O nosso Camoens claramente disse que cantava *as armas*, e os *Varoens*, e he bastante mente accusado por não observar aquelle preceito.

Deve tambem o *Heróe* ser illustre, e o que mova a parte maior da *Fabula*: Virgilio, e Camoens pontualmente o cumpriraõ: Homero, ainda que pretenda que o seu *Heróe* obre tudo o que ha de grande na Iliada, lá se esquece delle por muito tempo; e deixa passar alguns livros, sem que haja memoria de Achilles: excede-o o Tasso neste defeito com a introduçãõ do seu Rinaldo; pois não só o faz maior; que Godofredo; mas elle he o que executa as mais arduas acçoens do Poema, em quanto o *Heróe* descança e o faz parecer inutil na conquista: Rinaldo he que vence, e mata a Adralto, a Tyfapherne, a Solimaõ; e aos principaes Capitães dos inimigos: elle he o que desfata os prestigios da Floresta encantada: elle he o que agita os *Episodios* mais importantes: A elle he que se são reservadas as maiores empresas.

As virtudes, do *Heróe* as deve reprézentar de forte o Poeta, que o faça a marvel aos Leitores; e que lhe commova o desejo delle ser feliz em todas as suas acçoens: Que se alegrem com as suas victorias, e se entristeçaõ com os seus infortunios.

Nem Homero, nem Virgilio me parece que figuraraõ os seus *Heróes* por este modo. Achilles na Iliada, he bastantemente feróz, injusto, desbarrezoado, e cruel: Ulysses na Odyssea, muito astuto, e intencionado: Eneas na Eneida, muito ingrato; iniquo, e vingativo: O nosso Camoens tratou melhor o Character de Vasco da Gama: elle o fez magnanimo no arrojõ de accitar a empresa do descobrimento da India: terrivel nas traicoens de Moçambique: afavel nos agazalhos de Melinde: acautellado nos perigos de Calicut; religioso nos sustos da tempestade; impavido nos ameaços do gigante: eruido na dissipaçãõ da Europa: modelito nas delicias da Ilha.

Preceitua-se tambem que o *Heróe* alcance novas honras com o triumpho da empresa: Achilles se fez famoso com a expugnaçãõ de Troia; porém Ulysses conseguiu mais gloria nesta guerra, que na volta, que fez para a sua Patria: Na Eneida, na Jerusalem, e nas Lusadas, subirãõ os dois primeiros *Heróes*; de pessoas particulares a Principes soberanos; o terceiro de gentilhomem, a grande do Reino.

§. V.

O *S Episodios* he que dá a devida grandeza ao Poema; porque a *Fabula* em si he communmente limitada. Por esta causa he estranha em Homero que fosse a *Fabula* da sua Iliada a expugnaçãõ do Ilion; durando dez annos o cerco, q lhe pozeraõ os Gregos, havia de offerecer tão dilatado tempo muitos successos, que não podião caber na devida proporçãõ da *Epopéa*.

Devem os *Episodios* ser tão dependentes da *Fabula*, que se confinga neste compohto huma unidade perfeita: Homero, e Virgilio para os fazerem admiráveis, lhes introduziraõ as suas Deidades Genti-

XIV.

Prolegomeno.

Gentilicos: Pertenderão que as acções humanas, manejadas pelos Deoses, se fizessem mais illustres, e attendiveis. E porisso parece prodigioso tudo o que obra Telemaco na Odyſſea pela inspiração de Minerva, disfarçada na figura de Mentor: tudo o que executa Achilles na Iliada pelos influxos de Thetis: o que incura Eneas pelo patrocínio de Venus.

Porém Homero para divinizar os seus Herões, humanizou demasiadamente os seus Deoses: Longino não pode tolerar que este Poeta detacredite as suas Deidades com tantos odios, e adulterios; e outras semelhantes fraquezas, que se fazem ainda abominaveis entre os homens. Emfim na Odyſſea, e na Iliada, vendo-se que os Numes obraõ tantas indignidades, e os homens tantas proezas parece que sãõ Deoses os homens, e que os homens se fazem Deoses.

O nosso Camoens he justamente arguido pelos Francezes em imitar a Homero, e Virgilio na introdução destas supersticiosas personagens. O Poeta Grego, e Latino fallaraõ como Pagaõs; e Camoens, sendo Poeta Christaõ, fallou como gentio. De pouco lhe vale a defeza do seu commentador Manoel de Faria; pois a subtilidade com que o defende prova melhor a razão com que se accusa.

Huns dos lugares mais reprehensíveis nas Lusiãdas he chamar claramente Vasco da Gama pelo Deos verdadeiro no aperto da tormenta; e ser Venus a que viesse ferear a tempestade: He huma incongruencia, que com nenhuma allegoria pôde ficar disculpavel.

Entendia-se naquella idade, que sem se imitarem tão servilmente os Poetas, e Oradores Gentilicos, não haveria Poesia, nem Prosa, que merecesse applauso: Com esta preocupação hé que disse o Cardinal Bembo na eleição de hum Pontifice que elle fora elegido. *Deorum immortalium beneficiis*: expressaõ indignissima na elegancia Catholica; e sem mais fundamento, que imitar os termos de que usava Cicero,

Tão arreigado estava este costume, entre os Poetas Christaõs, que até nos Poemas mais Sagrados se introduziraõ estes indecorosos adornos. Saunaz. o na sua Epica de *Partu Virginis*, tendo-lhe levado vinte annos de consideração, confiou das vozes de Protheo os mysterios mais sublimes da nossa Fé: Quando descreve a Christo S. N. sobre as aguas, o acompanha de hum Choro de Nymphas: Fáz com que Neptuno lhe renda o seu Tridente; e introduz ao rio Jordão a fallar do mesmo Senhor com as suas Nereidas; e ainda assim lhe fez o Papa Leam X. este Elogio: *Divina factum Providentia, ut Divina sponsa tot impiis oppugnantibus, laceratoribusque lacerata, talem, tantumque nata sit propugnatorem.*

O Tão reconheceu a indecencia, e o abuso destas introduções; e por fugir de hum extremo, cahio em outro, não menos censuravel; que foi o de fazer que os Espiritos do Empyreo movessem as acções dos seus *Episodios*. Se Homero, e Virgilio misturaraõ

os Deoses com os homens he porque talvez não faziam dos seus Idolos aquelle Soberano conceito, que nós fazemos dos Santos. Não devemos pertender que as nossas *Epopéas* sejaõ tão admiraveis, que com este intento profanemos o sacro com o profano; e que para as fazer mais divinas, as façamos menos religiosas. O P. Bougeant he de opinião que a verdadeira essencia do Poema epico consiste na introdução das Deidades do Paganiſmo, pois só assim he que se pôde lograr o maravilhoso que se pertende nas *Epopéas*. Mas isto he hum conceito extravagante, e totalmente solitario entre todos os Poetas; especialmente nes da Provincia deste P. que todos seguem hum pensamento contrario; coiza inaudita ou bem estranha seria que dependesse a bondade da Poetica da superstição gentilica; e que seuaõ podesse trasladar huma arte tão divina para a Religião Catholica, aonde se podesse melhorar o seu maravilhoso exercicio. O P. Bougeant era do humor daquelle Poeta Alemão, a quem reprehendeu Francisco Pico della Mirandola por haver introduzido em hum Poema Catholico Apollo, Diana, Mercurio com o Papa, e com os Eleitores do Imperio, a que elle respondeu que os versos de Hesiodo, de Homero, e de Virgilio estavaõ cheios das Fabulas destes Deoses; e q se tambem assim o hãõ fizesse, não poderia conseguir o nome de Poeta. Taes sãõ as preoccupações do juizo humano.

§. VI.

A Connexão, e a distribuição, ou o *Desenho* do Poema, he huma das fadigas mais arriscadas, que se offerece ao Poeta: Algumas vezes se cogita felizmente, e quasi sempre se executa com infelicidade pela grande distancia que vai do que se concebe ao que se pratica. O *Desenho* nas obras pequenas, deve ser pequeno; nas grandes deve haver *Desenho* grande. O da Epica não só deve ser grande, mas admiravel, judicioso, e perfeito, qual foi o da *Encida*: Aqui tudo he proporcionado à instituição do Imperio Romano, e à gloria de Augusto: Em todas as partes do Poema se observa a proporção, o juizo, e a grandeza: O Poema do Tasso se concebeu com o mesmo esforço, mas teve muitos defeitos na execução. Partençaõ do *Desenho* a repartição da Fabula entre os Episodios.

§. VII.

A *Epopea* deve principiar pelo meio da *Fabula*: assim o executou Homero, Virgilio, Tasso, e Camoens: Manoel de Gallegos intentou provar que estes quatro Poetas derãõ principio aos seus Poemas pela origem, e não pelo meio da accão: Foi huma empreza infelice; pois claramente se conhece que sendo a expugnação do Iliou, determinada na Grecia; que Homero dá principio á *Iliada* com

*Abertu-
ra do
Poema.*

XVI.

Prolegomeno.

com a colera de Achilles em Troia. A *Fabula* de *Odysses* teve o seu principio na volta que fez *Olysses* desta Cidade para Ithaca; e *Homerio* principia este Poema co o *Heróe* na Ilha de *Calypso*. A *Fabula* da *Eneida* teve o principio em Creta, quando os *Deos* determinaraõ a *Eneas* que fosse fundar o Imperio Romano na Italia; e *Virgilio* principia com o seu *Heróe* a villa de *Carthago*. A *Fabula* da *Jerusalem* teve principio no armamento, que fizeraõ os Principes Catholicos em França; e o *Tasso* dá principio à sua *Epica* com *Godofredo* na Asia; e depois da expugnação de *Nicea*, e *Antiochia*. A *Fabula* das *Lusiadas* teve principio na eleição, que fez o nosso Rei *D. Manoel*, de *Vasco da Gama* para o descobrimento da *India*; e *Camoens* principia o seu Poema com este *Heróe* na costa de *Mozambique*.

Mas devendo-se abrir o Poema pelo meio da *Fabula*, he preciso que em algum *Episodio* se faça menção da sua origem; e ao *Heróe*, he que pertence esta narraçãõ: *Olysses* fez na *Odysses* ao Rei *Alcinoo*; Na *Eneida* a fez *Eneas* a *Dido*; Nas *Lusiadas*, a fez *Vasco da Gama* ao Rei de *Melinde*; *Torquato Tasso* ficou em silencio com esta noticia, de que o accusou a *Academia da Crusca*.

§. VIII.

Compo-
sição, e
simplici-
dade da Fa-
bula.

A *Fabula* ainda deve ter outra repartiçãõ: pois ha *Fabula simples*, e *Fabula composta*; segundo a doutrina de *Aristoteles*: A *Fabula simples* he como a da *Iliada*; porque naõ tem mudança de fortuna: A *Fabula composta* he a mudança de huma infelicidade para huma ventura, que se executa na *Epica*, como o fez *Homerio* na *Odysses*; ou a de huma ventura para huma infelicidade, que se pratica na *Tragedia*, como a de *Prometheu*, de *Eschylo*, e a de *Hercules* de *Seneca*. A esta mudança, ou *Tragedia*, ou *heroica*, chama o mesmo *Aristoteles*: *Peripetia*.

Peripe-
cia.

§. IX.

Artifi-
cio, e
desfecho
da Fa-
bula.

Subdivide-se tambem a *Fabula* em outras duas partes; A primeira se chama *artificio*; a segunda *desfecho*: O *artificio* he que enreda os acontecimentos: O *desfecho* he que os desfaz. He *artificio* tudo o que precede à mudança da fortuna: he *desfecho* tudo o que acontece depois della.

A Princesa *Andromache* no Poema de *Euripides*, depois de perder a *Hector* seu marido: depois de ver matar a seu Pai *Priamo*: depois de prezenciar a expugnação, o incendio, e a ruina da sua Patria, veio finalmente a ser escrava de *Neoptolmo*: A qui a pretende matar *Hermione* mulher deste Principe, instada de hum ciuime, que lhe tinha influido a formosura da escrava: *Meneão*, Pai de *Hermione* a faz conduzir ao patibulo com hum filho, que teve de *Pyrro*, chamado *Molosso*: E a qui o *artificio*: Neste grande apor-
to

to a filha Thetis, e Peleo, que destinou o filho a ser Rei dos Molossos; e a Mãe a ser Rainha com o casamento de Heleno: eis aqui o desfecho:

Na *Odysséa* se conhece o *artificio* em todos aquelles trabalho, que padeceu Ulysses desde Troia até Ithaca; e lograte o *desfecho* na chegada da Patria, e na vingança, que tomou dos amantes de Penelope.

Enecas desterrado do seu domicilio, despojado de todos os seus bens, combatido das tempestades, desamparado dos Deoses, e dos homens; no fim de tantas desgraças veio a ser o fundador da maior Monarquia do Mundo: este he o admiravel *artificio*, e *desfecho* da *Fabula* da *Enéida*. Da mesma sorte se vê logrado nas *Lusiadas* os horrores do Tormentorio, as traiçoens de Moçambique, os perigos das tempestades, os empenhos de Baccho, e Neptuno, as deconfianças de Calcut; parece que farião desgraçada a empresa; mas a redução à Patria, com o descobrimento de tantos mares incognitos, encheu de gloria, e felicidade ao *Heróe* do Poema.

§. X.

Ficará a *Epica* mais illustre se a *Perispecta* concorrer com a *Epignosis*, que he hum novo, e estranho acontecimento de tudo aquillo, que se ignorava. Estas novidades inesperadas, não só produzem o admiravel nos successos, mas conseguem tambem as commoçoens do animo; principaes, e proveitosos effeitos da *Epopeia*.

Nenhuma *Epignosis* dos antigos, e modernos deu maior commoção aos Espectadores, que a do Oedipo de Sophocles: Era Oedipo, Rei de Thebas, aonde a peste tinha feito hum horroroso estrago: consultou o Rei ao Oraculo; e respondeulhe, que a peste cessaria, se elle vingasse a morte do Rei Laio seu antecessor: Procurou Oedipo com as maiores diligencias descobrir o homicida do Rei: Com os depoimentos de Creonte, Tyretias, Jocaste, e do Enviado de Corintho, veis Oedipo a conhecer que elle fora o matador, o que atéli ignorava.

Não pára aqui a *Epignosis*: Conheceuse tambem que Laio era Pai de Oedipo, e que Jocaste, com quem este se achava casado, era sua Mãe. Estas extemporaneas novidades enchião, humas vezes os ouvintes de ira, outras de piedade, aborrecendo, e lastimando-se ao mesmo tempo do mesmo author do delicto, e da calamidade; e sendo esta Tragedia muitas vezes repetida no theatro de Athenas, nunca deixou de produzir os mesmos effeitos. Tal foi a dexteridade comque Sophocles produzio esta admiravel *Epignosis*!

He muito boa a da *Enéida* quando o *Heróe*, chegando à Costa da Thracia, e querendo arrancar humas murtas para cobrir os al-

XVIII

Prolegomeno.

tares, reparou que as suas raizes destilavaõ sangue; e ouviu logo a voz de Polydoro, que lhe dizia; que o naõ despedaçasse, porque aquellos arbutos estavaõ pegados ao seu Cadaver.

Porém a *Epignosis*. mais admiravel em todas as *Epopeias* hé a do Cabo de Boaesperança nas *Lusadas*. Pareceuhe a Vasco da Gama que encontraria huma dilatada seccania, que naquella fluctuante soledade assombrasse o aspecto do Antartico, e movesse no combate, comque as ondas assaltavaõ os rochedos, toda a horribilidade, e indignaçã das tormentas: E achouhe com a formidavel carranca do gigante Adamastor, que vaticinou aos Portuguezes todos os naufragios, que alli se haviaõ de padecer nas viagens da India.

§. XI.

Admiravel, e verosimil. **O** *Admiravel*, que se procura nas *Peripecias*, nas *Epignosis*, e em outros successos do *Poema*, nunca deve exceder o *Verosimil*. Este he hum preceito bem pouco observado dos melhores *Epicas*; porque arrebatados com a tentaçã de livrarem as suas *Epopeias* da vulgaridade, cahiraõ, sem advertencia, no extremo contrario de fazerem os *Episodios* improporcionados. O Poeta naõ tem obrigaçã de contar as coizas como foraõ, pois isso pertence aos Historiadores; mas sim como devem ser; e no que deve ser, aindaque tenha lugar o extraordinario, o naõ pôde ter o incrível: Bem que o extraordinario commova mais, que o commum, perde totalmente este effeito, se excede os limites da probabilidade; e em vez de se fazer *admiravel*, se faz *ridiculo*.

Naõ advertio Homero nesta reflexã, quando fêz a voz de Sientor mais forte, e encorpada, que a de cincoenta homens: nem quando pintou taõ desmedido o penhasco, que Poliphemo arrojou a Ulysses, que hiaõ sobre elle os rebanhos, que passavaõ na Tinacia. Virgilio tambem cahio nesta extravagancia, quando nos diz que o mesmo Poliphemo era de estatura taõ desmesurada, que no meio do Mar Tyrrheno lhe naõ chegavaõ as ondas à cintura; e quando descreve o ramo de ouro, que Eneas arrancou do bosque para facilitar a entrada do Averno.

O Poema de Ariosto está fundado nestes delirios poeticos. O Hippogrifho, ou Cavallo de Rugero: os gigantes, e os monstros. O anel de Angelica, que a fazia invisivel: os combates de Marfisa, Bradamante, e Olypia: as visões, os encantamentos, e outros successos deste caracter, sãõ como os sonhos de hum enfermo, donde naõ ha representaçã, que naõ seja monstruosidade.

§. XII.

Tendo definido Aristoteles que a *Epopéia* he: *Imitação da huma acção illustre*: devemos advertir, pela doutrina do mesmo philosopho, que nesta *Imitação* se devem considerar três pontos principaes: a saber: o *Instrumento*, comque se imita: o *modo*, comque se hé de imitar: a *coiza*, que deve ser imitada.

A coiza que se imita hé a *Fabula* do Poema; e os *costumes*, e *perturbaçoens*, que se produzem dos successos tristes, horridos, e tragicos: O *instrumento*, comque se imita, hé a *locução*: e neste *instrumento* differe tambem a *Epopéia* da *Tragedia*, e da *Comedia*; porque estas imitaõ com a musica, e com os adornos dos véttidos, e perspectivas das *Scenas*: O *modo*, com que se imita hé a *Narração*; outra differença da *Epopéia* com os *Poemas dramaticos*; pois a *Epopéia* imita narrando, e os outros representando. Estes naõ fallã em nome, ou pessoa do Poeta; mas na dos *Interlocutores*; e na *Epopéia* falla o Poeta em seu nome, e pessoa, ainda que deve introduzir outras *Personagens*, que fallem para se conseguir a *Imitação*; porque raras vezes se logra quando o Poeta hé o que falla no Poema.

A *Imitação* naõ se deve apartar da regra, e modo, com que procede a *Natureza*; e lhe compete propor as *acçoens*, que imita, taõ naturaes, e taõ vivas, como se estivessem diante dos olhos. As *acçoens*, e naõ os *costumes*, hé que principalmente se devem imitar; porque ainda que se imitem os *costumes*, hé só por amor das *acçoens*; A felicidade, ou infelicidade da *Fabula* depende da *acção*; e a maldade, ou a bondade, hé que depende do *costume*: O principal intento da *Epopéia*, naõ atende a que seja bom, ou máo o *costume*, mas a que seja a *acção* ou desgraçada, ou venturosa. Com que temos na *Imitação* a *Fabula*, os *costumes*, as *Perturbaçoens*, as *Locuçoens*, a *Narração*, e as *Dramas*: Da *Fabula* temos dito o que basta: Vamos às outras partes, que se devem imitar.

§. XIII

Com os *costumes* se representa o caracter das *Personagens*, que se intruduzem na *Epopéia*, conformando as palavras, e os pensamentos com o estado, com as profissoens, com os genios. Quando falla o Rei deve se imitar taõ propriamente o *Caracter* da *Magestade*; que ninguém possa duvidar de ser Rei aquelle, que falla. E assim deve o Principe fallar com soberania, e magnimidade: O general com esforço, e arrojo: o sabio com erudição: o ferveo com submissão: o avaro com cubica: o pusilanime com receio: o velho com desconfiança. Muitos pertendem que Homero naõ possa

Costumes.

fer vencido nesta admiravel propriedade: Porém eu a não descubro em alguns lugares dos seus Poemas. Nem em Ulysses, nem em Achilles estão bem configuradas as prendas, comque se representa hum *Heróe*: Já fiz esta ponderação na minha *Balança intellectual*.

Monsieur de S. Evremond nos diz, que Virgilio nos propoem a Eneas mais, como hum fundador de huma religião, que de hum Imperio: Se Homero, e Virgilio cahiraõ nestes defeitos; não hê muito, que Ariosto, e Tasso se achem incluídos na mesma accusação. O *Heróe* do Ariosto hê muito afeminado, e a sua Angelica muito immodesta: O Rinaldo do Tasso hê muito terno, e a sua Armida muito desenvolta.

§. XIV.

Perturbaçoens.

As *Perturbaçoens* nascem daquelles successos, com que o animo se commove, a que chamamos *imagens patheticas*: São admiraveis as que produzio Homero no sacrificio de Ephigenia: Na *Enéida*, as dos amores, e desgraça de Dido, as da infelicidade de Niso, e Eurialo, e as das exequias de Pallante; e nas *Lusíadas* as da morte de D. Ignês de Castro: Não se achão tão felices no *Poema* do Tasso: Esperavaõ-se na morte de Clorinda, e nas exclamaçoens do seu amante Trancredo; mas o Poeta pertendeo fundar estas *imagens* na descripção, e na agudeza, que raras vezes desempenhaõ as expressoens do sentimento: São excellentes aquelles versos:

O Sasso amato, ed onorato tanto,

Che dentro hai le mie fiamme, E fuori il pianto:

Porém está mui discreto para figurar a magoa de Trancredo na morte de Clorinda.

§. XV.

Locução

A *Locução*, ou *Disção*, como lhe chama Aristoteles, pertence ao *estilo*: Todos os Rhetoricos o dividem em *sublime*, *infimo*, *mediocre*: O *infimo*, ou *humilde* hê para as Cartas, e Dialogos: O *mediocre*, ou *moderado*, para os Oradores, e Historiadores: O *sublime* para os Poetas. Porém em que consiste a *sublimidade* do *estilo*, hê que está das mais ventiladas entre as Naçoens eruditas.

Dionyzio Longino, que floreceu no terceiro seculo da era christan, fez hum Tractado de *sublime*; e podera servir de texto, e decisão na contenda, se elle não fallara mais da *sublimidade* dos pensamentos, que dos Periodos.

Aristoteles, que se deve reputar nesta materia pelo mais seguro magisterio, preceitua com toda a evidencia, que o *estilo sublime* se deve fundar nas vozes mais sonoras, nos periodos mais

nume-

numerosos, e nos adornos da Rhetorica, que produzem as diversas figuras, de que se compoem a eloquencia.

Os Francezes, que tem formado hum gosto particular na lindeza da sua explicação não se podem acommodar ao uso das metaphoras, hyperboles, synedoches, antitheses, nem de outros tropos rhetoricos; e desconhecem os verbos, os nomes, e os adverbios *reflexivos*, que enchem de resplandor, e de energia a Oraçãõ; sem que admittã mais, que aquelles que são puramente naturaes, e proprios do significado, e os que (como elles dizem) *não necessitam de desculpa*; sendo que nesta *desculpa* hê em que muitas vezes consiste toda a força da elegancia.

L'exactitude Françoise n'admet rien, qui ait besoin d'excuse diz Voltaire no seu ensaio sobre a *Epica*. Pela confissão deste mesmo author he totalmente diverso o estylo de França, de Hespanha, Italia, e Inglaterra.

Não embarça este conceito a que os mais doutos Francezes confessam que o estylo da *Epica* deve ter cinco propriedades: eis aqui as que lhe assigna o referido P. Rapiu: *Congruo, claro, natural, brilhante, numeroso*.

Pela propriedade de *congruo* (acrescenta o mesmo P.) não deve ter nada de impuro, ou de barbaro: Pela *clareza* deve ser perceptivel; por ser a escuridade hum dos grandes defeitos do discurso..... Pela naturalidade deve ser sem alguma affectação..... As phrases muito estudadas, o estylo muito florido, os modos muito compaçados, as palavras formosas, os termos muito procurados; e todas as expressões extraordinarias, são inoportaveis na verdadeira Poesia. Pelo *brilhante* se deve usar daquellas vozes que não sejam humildes, nem vulgares; mas que produzão as expressões fortes, de cores vivas, e impulsos ardentés. Pelo *numero* deve foster aquella magestade, de que se serve a Poesia para exprimir toda a força, e dignidade dos grandes objectos, de que ella falla.

Esta ultima qualidade do estylo tambem pede que sejam os Versos *Harmonicos, constantes, cheios, e encorpados*. Mas eu não sei na verdade, como regeitando-se o estudo, e o cuidado das *phrases*: o florido dos *termos*: a regularidade dos *modos*: a formosura das *palavras*: a pompa das *expressões*, se possa fazer huma Poesia elegante, com *dicções nobres, e magnificas*, que se distingua da *pratica commum*, e que tenha *expressões fortes, cores vivas, e impulsos ardentés*.

XXII

Prolegomeno.

Esta, que parece contradicção, não se pôde salvar senão com o gosto, que o uso tem produzido na elegancia Franceza. Os mesmos Francezes conhecem que este gosto não transcende ao das outras Nações. Eis aqui o que diz Voltaire no seu referido Ensaio.

A suavidade, e a brandura da lingua Italiana, se tem introduzido nos genios Italianos: a pompa das palavras, e das metaphoras; e o estylo magestoso, me parece, geralmente fallando, que he o caracter dos Escriptores Hespanhóes: a força, a energia, o atrevimento he muito peculiar aos Inglezes; e sobre tudo são mui inclinados às allegorias, e comparações: . . . De todas estas differenças nasce o desgosto, e o desprezo, que humas Nações fazem das outras.

E se cada huma provincia tem hum certo gosto de elegancia, que senão percebe na outra, parece que não deviaõ contender as Nações sobre este ponto; e deixar que cada qual dissesse, ou postizasse, conforme a regra, que estabeleceu o seu costume.

§. XVI.

*Narra-
ção*

A *Narração*, que he a q dá o caracter à *Epopeia*, pois com ella, como já dissemos, se distingue da *Tragedia*, e da *Comedia*, deve ser, por esta causa, hum dos objectos mais attendidos do Poeta. Pertendem os Mestres que ella seja *Sucinta*, por se evitar a superfluidade; e o descahimento; e que tambem seja *animada*, *viva*, *agradavel*, *simplez*, e *natural*. A maior parte dos *Epicos* se desviam de estas tão precisas qualidades: Virgilio está bastantemente diffuso, froxo, e atrevo-me a dizer que impertinente, na descripção dos jogos, que fez Eneas nas Exequias de seu Pai Anchises: São muito dilatadas, e pueris as *narrações*, q faz Ariosto do palacio de Alcino; e o Tasso no de Armida: Alguma coiza peccou o nosso Camoens na da Ilha de Venus: Homero, ainda que foi hum grande fallador, não gastou o tempo, como diz Luciano, em descrever os tormentos dos Maues, quando Ulysses desceu ao Averno, tendo tão boa occasião para aproveitar este impulso narrativo; tentação, a que não resistio Virgilio, quando lá levou o seu Eneas.

As *narrações* não devem ter mais, que o preciso para a intelligencia da *Fabula*, ou do *Episodio*, ou para a commençaõ do animo. E he melhor que tenhaõ o defeito de breves, que de froxas, e importunas: A que fez Homero da morte de Patrocolo, he mui gabada de Quintiliano.

§. XVII.

§. XVII.

AS *Ficções*, que se introduzem nos *Episodios*, são das melhores partes da *Narração*: ellas hê que dão todo o esplendor à *Poesia*, e constituem o seu verdadeiro carácter. Mas para isso, torna adizer, que não devem apartar-se do *Verosmil*. O que se finge deve-se fingir com as feições da verdade: Muitas verdades hã, que parecem fingimento; mas não deve haver fingimento, que não pareça verdade: As *ficções* deste carácter fazem com que na *Poesia* ainda as coizas bem pequenas, se configurem grandes, de que resulta muita parte do *admiravel*, que se procura na *Epopèia*.

O pouco agrado, com que Agamemnon tratava a Achilles parecia negocio de pouca importancia no cerco de Troia; e fez-se de grande consideração, e tomou hum semblante novo, quando Homero fez subir Thetis ao Olympto para se queixar a Jupiter da inconvilidade deste General: queixa, que convocou os Deoses em hum Consistorio, e os dividio em dois partidos, disputando a deliberação, que se devia tomar nesta materia.

A *Ficção* de aportar Eneas em Carthago, podera ser das mais admiráveis da *Enéida*; porque a ingratitude com que se houve o Herôe com a sua Bemfeitora dava fundamento ao odio, que sempre tiverão os Carthagiezes aos Romanos, desafogado em huma, e outra guerra Punica: Porém desfigura-se muito no erro da Chronologia, na indecencia dos amores de Dido, na infamia desta famosa Rainha, e na crueldade de hum Herôe aquem se tinha formado o carácter de *piedoso*.

O Tasso ainda foi mais defeituoso nas suas *ficções*: Basta a Floresta encantada, e todas as partes, de que ella se compoem, para se fazer conceito das outras.

A do Gigante Adamastor nas *Luziadas*, hê a mais portentosa, e feliz, que se tem visto em alguma *Epopèia*. Os mesmos Francezes o confessão: Voltaire, fallando desta *ficção*, diz assim:

Doit reussir dans tous les tems, Et chez toutes les Nations.

E depois de traduzilla acrescenta: *Cela est grand en tout Pays, sans doute.*

Não se pode negar tambem que he em muita parte prodigiosa a da Ilha de Venus, que servio de exemplar ao Tasso para a Ilha da sua Armida. A do Concilio Celeste, e maritimo, hê igualmente brilhante: As personagens de Jupiter, Venus, Marte, Neptuno, e Baccho, desempenhaõ todos os primores da *Poesia*.

A França acceita com grande violencia estas *ficções*: Parece-me que vejo inclinado Voltaire a condemnallas, tendo bastantes na sua *Henriade*; e huma tão irreligiosa, como a de levar S. Luiz Rei França a Henrique IV. ao Ceo, ainda no tempo, em que era

Hugo-

Hugouete, e se achava excommungado pela Sé Apostolica. Porém se Voltaire hé inimigo das *ficções* Poeticas, parece que o não hé das *ficções* Historicas; pois nos diz no seu referido *Ensaio da Epica*, que o nosso Camoens nascera em Hespanha debaixo do Reinado dos Reis Catholicos Fernando, e Isabel, e quando reinava em Portugal João II.; e que depois da sua morte viera a Lisboa no primeiro anno do Rei Manoel: Que o mesmo Camoens fora grande amigo de Vasco da Gama: Que esta amizade apesar dos seus parentes, o fizera acompanhar no descobrimento da India: e que na volta desta viagem se perdera a mão, em que vinha na Costa do Malabar, e que sahira do naufragio nadando com hum braço, e salvando com o outro o seu Poema. São infelices as nossas Historias entre os impulsos das pennas estrangeiras: eu não conheço alguma, que as não perverta.

Monfr. Adisson nas *Reflexões*, que fez ao Poema de Milton nos mostra que tem seus intentos de desterrar as *ficções* da Poesia; e gabando tanto a *Epopeta* deste Poeta luglêz, não se dignou de reparar, que toda esta obra está fundada em huma ideia, quasi arbitraria: pelo que inutilmente se causa em provar, que Virgilio fundara as suas *ficções* na tradiçãõ, trazendo por exemplo a das náos convertidas em Nymphas: He verdade que o mesmo Virgilio diz neste lugar:

Prisca fides facti, sed fama perennis.

Mas ainda que se conceda que os Romanos reputavãõ esta transformação por successo historico; que tradiçãõ nos offerece Monfr. Adisson para a descida de Eneas ao Averno, que hé huma pura imitaçãõ da Odyssêa? Que tradiçãõ nos dá para o desembarque dos Troianos em Carthago, e para a historia de Dido, que nunca foi imaginada dos Romanos, antes do Poema de Virgilio?

§. XVIII.

Dramas. **N** As *Dramas* hé que se logram os *Costumes*. Quem houver de fallar no theatro da Epica deve fallar, como quem hé, observando nas vozes, nos pensamentos, e nas acçoens o caracter, que representa.

Agameinnon não tem na *Illada* pensamento, ou palavra, que não seja de Rei: Achilles, de hum Capitaõ arrojado, impavido, e forte, ainda que ferõz, cruel, e indomito. Na *Entida* está melhor representada a crueldade de Mezencio, que a piedade do Eneas; mas tambem senãõ pôde figurar melhor a traiçãõ de Sinon, nem a desesperaçãõ de Dido. Metastasio não fica devendo nada a Virgilio, quando descreve a auzencia daquelle Troiano em hum dos seus *Poemas Dramaticos*. Hé dos lugares mais illustres, que tem as suas *Operas*.

Todo-

Godofredo na Jerusaleem não inclica muito o caracter de Conquistador. Vasco da Gama nas Lusíadas pôde ser o modello da propriedade heroica.

§. XIX.

Consiste em fim toda a perfeição de hum Poema epico, segundo a doutrina de Aristoteles, na regular, e justa proporção de todas estas partes, que tenho proposto; mas ainda atéqui não houve engenho, que as foubesse unir em huma composição perfeita.

As *Epopéas* de Homero, Virgilio, Tasso, e Camoens devem ser os exemplares, que sigamos; porque não temos outros Originacs, com menos defeitos. Devemos seguillos no que acertarão, e desviarnos, quanto for possível dos defeitos, em que cahirão.

As outras *Epicas* só servem de encarecer a difficuldade desta grande empreza; pois sendo tantos os que a emprenderão, são tão poucos os que conseguirão a reputação de *Poetas heróicos*.

Entre os Gregos só se louva em Hesiodo huma elegancia agradavel: em Colutho no *Roubo de Helena* se observa hum limitado desenho, e hum estylo secco, e desanimado: Tryphyodoro na *expugnação de Troia*, he muito baixo, e grosseiro: Apollonio Rhodio, na *expedição dos Argonautas*, muito simplex, & singelo: Nicandro he dura: Oppiano he secco: Nonno na *Appotheose de Baccho*, hé mais historiador, que Poeta.

Entre os Latinos cahio Petronio no seu pequeno Poema da *Corrupção de Roma* em todas as culpas, que tinha condemnado: Stacio, ainda que pomposo, he muito desproporecionado: se acabara a *Achilleida*, seria melhor Poema, que o da *Thebaidea*; porque está principiado com mais juizo: Silio Italico no seu *Annibal* tem mais artificio, que genio: Valerio Flacco nos *Argonautas* hé de hum caracter muito mediocre.

Entre os Italianos, Dante (que Castelvetro introduz entre os Poetas epicos) hé muito sombrio, e melancolico: Petrarca, muito basto: Boccacio muito fallador: Ariosto de muita extravagancia: Boiardo, e Fulci, de pouca consideração: Sannazaro, e Jeronymo Vida, não tem adquirido mais louvor, que a grandeza de espirito, e a pureza do latim: Pontano, Policiano, os Cardenas Bembo, e Sadoler, Paleoti, e Strozzi, tiveram o mesmo caracter, mas com genio muito inferior: Trifino alcançou a gloria de ser o primeiro, que com alguma justiça podesse aspirar ao conceito de Poeta heroico entre os Italianos; porém o seculo, em que viveu, que foi no Pontificado de Leon X, não tinha a cultura necessaria para felicitar esta empreza.

Entre os Hespanhóes, Dom Alonso de Ercilla na sua *Araucania* tem algum lugar, em que excede a Homero; porém a maior parte

do Poema. hé monstruoso, e irregular: Loppo de Vega na sua *Jerusalém* tem muita fertilidade, e pouca obſervancia. Esta *Epica* se fez em despique de que o Tasso não fizeſſe caso dos Heſpanhões no seu Poema; porém Loppo não tinha partido para entrar em combate com o Tasso. Francisco Loppes de Zarate no seu Poema da Cruz hé mais polido, que Loppo; meos fertil, e igualmente defquidado. O Principe de Esquilache no seu *Napoles conquistado* deu hũa grande expectaçã a Castilla, que conspirava para o applauso. com o merecimento deste Cavalhero; mas ao depois se conheceu que a trombeta de Calliope não melhorou nada a froxidaõ do estylo, que se acha nas suas Rimas.

Entre os Portuguezes, tem Miguel da Silveira no seu *Machabros* toda a pompa, de que se agrada a elegancia Heſpanhola: Vasco Mouſinho de Quebedo na sua *Arzilla* tem alguns votos de que satisfizera aos preceitos da *Epica*: Francisco de Sá de Menezes na *Malaca conquistada* tem alguns defensores: Antonio de Sousa de Macedo na sua *Ulyſſippo* não hé dos mais culpados: Gabriel Pereira de Castro, na sua *Ulyſſea* abaixo de Camoens, hé o melhor *Epico* de Portugal; ainda que o não confinta Manoel de Faria de Sousa: Francisco Botelho de Vasconcellos no seu *Alfonso* se conformou bastantemente com as leis da *Epopoia*: Dizia que não cophecia outros Poetas, senãõ Virgilio, e Tasso; e ainda assim se obſerva que o seu estylo hé arrancado com hum picãõ dos rochedos do Pindo. Engauado com a falsidade de hũa cultura estrangeira, affectou esta escabrosidade conforme me assegurou o Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes. Tem o *Alfonso* muita escuridade de termos, e daquelles, que os Francezes chamãõ *Galimatias*: Entre estes horrores, saiem às vezes de repente algumas labaredas, que enchem de luzes o Poema, ainda que fazem, como os relampagos no meio da tormenta, ou mais corpulentas, ou mais visiveis as sombras: Gaspar Leitãõ da Fonceca tem composto hum Poema do martyrio de Santa Iria, heroína da sua patria, a que deu o titulo de *Ireneidos*; eu o vi na minha primeira idade; e pela pouca lembrança, que tenho delle, não posso fazer juizo do seu merecimento; sei que o mesmo Conde da Ericeira o estimava muito.

Estava França, sem Poema *Epico*; e ella mesma tem confessado muitas vezes pela boca dos seus maiores homens, que nem o seu idioma; nem o seu Espirito era bastantemente habil para esta empreza: Pertendeu Francisco Voltaire no prezente seculo deſmentir esta sincera confissão, e superar a difficuldade com a sua *Henriade* de que elle mesmo diz na ideia deste Poema que he o *ſogetto o Cerco de Paris principiado por Henrique de Valois, e por Henrique de Bourbon; e acabado por este ſo; e acrescenta: que o lugar da scena se entende desde Paris até Lutz, onde se dá a famosa batalha,*

que decida a fortuna de França, e da Casa de Bourbon.

Mas não sei se com este Poema confirmou mais Voltaire a grande difficuldade, que os seus mesmos patricianos considerão no desempenho da *Epopoia*. Não fallo nas espinhas, que tem a *Henriade* pelo que respeita ao decoto Catholico, como as do Epifodio de S. Luz, de que já fiz menção; as da criminosa opiniaõ, que faz do Governo de Roma, do Tribunal do Santo Officio, e da memoria do Papa Sixto V. as que se descobrem na *Casa do Destino*, e as do conceito que fãz do *Inferno*; porque são materias, que pertencem mais à Religiãõ, que à Poesia; e notarei só o que se cinge aos preceitos da Epica.

Se o fogeito da *Henriade* he o cerco de Paris, executado por Henrique de Valois, e Henrique de Bourbon, temos dois Heroês no Poema: Dizer que este cerco foi acabado por este só, he misturar o fingimento com a historia; porque Henrique de Bourbon não acabou o cerco; pois o levantou logo depois da morte, que deu a Henrique de Valois, Jacome Clemente, e por este lado temos tambem a hum dos *Heróis*, tragico, e não Epico; e com esta Tragedia ficou a *Fabula* imperfeita, e por acabar, pois por este cerco senão conseguiu o rendimento da Cidade:

A batalha de Ivri, que venceu ao depois Henrique de Bourbon, não tem alguma connexão com o cerco de Paris; porque o motivo deste combate foi querer o Duque de Mayene, Lugar Tenente da Liga, iustado dos Senhores Colligados, que Henrique de Bourbon levantasse o sitio de Dreux; e parece huma desproporção enorme da *Fabula* o querer que o cerco de Paris dependa da batalha de Ivri, extendendo até esta Campanha o curso da scena. Nem a batalha de Ivri, como pertence Voltaire decidiu a fortuna de França, e da Casa de Bourbon; pois a historia destas guerras civis está cheia de innumeraveis acontecimentos, desde este combate até a conversão de Henrique IV. que foi a que verdadeiramente o collocou no throno.

A grande fome do cerco de Paris tambem não succedeu no primeiro cerco de Henrique de Valois, senão depois da batalha de Ivri, quando a cercou Henrique de Bourbon: e este segundo cerco he outra acção muito alheia da que Voltaire propoem; e nem ainda com esta se daria fim à *Fabula*; porque Paris foi soccorrida pelas armas de Philippe II. de Castella, tendo seu General Alexandre Farnese; e Henrique de Bourbon vendo virtualhada Paris, com a expugnação de Lagny, desamparou o sitio desta Cidade. E não deixa de parecer hum intento bem pouco sincero o dissimular o Poeta esta acção, talvez por não dar a merecida gloria à sãbia conducta do Principe de Parma, em que ficou vencida toda a fama militar de Henrique de Bourbon.

A entrada, que o mesmo Henrique fez em Paris, que he
aonde

aonde Voltaire dá fim à *Fabula*, e acaba o *Poema*; não tem alguma analogia com o fogeito, que elle propoem na *Henriade*, que he o primeiro sitio de Paris, nem tão pouco com a batalha de Ivri; pois todas são accoens differentes; nem desta ultima pôde resultar a Henrique algum applauso digno da *Epopiea*; porque Paris não foi entrada com as armas do *Herbe*, mas pela negociação, que se fez com o Conde de Brissac seu Governador.

E assim se nos representa toda a *Fabula* da *Henriade* como hum corpo montruoso de diversas cabeças, e membros heterogeneos, aonde se offende, e perverte a verdade dos successos. E aindaque Voltaire pretende sahir desta accusação com a desculpa, de que não compoz *Historia*, mas *Poema*, poderase lembrar que quanto à *Fabula*, sendo verdadeira, não tem o Poeta jurisdicção, authoridade, ou licenca para desfiguralla; e as *ficções* só se concedem nos *Episodios*. E hum Escripior, que não admite *desculpa nas palavras*; tambem podera esperar dos Poetas que lha não admittissem nos *Poemas*.

Não só falta à exacção da *Fabula*, mas tambem em varios incidentes, que accomodou ao seu intento. No 4. canto da *Henriade*, antes da morte de Henrique de Valois, introduz a procissão, que fizeraõ os Frades armados dentro de Paris, sendo este successo depois da morte do mesmo Henrique, e no segundo cerco, que lhe pôz Henrique de Bourbon. Logo tambem depois daquelle desgraça faz o ajuntamento dos citados do Reino, sendo estes convocados quatro annos adiante da morte de Henrique. He outro erro da historia o sahir ferido o Duque de Biron na batalha de Ivri, o que aconteceo no combate de Fontaine Française, donde o livrou o valor de Henrique IV. O combate do Marechal de Turenne com o Cavalheiro de Aumale, he outro fingimento bem alheio da verdade. Se Voltaire se agradava de meter algum Duelo neste Poema, tinha bem a mão o desafio, que teve no primeiro cerco de Paris o Senhor de Marivaux da parte dos Realistas com Claudio Maroles da parte dos Colligados à vista da Cidade, e do exercito; em que Maroles sahio victorioso, sendo hum moço de bem poucos annos, e bastantemente delicado, e Marivaux, o guerreiro mais intrepido, e de maiores forças, que havia nas tropas dos sitiadores: Eu não sei se tambem aqui pertendeu Voltaire encobrir esta desgraça do seu partido, para dar huma gloria falsa a hum Hugonote com o despojo fingido de hum Catholico. Tambem se deve reparar, em que faça mais heroico, e virtuoso que o seu *Herbe*, o seu valido Du Pleffis—Mornay. Deixo de referir outros reparos; porque estes bastaraõ para se julgar o merecimento da *Henriade*.

Nias a razão porque estes Poetas, e outros, que omitto, se infelicitaraõ com a *Epopiea*, he porque esta empresa parece que

excede

excede a todo o esforço humano: Não me atrevo a passar em silencio o que della diz o referido P. Rapin.

O Poema Epico he o que ha de mais nobre, e grande na Poesia: Esta he a obra mais sublime do espirito dos homens: Toda a nobreza, e elevação dos mais perfectos genios, não he bastante para formar tudo o que he necessario para hum Poeta heroico. A difficuldade de se achar em hum só fogeito, hum juizo, huma imaginação, hum calor, huma moderação, huma sabedoria, hum enthusiasmo, competente a esta grande empreza, he que difficulta a raridade deste Character, e deste feliz temperamento, que fáz a perfeição de hum Poeta. São necessarias humas grandes imagens; e hum espirito, ainda maior, para as saber formar. He necessario, em fim, hum juizo tão sólido, hum discernimento tão exquisito, hum conhecimento tão perfeito da lingua, em que se escreve, hum estudo tão constante, huma meditação tão profunda, huma extensão de capacidade tão vasta, que a penas todos os seculos podem produzir hum genio capaz de hũ Poema Epico.

Este testemunho de hum homem tão grande como o P. Rapin pode dar ao nosso Portugal hum conceito talvez bem differente daquelle, que tem concebido da *Poesia*, e da grandeza de hum *Poema Epico*; mas ao mesmo tempo accusa o atrevimento de eu emprender com hum alento tão debil hum arrojão tão desmedido. Porém eu não pretendo desculparme: Ha espiritos atrevidos, ou por genio, ou por fatalidade: Escuso de pedir perdoão da ousadia; pois não ha clemencia no Tribunal da Critica. E por não gastar o tempo em satisfaçoens, hirei só a mostrar, se no meu Poema estaraõ desempenhados os preceitos, que tenho proposto, ainda que esta demonstração se me julgue por segunda temeridade.

PROLEGOMENO.

SEGUNDA PARTE

§. XX.

Do titulo do Poema.

Serve o *titulo* em todos os escriptos de dar huma clara, aindaque breve noticia, do argumento da obra. A maior parte dos AA. tem cahido na tentação de os fazerem pomposos para formarem hum appetite à curiosidade da Leitura. Porém a mim só me compete o *titulo* das *Epopéias*. Homero dirivou o *titulo* das suas, hum da acção, outro do *Herôe*: O da *Iliada* foi derivado da expugnação de Troia; porque esta Cidade tambem se chamou Iliou, nome, que lhe deu Ilio, filho de Tros: A *Odyssea* foy derivada de Ulysses, que he o *Herôe* deste *Poema*. A *Encida*, de Eneas; as *Lusiadas*, da Lusitania &c.

Mas eu já adverti na minha *Balança intellectual*, que Homero, Virgilio, e Camoens, parece que não acertarão com o *titulo* das suas *Epicas*; porque o de *Iliada* inculca todas as acções, que se obrarão no cerco do Iliou, em que precisamente se ha de envolver as de Agamemnon, Ulysses, Diomedes, Ajax, Menelão, e as dos mais Principes Gregos. O *titulo* de *Encida* tambem inculca todas as acções de Eneas, e não devia attender senão às da fundação do Imperio Romano. O *titulo* de *Lusiadas* persuade da mesma sorte todas as acções dos Portuguezes, devendo só annunciar as do descobrimento da India. E assim o Tasso acertou melhor com o *titulo* chamando à sua *Epica* *Jerusalem liberada*.

Fundado neste discurso attendi mais à propriedade, q' à pompa do *titulo*; e singelamente intitulei este *Poema* *Triumpho da Religião*. Com elle se conhece o argumento da obra, em que consiste todo o desempenho do frontespicio.

Digo tambem que este *Triumpho da Religião* he *Poema Epico* — *polemico*. *Poema* he palavra generica, que pode acomodar-se a toda a especie da Poesia: *Epico* vem do Grego *Epos* que significa *narracão*, *discurso*, ou *palavra*, que os Poetas tem applicado a huma *Fabula* illustre, exemplar, e digna de ser imitada, e annunciada por huma *narracão poetica*. *Polemico* procede do Grego *Polemos*, que he

he o mesmo que guerra, e daqui se podia inferir que este Poema se fundava em algum successo guerreiro; porém os Theologos significão, com o termo *polemico*, aquella Theologia, que combate os erros da nossa Religião; e nesta disputa he que se funda a *Fabula* deste Poema.

Paulo. Benio na *Poetica de Aristoteles* partic. 124. pag. 478. não só pertende que a *Fabula* do Poema heroico seja militar, mas que o Herôe seja Capitão de hum exercito, em que se logre o exemplo de hum a fortaleza guerreira, e de hum a prudencia civil.

O P. Le-Bosü, sobre o Poema Epico, lib. 1. cap. 3. diz que a *Epopeia* he hum discurso inventado com arte para formar os costumes, por meio de instruções, debaixo das allegorias de hum a acção importante, referida em Verso, de modo que seja verosimil, delectavel, e maravilhosa.

D. Ignacio de Lufan na sua *Poetica*, que deu à luz em Zaragoza no anno de 1737. lib. 4. cap. 7. pag. 465. se persuadio mais da opiniaõ do Echnio, que da do P. Le-Bosü, sendo esta de bastante pezo pela grande conhecimento, que tinha este P. destes estudos; e nos diz que *todos los asuntos de las Epopeas. (por lo menos de las mas perfectas.) sean de guerra; y que todos sus Herôes principales sean guerreros, y militares.* E acrescenta que *tal ha sido siempre la practica de los Poetas Epicos; y el ir contra ella seria una novedad, que lograria, a mi ver, poco aplauso.*

Eu confesso que dos Authores Hespanhoes, que tem escripto neste assumpto, este he o melhor, que tenho visto; e injustamente disse o Barbadiño, ou quem quer que seja o Author do *Novo Methodo de estudar*, que não tinhamos na Hespanha hum a boa arte Poetica, pois duvido que alguma dos Francezes, ou Italianos seja melhor de que esta.

Com tudo na opiniaõ de se fazer escrava a *Epopeia* das açoens militares, sem ficar com alvedrio de romper esta rigorosa prizã, não acho bastante fundamento para que se estabeleça este preceito; porque sendo pela commua acceitaçã a *Fabula* da *Epica* hum a acção heroica, he dar a entender que o *Heroismo* se limita ao espirito da guerra, quando esta, aliás, he dos maiores males, que introduzio no Mundo a miseria do peccado.

Sempre entendi que o *Heroismo* tinha outras açoens mais brilhantes, justas, e louvaveis, em que se desempenha o seu admiravel Character. Triste coiza seria se todas as outras virtudes, que não fossem as guerreiras, cahissem na desgraça de não serem dignas d aquelle applauso, e d aquelle exemplo, que se pôde conseguir entre os melhores esforços da esqüencia.

O maior Herôe, que se espera no Mundo, hade ser aquelle, que reduza ao seu dominio todas as Provincias da Terra; e este he aquelle Herôe, de quem diz Esdras, lib. 4. cap. 13. v. 12.

Hominem descendentem de monte, & vocantem ad se multitudinem aliam pacificam. E no v. 26.

Ipse est quem conservat Altissimus multis temporibus, qui per semetipsum liberavit creaturam suam :::: non tenebat famam, neque was bellicosum.

Pelo conceito de Benio e de Lusan, ainda entre os sagrados Herões seriaõ só dignos da *Epopeia* os espiritos militares de Moyses, Josué, Gedeão, e de Judas Machabeo; e se regeitariaõ as altas virtudes de Joseph no Vice-reinado do Egypto, e as do Constantissimo Job, de quem disse o mesmo Deos, que naõ havia outro Herõe semelhante na Terra.

Eu estou no conceito de que o verdadeiro *Herõ* he o que sabe vencer as suas proprias paixoes, e naõ destruir os individuos da sua mesma especie. Se Homero, e Virgilio naõ alcançaraõ este *Heroismo*, assim como naõ deveinos seguir a introduçãõ das suas Deidades gentlicas, tambem deveinos melnorar de pensamentos.

Todas as açcoens sublimes, que estaõ dentro da *Ethica Sagrada*, saõ muito mais benemeritas da *Epopeia*, que as que se cantaraõ na *Odyssêa*, na *Iliada*, e na *Eneida*. Se assim como Milton escolheo para o seu Poema a perda da innocencia, tomara po assumpto o mundo restaurado, talvez que hoje fizera meuos ruido a trombeta do Lacio, e do Arcipelago.

Se as Aventuras do Telemaco, eugenhosamente fabricadas pelo incõparavel Fenelon, para instruçãõ dos Principes Reaes de França, se annunciassẽ em Verso heroico, e lhe tiraõsem algumas narraçoens difusas, e preceitos economicos, aindaque o seu assumpto naõ he verdadeiramente guerreiro, teria emmudecido a fama de Homero, e de Virgilio. Que *Fabula* mais illustre, nem mais unida? Que *Episodios* mais coherentes com a açcãõ? Que *Herõ* mais unico, e bem caracterizado? Que *Costumes* mais proprios, que *doutrina* mais proveitosa, que *artificio* mais limpo, e eugenhoso, que *narraçãõ* mais viva, e animada, que *dramas* mais bem introduzidas, que *locuçãõ* mais eloquente? Que *imagens* mais brillhantes, que *belleza*, que *doçura*, que *deduçãõ*, e que *esforço* de huma felicissima ideia?

Cuido que bastaõ estas reflexoes para se enfraquecer a opiniaõ do Benio, e de Lusan; e que se me naõ condemne o apartarme no assumpto desta Epica de huns vestigios gentlicos, a que naõ deve estar fogeito hum Poeta Catholico.

§. XXI.

Da Unidade da Fabula.

Repartindo o Poema em nove Livros, e ao parecer com diferentes combates, facilmente se pode imaginar, que cada combate produz huma açcãõ; e que naõ he huma, mas que saõ muitas as *Fabulas* deste Poema. Porẽm

Porém a unidade da *Fabula* julga-se pelo intento, e pelo fim da empreza. O fim, e o intento da minha he triumphar a Religião das seitas, que estão distribuidas pelos oito Livros; e ainda que estas sejam muitas, como o intento, e o fim não he mais, do que hum, tambem por elle se consegue que seja unica a *Fabula*. Muito differentes foram as acçoens, que se obraram no cerco de Troia, porém como todas tendião à sua expugnação, porisso se julga que tem huma só *Fabula*, a Iliada de Homero. Supponhamos tambem que não erão só os Vassallos de Priamo os que defendião o Ilião; e que na guarnição desta Cidade havia Soldados de diversas Noçoens, bem se vê que não obstante concorrerem todos a sustentar a praça, que se deve reputar por huma unica acção o rendimento della. Isto he debaixo da supposição de que a fabula da Iliada, como querem alguns, seja ou deva ser o rendimento, ou a expugnação de Troia; porque outros, cingindo-se à proposição de Homero, de que cantava a ira de Achilles, reduzem a fabula do Poema, desde o desgoltz, que teve o Heroe com Agameinnou até a morte de Hector.

Em Creta se deu principio ao intento de fundarem os Troiões huma nova Troia na Italia: De Creta passarão às Ilhas Strophades, a Accio, a Epiro, duas vezes a Sicilia, a Carthago, a Cumas, a Caieta, ao monte Circeo, ao Tibre, ao Campo de Laureto, que confinava com o Lacio: Em todas estas viagens se obraram muitas acçoens separadas, mas como todas levavaõ o fim de procurar a Italia para fundação do Imperio Romano, todas se julgaõ por huma para a *Fabula* da Eneida.

He verdade que não se pôde formar huma *Epyeia* dos trabalhos de Hercules, porque cada hum delles pela sua defunião pôde fazer huma acção principal; porém se fingisse a Mithologia que Hercules para roubar as maçãs das Hesperides lhe era necessario desempedir o caminho com o triumpho do Leão da Selva Nemea, da Serpente de Lerna, do Touro, do Cerbero &c. precisamente se haviaõ de incluir no furto dos pomos todas as victorias, que alcançou destes monstros, julgando-se por huma só acção as que lhe foram necessarias para executar o intento; e assim os triumphos, que conseguiu o Peregrino dos *Atheos*, *Polytheos*, *Dissas*, *Liberatinos* &c. tambem se devem julgar por huma, e unica acção, pois todos tendião a ficar a Religião triumphante, de estas Seitas ainda que estas fossem differentes. Finjamos huma cidadella, ou Fortaleza, que se acha preoccupada v.g. em hum baluarte pelos *Atheos*, em outro pelo *Polytheos* &c. e que o Heroe pretende estabelecer nesta cidadella o verdadeiro culto não só expugnando-a, mas obrigando os vencidos a seguir a lei do vencedor. Depois de tudo isto conseguido ainda que fossem muitos os Sectuarios, e os defensores, ninguém poderá dizer que deixo de ser huma só a acção: Por onde se vê tam-

bem que só pelo fim das emprezas he que se deve julgar a sua *unidade*.

Esta he a doutrina de todos os Epicos, explicada pelo referido Lufan, lib. 3. cap. 5. pag. 308.

Logra-se esta unidade en los Poemas Epicos, u dramaticos con la unidad de la accion en ellos representada, la qual unidad consiste en ser una la Fabula, ó sea el argumento compuesto de varias partes dirigidas todas a un mismo fin, y a una misma Conclusion.

§. XXII.

Da Verdade, ou da ficção da Fabula.

A Fabula das quatro principaes *Epopéias* se reputa por verdadeira, e não fingida; porque está na opinião de successo historico a expugnação de Troia; e a redução, que Ulysses fez desta Cidade para Ithaca; se bem que a castidade, e os amantes de Penelope tem suas duvidas; e nenhuma a conquista de Jerusalem por Godofredo de Bulhoens; nem o descobrimento da India por Vasco de Gama.

O exemplo destas quatro *Epopéias* podia dasatar a questão, se a Fabula deve assentar na verdade, ou no fingimento; mas não tem atéqui convindo a diversidade dos juizos humanos sobre a decisão deste ponto; pois por huma, e outra parte ha boas razões, e fundamentos sólidos.

Os que seguem a verdade na Fabula, dizem que dirigindo-se a Epica à imitação da virtude, e ao tédio do vicio, que melhor persuade hum exemplo verdadeiro, que hum modello inventado, e que melhor commoverá a heroicidade de hum Samsam, que a de hum Alcides. Os que pertendem que a Fabula seja fingida, argumentão que se a acção do Poema heroico hade ser illustre, perfeita, maravilhosa, e digna de imitação, que não se podem conseguir estas qualidades nos successos verdadeiros, e que he preciso procurallas na ficção para que a Fabula se offereça, sem algum defeito.

A Academia da Cruzca avocou a causa com o desejo de que ficasse averiguada, e decidida naquelle supremo Tribunal das bellas letras; mas foraõ tais os discursos, que se fizeram por ambas as partes (que eu tenho na minha mão) que não se atreveraõ os Juizes a proferir a sentença, e ficou esta questão como a de Protagoras com o seu discipulo.

Voltaire teve a ousadia de se intrometer em huma contenda, em que os maiores homens da Europa em estudos poeticos, não ousaraõ tomar resolução; pois decisivamente determina que a Fabula e o Heróe da *Epopéia* devem ser verdadeiros, e parece que tem por ridiculo o juizo, que sente o contrario: Com tudo aindaque Voltaire não deve ser attendido, estando da outra parte os votos de huma Assambleia taõ respeitada, confesso que me

vi em bastante perplexidade quando entrei no intento de minha *Epica* sobre qual das opiniões havia de seguir; e me resolvi depois de varias reflexões, a conspirar com os votos da *Fabula* finida; porque me fez huma grande força o preceito de que os Poetas não devem cantar as coizas como foram, mas sim como devem ser para serem perfectas.

§. XXIII.

Da perfeição, principio, meio, e fim da Fabula.

A *Fabula* para ser perfeita, conforme a doutrina de Aristoteles, deve ter *principio*, *meio*, e *fim*. Alguns pertencem que a *Fabula* da *Iliada* não tivera *fim*; pois fundando se na ira de Achilles, dizem que esta não acabara com a vingança da morte de seu amigo Patroclo, nem com a destruição de Troia. Do mesmo defeito accusão a *Eneida*, porque devendo acabar a acção com o casamento de Lavinia, que foi o que fez Rei a Eneas, e lhe deu a origem do Imperio Romano, acaba este Poema com a morte de Turno.

Mas tenão tem *fim* estes dois Poemas, tem *principio*, e *meio*. O *principio* da *Iliada* he a conspiração que fizeram os Principes Gregos para vingarem a affronta de Meneláo; e o *meio* he a congruência deste congresso na jornada, ou cerco de Troia, no caso q̄ a sua expugnação deva ser o projecto da *Iliada*. O *principio* da *Eneida* he quando os Deoses Penates por hum preceito de Apollo intimarão a Eneas que fosse fundar hum novo Imperio na Italia; e o *meio* he o desembarque dos Troianos em Carthago. O *principio* da *Jerusalem libertada* he a expedição q̄ fizeram os Principes Catholicos para resgatarẽ os lugares Sagrados da tyrannia dos Turcos; o *meio* he a expugnação de Nicea, e de Antiochia; o *fim* he a entrada da Santa Cidade. O *principio* da *Lusada* he a eleição que fez o Rei Dom Manoel de Vasco da Gama para o descobrimento da India; o *meio* he a navegação da costa Moçambique; o *fim* a chegada das Nãos a Calecut, e à volta para Lisboa.

Donde se vem a conhecer que o *principio* da *Fabula*, não he tudo o que precede ao *meio*, e ao *fim*, mas o que necessariamente se considera antes do *meio*, e do *exto*; e esta, he a razão porque Horacio condemna os que vão procurar huma origem remota, e que não tem a precisa dependencia com a *Fábula* do Poema.

E por isso à *Fabula* desta *Epica* se lhe deu o seu *principio* no primeiro intento, que teve o Peregrino de que triumphasse a Religião das seitas vivas do presente seculo: O *meio* he tudo, o que acontece desde o bosque dos Atheos até a segunda entrada no campo dos Deistas: O *fim* he o Triumpho da Religião, que se descreve no ultimo livro. E por este modo se conhece também que se não falta ao preceito de abrir o Poema pelo *meio*, e não pelo *principio* da acção. Sem embargo que nesta doutrina estão divididos os mestres da Poetica: eis aqui o que diz o referido Lufau, lib. 4. cap. 11. pag. 492. Ei

El orden, con que se debe hazer la narracion puede tambien ser dudoso. Los Autores Poeticos dividieron el orden en Natural, y Artificial el orden Natural es el que naturalmente tiene la misma accion, en la qual lo primero es el principio, segundose despues el medio, y fin: el Artificial procede diferentemente, colocando primero el medio de la accion, y despues el principio, y fin. Los comentadores de Aristoteles, y de más Autores de la Poetica estan divididos en pareceres distintos: unos aprueban el orden Natural, otros el Artificial: unos, y otros alegan en su favor exemplos de buenos Poetas.

O modo, con que Lusán concilia estas duas opiniones, e mostra que ainoque se principie pelo *meio* da accão sempre se logra a ordem Natural, se pôde ver no mesmo lugar acima referido, que não treslado por ser extenso. Seguindo a mesma conciliação, se pôde verificar que observe neste Poema a ordem natural, aindaque pareça que escolhi a artificial, quando digo na abertura do mesmo Poema.

No meio do caminho de huma vida.

E se imita a Dante, que assim he que principia o seu primeiro Canto: Nel mezo del camin di nostra vita.

§. XXIV.

Da grandeza, ou da extensão da Fabula.

A Fabula com os *Episodios* deve fazer huma grandeza proporcionada: A esta proporção se deve reduzir a medida de que o Poema não seja tão extenso, que cause fastio, nem tão pequeno que descredite a ideia. Aristoteles nos preceitua que a extensão do Poema tragico seja tal, que possa conservar-se o seu principio, meio, e fim, e todas as suas partes na memoria. Funda esta doutrina no costume da Grecia, que era julgar-se a ventagem das Tragedias a penas se acabava de representar; e assim se fazia de sorte, que os Juizes as podessem comprehender para não arriscarem a sentença. Porém a *Epica* pôde ter maior extensão, que a *Tragica*, conforme a explicação do referido Lusán, lib. 4. cap. 4. pag. 453.

Aristoteles não determina precisamente la grandeza material de la Fabula Epica, pero dize lo bastante para que el prudente Poeta sepa arreglar la grandeza de la Fabula Epica; porque hade ser (dize) tal que se pueda facilmente comprehender, y tomar de memoria su principio, y su fin, y todo su principal contexto, el qual sin duda hade ser mayor, que el de una Tragedia. Y aunque en otra parte dixo tambien lo mismo de la grandeza de la Fabula tragica, con que parece que en esto las hazia iguales, nó obstante, es claro lo contrario, si se advierte que el contexto de la Fabu-

La trágica, ó comica para poder-se comprehender bien, y tomar de memoria hade ser mucho mas reducido, que el de la Epica; porque la representacion dramatica es continuada, y nó dá lugar a meditar, ni a recorrer lo representado; y al contrario en la narracion Epica, como solamente es hecha para ser leida, puede pararse el lector, y hazer todas las reflexiones, que quisiere, y recorrer en su memoria lo que há leido, y a un volverlo a leer: Por esta razon la fabula Epica, aun siendo mucho mayor, que la Tragica puede comprehender-se más facilmente, y aprender-se de memoria todo su contexto. Bien es verdad que nó hade exceder tanto, que confunda la memoria de los lectores; defecto, que algunos notan en la Jerusalem de Lope de Vega, y en el Orlandó furioso del Arioste, tanto por la multiplicidad de las acciones, como por lo dilatado dellas, y de sus Episodios.

E eu acrescentara que tambem excede a medida a Iliada, e a Odyssa de Homero, e a Jerusalem do Tasso. Virgilio se chegou mais à proporção da devlida grandeza; e cuidou que inda mais o nosso Camoens. Parece-me fazer este Poema mais pequeno, que a Lusada, tirando quasi quarta parte dos 8U736. Versos, de que ella se compoem: o *Triumpho da da Religiao* he de 6U846, que he bastante grandeza para o falthio, que tem Portugal a este genero de estudos;

§. XXV.

Da exemplaridade, e dignidade da Fabula.

A Maior parte dos Epicos fundaraõ a *Fabula* na heroicidade profana: eu a procurei na heroicidade Catholica, por me parecer que assim ficaria mais exemplar, e mais digna de ser imitada. He muito maior o Heroismo, que se alcança com as virtudes Christãs, que o que se consegue com as proezas militares. E daquellas são as mais dignas de exemplo, e de imitações que se empregão na conversação dos iustos, e dos sectarios: Estas foraõ as mais heroicadas emprezas de hum Santo Agostinho, de hum S. Jeronymo, Santo Athanasio, Santo Ambrosio, S. Joã Chrysostomo, e outros grandes Luminares da Igreja: Para esta heroica empreza he que Christo Senhor Nosso escolheu os seus Discipulos, e os encheu de tanta graça, de tantos dons, e de tantas luzes.

Com que pôde haver Poema de muitas mais engenhosas qualidades, que a minha *Epica*; porém ao menos sempre se me deve conceder alguma ventagem na escolha do assumpto, e o ser Poema Original, o que sempre foi attendido de todos os Auctores, que fallãõ dos exemplares.

XXXVIII

Prolegomeno.

Desde a minha Adoleſcencia trouxe diante dos olhos a fabrica de huma *Epopia*: Intencei formalla no prodigio, que alguns dos uoſtos Eſcriptores poem entre os maravilhoſos ſucceſſos da Hiſtoria, de que dizem fora theatro a minha Patria na degolaçaõ, e reſurreiçaõ dos ſeus moradores. Depois de eſtar eſta obra baſtantemente adiantada, a levei ao incendio, e entreguei as ſuas cinzas ao eſquecimento. Principiei logo a *Conquiſta de Goa* pelo famoso Affonso de Albuquerque, acçaõ que eſtabeleceu o noſſo Imperio na Aſia, e paſſados alguns annos propuz a *Yrnada de hum Hebreo par a o templo da Fama*: Seguiuſe-lhe outro novo projecto, que foi o de *Mundo reſtaurado*; e todos eſtes enſaios vierã a produzir em idade mais madura eſte *Triumpho da Religião*.

Naõ ſei ſe nelle eſtaerã tratadas as queſtoes com aquella foça, digeſtaõ, e facilidade, que eu deſejava. Proſeguir huma materia taõ delicada entre os apertos das clauſulas, e a lei das ſyllabas, e dos conſoantes, e ſuſtentar nella a elegãcia na ſua fluida clareza, e naturalidade, e o metro no ſeu canoro eltrondo, e ſuave harmonia, ſe he diſcultaſo, e talvez inſuperavel, iſſo ſõo percebendo que o julgue hum poeta pratico, e naõ eſpeculativo.

Na eſcolha da acçaõ cuido que tambem ſenaõ deſcobre algum das quelles vicios, que deixamos notados em Virgilio, e no Talle: ella ſe faz taõ pura por ſi meſma, que naõ neceſſita de inculcar ſe para defender ſe.

§. XXVI.

Do tempo, e do lugar da Fabula.

Querem os Meſtres da *Epiça* que o tempo da *Fabula* naõ ſeja muito proximo, nem muito remoto; como já advertimos, e tambem moſtramos que os melhoſes Poetas naõ attenderã muito a eſte preceito; mas quando elle foſſe mais eſſencial, ſõo ſe podia lograr na *Fabula*, verdadeira, e naõ na fingida; porque o fingimento naõ eſta ſogeto à obſervaçaõ das Epocas. E aſſim eſpero que ſe me naõ accuſe a ſuppoſiçaõ, de que o Peregrino combateſſe o Hebreo no anno de 1753. como ſe colhe dos Verſos 315. e 316. do livro ſetimo.

O tempo, que deve durar a narraçaõ da *Fabula*, he dos preceitos mais difficis na *Tragedia*, e na *Comedia*. Os mais obſervantes deſtas leis pertendem, que a acçaõ correfponda pontualmente com a representaçaõ, e naõ lhe preſcrevem mais, que o eſpaço de tres horas; Grandes incoherencias ſe veem nas *Comedias* Heſpanholas com a pouca obſervancia deſte dictame: Ha muitas que extendem a *Fabula*, naõ ſõo a muitas horas, mas a muitos annos. Na primeira jornada ſahe huma das personagens na figura de meunho, e na ſegunda, ou na terceira já faz o papel de Velho.

Na *Epopia* ſe dá maior extenſã de tempo. Preceidãſe que ſendo a *Fabula* militar deva extenderſe a hum anno, ou a huma

Prolegomeno. XXXIX

Primavera, e Estio. Os que cingem a *Fabula da Iliada* àquelle espaço que houve desde o resentimento de Achilles até a morte de Hector lhe dão a duração de quarenta e sete dias, e da *Odyssæa* dão cinquenta e oito. A *Eneida* lhe dá hum anno; porém esta regularidade só deve ter lugar em huma empresa guerreira, e não em hum projecto Ascetico, e Theologico, e menos naquelle onde são precisas repetidas, e grandes viagens para se conseguir o triumpho.

O lugar da *Scena* nos Poemas dramaticos, tambem he bastante-mente delicado; e tem igualmente sido bem pouco observado dos nossos Poetas; pois em muitas das suas Comedias vemos as figuras em Provincias distantes. Os menos escrupulosos querem que a Tragedia, ou a Comedia, não possa dilatar a *Scena* fora de huma Povoação: outros não lhe concedem mais distancia, que a de hum Palacio, e quando muito até o jardim. A *Fabula da Epopeia* não está sujeita a esta regra; porque narra, e não representa; como se conhece pelo que praticou Homero, Virgilio, Camoens, e o Tasso; pois o lugar da *Fabula da Iliada* se pôde dizer que foi na Grecia, e dahi passou para Troia: O da *Odyssæa* foi em Troia, ou em Ogigia, e acabou em Ithaca. O da *Eneida* foi na mesma Troia, ou em Carthago, e fenecceu no Lacio. O da *Jerusalem libertada* foi em França, e teve o seu exito na Palestina. O das *Lusíadas* foi no Occidente, e no Oriente; e o da minha facilmente se percebe que foi na Asia. Elegi esta grande parte do Mundo para o triumpho da Religião pelos muitos, que ella alcançou nestas dilatadas Provincias depois que os Portuguezes as illuminarã com as luzes do Evangelho. Com que ainda que a *Fabula* por huma parte pareça fingida, não se pôde negar que he por outra, verdadeira; pois estas Sagradas Victórias se estaõ ainda hoje continuando pelos Missionarios da China, do Japão, e da India.

§. XXVII.

Da Proposição, e Invocação.

A Ntes de entrar na abertura do Poema se manda propor o argumento, dando-se huma breve noticia da *Fabula*, e se costuma invocar hum auxilio superior para que influa o incendio poetico. Tudo está executado nesta *Epica*, desde o verso primeiro até o vigesimo primeiro. Os Poetas gentios invocarã as Musas: o nosso Camoens, sendo Poeta Christão, seguiu inconsideradamente este exemplo, invocando as Nimphas do Tejo; e não sei com que motivo, porque nellas nunca suppõz o Paganismo algum commercio com o Paruasso. Eu invoquei o Numen verdadeiro, não só attendendo ao decoro da Religião, mas à gravidade do assumpto.

Depois da *Proposição*, e *Invocação* introduzirã alguns Epicos a *Dedicatória*, a qual senão acha nas *Epopeias* de Homero, nem de Virgilio. Os Mecenas communmente se procurã por lisonja:

XL

Prolegomeno.

Este vicio he para mim dos mais abominaveis: Diz Santo Thomás: *Multo indignius est mente servire quam corpore.* Presumir-se que se buscaõ estes sublimes patrocínios para se embotaz a mordacidade dos Zoilos, he encobrix, com este pretexto, a indignidade da adulaçaõ. Hum homem de cabello vermelho, boca negra, pé pequeno, e vista trocida, naõ se lhe dá de quantos respeitoõ observa o obsequio para naõ ensanguentar os dentes na clava de Alcides.

Crina

ruber

niger o-

na, bre-

vis pede,

lumine

Luscus,

Rẽ pra-

as mag-

nam,

Zoile, sũ

bonus.

et is.

Marcial

Com tudo resolvi-me a dedicar o meu Poema ao Pontifice reinante:

Hum *Triumpho da Religião* naõ devia escolher outro Mecenas. As altas qualidades deste Sagrado Moderador do Mundo Catholico moveram o meu animo a este, aindaque distante, preciso obsequio. Que Principe de maior caracter para banhar de resplandores o patrocínio? Que intelligencia mais penetrante para dar o seu digno valor à Poesia? Que espirito mais digno das influencias de Bolonha?

§. XXVIII.

Do Herbe.

NA *Fabula* fingida deve tambem ser fingido o *Herbe*; e as razoes, que ha para a *Fabula* ser mais illustre no fingimento saõ as mesmas com que produz a ficçaõ do *Herbe* maiores, e mais illustres qualidades.

Aindaque Cyro foi dos *Herbes* mais famosos, e taõ benemerito, que teve a approvaçaõ, e o patrocínio do Oraculo Divino como consta do Cap. 44. de Isaias, v. 28. *Quis dica Cyro, pastor meus es, Et ad omnem voluntatem meam complebit;* quando Xenephonte escreveu as accoens deste Principe, para fazer dellas hum exemplar a todos os Soberanos, naõ contou as proezas de Cyro, como ellas foraõ, mas assim como deviaõ ser. * E se com este illustre intento he que fez estimavel a sua Historia; com muito maior razãõ deve ser estimavel o mesmo intento na Poesia, pois a obrigaçaõ do Historiador he narrar o que foi; e a do Poeta o que devia ser. *La Poésie dit les choses comme elles doivent être, Et L'Histoire comme elles sont.*

Cicer.

Rapin, *Refl. sur l'Hist.* §. 25.

Castelyetro pertende que o *Herbe* seja Principe, e chefe de hum armada: este preceito me parece impertinente, pois além de naõ estar verificado na *Hiada*, nem na *Odyssia*, donde se devem tomar os exemplos, he querer que só nos Principes se consiga o *Heroismo*, quando haverá muitas pessoas particulares, e sem illustre nascimento, como Fernando Cortez, que se possaõ numerar entre os Varoens mais insignes, que se devem recomendar à posteridade.

Dẽmais que com este preceito fica cingido o *Heroismo* às accoens militares; e o caracter de *Herbe*, como já advertimos, pôde alcançar-se por mui diferente caminho. Hum Sauto he hum *Herbe* muito mais verdadeiro, que todos os q̃ tẽ affustado a campanha com as suas proezas;

e he muito mais heroica a victoria, que se alcança das paixoes, que a que se consegue dos exercitos. O caracter do moço *Herde* he o de religioso, muito mais illustre, que o de piedoso em Eneas, que o de sagaz em Ulysses, e o de leve de pés em Achilles.

Este caracter se vê desempenhado no Zelo de extender a Religião, discorrendo por tantas Provincias da Asia para combater os inimigos, e desertores da Igreja: combates mais gloriosos, que os da expugnação de Troia, que os dos amantes de Penelope, que os dos campos de Laurento.

Além do caracter de religioso, se vê tambem o de sabio nos argumentos, o de modesto no modo de propolios, e seguillos; o de ardente no activo das expressoes; o de valeroso na baralha dos Libertinos; o de impavido nos horrores do bosque da Arabia; e o de prodigioso na sahida da Caverna.

O Benio no seu 2. Discurso Academico, intenta persuadir q' seja o *Herde* a unica Personagem, que mova todas as partes da *Fabala*, e dos *Episodios*. E podendo parecer aos menos instruidos nestes preceitos, que o Peregrino, sendo o principal motor das acções deste Poema; faltava à variedade com que fica mais agradavel à Poesia, se conhece por esta opiniaõ, que se fez particular estudo de se cumprir com esta doutrina: Eu produzo as palavras originaes do mesmo Benio para que fique este preceito mais conhecido.

Costui Poema, oltra esser heroico, é fatto anco di attentione di uno assolutamente solo. Ecio ad Essemplio, non già dell'Eneide, ove cou essercito opra Enea; má bien dell'Iliade, & Odyssca dove alfin è Achille, & Ulyssè solo. Já heroiche imprese: perciò conclude che il Poema di Dante sia eccellentemente maraviglioso, & illustre.

Destas palavras do Benio pôde sabiro reparo de que se admite o supposto falso de ser sómente Achilles o que executou as acções heroicas no cerco de Troia, havendo tantos Principes Gregos, que quasi sempre estiveraõ em acção nas empresas daquelle assedio. Porém facilmente se mostra pela mesma Iliada, que só a Achilles se devem attribuir estas heroicas acções, porque a elle só se devem as victorias, que alcançaraõ os Gregos dos Troianos; e para isso finge Homero que Achilles se desgostara com Agameinnon por este lhe tirar a escrava Briseida, que elle estimava muito; e que por esta causa se retirara do campo dos Confederados, e não quizera mais pelear com os defensores do Ilião. Apenas Achilles tomou esta resoluçã, se passou toda a vestagem das armas, que atélli tinhaõ conseguido os Gregos, para a parte dos Troianos: Reconheceu-se com esta experiencia que sem a assistencia de Achilles senaõ destruiria o Reino de Riamo: Fizeraõ-se todas as instancias; para o reduzirem ao campo, e todas

todas foras inuteis, até que a morte, que deu Hektor a seu grande amigo Patroclo o excitou a tomar outra vez as armas para vingar a morte do amigo; e dali por diante se tornou a mudar a fortuna dos Troianos para os Gregos, e com as acções de Achilles he que se conseguiu a ruina de Troia, e a vingança da Grecia, moitrando-se por este modo que só a elle se deve attribuir este triumpho.

Naõ se pôde negar que está muito engenhosa a ideia de constituir Homero a Achilles o *Herói* do Poema; mas tambem senaõ pôde livrar da accusação de fingir em Achilles hum carácter taõ pouco *heroico*, que se lhe deva o motivo das suas Proezas mais à paixão particular de vingar a morte de Patroclo, que ao desejo commum da Grecia de satisfazer a injuria do roubo de Helena; e que hum resentimento privado de se lhe tirar a escrava pudesse mais no seu conceito, que a publica confederação, para desamparar a empreza. Na verdade que este procedimento naõ concorda bem com o *Heroismo* de hum triumphador de Troia.

O outro preceito de que o *Herói* deve alcançar novas honras com a felicidade da empreza, parece-me que está desempenhado com as que conseguiu o Peregrino na Colonia dos *Deistas*. Eu o fiz tambem illustre, e Portuguez, attendendo à gloria da Patria, e a que nenhuma das outras Provincias tem moitrado maior zelo em dilatar a Religião por todas as partes do Mundo, nem de outra tem sahido maior numero de Nuncios para a missã do Evangelho. Naõ ha Nação politica, e Catholica, que pertenda negar esta gloria à Lusitania. E ainda assim se resolveu a dizer Mr. Voltaire no citado *Ensaio da Epica*, que os Portuguezes forã descobrir os mares Orientaes, em primeiro lugar com o intento do commercio, e em segundo com o do augmento da Religião. Naõ sei se este conceito he por falta de conhecer a nossa historia, ou por outra apprehensã, menos desculpavel. Eu me admirei de achar este pensamento nos escriptos de hum Poeta daquelle Reino, que por antonomasia se chama *Christianissimo*; mas fiquei meos admirado depois que o Pontifice reinante mandou pôr as obras de Voltaire no Indice Romano.

§. XXIX.

Das Episodios.

O S *Episodios* deste Poema saõ as descripções do bosque dos *Atbeos*; e *Polytheos*, e as dos seus templos, e braculos; A do campo, e Cidade dos *Deistas*, assim na primeira como na segunda entrada: A da historia do Peregrino a Confucio: A do sonho do Peregrino: A do bosque da Arabia: A das Povoações, que se viuõ da montanha: A do Paraizo Mohometano: A da Cidade Celeste: A batalha dos *Libertinos*, e *Deistas*: As pazes, que se firmaraõ

firmar-se entre estas duas Colonias; e a historia de Polyphilo.

Eltes *Episodios* não fazem tanta extensão, como o corpo da *Fabula*, e nas outras *Epicas* são muito mais extensos, que a *Fabula* os *Episodios*. Se isto he defeito, eu me não descontento delle, porque me parece que no assumpto desta *Poema* era precisq. que os *Episodios* fossem menos extensos, que a *Fabula*.

O delicado, e difficil preceito de que os *Episodios* sejam tão dependentes da *Fabula*, que nesta, conexas se configure huma perfeita *unidade*, se me não engano, cuido que nesta *Epopeia* estará bastantemente conseguido. Para se conhecer bem a *unidade*, que deve ter a *Fabula* com os *Episodios* haode perceber-se os *Episodios* como hums modos da mesma *Fabula*, ou que esta se acha modificada na differença dos *Episodios*.

O da Narração do bosque dos *Athos* he para mostrar, com huma profunda allegoria, a fome, a cegueira, e a escuridade em que elles vivem com o desconhecimento de huma *Causa superior*, que está tão patente a todo o discurso humano.

A mesma força allegorica tem a descripção do campo, e Cidade dos *Deistas*, e a do bosque, e monstros *Mahometanos*. Os Edificios, Idolos, e Oraculos de Confucio, são huma imagem da cegueira com que os *Pagãos* frequentavaõ a Idolatria. A segunda entrada no campo dos *Deistas* representa tambem allegoricamente com a mudança de arvores, e fructos, a felicidade dos que se convertem à Religião Catholica.

A paração do *Peregrino* a Confucio foi para se dar principio à *Fabula*, e para se ter a necessaria noticia do *Herde*. A historia de Polyphilo foi para se acabar de conhecer o *Peregrino*. A batalha dos *Libertinos* foi para preparar as pazes; e constituir hum lugar decente para o *Triumpho da Religião*. A descripção das Povoações, que se vião da montanha foi para se offerecer entre ellas a Colonia de *Lutheranos*, e *Calvivistas*, que devião entrar no combate. A do Paraizo dos *Turcos*, e a da Cidade Celeste; foi para mostrar melhor à vista de dois contrarios o verdadeiro conceito da Bemaventurança.

Todos estes *Episodios* estão formados, sem Nomes Genticos, nem espiritos celestiaes, que nas *Epopeias* se chamaõ *maquinas*, e que são os defeitos, de que se accusaõ a Camoens, e ao Tasso; e sem este concurso não deixa de se lograr o *admiravel*, que nelles se procura.

O sonho do *Peregrino* na jornada da Arabia, aindaque tenha figuras *espirituas*, são daquellas que nos propoem a nossa Religião; e sendo este *Episodio* bastantemente pathetico, e estranho, o faz muito *verosimil* ser em sonhos; e o ser juntamente muito provavel que o *Inferno* fizesse todas as diligencias para desencaminhas os projectos do *Peregrino*.

A descripção do campo dos *Deitas* tem bastante de extraordinaria para que tambem o *admiravel* se cõfiga; e a formosura exterior dos pomos das arvores, das folhas, e das flores tem muita verifemelhança com os exemplos de Pentapolis.

Tambem o *verofimil* não se perde no *admiravel* do bosque, e monstros da Arabia por allegorizarem a difficuldade do caminho, que ha para se combaterem os *Turcos* sobre a sua seita; tendo fiado toda a disputa na violencia do alfanje.

Na portentosa criação do *Herbi* concorda tambem o *admiravel* com o *verofimil*, offerecendo-nos a tradicção gentilica como successo historico a criação de Romulo, e Remo. Na historia, e tragedia de Polyphile se logra as imagens *patheticas*, que devem introduzir-se nos *Poemas* para commover, ou pará, como diz Aristoteles, expurgar o animo.

Ainda que regeitamos nos *Epifodios* as *maquinas* gentilicas, usamos (bem que poucas vezes) de algum nome, que respeita a sua superstição, como Phebo, Herebo, Stygia, Lethes, Acheronte &c. o que pôde conceder-se aos Poetas Catholicos, conforme a doutrina de Lufan na sua referida *Poetica*, lib. 4. Cap. 9.

Pero quanto a lo physico, y moral bien poderá a entender, el Poeta Epico valer-se de todas las expressiones de los gentiles, que estan ya universalmente recebidas, y usadas, como adorno proprio de la Poesia. De modo que no hallo dificultad, ni reparo alguno en que un Poeta Catholico se hade hablar de sus borrasca, diga en frase poetica que Neptune trado commovió todo su Reyno; y con la misma libertad podrá añadir a esse Neptuno los Tritones con sus cochas, Eolo con sus vientos, y las Nymphas marinas tymodoc, Deyopeya, y otras, con sus perlas, y corales.

§. XXX.

Do Defenho.

Es aqui todo o *Defenho* do *Poema*. O Peregrino *Uepois* de conceber o desejo de que triumphasse a *Refugiã*, se achava combatido de varios cuidados pela difficuldade da empreza: Desatou esta consideração o seu mesmo Gento, offerecendo-se-lhe a acompanhallo na jornada; com este agradavel espirito passou o Peregrino ao bosque dos *Atheos*: Representa-se neste domicilio com a descripção do mesmo bosque toda a escuridade, e somnolencia; em que vivem os que não reconhecem huma *Causa superior*, e independente. Mostra o Peregrino aos coriphicos do *Atheismo* a falsidade da sua ideia com varias demonstraçoens assim philosophicas, como historicas, astronomicas &c. Descousa de que ellas produzão effeito

effeito em hum affeicto em tenebroso. Deixa este *liby* e move-se na estrada, que o levava aos templos dos *Polythos*. Encontra aqui hum Philosopho da China, que he hoje o Imperio, em que mais se frequenta a idolatria. Dalhe conta o Peregrino dos successos da sua vida, e da sua estranha criaçãõ: chegou ao boique dos *Idolos*. Daolamp o Peregrino contra a superstiçãõ gentilheas. Retiro-se o Philosopho em ergonhãõoute nas pedras da repolta aos argumentos. Segue o Peregrino a sua empreza e chega ao campo dos *Deistas*: Aqui se representa allegoricamente as falsidades desta Seita: Entra o Peregrino na Cidade destes Sectarios a tempo que o seu principal Ministro explicava o *Disfno* ao Povo: Redo-lhe licença para arguillo, e mostra-lhe o engano dos seus discursos: Commove-se o Ministro, e hospeda o Peregrino em sua casa; a tempo que os *Libertinos*, moradores de outra Cidade vizinha, pertencem invadir com hum exercito a Cidade dos *Deistas*, saem-lhe estes ao encontro; e dae a batalha, aonde o *Herde* mostrou a sua fortaleza. Fica indocifa a victoria, e ambos os exercitos sobre as armas para a decidirem na manha seguinte. Naquelle noites persuade o *Herde* ao Ministro dos *Deistas* que faça as pazes com os *Libertinos*, e insinua-lhe a falsa gloria dos Conquistadores como exemplo de Alexandre Magno. Offrece-se a ser o Nuncio da proposta: Passa com este intento ao campo dos *Libertinos*: iurina-lhes q para viverem sem amulaçãõ he o melhor meio que ambas as Colonias concordem nos pensamentos religiosos: com este motivo combate em primeiro lugar a Seita dos *Libertinos religionarios*, e ao depois a dos *Libertinos Cyrenicos*. Contem-lhes, e outros em fazer as pazes com os *Deistas*, aceitando todos a Religião Christã. Com este intento mandado o velho *Polyphilo*, grande amigo; e confidente do seu Ministro, em companhia do *Herde* para se conseguir este ajuste, que foi admitido pelos *Deistas*. Naquelle noite referio *Polyphilo* ao *Herde* os successos da sua vida: por elles conheceu o *Herde* que *Polyphilo* era seu Pai: explica-se o alvorço desta novidade: Inventa o *Herde* seguir a sua empreza procurando o combate das outras Seitas: O Pai apezar da sua saudade, lhe permite que a continue, dando-lhe palavra de voltar outra vez aqulle sitio: Recommenda-lhe o *Herde* que na sua ausencia acabe de aperfeiçoar a idea da conversãõ dos *Deistas*, e *Libertinos*. Daqui passa em companhia do Genio a Arabia feliz. No meio do caminho teve hum sonho, em q se descree hum Conciliabulo infernal para lhe embaçar o intento de hir combater na mesma Provincia a *Mahumed*, hum Eremita da Lei Mahometana, que visia em huma gruta, em que assistia *Mafama*. Acordou este sonho com o sonho, que lhe fez perder o caminho, e sem tino de jornada, que levava, percorreu pela *Persia*, e *Indostan*, e voltando a *Syria* viu os lugares Sagrados, aonde recobrou o acerto da via, que tinha premeditado. Antes de se chegar à gruta, em que assistia o Eremita Mahometano,

havia

luxia hum bosque horrivel infestado de varios espectros, que pretendia impedir o passo ao *Heróe*: Foi necessario combater com elles, e depois de vencidos, chega o *Heróe* á Cayerna do *Turco*; e este o recebe com hum grande assombro, por ter chegado aquelle sitio, vencendo a horribilidade do bosque, e a fereza dos moustros, formando por esta causa do *Heróe* hum superior conceito; e aqui se allegoriza o vencer-se a difficuldade de serem combatidos os *Mahometanos* na sua Seita. Não pôde responder o *Turco* ás demonstrações do *Heróe*, mas antes que se desse por vencido procura que elle ouça tambem outro Eremita Hebreo, que vivia da outra parte da montanha, por se fundar a lei de *Mafoma* em muitos delirios de *Thamud*. Passa o *Turco*, e o Peregrino à gruta do *Hebreo*: para isso foi preciso subir ao cume da serra. Della se descobriam as Povoações, que estavam pela costa da Arabia: Distinguiam-se entre todas huma Cidade pelos Edificios modernos: Pergunta o *Heróe* quem a habitava? Diz-lhe o *Turco* que era huma Colonia de *Lutheranos*, e *Calvinistas* Estima o *Heróe* esta noticia pelo desejo que tinha de combatellos e Chegará à gruta do *Rabino*: Faz-lhe o *Heróe* patente a allucinação das suas esperanças: Da-se o *Hebreo* por rendido, e juntamente o *Turco*. Daqui vão todos tres à Colonia heretica: Entram em Casa do principal *Ministro*, que pretendia em huma grande Assembléa concordar a differença das Seitas. Pede veuia o *Heróe* para lhe mostrar o indefculpavel erro de se apartarem da Religião Romana. Naquelle noite acabou o *Ministro* de reconhecer o teu engano, e para se firmarem mais no pensamento da verdadeira Fé, quiz o *Ministro*, o *Rabino*, e o *Turco* prezenciar o que tinha obrado o *Heróe* nas Colônias dos *Deistas*, e *Libertinos*; e por esta causa o acompanharam nesta jornada. Chegão ao campo dos *Deistas*, e reconhece o *Heróe* nas suas diferentes produções quanto tinha conseguido a mudança da Religião: Entram na Cidade, e se adverte o muito que *Polyphilo* a tinha felicitado. Foi o *Heróe* recebido com grande alvoroço do *Pai*, e das duas Colonias: Empreendem estas representar todas estas victórias em hum magnifico triumpho: Prepara-se este proteutozo apparatus, e conduzem o *Heróe* ao templo, que os *Deistas* tinham edificado na sua auzença: Antes de se dar principio à accão declama o *Heróe* contra os *Incoherentes* à vista daquelle grande concurso. O Prelado, que tinha vindo de Roma para promover as funções Ecclesiasticas, assegura o *Heróe* da verdadeira, e sincera fé de toda aquella gente: Dase principio ao triumpho, e descreve-se toda a sua pompa.

Deve confessar que este *Defenho* não he tão magnifico, e adornado, como o da *Iliada*, *Odissa*, e *Enéida*, e o da *Jerusalim* do Tasso; nem assim o pedia o argumento; nonde se devia attendere mais à substancia da *Fabula*, que ao apparatus dos *Episodios*. As outras *Epicas* se fundaram somente em huma maxima moral, e a minha se funda em todas as maximas, e demonstrações da

da nossa Religião. A Iliada fez-se com o intento de se ensinar sómente aos Príncipes a ruina que pôde resultar da desunião dos confederados: maxima muito importante naquelle tempo para mostrar às Cidades da Grecia, que a não se unirem todas na sua confederação, triumpharia da sua liberdade os seus inimigos. Com a Odysséa deu Homero outra maxima aos soberanos; mostrando as infelicidades, que lhe podia causar a auzencia dilatada dos seus estados, assim como as padeceu Ulysses dilatando-se tantos annos sem voltar ao seu Principado. Com a Eneida mostrou Virgílio que as Républicas, e Reinos se acabavaõ, e principiavaõ outros pela vontade dos Deoses como succedeo no estrago de Troia, e na instituição do Imperio Romano para que com esta maxima podesse apylazar a ferocidade Romana que não podia accomodar-se ao Dominio absoluto de Augusto, lembrada ainda do governo Republicano.

Qualquer destas maximas, por serem tão breves, e concisas, dava lugar a cingir-se a *Fabula*, e a dilatar, e ornar os *Episodios*, o que não se podia lograr em hum allumpo tão extenso, como o mostrar no combate de tão diferentes seitas as verdadeiras luzes da Religião Christiana. Por esta causa, ainda que o meu *Defensor* hé simples, e natural, também me parece que se acha bastante-mente unido, e conducente para o exito da empresa, que são as prerogativas, que lhe prescreve Horacio para elle ser perfeito.

Denique sit quodvis simplex dantant, Et unum.

E com tudo tem o *Defensor* bastante; e o que se podia esperar de hum Poema século, ascetico, e religioso.

Monsieur Racini, filho, fez hum Poema da Religião, sem algum adorno; e por isso lhe não deu a devida extensão; e nas diz no seu Prefacio que

A Religião hé tão grave, que a ficção mais judiciosa tomará nella hum ar de fabula, que seu poderá conciliar com a verdade.

Porém as minhas *scœens* todas são allegoricas, e inculcã ainda mais a gravidade do allumpo pelas verdades, que produzem; e por esta causa tão pouco irreconciliaveis com ella, que antes a promovem com maior efficacia. A severidade, com que procedeu Racini neste Poema: ou para melhor dizer a dureza, e a secura, fez com que o *util* se não lograsse no *delectavel*, tendo este o preceito mais sabido de Horacio:

*Aut prodesse volunt, aut delectare Poeta,
Aut simul, Et jucunda, Et idonea dicere vita.*

COm a *Peripécia* se pôde chamar a esta *Epopéia*, *Poema composto*, requisito que faltou a *Iliada*, e conseguiu a *Odysséa*, e a *Lucida*. Celebra-se muito a *Peripécia* da *Lucida* representando *Nirgilio* no seu *cloro* perseguido dos homens, desamparado dos Deoses, profugo, despojado, e sem esperança de fundar a sua *Matria*, e depois de tantas calamidades mudar-se a sua fortuna para vir a fundar a maior Monarquia, que teve o Mundo. Eu tambem represento o meu *Heróe* tão infeliz, que logo que nasceu foi levado pela ferocidade de hum bruto a hum caverna, de que era impossível o regresso: Alli foi sustentado pela mesma fera entre a companhia de outros Irmãos de tão estranha, e incompativel estipicua pens: teve o uio da razão se apoderos do seu espirito todo aquelle espanto, e afogo, que se pôde considerar em hum carcere tão horrroso, e insuperavel.

Parece que se mudava a fortuna quando por hum superior auxilio se livrou da quelle tenebroso captivoiro, e deu com os olhos do repente em toda a maquina do Mundo; porém reconheceu no momento a infelicidade, de aguarar o seu nascimento, e obrigarse a peregrinaçã de varias *Provincias*, sem outro socorro, mais que o generoso impulso de reconhecer as artes, e as sciencias. Ainda parece que continuava a mesma desgraça no combate dos *Archeos*, e *Polytheos*, por entender que os não deixava conseruados. Principiou a mudar-se a fortuna, quando conheceu, que *Polyphilo* era seu Pay, e soube na sua historia o seu illustre nascimento. Dahi em diante foram felices todas as suas accoes até fazer triumphar a Religião das seitas, que era o fim da sua empreza.

Os instruidos nos estudos Poeticos he que devem julgar-se temos satisfeito ao caracter da *Peripécia*. Com ella se acompaña a *Epignosis*, verificada no repentino conhecimento, que teve o *Heróe* de toda a fabrica, e adorno do Universo, e no dos seus Progenitores, que lhe eghebeu o animo de alegria, e de alvoreço. Frequento que em todos estes lugares, e nos mais, que se achã no *Poema*, se attendeu muito ao *verosimil*, metendo o *hyperbolico*, e extraordinario na sua devida porporçã para que ficasse *congroente*, *natural*, e *digno de credito*.

§. XXXII.

Da Imitação, que pertence à felicidade, ou infelicidade na Fabula; dos costumes; e da Commoção pathetica.

NA Imitação deste Poema, tambem me parece que tive por exemplar a Natureza; e está quanto basta representada a felicidade, e infelicidade da Fabula, e do Herde, como deixamos dito no §. antecedente; e da mesma sorte os costumes, que se imitam por amor da mesma Fabula. Em todas as partes mostra o Peregrino o caracter de Religiozo, infatigavel, intrepido, erudito, modesto, e Catholico. No combate das feitas desempenha heroicamente o zelo da Religião; e o conhecimento dos pontos mais principaes da controversia: Nas jornadas da Azia a constancia da tua empreza: Na batalha dos Libertinos, e no ataque dos moultros, o seu valor: No modo de triumphar dos Sectarios, a sua modestia. Sempre conserva este caracter, sem haver ou acção, ou palavra, em que o desmintas, ou que errou tantas vezes Virgilio com a piedade do seu Eneas.

Perfuado-me que juntamente estão imitados com decoro os amores de Polyphilo, e a honestidade da Dama. Os costumes das Personagens, que entrã nas disputas da Religião, cuído que tambem seiaõ apartaõ da propriedade: Falla o Atheo com ignorancia: o Polytheo com cegueira: o Deista, e Libertino com descuido: o Hebreo com oblição: o Lutherano, e Calvinista com deslumbramento.

A Commoção pathetica se logra com sufficiente impulso na descripção da caverna, em que se criou o Peregrino, e nas paixoes, que lhe incitava aquella indissolvel escuridade: Na historia, e tragedia de Polyphilo; e na sua exclamação lastimosa: No souhe do Peregrino: Na caxanca do bosque da Arabia, e no combate dos moultros.

§. XXXIII.

Da Locução.

SE o estylo da minha Epica tem todas as qualidades, que lhe assigna o P. Rapin: se he congruente, clara, natural, brilhante, numerozo; e se os versos saõ constantes, cheios, caucros, encorpados, não devo eu decidillo, porque esta sentença pertence ao juizo dos meus Leitores. Só digo que procurei hum temperamento entre a pompa Hespanhola, e a simplicidade Franceza; estou persuadido que parecerei claro, e natural; mas não sei se nesta clareza, e naturalidade se conserva a constancia, o esforço, e a boa harmonia do Verso: Ninguem pôde ser Juiz em causa propria.

Algun tempo me levou a consideração em que genero de Poesia faria este Poema: os Poetas Vulgares, tanto Hespanhóes, como

L Prolegomeno.

mo Italianos, todos fizeram os seus em *oitava rima*, excepto Dante, que o fez em tercetos. O costume se queria converter em preceito; mas eu tinha reparado que a Poesia das oitavas pela obrigação de clausular, ao menos de quatro em quatro versos, se faria froxa, e languida, e não permitia aquelle desafogo, que dá maior impulso ao rapto poetico. Nos Poetas Latinos, aonde não ha estas precisas estancias descobria a versificação mais livre, e impetuosa; e mais bem logradas as descripções, os pensamentos, as figuras, as imagens; e a narração mais corrente, unida, e proporcionada.

Conheci tambem que Aristoteles só preceitua nos Poemas *Epicos*, ou *Tragicos*, o verso Hexametro, que corresponde ao nosso hendecasyllabo; e não via por nenhuma parte alguma necessidade, que me obrigasse a fazer o Poema em Oitavas. He verdade q̄ Aristoteles não tinha na Poesia Grega esta especie de verso para poder preceitualla; mas nem os Poetas, que a elegeram para as suas *Epicas* tinham authoridade para a introduzirem entre os preceitos da *Epopoia*.

Resolvime emfim, a eleger outra versificação, em que pudesse imitar o desafogo dos Gregos, e Latinos acrescentando-lhe os consoantes; porque a Poesia vulgar, sem elles, fica insipida, e desapravei, e porisso disse Luiz de Gongora na Fabula de Leandro.

Que yd a piè quero ver mãs
Un toro suelto en el campo;
Que en Boscan, un verso suelto,
Aunque fea en un andamio.

Asegurei o meu intento com o voto do referido P. Rapin, que nos diz que as estancias Italianas enfraquecem muito a força, e vigor da Poesia; em que consiste huma grande parte do caracter do verso heroico. Este voto he de tanto pezo que não posso deixar de produzillo com as mesmas palavras Francezas:

Ces repos toutefois, & ces interruptions ausquelles la Poësie Italienne est sujette par ses stances, me semblent affoiblir beaucoup la force, et le Viguer, qui fait une partie du caractère du vers heroique.

Os modernos tem introduzido varias impertinencias na Poesia vulgar, e algumas contra o preceito de Aristoteles. Não querem admitir palavra, que não esteja muito adoptada no nosso Idioma: O Philosopho diz o contrario.

Multa enim dictionis ipsius affectiones sunt, quas Poetis indulgemus.

Prolegômetro.

LI

Peregrinum voco varietatem linguarum, translationem, imitationem, tum quodcumque à proprio alienum est. Os di

Usei com toda a moderação desta licença: raras são as vozes Latinas, ou Greco-Latinas, que se encontrão neste Poema: Virgilio se aproveitou, além desta, de outras licenças, com que a Rhetorica, dando-lhe o nome de figuras, tem desculpado estas quãt dias. Eu a penas pratico a *Syncope*; dizendo *offere* em lugar de *offerere*: *experimentos*, em lugar de *experimentatos*: *espiritualizar* em lugar de *espiritualizar*. E alguma vez farei huma syllaba longa em lugar da breve; e a breve em lugar da longa.

Tambem não consentem os Aristharcos do nosso tempo, em que haja assonantes seguidos, ou no fim, ou no meio, ou no principio do Verso; nem que as ultimas diçõens se correspondã com os mesmos assonantes. Em hum Soneto bem se podem admittir estes escrupulos; na extençaõ de huma *Epica* desejava vellos executados, sem que perdesse a Poesia huma grande parte do seu esforço: A nossa lingua he muito pobre para a observaçõ destes dictames. Se Quintiliano disse da Latina; *Paupertate sermonis laboramus*; que poderemos nós dizer da Portugueza?

Com tudo ainda que neste *Poema* se achã algumas vezes, e não serã muitas, os assonantes juntos no principio, ou no meio, ou no fim do verso, não haverá verso, que nas ultimas diçõens os tenha correspondentes.

Reprovaõ tambem as Cacafonias, e he certo que as rigorosas se devem evitar, como aquella do nosso Camoens *mas morra*: as outras devem-se soffrer; pois se nos melhores Profittas se perdoã, quanto mais se devem perdar nos Poetas?

Muitos pertendem que na *Epica* devã ser frequentes as *sentenças*, os *conceitos*, as *reflexões*, e as *agudezas*: Macrobio no cap. 16. do liv. 5. nos diz que os Poemas de Homero estã chejos de *Sentenças*, e que a cada huma dellas se lhe pôde dar o nome de *proverbio*. Porém o famoso critico Heinsio pertende na sua *Poetica* de Aristoteles, que estas *reflexões* *sentenças* pertencem mais ao *Poema Dramatico*, que ao *Epico*; porque o caracter mais essencial da *Epica* he a *narracão*, a qual deve ser *unida*, e *simple*, sem affectaçõ de figuras, e *apparato de reflexões*, que sempre interrompem a força, e o progresso da Oraçã: Cicero he do mesmo voto no lib. 4. ad Heren, (ou quem quer q seja o Author desta obra) aonde de iustina que as *Sentenças* se devem usar mui raramente na *Epica* para que se não veja que as *personagens*, que nella fallã, se constituem mestres dos *costumes*.

E se as *Sentenças* seuã devem admittir por estas razões no *Poema Heroico*; muito menos se hã de permittir os *conceitos*, e as *agudezas*, porque desordenã mais o curso da Oraçã.

Por esta doutrina se conhecerá o motivo, porque nesta *Epica* attendi só ao *narrativo*, e me fiz esquecer do *figurado*, do *agudo*, e do *conceituoso*, ainda que em alguma parte senão perdeu totalmente da memória. Em todas as *Epopeias* achão os *funiles* muito frequentes, e dilatados; e não sei com que motivo pervertendo-se nelles também o progresso dos periodos: Os poucos *funiles*, que eu trago são de muita concisão, e simplicidade; e sem aquelle aparato, com que os tem admirado os melhores Poetas: Se me accusarem por me apartar nesta parte dos seus vestigios, pôde servir-me de contestação o reconhecimento da culpa.

§. XXXIV.

Da Narração da Fabula, e das Dramas.

V Endo que nas melhores *Epicas* se condemnas as *narrações* diffusas; pèz todo o cuidado, em que as minhas fossem succintas: Se ellas tem defeitos são mais pelo conciso, que pelo extenso; antes quiz deixar o meu Leitor deseioso, que enfastiado. Se além da concisão se pôde dizer que estas *narrações* são *animadas*, *vivas*, *simplices*, *agradaveis*, e *naturaes*, que he como as procuras os criticos, não está da minha parte o proferillo, e só receber com docilidade o juizo alheio.

Nas *Dramas* está fundado, e recide todo este *Poema*: o *Herde* he o seu principal motor, e parece-me que cada huma das personagens falla conforme a figura, que representa.

§. XXXV.

Da Allegoria.

R Eputa-se a *Allegoria* pela alma do *Poema Heroico*: A mais illustre se deve fundar em hum combate da virtude com o vicio: Debaxo desta doutrina parece que era escusada alguma *Allegoria* neste *Poema*; pois neste mesmo combate se funda a acção literal do *Triumpho da Religião*, mas por não faltarem ao preceito de huma *Allegoria* occulta, digo que no *Herde*, acompanhado do *Genio* se symboliza o entendimento acompanhado da *Ração*. Nos *Atheos Polytheos*, *Deistas*, *Liber-tinos*, *Mahometanos*, *Hebreatos*, e *Protestantes*, se symboliza os sete peccados Capitales: Nos combates, que tem o *Herde* com estes Sectarios, e nas victorias, que delles alcança, se symboliza os que tem o *Entendimento* com as paixões viciosas, quando se acompanha da *Ração*, e tudo com bastante propriedade, pois assim como na *Epopeia* não ha coiza mais rara, e excellente, que o *Herde*, assim no composto humano não ha coiza tão excellente, singular, e rara, como o entendimento; e por esta causa dei ao *Herde* o nome de *Peregrino*; pois com este nome se explica, não só o que

o que anda viajando pelo Mundo, mas tudo o que está cheio de *excellencia*, de singularidade, e admiração; e assim como o *Heróe* he a personagem mais nobre da *Epopéia*, assim o *entendimento* he a mais illustre das potencias. Assim como o *Heróe*, instado do *Genio*, reconheceo tantas Provincias, assim o *entendimento* com a natural propensão de saber, se dilata por todas as partes do Universo: Deixo de trazer outras combinaçoens entre o *Heróe*, e o *entendimento* para as deixar à intelligencia, e curiosidade dos Leitores.

Da mesma sorte se continúa a analogia entre a *Razoão*, e o *Genio*. Pois assim como o Anjo Custodio nos encaminha, persuade, e acompanha em todas as acçoens virtuosas, assim a *Razoão* he que dirige, persuade, e acompanha o *entendimento* a reconhecer a virtude, e a abominar o vicio.

Com a mesma congruencia está symbolizada a *Soberba* nos *Atheos*; pois assim como estes não accitaõ *Causa superior*, que domine o universo, assim a *soberba* não pôde sujeitar se a alguma superioridade: com esta elevaçã he que *Lucifer*, que he o *Pai da soberba*, negou a sujeição ao seu mesmo Criador.

Symboliza-se nos *Polytheos* a *Avareza*; pois assim como estes fizeram não ambiciosa a sua superstiçã que não houve produçã na Natureza que não pertendessem introduziilla entre as tuas Divindades, adorando até as plantas, e fructos, que nascião das hostas, e ainda as coizas mais vis, e immundas, assim a *Avareza* deseja possuir quanto lhe vem à imaginaçã; e este desejo, e a posse de tudo aquillo, a que aspira, he o seu maior Idolo.

Symboliza-se a *Luxuria* nos *Deistas*; pois assim como estes desprezaõ todos os preceitos da Religião, assim não ha estímulo tão vehemente como o da *Luxuria* para o desprezo de todos os dictames, civis, economicos, e Sagrados. Nos campos dos *Deistas* estão symbolizados tambem os effeitos da mesma *Luxuria*: As arvores, e os pomos, sem ânago, e as espigas, sem grã, representaõ que neste vicio não ha mais, que hum delcete exterior: As hortigas entre as fearas inculcã as desgraças e os remorsos, que deste incendio se originã: A instantanea cor das folhas, e das flores, e que se distinguem, a penas se tocaõ, declara que neste vicio não ha mais, que huma apparencia fugitiva. O ribeiro claro, feudo, e amargolo, insinua o arrependimento, que se segue à satisfacã do appetite: Os Edificios, sem telhado, porta, ou janella intinaõ a dissoluçã deste peccado, sempre patente a todos os objectos, que se lhe offerecem.

Symboliza-se a *Ira* nos *Libertinos*; porque assim como esta seita he a menos contida em todas as regras, que dicta o lumen natural, assim não ha paixã mais indomita do que a *Ira*: Na irrupçã que os *Libertinos* emprenderã na Cidade dos *Deistas*, e no furor com que sustentaraõ a batalha estão representados todos os impulsos de hum movimento colerico.

Symbo-

Symboliza-se a *Gula* nos *Mahometanos*; pois assim como na sua lei se constitue toda a felicidade do homem nos banquetes, e em outros gostos sensíveis, assim a *Gula* poem toda a felicidade no appetite dos manjares. Diziaõ os Israelitas, quando estavaõ ameaçados da invasãõ dos Chaldeos.

Ecce gaudium, & Letitia: Occidere vitulos; & jugulare arietes: Comedere carnes, & bibere vinum: Comedamus, & bibamus, cras enim moriemur.

Sardanapato mandou gravar no seu sepulcro este epigraphio.

Ede, bibe, Lude, post mortem nulla voluptas.

Symboliza-se a *Enveja* nos *Hebrios*; porque a que tiverãõ aos milagres de Christo: *Hic homo multa signa facit*, he que os fez precipitar no Deicidio do seu mesmo Messias, e sustentarem-se na obstinaçaõ da Synagoga.

Debant (diz o A'lapide) ex tot Jesus signis, & miraculis convinci, & credere esse Messiam Dei Filium: sed odio, & invidia cæcæti, contrarium dicunt, & agunt.

Symboliza-se a *Preguiça* nos *Protestantes*; porque aborrecendo as ceremonias sagradas, excogitaraõ huma feita preguiçosa, que os eximisse da satisfaçaõ dos ritos Ecclesiasticos, e da frequencia dos Sacramentos; e o descuido, e a laxidaõ da sua vida, he que os difficulta a voltarem para o gremio da Igreja.

No *Triumpho da Religiao* se symboliza a victoria, que destes vicios capitaes alcança o *entendimento*; e nas sete carroças, em que se representaõ reuididas as feitas, se torna a symbolizar o reuidimento dos mesmos vicios triumphando delles o *Entendimento*, symbolizado no Peregrino.

Supposta a declaraçaõ, e combinaçaõ de todos estes preceitos, naõ presumaõ os meus Leitores que eu fico com o desvanecimento de ter satisfeito ao desempenho da *Epica*, que confôrme a doutrina de Aristoteles, *he hum justo, regular, e proporcionado composto de todas estas partes*; porque ainda que eu podessê superar taõ alta difficuldade, qual seria o critico, que me quizesse conceder aquella gloria, que se tem negado aos primeiros engenhos da profissaõ Poetica? He taõ arriscado, o juizo dos Censores, que sendo o P. Rapiu dos mais habeis, e ingenuos, que se conhecem, se vê com bastaute admiraçaõ, que aquelles mesmos lugares, que louva em Homero nas suas *Reflexoens do Poema Epico*, laõ os mesmos, que condemna no *Parallelo*, que fez de Homero, e Virgilio. Tal he

he o perigoso humor dos mais sabios Criticos; que humas vezes reprovaõ o que outras applaudem. Em Tribunal taõ inconstante, e voluntario, qual será o engenho, que aindaque consiga o acerto, se possa livrar de huma iniqua censura?

Para merecer alguma desculpa nos meus erros seja-me permitido o dizer que este *Poema* he obra de dois mezes; pois se lhe deu principio a 23. de Maio, e se acabou a 23. de Julho do mesmo anno; tempo, em que estava o meu animo combatido das maiores afflicçoens, tanto do corpo, como do espirito. Se se adverte que Virgilio andou mais de doze annos com a sua *Eneida*; Tasso quasi outros tantos com a sua *Jerusalem*; Camoens perto de dezoito com as suas *Lusiadas*, e Sannazaro mais de vinte com o seu *Poema de Partu Virginis*, podera parecer a brevidade, com que se compoz o meu *Triumpho* hum dos successos mais inverosimeis, que podia ter o *Poema*. Se todos tem errado na fabrica da *Epopeia* sem embargo de lhe levar tantos annos de consideraçãõ, parece-me que será mais desculpavel hum desacerto repentino, que hum erro premeditado.

ADVERTENCIA.

Ainda que a fabula na accepção vulgar se reputa por huma narraçãõ quimerica, não a tomou Aristoteles na sua Arte poetica neste sentido; pois com ella quiz significar na Tragedia, ou na Epopeia huma acção illustre, ou esta fosse fingida, ou verdadeira. A razão disto he, porque a Fabula pela sua etymologia não significa propriamente huma coisa inventada, pois se deriva daquelle verbo Grego, que corresponde ao verbo fatis dos Latinos: e os Ety.mologistas derivão com Ambrosio Calepino a Fabula à fando; e como aquelle que falla, pode dizer tanto a verdade, como a mentira, fica sendo a Fabula hum vocabulo indifferente, para o successo, ou para a ficção: o que se verifica na acção da Epopeia, que ou seja ideada, ou succedida, sempre tem o nome de Fabula: e os que são instruidos nos preceitos do Poema Epico não tomão a sua Fabula naquelle sentido, em que disse o Apostolo:

*A' veritate quidem auditum avertent,
Ad fabulas autem convertentur.*

Mas concebem pela Fabula huma acção illustre, e digna de ser imitada. Fabulas chamou Erasmo aos prodigios do nosso Salvador:

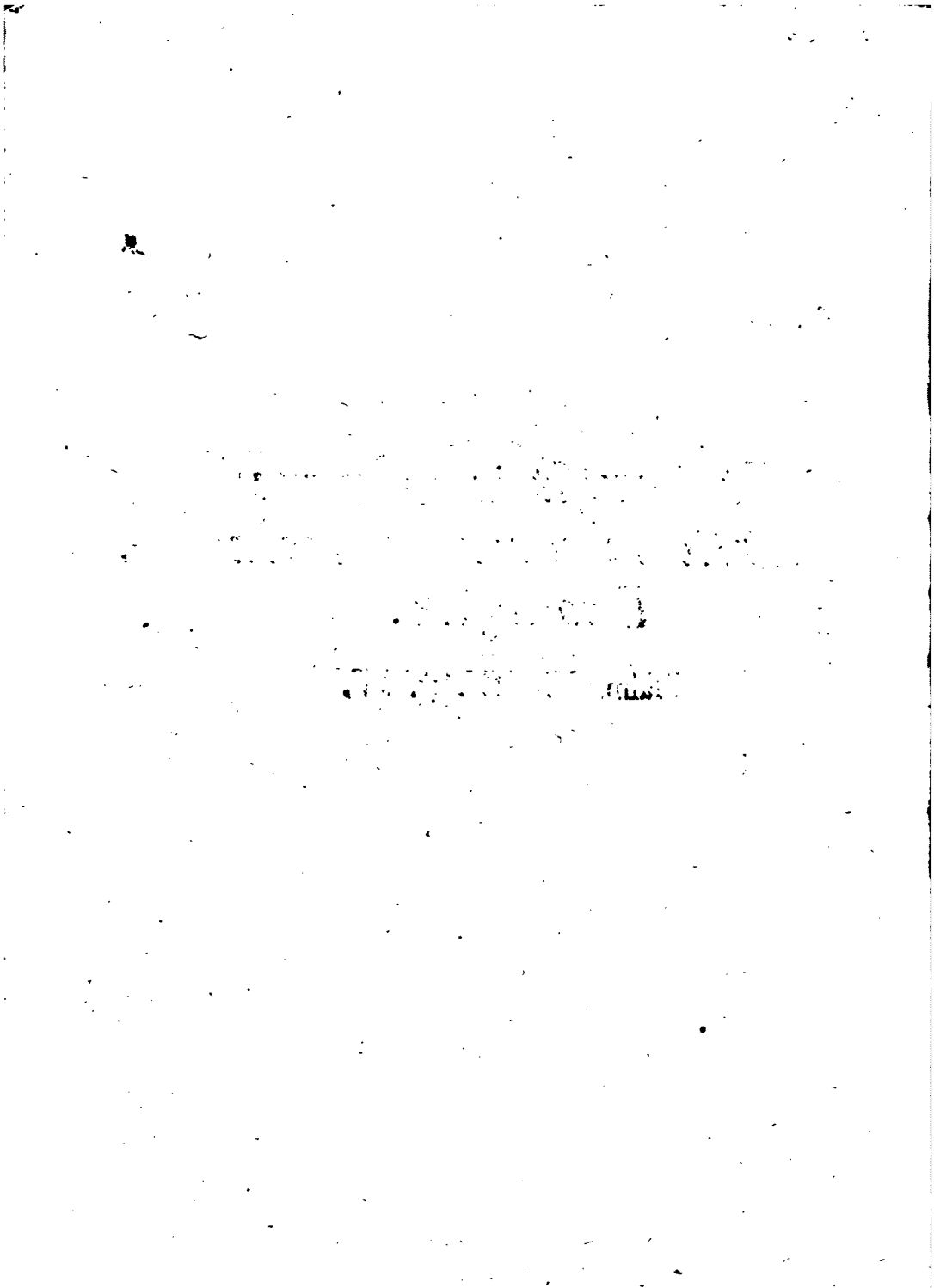
Attentè consideremus mirabilem illum orbem, & consensum totius Christi fabulæ, quam nostra causa peregit.

E ainda que o famoso Muratori pertenda desculpar este atrevimento com a origem desta palavra, elle foi accusado não só desta, mas de outras ousadias por muitos AA. Catholicos; eu antes quizera arguillo, que defendello.

TRI-

*Et immisit in os meum
canticum novum : carmen
Deo nostro.*

Pfalm. XXXIX. γ. IV.



TRIUMPHO
DA
RELIGIAO.

Poema Epico-polemico.

LIVRO I.

Contra o Atheismo.

GRande açcaõ me arrebatada ao alto cume
Do sempre claro, incomprehensivel Lume,
Onde em Luzes naufraga a intelligencia:
Que ardor mais digno de immortal cadécia,
Que aquelle, em que o dezejo se destina

Atheismo: Vem do Grego *Theos*, que significa *Deos*, e do seu (*a*) privativo; e he o mesmo que *Seita*, que nega a existencia de Deos. Porém os que seguem este delirio saõ huns monstros, ou abortos da Natureza. *Neque illa tam barbara gens fuit, quam Deorum religio non imbuerit:* diz Cicer. Tuscul. 2. e no livr. 1. de Legib. *De hominibus nulla gens est tam immansuetas, qua non etiam, si ignoret qualem Deum habere deceat, tamen habendum sciat.* Entre os que desprezaraõ a Divindade se numera Mezenzio, Rei dos Tyrrenos: (Virgilio faz delle mençaõ no livr. 7. da Eneid. v. 64.)

Primus in bellum Tyrrenis asper ab oris

Contemptor Divum Mezentius — — —

Macrobius testifica que elle fora: *Impius in homines, sine Deorum respectu.*

Triumpbo da Religião

A' sabia comprehensãõ da Lei divina?
 Pendente fique a Lyra da vaidade,
 Com que a incauta, ligeira mocidade
 Ferio de balde as cordas do instrumento
 Em taõ ocioso, desmaiado alento:

Emendem-se estes erros, estes danos
 No desprezo de objetos taõ profanos.
 Chamem-se as Musas a mais nobre empreza:
 Mas em que Musas fallo na grandeza
 De impulso tanto? O' Nume Onnipotente,
 Sciencia eterna, Virtude intelligente,
 Immutavel Razaõ, Ente improduto,
 Inspirai no meu peito o ardente fruto
 Do vosso resplendor, da vossa ideia,
 Porque desfate a sombra, que me enleia,
 E fonder deste espanto o golfo possa:
 Ajudai, e influi, que a causa hé vossa.

E Vós, O' Vice-Deos do Santo Imperio,
 Que

Affirma Suidas, que os Athenienses destruíraõ a Ilha Melos, por terem *Atheos* todos os seus moradores; sem escapar deste estrago mais que Diagoras: Prothagoras Abderita, discipulo de Democrito, foi expellido de Athenas pelo mesmo crime: Theodoro arrogantissimo Sophista, e discipulo de Aristippo, cahio na mesma loucura. O mesmo Aristippo fundador da Seita Cyrenaica, e Pyrrhon da Pyrrhonica, se infamaraõ com este delicto. O Egocidio de Philippe Strozza, o fez tambem mui sospeitoso do Atheismo.

Hé verdade que alguns tiveraõ esta reputaçãõ, naõ por desconhecerem alguma Divindade, mas por naõ quererem aceitar o Deos, que outros adoravaõ: Isto succedeu a Anaxagoras, e a Evemero com os Athenienses; e talvez que por esta razaõ desterrassem a Diagoras. Alguns Aucthores nos querem persuadir que naõ só houve individuos errantes com

Que elevado no throno Pontificio
Regeis da nova aliança o Magisterio:
Do incruento, ineffavel Sacrificio
Supremo Sacerdote: Luz brilhante
No pharol do Navio militante:
Mestre da Fé: Oraculo da Igreja
Onde de balde a colera forceja,
Do Abismo com arrojo temerario:
Successor, e legitimo Vigario
De Pedro, e Christo: Interprete divino
Da Maxima celeste: Hum Peregrino,
Que intenta na expressaõ de hum novo Verso
Espalhar vossa gloria no Universo,
Affavel consenti que busque amparo
Entre os raios de azylo taõ preclaro.

No vosso Nome se achaõ circunscritos
Os dotes immortaes dos Beneditos:
Esta feliz, sagrada heroicidade
Impressa vinha já na claridade

A 3

Da

esta barbara opiniaõ, mas que a tiveraõ Naçoens inteiras. Entre ellas conta Jacobo Onzelio aos *Borussos*, povos da Sarinata Europea: Jozeph da Costa aos *Chichemecos* da nova Hespanha: Herberto, author Inglez, aos *Solanos*, povos da Africa. O Ministro Jurieu nos affirma que a Naçaõ dos *Cannibales* conhecia taõ pouco huma Divindade superior, que estava no conceito que o delicto mais horrivel lhe naõ gravava a consciencia. O Author desta noticia he mui sospeitoso depois de ter provado tanto o seu fanatismo na exposiçaõ que fêz ao Apocalypse. Outros referem, que entre os Barbaros do Cabo da Boa Esperança ha a Naçaõ dos *Hottentots*, que tambem desconhece a existencia divina. Mas naõ sei se todas estas Naçoens estaõ expurgadas com a advertencia de huma boa critica.

Da casa Lambertini : * O seu progresso
 Confunde o vaticinio no successo :
 Prospero vos chamastes no Baptismo :
 Carácter foi o Nome , e Cathecismo.

Se alto Patrono a Epica procura,
 Onde Mecenas de maior altura
 Se pôde descobrir ? Se douto o emprende,
 A que parte não chega , ou não se estende
 Da vossa erudição o rapto altivo ?
 Se hum favor , ou indulto successivo
 Dezeja conseguir , quem mais piedoso ,
 Mais placido , benigno , e generoso ?
 Descobri , Santo Padre , o pé sagrado ,

Para

* A Casa *Lambertini*, de quem descende o Pontifice Reinante Benedito XIV. he das mais illustres de Bolonha, sua Patria; e todos os seus gloriosos Ascendentes occuparã os mais relevantes empregos no tempo em que foi Republica esta Cidade: saõ as armas desta familia quatro pa-las de vermelho em campo de ouro, e saõ tambem as dos Reis de Ara-gaõ, concedidas por el-Rei D. Affonso do mesmo Reino a Aldragheto *Lambertini* em remuneraçã dos serviços, que lhe fez na Conquista do Reino de Valença, e das Ilhas de Malhórcia, e Menorca.

Aldragheto tomou o appellido *Lambertini* em memoria de Lambert seu Genesarcha, que era Alemã, filho do Conde Mendo, e veio á Italia em companhia, e serviço do Imperador Orton o Maguo, que lhe deu bens na mesma Cidade de Bolonha, onde ficou vivendo, e a sua posteridade. Foi seu descendente Gerardo *Lambertini*, que se cruzou, e acompanhou a Gothfredo de Bulhon na guerra da Palestina pelo anno de 1096. No de 1149. foi Egano *Lambertini* o que ganhou o primeiro premio nas justas publicas, que houve na Cidade de Bolonha: No de 1300. se achava Capitã de Orvietto *Lambertino Lambertini*. No de 1326. Egano *Lambertini* seu filho foi Embaixador dos Bolonhezes aos Florentinos, e pelos grandes serviços, que fez á sua patria com esta negociaçã, lhe deu o Senado o Senhorio de Vicellino. No de 1331. foi Governador de Perugia, e depois Potestade de Citacastello de Rimini, e de Florença. No de

Para que o Herôe no throno sublimado
 Humildemente o beje , antes que intente
 Levar a pura Lei do Occaso ao Oriente;
 Recebendo de Vós a luz Divina ,
 Que promove a Evangelica Doutrina ;
 E este esforço , que o tempo não consome ,
 Mais que ao plectro , se deva ao vosso Nome.

Não se desdenhe o excelfo Vaticano ,
 Nem da Parrhasia o espirito Romano ,
 Se entre o illustre , scientifico socego
 Ouve cantar huma Ave do Mondego :
 Se esta cadencia chega ao vosso Solio ,
 Digna será de ouvilla o Capitolio ;

A 4

E

1333. era Guilherme *Lambertini* Senhor de Poggio: este se empregou toda a sua vida no serviço da Patria: Foi Embaixador de Bolonha ao Rei de França; depois Superintendente de todas as fortalezas do estado de Bolonha, e ultimamente Potestade de Placencia, e depois de Asti. Teve a Guido *Lambertini*, que foi Senhor de Poggio; de quem foi filho Egano *Lambertini*, que no anno de 1378. foi General de grande nome em serviço da Igreja contra Bernabé Visconti, Conde; e Senhor de Milão, e depois foi General do Marques de Ferrara; e no anno de 1379. General do socorro, que os Bolonhezes mandáram aos Florentinos: No de 1383. mereceu o titulo de Conservador da Patria, por haver livrado Bolonha do grande perigo de huma conjuraçã. Foi filho deste Joã Antonio *Lambertini*, o qual foi Pai de Egano *Lambertini*, que no anno de 1491. foi Senador de Bolonha, e de tão grande talento, que Fernando Rei de Nápoles o convidou para hir viver na sua Corte; e além de outros empregos, de que o encarregou, o fez Vice-Rei de Sicilia: Succedeu-lhe no senhorio de Poggio Aldraghetto *Lambertini*, que servio no exercito do Rei D. Affonso de Aragaõ commandando hum corpo de tropas na restauraçã, e Conquista do Reino de Valença, e Ilhas Baleares; por cujos serviços lhe concedeu aquelle Rei as suas mesmas armas, como assim se disse. Deste foi filho o Conde Guido Antonio *Lambertini*, que teve por filho o Conde Sartorio *Lambertini*, que servio com distincã em Flan-

E de que o Tibre não se descontente
 De introduzir hum Cisne do Occidente
 Nas suas doces margens: Sendo aceito
 No vosso agrado o harmonico conceito;
 O Quirinal, o Celio, o Palatino,
 Viminal, e Tarpeio, e o Exquilino
 Há não só de attender ao canto novo;
 Porém se Protecção tão alta provo,
 Hirá do Tejo ao Ganges, porque suba
 O metrico clangor da minha tuba
 Ao thalamo da Aurora; e se ennobreça,
 Desde onde a sombra baixa, e a luz começa.
 Do meu Herôe o ingenito desinio
 Entrego ao vosso Sacro Patrocínio:

Os

dres ao Imperador Carlos V. e ao Rei Philippe II. Continua-se esta esclarecida descendencia no Sobrinho do Papa Reinante, que he D. Egadio *Lambertini*, Marquez de Poggio, Cavaleiro privilegiado de Malta, Patrio Romano, Venesiano, Genovêz, e Ferrarêz. Foi eleito Gonfaloneiro da Justiza de Bolonha no anno de 1747.

Além destes, houve nesta familia Varoens muito doutos, como Joãõ Baptista *Lambertini*, filho do Senador Bartholomeu *Lambertini*, Varão doutissimo, que renunciou as esperanças do seculo na Religião da Companhia de JESUS: Bartholomeu *Lambertini*, filho de Alberto *Lambertini*, que foi Collegial, Doutor, e Lente de Leis, e hum dos Reformadores do Estado de Bolonha no anno de 1431.

Guido *Lambertini* Doutor em Leis, e Capitão da expedição de Pistoia, e o que admitto, e socorreu os Franciscanos para fundarem a sua primeira Caza em Bolonha. Não só em armas, e letras, mas tambem em santidade, tem sido clarissima esta familia: della procede a Beata Inelia, Religiosa Dominica, que faleceu com opiniaõ de Santa em 1333. Joana *Lambertini* Freira de Santa Clara de Bolonha, discipula de Santa Catharina de Bolonha, e sua successora no Abbadeçado: morreu com fama de santidade no anno de 1476.

Os sublimes impulsos , que o arrebatão ,
No vosso grande esforço se retratão :
Vós o espirito sois dos seus alentos :
Taõ santos , taõ illustres pensamentos
Tomai por vossa conta o dirigillos ,
Ficará pela minha o repetillos.

No meio do caminho de huma vida ,
De encontradas ideias combatida ,
Se achava hum Peregrino , acompanhado
De novas impressoens do seu cuidado ,
Quando vio ao seu lado hum passageiro
De alegre aspecto , rosto lisongeiro ,
Que com doce agasalho o persuadia
A aceitallo na sua companhia :

Perguntou-lhe quem era ? * Não conheces
O teu Genio ? lhe diz : Se he que appeteces

Hir

* *Genio* entre os Ethnicos era aquelle espirito, que presidia na geraçãõ de todos os entes, na fundaçãõ dos Reinos, e Cidades, e no nascimento dos homens; tomando á sua conta os augmentos da sua fortuna: Entre os Christãos significa o *Genio* o nosso Anjo Custodio, que he o que verdadeiramente nos assiste com o seu patrocínio: Nem nos podem accusar que expliquemos hum auxilio Celeste com huma palavra, que teve este mesmo sentido na supersticiãõ Gentilica; porque Boldonio nos adverte na sua Epigraphica, que *Genio* naõ he palavra taõ profana, que naõ possa ser adoptada de huma ideia Catholica. Tambem pôde significar o mesmo *Genio* aquella propensãõ natural, com que se movem as nossas accoens; aonde parecem faceis todas as emprezas difficultosas. Este segundo sentido está mais conforme com o reparo deste lugar; e nesta figura do *Genio* natural, se pôde representar o *Genio* Celeste; e fica sendo huma imitaçãõ de Homero, quando na figura de Mentor encobrio a Deosa Minerva para acompanhar, e dirigir a Telemaco na sua peregrinaçãõ, quando andava buicando a seu Pai Ulysses.

Hir ver o que ha no Mundo , que he projecto
 Dos que tem às sciencias grande affecto ,
 Em mim sempre terás hum bom amigo :
 Em todo o tempo me acharás contigo
 Para assistirte , para acompanharte .
 Tu vens : o Peregrino lhe responde :
 Em taõ boa occasião , que persuadido
 De hum intrinseco arrojo o meu sentido
 Me impeliã a levar a Fé Romana
 Ainda muito além da Taprobana ,
 Se me fosse possível : Tanta empreza
 Me acende o coração ! E fortaleza
 Cuido que tenho , e impulso vigoroso ;
 E naõ sei que destino portentoso
 Para fixar o Lenho Sacrosanto
 Sobre os çumes do Tauro , e do Erymanto :
 Naõ temerei da Lybia a areia ardente ,
 Nem as neves do Caucaço : patente
 Farei da redondeza o Labyrinto ,
 Pelo excelso valor , que em mim persinto :
 Se acaso neste empenho me acompanhas ,
 Sondarei as Provincias mais estranhas ,
 Até que , desde o Poente até o Levante ,
 Triumphe a Igreja na parte mais distante .
 Muito me alegro que ~~este~~ heroico intento
 Conceba o teu sublime pensamento ;

Lhe

Lhe diz: o Genio: Vamós, que eu te affisto;
 E fem outra demora, que os detenha,
 Ambos as luzes seguem, que os empenha
 A procurar com animo devoto
 Do Universo o caminho mais remoto.

Admirado se via o Peregrino
 Do estranho companheiro: Consultava
 Se nelle algum mysterio se occultava:
 Lembrou-se cuidadoso, e resoluto
 † Do espirito de Socrates, e Bruto:
 Mão Genio não suppunha na influencia
 Desta santa, e benigna Intelligencia:

Que

† São famosos na antiguidade os *Genios* de Socrates, e Bruto. Apul. de *Deu Socrat.* disse que o *Genio* de Socrates era hum Deos. Lactancio, *Instit.* lib. 2. cap. 14; e Tertul. no *Apolog.* disserão que era hum Anjo mão. Apul. tem crido que era visível; Plat. in *Theag.* que era invisível. Maxim. de Tyr. *Sermonib.* 26. & 27. segue que era o remorso da consciencia. Pomponac. de *Incantat.* cap. 11. & 12. vai com a opiniaõ de que era o Astro, que dominava no seu horoscopo, &c.

Segundo Just. Lips. *monit. & enemp. Polit.* lib. 1. cap. 5. foi visitado Bruto, marido de Porcia, do seu *Genio*, e perguntando-lhe quem era? lhe respondeu que se tornariaõ a ver nos campos Philippicos; e antes da batalha que nella se deu, em que Bruto foi morto, cumprio o *Genio* a sua palavra.

Põde-se dizer que representando aqui o *Genio* a inclinaçõ propria, que não he verosimil dar-se figura humana a huma qualidade abstracta; porém os pintores estaõ continuamente pintando estas figuras, como v.g. a Prudencia, a Justica, &cet. e aos poetas concede o Mestre Horacio na sua *Aric.* poetica a mesma licença que se permite aos pintores: Além de que não he novo na historia este apparecimento de qualidades abstractas em figuras humanas. Conta Plinio Junior epist. 7. ad *Suram.* que a Q. Curcio Rufo lhe apparecera huma mulher, que lhe disse que era a Africa, annunciando-lhe o futuro governo desta Provincia. O que aqui era este *Genio* se verá no ultimo livro, quando desappareço do Lado do Heróe.

Que Anjo fosse o desejo, pretendia :
Mas tão alto favor não presumia.

Ao discurso lhe vem, que ser pudesse
A propria inclinação ; mas que tivesse
Figura humana, todo o seu desvello
Não podia fingillo, ou comprehendêllo.

Nesta confusa ideia suspendido,
Rompe as imagens do velôz sentido,
Entregando o valor de tanto affecto
A nobre execução do seu projecto:
Desfata o susto, a duvida despreza,
E obedece ao clamor da illustre empreza.

* Depois de hum largo, laborioso curso,
Se offrece entre as fadigas do discurso
† Hum bosque, tão funesto, e emmaranhado,
Que nunca o Sol o tinha penetrado
Com seu brilhante incendio: a noite escura
Fazia aqui morada, ou sepultura.

Carregavaõ-se os ramos com o pezo
Das indigestas sombras: no desprezo
Das luzes, suspirava o tronco enorme:

O
* *Depois de hum largo.* Allegoriza-se a difficuldade de se acharem os *Atheos*, pela consideração de serem muito raros os que caiem neste absurdo.
† Toda a descripção deste bosque he huma allegoria da escuridade, e fonolencia, em que se acha o discurso dos que seguem o *Atheismo*, por ser tão parente a evidencia que tem o entendimento humano de que ha huma Causa superior.

O vento se apalpava : adormecia
Em profunda modorra o negro dia :
Tudo taõ sonolento, taõ conforme
A feia cerraçaõ, que inda hum ribeiro,
Rebalsado n' hum circulo grosseiro,
Parecia, infestando o rudo monte,
Reproducçaõ da Estygia, ou de Acheronte,
Formando de seus halitos medonhos
Fantasmas tristes entre horriveis sonhos.

Hum phosphoro nitroso, e quasi extinto
Palpitava no infame Labyrinto :
Nos deliquios da luz se representa
A névoa inda mais torpe, e corpulenta,
Fingindo as refraçcoens do opaco enredo
Mais feio o espanto, mais turbado o medo.

Nesta horrenda, exquisita soledade,
Que indigna pareceu de humano hospicio,
Vivia alguma gente, que à vontade
He que vota sómente o Sacrificio :
Da torpe habitaçaõ destes horrores,
Horriveis, e sacrilegos Cultores
* Eraõ os Hottentots; vivendo em tanta
Miseravel cegueira, e pondo a planta,
Sem nunca ver o Ceo, taõ dissolutos,

Que

* Estes barbaros já vem nos mappas modernos: Vivem da mesma fór-
ta que os brutos.

Que em fórma de homens, pareciaõ brutos,

Regia a turba d'este povo necio,

Huma vez † Epicuro, outra †† Lucrecio;

Unia a sociedade tenebrosa,

††† Ou Liszink, ou Vanini, ou (†) Espinosa:

Naõ que fosse Espinosa, nem Vanini,

Ou Liszink, ou Lucrecio, ou Epicuro;

Mas outros, que aceitando o dogma impuro,

Tomaraõ neste barbaro aphorismo

Os nomes dos Autores do Atheismo.

Vinhaõ de novo alguns, que conduzia

Para a mesma insensata companhia

A

† *Epicuro*. He dos famosos philosophos da Antiquidade: Foi natural de Athenas; e está na opiniaõ de que enguara que o summo Bem consiste nos deleites mundaes. Começou a philosophar de doze annos, e fundou a seita Epicurea. Outros dizem que Aristippo, fundador da seita Cyrenaica foi o que levou esta doutrina. Diogenes Laercio defende a *Epicuro* desta accusaçãõ: S. Jeronymo tambem o defende; e quem mais o patrocina he Pedro Gassendo. O Systema dos Atomos eternos propende muito para o pensamento de negar hum Ente Superior. Nasceu na Olympiada 76: Dizem outros que na 109. Dos livros que compoz traz o Cathalogo Diogenes Laercio no seu Livro XI.

†† *Lucrecio*. Tito Lucrecio Caro nasceu de huma illustre familia em Roma: Estudou em Athenas. Foraõ seus mestres Zeno, e Phedro, que eraõ Sectarios de *Epicuro*. Daqui bebeu *Lucrecio* a Opiniao da eternidade dos atomos. Sua molher Lucillia arrebatada de huma paixãõ cieosa, lhe deu a beber hum philtro, que o fez phrenetico. Nos lucidos intervallos he que compoz os seus seis Livros poeticos de Natura. Contra estes Livros escreveu hum Poema Latino o Cardeal de Polignac, que intitulo *Anti-Lucrecio*. He das obras de maior espirito, que nos tem dado a Nação Franceza. Morreu *Lucrecio* de 43. annos e nos 701. da fundaçãõ de Roma, e precedeu pouco tempo a Cicero.

††† *Liszink*. Catuniro Liszink foi Polaco: e condemnado em Polonia ao incendio por seguir o *Atheismo*: Foraõ as suas cinzas metidas em hu-

A penna infausa, o misero desvello
Das nefandas liçoens de Machiavello.

Sustentava-se a plebe mais grosseira
Em hum lugrebe sono: a ribanceira
Das encharcadas agoas, tinha troncos,
Onde dos ramos àridos, e broncos
Pendiaõ varios pomos; que o sustento
Aos menos rudes davaõ; sem que o alento
Podesse restaurar no fructo amargo
A torpeza infelíz deste Lethargo.

Pomos, e troncos tem a semelhança
Do fraudulento Lotho; onde a lembrança
Da patria se escurece: a goma impura,
Que destilla esta funebre espeffura
He quasi como o Opio; e só de abono,
Ou de desculpa serve a tanto sono;

Estan-

ma bombardá, e as dispararaõ para a parte, que olhava para a Tartaria; querendo mostrar por este modo esta Naçaõ, que nem a memoria queria de tão inficionadas reliquias.

☉ *Vanini.* Julio Cesar Vanini natural da Apulia, foi tambem queimado em Tolosa de França pelo mesmo *Atheísmo* no anno de 1619. Seguiu a Philosophia de Ariltoteles, que estudou pelos Commentos de Averrhoes; e delles beberia o veneno; porque tambem dizem que este Arabe se apartara de toda a religiaõ; porque achava a Catholica por impossivel com o Mysterio da Eucharistia: a Judaica, por impertinente pelas suas muitas Ceremonias: e a Mohematana por religiaõ de brutos; porque só attendia ao deleite dos sentidos. Contaõ-de *Vanini*, que principian-do achava a apoderar-se-lhe do corpo, exclamara: *O'mon Deus!* o Jesuita, que lhe assistia ao supplicio, lhe perguntou: Como chamava por Deos, se não o conhecia? Respondeu: *Que era modo de fallar.*

Estancia de huma Circe, em que mudados
 Noutras fórmãs os homens descuidados
 Vivem neste Embriaõ, neste jazigo
 Ignorantes do premio, e do Castigo.

Que triste, miseravel gente he esta?
 Pergunta o Peregrino; taõ molesta,
 Inda mais, do que aos olhos, à memoria?
 Gente não; diz o Genio: se o parece,
 Certamente o não he, negando a Gloria,
 O Abyfmo, a Alma, e Deos: Quanto envilece
 (Pondéta o Peregrino) esse conceito
 A Natureza humana! O' gente infame,
 Que reprovando estás o altivo effeito
 Desse teu proprio Ser, por mais que clame
 Tanto impulso interior, tanta eloquencia
 Da mesma tua singular effencia!

Negas, O' cego, a Causa Primitiva;

Don-

(†) *Espinosa*. Bento Espinosa foi Hebreo, e professor da lei de Moyses, que tambem seguirã seus Pais: Por cuja causa fugio de Portugal para Amstardam: Conhecendo alli a Synagoga, e vendo o pouco fundamento com que os Rabbios explicavaõ o texto, desprezou com essa lei todas as mais religioes, e se reduzio á loucura do *Atheismo*: Dizem que hum Alemã, mestre de Grammatica, lhe communicara este delirio, que ainda não tinha aos trinta annos da sua idade, como se conhece da demonstraçã Geometrica dos principios de Descartes. A Philosophia Cartesiana tem este mãõ Condiscipulo; assim como em Averrhoes, e em *Venini* os tem a Peripatetica. Com qualquer estudo se pôde perverter o discurso humano.

≈ *Machiavello*. Nicolã Machiavello nasceu em Florença: Teve boa reputaçã sendo Secretario desta República. Foi ao depois accusado em duas conspiraçoes contra a Casa de Medicēs: Cabio por este, e outros

Donde Ceo, Mar, e Terra se deriva?
 Essa origem feliz, de que procedes,
 Desconhecer pertendes? Quanto medes,
 Quanto julgas do Abyfmo até o Empyreo
 Nas tofcas apprehenfoens da tua ideia,
 Quanto vêz nella massa produzida,
 Ou feja inanimado, ou tenha vida:
 Quanto no valle eftá, quanto no monte:
 Quanto germína o Prado, e rega a Fonte,
 Refrefca o Boreas, vivifica Phebo:
 Tudo o que a brange a Luz, e esconde o Herébo,
 Tudo tem o feú Ser, impulso, e pausa
 De huma Primeira foberana Caufa.

Não podes duvidar que ha muitas coizas,
 Que tiverão principio na existencia:
 A tua mefma fraca intelligencia,
 Me deve conceder que não podiaõ
 Ser caufa de fi proprias: * Se existiaõ,
 Outra as fez existir; pois bem se alcança

B

Que

defaftres em miseria de bens, e de juizo, abraçando o *Atheísmo*; de que
 dáõ bastante prova os feus livros. *Carlos Frederico Rei da Pruffia* lhe fez
 huma excellente impugnaçãõ ao *Trattado do Principe*, que imprimio *Fran-
 çifco. Koltaire*. Morreu *Machiavello* de huma purga, que tomou fora de
 tempo no anno de 1528. ou 29.

* *Quidquid est mutabile, & contingens, creatum est, aut increatum: Si
 creatum, ergo oportet esse conditorem omnium rerum mutabilium, & contingen-
 tium: Si increatum, ergo non contingens, sed immutabile; quoniam non potest
 esse mutationi subiectum, nisi quod esse capit à mutatione.*

Div. Joan. Damasc. lib. 1. de Fid. orthodox.

Que o que ainda não he, não tem virtude.
 Para fazer que alguma coisa seja:
 Metido nesta mesma semelhança,
 Por mais que a tua comprehensão estude,
 Fica tudo o que intentas, que se veja
 Nas mesmas producções: Nunca procedem
 De si próprias: há causa, que as produza:
 Huns a outros estímulos succedem:
 Pois se ha alto Principio, que os deduz,
 Ou hás de confessar Causa Primeira,
 Donde emane esta serie verdadeira,
 Ou admittir com rustico delito
 O * processo de hum circulo infinito.

Junto da raia, que divide a Selva,
 Fazendo leito da viciosa relva,

Atten-

* In rerum natura est primum aliquid movens omnia alia, quod ipsum à nullo movetur. Omnia enim, quae moveri experimur moventur ab alio: Quod enim movet est actu, & quod movetur est in potentia: & nihil est simul in actu, & in potentia ad idem. Omnis, autem motus ejus, quod movetur ab alio, debet necessario venire ab aliquo primo movente immobili moventis prioris: Sicut baculus non movet lapidem nisi per hoc, quod est motus à manu: neque potest in hoc esse processum in infinitum; quia tunc nullus esset motus, cum nunquam terminari queat processus in infinitum.

Aristot. Physic. 7. & 8. & Metaphys. 9.

Res aliqua esse, quae esse ceperint, sensu ipso, & confessione omnium constat. Ea autem res sibi non fuerunt causa, ut essent; nam quod non est, agere non potest, nec ipsa res esse potuit antequam esset: sequitur igitur ut aliunde habeant sui originem; quod non tantum de illis rebus, quas ipsi aut conspiciamus, aut conspeximus fatendum est, sed & de his unde illae ortum habent: donec tandem ad aliquam causam perveniamus, quae esse nunquam ceperit.

Hug. Grotius lib. 1. de Veritat. Relig. Christian.

Attendeu Epicuro ao que dizia
O douto Peregrino; e respondia:

Todas as coizas, que se vem criadas
Se podem conceber encadeiadas
N'humavel connexaõ, aonde
Cada futil se move, e corresponde
Mutuamente entre si: Neste concurso
Se escusa de admittir tanto o discurso
De hum Primeira Causa, como o excessso
Da extençaõ infinita do processo.

Naõ vês (lhe diz o sabio Peregrino)
Nesse teu enredado desatino,
Que ellas partes de si naõ se produzem,
Nem que impulso reciproco as dilata?
Tudo quanto esse circulo retrata
Naõ he mais que hum ordem pertencente
A' sua connexaõ: Impertinente
Prova serã, se tem principio occulto,
O dizer, que o naõ vês: Eu te consulto
De outro modo mais facil: Nesta areia
O circulo debuxa; e tendo a ideia
De como o traçarás mais certo, e pronto;
No principio has de pôr samente hum ponto;
Outros riscando hirás junto ao primeiro,
Até porem o ponto derradeiro;

Dirás então com boa consequencia
Que algum ponto não teve precedencia ?

Dou-te que em hum espaço indefignavel
Finjas outra cadeia interminavel;
E os seus mesmos fuzis tambem te admitto
Que possaõ dilatarse no infinito:
Sempre será preciso que presumas
Que inda nessa fingida infinidade
Se não há onde prendaõ tantas summas
Das mesmas collecçoens, a gravidade
Mostraria, a pezar dessa distancia,
Da sua subsistencia a repugnancia.

Já sabes que eu concebo (insta Epicuro)
Hum immenso vazio; e que procuro
Que aos atomos, que o medem, sempre affista
Tendencia de baixar; e que consista
No empenho de ajuntarse a variedade
Das muitas formas, que na immensidade
De tantas producçoens o Mundo encerra
Sejaõ no Ar, no Ceo, no Mar, na Terra:
Causa primeira aos atomos concedo;
Ao seu tendente, repartido enredo
Chamo causas segundas; donde infiro
Que essa Primeira Causa, em que o retiro

Fazes do teu discurso, imaginaria
 Sò pode conceberse nesta Varia
 Collecção do Universo ; e se he precisa,
 Donde se encontra? Donde se divisa?

Lastima tenho (o Peregrino acode)
 Que o teu toSCO discurso * se accommode
 A querer penetrar , com vista cega ,
 O immenso resplendor , em que navega
 Taõ soberano Objecto : abate o alento
 No abyfmo do teu proprio pensamento :
 E respondendo aos atomos , que inculcas ,
 Se se movem por linhas paraléllas ,
 De balde em teu systema te delvéllas ;
 Porque hindo todos por direita Via ,
 Nunca se há de lograr a companhia :
 De huns atomos com outros nesse espaço ,
 Que riscas no discurso , nem o Laço
 Que dá o ser ás formas ; pois se observa
 Que a linha paralélla se conserva ,
 Por mais que se dilate , sem tocarse
 Com a linha de identica figura :
 E se as linhas , talvês , podem curvarse ,
 He contra a tua mesma conjectura ;

B 3

Pois

* Nemo ista prae unum Leucippum somnavit, à quo Democritus eruditus be-
 nedictum sustulit, reliquit Epicuro. Laët. Firmian. lib. Divinar. Instit. 111.
 cap. 17.

Pois aos atomos dás innato affecto
Para tenderem com impulso recto.

Lucrecio, que a Epicuro a acompanhava,
Responde ao Peregrino, que se dava
Hum ente firme, donde, em toda a idade
Se possa produzir tanta entidade
Como nos mostra a vasta Natureza:
Que he grande confusão, summa fraqueza
Presumir, no que a ideia não repousa,
Que do nada se faça alguma cousa.

Sim: * do nada, he que Deos fez a materia;
O Peregrino diz: Quem o duvida,
Dirá que essa materia he Divindade,
Ou feita de si mesma, ou produzida.

Dos atomos recorro à eternidade;
Epicuro lhe torna: Aqui se funda,

Tan-

* *Stratone Lampfaceno* disse que o Mundo fora ingenito, que pela sua propria virtude existia ab eterno. *Platão* com os *Escolicos* confessou que o Mundo fora feito por Deos, porém de materia criada, e coeterna com o mesmo, Deos. Os antigos *Peripateticos* affirmárao com *Aristoteles*: que Deos não criara o Mundo ab eterno por voluntario arbitrio, mas por precisa necessidade. Os *Epicureos* ensinarao que o Mundo se construiu, pela casual concorrencia dos atomos que suppunhao ingenitos. A *Religião Catholica* nos propoem, que do nada he que Deos fizera o Mundo, ou a materia, de que o formou: He text. expresso no lib. 2. dos *Machab.* Cap. 7. *Peto nato, ut aspicias ad Cælum, & terram, sed ad omnia, que in eis sunt, & intelligas quia ex nihilo fecit illa Deus.*

Tanto a causa effetriz , como a segunda :
 Os atomos perpetuos , e infectiveis ,
 Saõ hum principio certo , e necessario ,
 Que daõ ser aos periodos visiveis ;
 Humas vezes constante , se outras vario ,
 De que todos os entes se originaõ ,
 Em que todas as fórmas se combinaõ.

Olhai ; o Peregrino lhe responde :
 Que os atomos na sua propria esphera ,
 Huns mais solidos saõ , outros mais fundos , *
 Outros mais lentos , outros mais rotundos :
 Huns cubicos fingis , ou triangulares ,
 Outros de mui diversos exemplares :
 Vede que sempre em colliçoens activas
 Se tocaõ , contendencias successivas ,
 Se talvez os naõ quebra , ou desfigura
 Esta sempre continua Limadura ;
 E por mais infectiveis , e valentes ,
 Naõ saõ , como os fazeis , taõ persistentes.

Dado que a solidéz seja perfeita ,
 E que esta os faça origem , causa , ou fonte

B 4

De

* Les corpuscules d'Asclepiade étoient imperceptibles au sens, & extrêmement deliés, divisibles, fragiles sujets à augmentation, & à retranchement, & à prendre de nouvelles figures par le froissement, au lieu d'être in dissolubles, & in altérables comme ceux de Démocrite, & d'Epicure. Marq. de S. Aubin, Traité de l'Opin. p. 1; tom. 3; liv. 4; art. 115.

De tudo o que no Mundo a vista aceita
 Nas varias fórmas, que se põem defronte;
 Também será de vós bem entendida
 A certeza formal, que percebida
 A solidêz não he, sem que o contato
 Se conceba dos entes no aparato;
 O qual na multidaõ destes objetos
 Só se dá com os corpos já concretos;
 Que he quando as mesmas partes se procuraõ,
 Se ajuntaõ entre si, e configuraõ:
 E se da solidêz pôde inferir-se
 Huma eterna existencia; produzir-se
 A mesma eternidade entaõ podéra
 N'algun corpo concreto, que eu soubera,
 Que era solido, e firme, se o tocara:
 E este corpo daria ideia clara,
 Ou certeza efficaz ao pensamento
 De outro igual infectivel elemento,
 E podiamos ter a liberdade
 De pôr n'hum graõ de chumbo a eternidade.

Ao lado de Epicuro, e de Lucrecio,
 Com esta propria imagem tenebrosa
 Também se ouvia a instancia de Espinosa: *

Diz;

* O *Atheismo de Espinosa* consistia no fundamento de que o Mundo existia por si mesmo, e que este Mundo era Deos, aonde não havia mais do que huma só substancia; donde se vinha a seguir que todas as particularidades da materia eraõ porçoens da Divindade; se não ha mais que huma

Diz: que em todo o concurso das Escolas,
 Italianas, Francezas, Hespanholas,
 Se define a *Substancia* por hum ente,
Que só por si subsiste: Contingente,
 Ou producto não he desta maneira:
 Logo ideia infelíz, noção grosseira
 Se ha de julgar aquella, que pretende,
 Existindo por si esta substancia,
 Tiralla desta natural constancia,
 Para que huma ficção incomprehendida
 A faça contingente, ou produzida.

O expertõ Peregrino lhe concede
 Esta definição; e entãõ lhe pede
 A advertência tambem de que se aceita
 No dialectico estylo; e se regeita
 Na seria comprehensãõ de hum ser errante,

Que

se substancia, e esta substancia he Deos, ella se deve conceber grosseira, e material, livre, e forçada, activa, e passiva, venturosa, e infelice, e sojeita às mais diferentes, e repugnantes modificaçoens, reunido em si, o bem, e o mal, o vicio, e a virtude, o conhecimento, e a ignorancia, a restricção, e a infinitude, o dominio, e a servidão, e todas as incompatibilidades mais desproporcionadas, e contradictorias. Este absurdo ainda he mais monstruoso, que o do Paganismo; pois se este fez combater entre si a potencia dos seus Deoses, os suppunha de substancias diferentes, e aqui combate a mesma substancia comigo mesma, conciliando as maiores opposiçoens, contrariedade, e discordias.

Mais nous aurions beau parcourir tous les pays, toutes les sectes, tous les auteurs, nous ne trouverons rien de plus insensé que le Spinozisme; diz o Marq. de S. Aubin. Trait. de Popin. p. 1; tom. 2; lib. 3; art. 8.

Esta opiniao

Que se muda, ou se perde a cada instante.

Accidente se chama ao que não pôde Subsistir, sem fogeito, que o accommode: *Substancia*, à que subsiste, sem que seja Preciso outro fogeito, em que ella esteja: Esta he só a razão porque nas Aulas Esta phrase, este estylo se consente, Distinguindo a *substancia* do *accidente*.

Finge na tua essencia essa *Substancia Subsistente por si*: Mas que constancia Presumes que terá? A Parca dura, Reduzindo-te a pó na sepultura, Te mostrará o engano: Se a tiveste

Foi,

Muitos seculos antes que apparecesse *Espinosa* no Mundo tinha *Lactancio* combatido este delirio: Se tudo aquillo que nós vemos (diz elle no lib.7.) he Deos, a divindade he hum composto de partes corruptiveis, e caducas: os membros de Deos são expostos a huma cruel violencia; pois quando arbrimos as montanhas, ou quando nos metemos pelas entranhas da terra, ou quando a rasgamos com a lavoura, tudo isto faria que fizessemos em pedacos os membros de Deos S. Agostinho proseguiu o mesmo combate, de *Civit. Dei* lib. 4. cap. 12. & 13.

Espinosa tomou este barbaro conceito de alguns Philosophos antigos: *Cicer.* lib. 1. de *natur. Deor.* nos diz que tambem *Cleantes* o propuzera. *Plinio* nos deixou escripto; *Per que haud dubie declaratur natura potentiam id quoque esse quod Deum vocamus*; e no lib. 2. cap. 1. *Mundum Numen esse credi par est: eternum, immensum, neque genitum, neque interiturum unquam.* *Senec.* na *Epist.* 92. foi da mesma opiniaõ. *Totum hoc quo continemur, & unum est, & Deus; & socii ejus sumus, & membra.* Aceitou este mesmo absurdo a intelligencia de *Lucano*, liv. 9. da *Parcal.*

Juppiter est, quodcumque vides, quocumque movetis.

Foi, porque de teu Pai a recebeste,
Teu Pai, de teu Avô : Chega comigo,
Dos teus, ao ascendente mais antigo:
Figuremos Adam : De quem procede
Esta rãiz? Tem Pai a quem succede?
Se o teve, estás no circulo infinito:
Se o não teve, confessa o sacro escrito,
Para ver que este authentico tresladô
Desta Primeira causa foi tirado.

Passa ao tronco, ao penhasco, ao bruto a ave,
E tudo ao mais que houver, ou leve, ou grave;
Acharás esta mesma excelsa origem:
Este foy o argumento com que todos
Tem conhecido, enfim, por varios modos
A Causa Superior, que nos governa
Com huma regra, e discripção eterna.

Os Assyrios, os Gregos, os Romanos,
Os Chaldeos, os Egypcios, os Germanos,
Francezes, Hespanhoês, Indios, e Perfas,
Ethyopes, Hebreos, Sarmatas, Turcos,
Tápuias, Schytas, Tartaros, e Chinas,
E a mais remota gente a que imaginas
Que chega a lûz do Sol; * todos conhecem

Humb

• Potius conspicendum, sine sole Urbem, quam sine Deo, ac religione. Plutarco.

Hum altar, ou hum culto, em que agradecem
A' Deidade, em devotos Sacrificios,
A continua extensaõ dos beneficios.

Nem me digas que ha povo, que inda ignora
O verdadeiro Nume neste culto,
Pois aqui fallo só de quem adora;
Que dessa idolatria o feio insulto,
Reconhecendo a Deos, esse respeito,
Seja qualquer for, nos prova † este conceito.

No que todos convém, ninguem disputa
Que seja verdadeiro: * huma conduta,
Que influe a Natureza, não engana:
E, não faz contra ella essa profana,
Extravagante ideia dos que insistem
Em negar que há hum Deos: elles resistem
Ao seu mesmo discurso; e são tão poucos, †
Que se podem chamar nesta Vileza
Abortos da corrupta Natureza.

Naõ

† *Ab orbe condito semper Deum in thesi omnes gentes coluerunt :::: Verum errant plerique in hypotlesi.* Beyerliuk, magnum theatr. Vit. Humani. tom. 1. verb. Athes.

* *Quod universis videtur, verum est.* Aristot. lib. x. Ethicor.

† *Exceptis paucis, in quibus Natura nimium depravata est, universum genus humanam Deum hujus Mundi fatetur Auctorem.* D. Aug. in Joan. Tract. 106. *Ex ipso quod homo rationalis est conditus, debet ex ratione colligere, eum, qui se condidit, Deum esse.* Greg. magn. lib. 17. Moral. cap. 3. *Nemo negat, quia nemo ignorat quod ultro natura suggerit, Deum esse universitatis conditorem.* Terull. lib. de Spectac. cap. 2.

Não trabalhes em vão contra a existencia
 De huma suprema causa: a intelligencia
 Te basta para veres os absurdos,
 Que desta negação se precipitaõ:
 Todos os teus cuidados se achaõ surdos
 Se não ouves as vozes com que gritaõ
 Lá dentro de ti mesmo effes alentos,
 Que combatem teus proprios pensamentos.

Confessa hum Deos perfeito, hum Deos amavel,
 Simplicissimo, Eterno, inexplicavel,
 Verdadeiro, infinito, summo, immenso;
 Que premeia, e castiga, e sempre assiste
 A tudo o que se faz, se ordena, e existe:
 Se em todos não houvera este conceito
 Quem podera estar nunca satisfeito
 Do seu bom Coração? como o Tyrano
 No seu procedimento deshumano
 Verdugo occulto de si mesmo fora? †
 Em que maldades a paixão traidora
 Da inquinada semente não cahira? *

Que

*Sua quomque fraus, Et suus terror maximè venat. Suum quomque scelus agi-
 at, amentidque afficit: sue mala cogitationes, conscientisque animi terrent.
 Le sunt impressæ æfidue, dom fierique furte. Cicero. pro Roscio Amarino.*

*Nam quis iudicis locus, aut que regula morum
 Eje potest, dum nil præxit quod legibus equis
 Cantantur mortale genus?*

Polign. Anti-Lucret. lib. 1. e vers. 126.

Que homem houvera , que domasse a ira ,
 A soberba , a luxuria , a gula , a enveja ?
 Tudo seria horror , tudo peleja :
 Não haveria mais , que força injusta :
 Venceria a violencia mais robusta :
 A páz , e a mansidaõ , na furia brava ,
 Gemeria entre ferros como escrava .

Tira os olhos da terra , * olha que ês homem ;
 Dos brutos te distingue , onde a figura
 Só ao pasto os destina : ergue o semblante ,
 Repara nessa excelsa architectura : †
 Prescinda dos systemas : †† se he constante
 Este globo terraqueo , ou vagabundo :
 Se com seu giro o sol rodeia o Mundo ,
 Se a Terra hê que nos faz a noite , e o dia
 Com o seu movimento : A'fantesia

De

*Præaque cum spectent animalia cætera terram,
 Os homini sublime dedit, Cælumque tueri
 Iussit, & erectos ad sidera tollere vultus.*
 Ovid. lib. 1. Metam. è vers. 84.

† *Quid enim esse potest tam apertum, tam perspicuum, cum Cælum suspeximus,
 Cælestiaque contemplati sumus, quam esse aliquod Numen præstantissime mentis, quo
 hæc regatur?* Cicer. lib. 2. de Natur. Deor.

†† São três os Systemas Astronomicos. O que poem a Terra estavel, e
 dá o curso ao Sol entre os Planetas hé o systema antigo que se attribue
 a Ptolomeu, não porque elle o inventasse, pois hé idèia dos Egypciot,
 e Chaldeos, mas porque o adiantou e melhorou. Admite onze esferas,
 pois alem das sete em que reparte os Planetas, conta o Firmamento, o
 Ceo cristaliño o primelro, e segundo Movel, e o Empyreco. Viveu Pto-

De que saõ onze, ou tres os orbes puros :
 Dos Planetas o impulso, a côr, o estado
 Aos Astrologos deixa esse cuidado :
 Os circulos Polares, os Coluros,
 As zonas, parallaxe, aspectos, clymas,
 Refracçoens, Equinocios, e Solsticios,
 Não to quero explicar, bem que se conte
 Esta indelevel ordem nos indicios
 De hum Supremo Motor; e não se attenda
 Mais que a toda essa fabrica estupenda :
 Vês sempre o Sol nascer no seu oriente,

E

omni no principio do 2. seculo: Antes d'elle tinha *Hipparco* trabalhado muito neste systema, e depois d'elle *Affonso* decimo Rei de Castella, chamado o sabio, e author das *Taboas Affonfinas*.

O segundo Systema hé opposto ao de *Ptolomeu*; porque põem o Sol immovel no Centro do Mundo, e móvel a Tetra. Atribue-se a *Pythagoras*, mas hoje conserva o nome de *Copernico*, porque o renovou, e illustrou *Nicoláo Copernico* natural de *Tborn*, e Conego de *Warmia*, que floresceu no principio do sexto seculo.

O terceiro Systema hé huma conciliação destes dois: o seu author foi *Ticobrahé* gentil homem *Dinamarquês*, muito estimado de *Christiano IV.* viveu no seculo decimo sexto. Põe-se dar o nome de 4. systema ao de *Renato Descartes*; que admite tres elementos. 1. de materia subtilissima. 2. de materia globulosa. 3. de materia estriada. Suppõem em cada Planeta hum redemoinho, a que chama *turbilhão*; com que pretende explicar todos os Phenomenos da Natureza. Porem este systema de que o seu author pretendeu fazerse original, se vê com bastante clareza em *Diogenes Laercio*; que fora concebido por *Euclippa*, e antes de *Descartes* já tinhaõ proposto a doutrina dos turbilhoens *Joadão Bruno*, philosopho Napolitano; e *Joadão Keplero*, famoso mathematico de *Alemanha*. Morreu *Descartes* na *Suecia*, ajuã de 1650. para onde o tinha convocado a Rainha *Christina*.

O mesmo *Drog. Laert.* in *Epicur.* traz huma carta deste Philosopho a *Pytoles*, em que se concebe com bastante clareza o conceito dos turbilhoens *Cartezianos*. *Archelão* referido pelo mesmo *Laercio* conspi-

E no Mar encobrir a aurea face? †††
 Que contra as sombras outra vez renace,
 E torna a sepultar-se no Occidente,
 Alternando na regra sempre inteira
 Com dia; e noite a esplendida carreira,
 Sem haver hum momento, em que desminta
 A lei precisa da dourada Cinta?

Vês a Lua, já cheia, já mingoante,
 Quatro vezes mudando o seu semblante
 Em regulado tempo; sem que altere
 Esta regra immortal, C ou se acelere,
 Ou se detenha na diuturna empreza?

Vês

non com este pensamento; e esse foi tambem o de Platan referido por
Marcello Palingania, o qual renovou esta physica no seu Zodiaco:

Stelle autem sine (veluti Plato maximus inquit)

Quaeque suum circa centrum volvantur ibidem.

Segundo o Illustrissimo Huet, q. *Aquet* lib. 2. cap. 5. pag. 141. a opiniaõ
 de *Renobis* de que a materia, e a extensãõ erãõ identicas, foi tirada de
Timeo de Locris. por cuja causa diz o Marquês de S. Aubin, que *Des-*
partes quando appareceu com a sua Philosphia lhe chamaraõ *Novator*, e
 agora que lhe chamaõ *Plagiario*.

†††

*Quo se globus ordine noster
 Luminis ad fontem vertat, noctesque, diesque
 Afferat ipse sibi.*

Peliga. Anti-Luc. lib. 9. è v. 232.

*Deus est, qui non mutatur ih eva.
 Nunquam transversas solem decurrere ad Arctos,
 Nec mutare vias, & mortuum vertere cursus.
 Auroramque novis nascentem ostendere terris,
 Nec Lunam certos excedere Luminis orbis.*

Manil. lib. 1.

Vês essa immensa, diáfana grandeza
 De scintilantes formas, ornamento,
 Sem medida do Vasto Firmamento,
 Em que mostra que pode inda a estrutura
 Lograr na multidaõ a formosura?
 Naõ imaginas que era necessario
 Na excella instituicaõ, que os Ceos governa,
 Divino impulso de huma mente eterna? (†)
 Concebes que no estimulo ordinario
 De humas cegas porçoens, se lograria
 O acerto de taõ provida harmonia?

A portento maior já te convido:
 Se hê que tens por ventura comprehendido
 Que muitas vezes mais excede a estrella
 Todo o globo terraqueo; em que distancia
 Se nos mostra esta firme centinella
 Dessa celeste, desmedida estancia
 Quando parece hum ponto á nossa vista?
 Assombrate; e venera, O' Atheista,
 Artifice taõ sablo, e portentoso;
 E em quanto nesse objecto luminoso
 Admiras tanto, singular desenho
 Inda te chamo a mais sublime empenho.

C

Adver-

(†) Est enim aliquod ens perfectissimum, & sapientissimum, à quo res omnes naturales in fines suos diriguntur. Videmus enim creaturas omnes ordinate tendere in finem suum: à se autem, ipsi moveri non possunt, cum ratione careant.
 Thom. Le Blanc, *Analys. Psalm.* tom. 1. *Psalm.* 3. art. 1.

Adverte nas especies produzidas
 Da mesma estrella aos olhos: há minuto
 Em que as vejas aqui interrompidas?
 Não vês a estrella sempre? Que estatuto
 Seria necessario para encher-se
 A cada instante a altura desse espaço
 De imagens tantas, que podesse ver-se
 Continuamente a luz, sem embaraço?
 Se conheces acaso este concurso,
 Pasme, e mude de intento o teu discurso.

Passa a notar a lei inalteravel,
 Que se observa na Maquina aspectavel:
 Olha a calma de Junho, Julho, e Agosto; *
 A fazaõ com-que o Oitono está disposto;

* ----- *Ut brumæ post tediâ mutes
 Veris delicias, æstivos deinde calores,
 Ac demum Autumn: pomæ expectata feracis.*

Polign. Anti-L. lib. 9. c. 7. 254.

Si essent, qui sub tæxâ semper habitavissent bonis, & illustribus domiciliis, que essent ornatâ signis, atque picturis, instructaque rebus omnibus, quibus abundantiis, qui beati putantur, nec tamen exissent unquam supra terram; accipissent autem famâ, & auditione esse quoddam Numen, & vim Deorum; unde aliquo tempore patefactis terræ faucibus, ex illis abditis sedibus evadere in hæc loca, que nos incolimus; atque exire potuissent; cum repente terram, & maria, Cælumque vidissent, nubium magnitudinem, ventorumque vim cognovissent, aspexissentque solem, ejusque tum magnitudinem, pulchritudinemque tum etiam effluentiam cognovissent, quod is diem efficeret toto cælo luce diffusa; cum autem terras non opacasset, tum cælum totum cernerent astris distinctum, & ornatum lunæque luminum varietatem, tum crescentis, tum senescentis, eorumque omnium ortus & occasus, atque in omni eternitate ratis immutabilesque cursus; hæc cum viderent, profecti & esse Deos, & hæc tanta opera Deorum esse arbitrarentur.
Cicer. de nat. Deor. lib. 2.

O humido frio do escarnado Inverno;
 Da Primavera a doce suavidade:
 Considera em taõ provido governo;
 Pois d'hum a outro extremo não se passa:
 Temperandose vai na propria esphera
 Do estio, Oitono, Inverno, e Primavera.

A terra com a chuva se humedece,
 Na humidade, e quentura a planta crece:
 Vem o Sol ao depois, que a fructifica;
 O vento a alimpa, outro estimulo a fazona;
 E tudo se dispoem, se communica
 Por huma regra occulta, que se abona
 Na continua experiencia: Quem a nega
 Tem o juizo corrupto, e a vista cega.

Na semente, * que á seára se destina
 Nos teus mesmos discursos imagina
 Que está toda essa especie, que se aguarda:
 Inda no grão mais fino da mostarda
 O microscopio prova o que não cria

C 2

A

*Semine quia etiam, sobolis spem inpyvide clausam,
 Immatura quidem, sed tota atque integra servat:
 Amplificante vitro qua si perspexeris, ingens
 Nec prius auditum subito mirabere monstrum:
 Scilicet arboreos artus in acumine grani
 Exiguo totos, distinctamque ordine pulchro
 Radicem á ramis: Tum grana secunda videres
 Protinus in primis, aliudque in germine germen.*

Polign. Anti-L. lib. 7. é v. 1382.

A inculta, irregular Philolophia :
 O graõ fica na terra, sem concerto
 Na posição do corpo vegetante ;
 Mas vem nascendo a planta taõ direita ,
 Que parece que estava vigilante
 Para escolher a proporção perfeita :
 Caia de qualquer modo , ella se anîma ;
 E a cresecença tráz sempre para cima.
 Quem fez este prodigio ? O torpe acaço
 Com que os atomos tendem para as fórmãs ?
 Se com este conceito te conformas ,
 Naõ podes dar mais liquida evidencia
 Da tua material intelligencia.

Reconhece essa planta já crescida
 Estendendo os seus braços pelo vento :
 Adverte bem na copa presumida
 Com que intenta occupar outro elemento :
 Florente está , e logo carregada
 Dos mais vistosos pomos : fazonada
 Em breve tempo a vês : aquelle fuco
 Que a alimenta , que a alegra , e reverdece ,
 Quem suppoens , que lho inspira ? O ser caduco
 De hum movimento fragil , que acontece ?
 Pode a combinação de atomos vagos ,
 Sem lei , sem ordem , sem vigor occulto ,

Sem ser móvida de supremo indulto,
Fertilizam em hum, e em outro estio
Taõ verde pompa, taõ frondoso brio?

Mas que intento com tantas maravilhas,
Quando tens em ti mesmo hum Macrocosmo,
Que excede a todo o assombro, que te exclamo?
Eu te exhorto, eu te incito, eu te inflamo
A que vejas em ti todo o dispendio
De hum alto influxo, de hum feliz compendio.*
Confidéra primeiro no aphorismo
Desse teu encoberto mechanismo,
Dessa hydraulica mole do teu corpo:
Olha como em opposto movimento
O recto, natural temperamento
Conserva a cõnexão dos quatro humores
No encontro mais vehementes dos liquores!
Como circula o sangue, como pulsa
O inquieto coração! Como repulsa,
Na ignea dyastole os impetos púrpureos!
Como outra vèz na systole os reclama!
Como se abraza na continua chama!
Como o refresca o ar, em que respira!
Como a todo esse mundo o alento inspira!

C 3

Atten-

* Habet Deus testimonium totum id quod sumus, & in quo sumus. Tertull.
in Marcion. lib. 1. cap. 10.

Attende à traveção dos seccos offos ,
 Em que os sólidos firmaõ todo o empenho
 Da sua contextura : Olha o desenho ,
 Com que os nervos , os musculos , e entranhas ,
 Tendoens , arterias , veias , nas estranhas ,
 Firmes elastes do interior Combate ,
 Daõ impulsos aos liquidos , que sobem ,
 Descem , circundaõ por canaes diversos ;
 E já progredientes , já reversos .
 Entraõ por outros vasos de taõ fina ,
 Taõ delicada , intrinsicca officina ,
 Que se o ferro anatomico os procura ,
 A penas os percebe a conjectura .

Nota agora essa externa symmetria
 Com que foste formado : desafia
 Os entes do Universo , a ver se o espanto
 Aqui terminas em prodigio tanto :
 Aqui vêz vegetar os teus cabellos ,
 Brilhar os olhos dilatar-se o riso :
 O nariz n'hum parenthesis conciso
 Proporcionar a Lamina vivente :
 A face rubicunda , e transparente
 Fingir a luz do matutino raio .
 Ou dessa flôr , que solemniza Maio .

Pescoço , barba , orelhas , taõ composto ,

Que

Que he jubilo, alegria, encanto, e gosto
 Da admiração humana: attende aos braços,
 A's pernas, maons, e pés, coxas, e peito,
 Que mais sublime, singular fogueito?
 Deves tão luminosa preheminencia,
 A' cega direcção da contingencia? *

Sobe a mais alto objecto; não entendes?
 Não cogitas tambem, e não pretendes?
 Quanto vês agradável? não separas
 O bom do máo? não julgas? não reparas?
 A os atomos não negas o discurso?
 Pois como há de fazerio, seu concúrio,
 Que elle te possaão dar o que não gozaão?
 Essas vagas porçoens da estancia aerea,
 Bem que corpos subtile, não são materia?
 Como póden formar a facultade
 Na sua contingente escuridade
 De hum ente, que discorre, que cogita,
 Que decida, que entende, que medita?
 Estas operaçoens não são da alma?

C 4

Que

* *Ingrédere tu quisque, et, uti quædam Ateæ: Ingrédere, quæso, suam Palladæ
 vitem: non enim inuitus euclamabis: Quædam Ateæ: admirabilem
 opificem inimitabilem.*
 And. Laurent. Hist. Antom. lib. 1. cap. 6. c. 1.
*Stultæ, ex operibus corporis agnoscit virtutem; ex operibus stultorum non potest
 agnoscere creatorem? D. Aug. in Psalm. 73.*

Que ella possa acabar, ha quem o argua?
 Quem? naõ tendo agente que a destrua?
 Procedeu de si mesma? he impossivel:
 He logo conclusaõ sempre infalivel
 Que procede de hum ser mais admiravel,
 Improducto, certissimo, immutavel.

Se hum atomo percebes; que naõ sente
 Percebe agora hum atomo vivente*
 Huma pulga, hum mosquito: nelle observa
 A mesma symmetria, que conserva
 A vasta corpulencia do elephante:
 Olhos, testa, nariz, lingua, pescoço,
 Ventre, pernas, e coxas, e outros membros,
 Que tem as fórmas de huma especie bruta:
 Pela fabrica minima reputa
 Dos nervos, e tendoens a subtileza:
 Que fina natural delicadeza.
 Presumirás nos musculos, e entranhas,
 Arterias, veias, e nos outros vasos,
 Que

* Malèzieu observou com o *microscopio* alguns animaes viventes, que eraõ mais pequenos vinte e sette milhoens de vezes, que aquelles bichinhos, que zocm a cera; e a farluga; e pela transparencia da sua pelle reconheceu que tiuhaõ entranhas, ovos, fetos, e huma especie de sangue, que circulava dentro do Corpo. Nesta inconcepavel pequenez se descobriã tambem os olhos, as veias, as arterias, hum cerebro, e hum cerebro, donde se distribuiaõ todos os espiritos animaes que lhe sustentavaõ a vida. *Histoir. del'Academ. des Scienc. ann. 1718.*

Que imperceptiveis são nos corpos grandes? *
 Também te peço que ao discurso mandes
 As corporeas funções deste treslado
 Da Sabia Omnipotencia, onde o cuidado
 Taõ perfeitas as poem como as encerra
 Inda o bruto maior, que tem a Terra.

No microscópio * admira como o sangue
 Do mais pequeno insecto vivifica
 Com a circulação todo o composto!
 Como o manda, o divide, o communica!
 Como no centro o coração exposto,
 Recolhe, e impelle sempre o movimento!

Nesse

* *Natura nusquam magis, quam in minimis tota::: in arctum coacta nature maiestatis, nulli sui parte mirabilit.* Plin. lib. 11. cap. 2.

*Descendons sur la terre, ou jusque dans le sang,
 L'insecte nous appelle, & certain de son pris
 O se nous demander raison de nos mépris:
 De-Secrettes beautés quel amas innombrable!
 Plus l'Auteur s'est caché plus il est admirable.*

Racine, Poem, la Religion. Canto 1. e v. 139.

* *Microscopio*: instrumento optico, que multiplica as superficies dos objectos: tom elle se engrandeceem de sorte os membros da pulga, ou do piolho, que se lhe percebem com muita distincão as mais minimas partes de que he composto, e até se lhe alcança a circulação, que faz o seu sangue. Não he do meu assumpto descrever os poderes da Natureza, que se tem observado com este prodigioso invento. Foi o seu Author: *Zacharias Jansen*, ou *Joanides*, natural de Zelanda. *Francisco Fontana* Napolitano, adiantou muito a sua perfeicão: Hoje es melhores nos vem de Inglaterra pela direcção de *Newton*, de que usão os mais habéis artifices de quella Ilha.

Nesse mesmo engyscopico † instrumento
 Vê tantos giraldões reproduzidos
 Da parte mais subtil de huma só folha;
 A onde na semente comprehendidos,
 Bem que no assombro o credito se encolha,
 Julgarás que haõ de estar todos os entes
 Daquella mesma especie: tem presentes
 Desta forte ellas poucas, que heget alcanças:
 Se a vista deitas, se o discurso lanças
 Porelle mappa, que finzel facundo
 Figurou nesta maquina do Mundo,
 Olha que variedade de prodigios,
 Com doces expressões, sonoras claves,
 A' mais alta harmonia te convoca!
 Que multidão de peixes, brutos, aves
 Enche o Ceo, Mar, e Terra! taõ distintos
 Nas fórmas, nos semblantes, nos instintos,
 Que em taõ diversa, uniffona abundancia
 Hé que se logra mais a consonancia.

Quem suspende esse monstro procelloso
 A que dentro em si mesmo se contenha?

Quem

† Engyscopin chama Barollo aos Vidros, de que se compoem o Microscopio. Une taabe demoi fijare de la grandeur de un grain de sable, gardit dans le microfcope, comme un amas de plusieurs plantes très-distinctes, dont les unes ont de fructs, d'aut res des boutons à demi ouverts, De quelle enorme petitesse doivent être les racines, Et les filtres qui separant les aliments deces petites plantes? Marq. de S. Aubin. Trait. de l'opin. p. 1. tom. 3. livr. 4. pag. 70. in fine

Quem lhe enfreia esse estímulo furioso,
Com que na verde colera se empenha
A forver as montanhas? Quem a raia
Lhe põem no leve circulo da praia? *
Taõ prudentes os atomos procedem,
Que contra o seu impulso retrocedem
Para não inundar outro elemento?
A onde tens, ó necio, * o pensamento?
Surdo estás a taõ providos clamores,
Que em vozes de cristaes, e resplandores
Te revocaõ do espirito profano
A' confissão de hum Ente mais que humano

Mas já não quero, para convencerte,
A enorme applicação de hum juizo inerte;
Bastaõ-me os teus ouvidos, e os teus olhos:
Fingite na aspreza, ou nos abrolhos
De hum monte solitario; e nesse instante
Vé que o ar se escurece, e o vento errante
Volta a furia indignada contra os troncos:
Que ao longe ronca o Mar, e as negras nuvens
Giraõ pela athmosphera tenebrosa;
Que no horror da carranca procellosa
Se rasga o Ceo com funebres chuveiros:

Que

* *Usque huc venies, & non procedes amplius.* Job. 38.

* *Stulti, ... & tardi corde ad credendum!* Luc. cap. 24. v. 25.

Que o fogo aërio em horridos luzeiros
 Faz mais triste, e medonha a tempestade:
 Que o vapor da indigesta densidade,
 Pretendendo romper a prizaõ dura
 Forceja com a valida clausura,
 Até que, dando à esphera hum grande abalo,
 Defata a nuvem com ruidoso estalo,
 Vibrando da montanha contra o cume
 O fulminante ardor do ethereo lume.

Repete o impulso da porçaõ bastarda
 Com mais violento estrondo, que a bombardas:
 Gemem os Polos ao fragor tremendo,
 Estremece-se a maquina rotunda,
 Caiem as iras do tumulto horrendo,
 Vês sobre ti a instancia furibunda,
 Da colera celeste: o Euro inchado
 A embravecer-se torna com as penhas,
 Arriçadas estão as tolcas grenhas,
 Lucta a tormenta em impetos ferozes,
 Clama outra vez a esphera com as vozes
 Dos horriveis trovoens: E tu não sentes,
 Por ventura, signaes tão evidentes
 De hum supremo Motor? o medo, o espanto,
 O abalo, o affombro, a confusaõ interna,
 Não grita? não te diz no teu quebranto

Que

Que ha causa superior, que os Ceos governa,*
 E que esse teu temor he claro indicio
 De lhe estares votando o sacrificio?
 Eu tenho para mim que assim o entendes,
 Pois Horacio * sectario de Epicuro,
 Com a mesma expressãõ, que te figuro,
 Desprezou esses necios exemplares,
 E fez arder o incenso nos altares.

TRIUM-

* *Ipsa veritas cogente natura etiam ab iuvisis pectoribus erumpit: Et si tollit tremor infremuerit, si morborum pestifera vis, si seva tempestas, si grando increbuerint, si alimenta frugibus siccitas denegaverit, ad Deum confugiunt, Dei petitur auxilium, Deus, ut subveniat, oratur. Lact. Firmian. lib. 2. cap. 1.*

* *Parcus Deorum cultor, Et infrequens
 Insanientis dum Sapientie
 Consultus erro: nunc retorsum
 Vela dare, atque iterare cursus.
 Cogor relictos, namque Diespiter
 Igni corusco nubila dividens
 Plerumque per purum tonantes*

*Egit equos, volucrumque currum;
 Quo bruta tellus, Et vaga flumina
 Quo fluv, Et invisã horrenda Tanori
 Sedes, Atlantæque finis
 Concutitur, valet ima summis
 Mutare; Et insignem attenuat Deus
 Obscura promens.*

TRIUMPHO DA RELIGIAO.

Poema Epico-polemico.

LIVRO II.

*Contra o Polytheismo.**

D Estes vehementes brados varios eccos
Formou a refracção nos troncos seccos:
Do Mar, que ao longe ronca, ou do granizo
O anticipado estrondo, representa
O murmureo do bosque: outra tormenta
Pa-

* *Polytheismo*: Vem do Grego *Poly*, que significa *muito*, e de *Theos*, que significa *Deos*: e he o mesmo que huma ceita, que admite muitos Deos. Seria necessario hum volume para indagar a Origem, o Author, e os progressos da Idolatria. Os Escriptores naõ concordão na sua epoca. Os Orientaes discorrem, que ella tivera uso antes do Deluvio, fundados no Texto. *Omnis, caro corruperat viam suam*: Outros, depois d'elle, attribuirão a invenção desta maldade, a Chaõ filho de Noé, cuja descendencia encheo o Mundo deste barbaro, e sacrilego delicto. Esta he a opinião de Cassiano, Collat. 8. Cap. 21. e de Lactancio, lib. 21. de falsa religio; bem que naõ he fundada em documento historico. S. Epiphanio, de Hæresib; peitende que Sarug, Avô de Tharê, Pai de Abraham fosse o primeiro cultor dos Id'os. Porém Josué no Cap. 24. v. 24. só chama idolatras a Tharê, e a seu filho Nachor, Irmaõ do mesmo Abraham: *Transfluvium habitaverunt Patres vestri ab initio, Tharê, pater Abraham, & Nachor, servi-*

Parece que nasceres te formava;
 O Genio, e o peregrino duvidoso,
 Não sabem se este alento pavoroso
 De tão rudo, funesto domicilio
 Seria sedição, em vez de auxilio!

Julgando sospeitoso hum clyma, aonde
 A lei com a razão não corresponde,
 Se apartaraõ de hum sitio, em que podia
 Ser virtude a traição, e a aleivofia:
 Huma estrada procuraõ, que nas plantas,
 Com que se adorna o provido terreno
 Se fazia o caminho mais ameno:
 Antigo parecia pelo estrago,
 Com que a imagem de Rõma, e de Carthago
 Palpitava na pyra, ou nos relquicios
 De tantos arruinados edificios;

Pois


veruntque Dii alienis. Outros querem que Nemrod, fosse o inventor da idolatria. O Livro da Sapiencia Cap. 14 v. 15. ainda que não declara o A. nos insinua a origem: Diz que hum Pai, sentindo vivissimamente a morte de hum filho, o mandara esculpir, e ordenara à sua familia, que lhe votasse sacrificios. Daqui procedeo que de tudo o que se movia ou por affecto, ou lisonja, ou perdependencia, ou em agradecimento de algum beneficio, se hia convertendo em culto, e daqui nasceu a adoração que se deu a Jupiter, a Saturno, a Marte, &c. Continuando esse culto, depois da sua morte nos seus Simulacros. *Siquis tamen* (diz o P. Calmet no seu supplem. do Discion. Biblic.) *genuinum idolatrie fontem investigare voluerit, non aliunde querat, quam in depravatione humani cordis in ignorantia verum, in fastu, audacia, mala cupiditate, ac studio in res sensiles, in sensibus, frustalibusque passionibus.*

Pois das reliquias  no fatal refumo
Se achava inda o pavor, se erguia o fumo.

N'algum vestigio humano mostra a areia
Naõ ser a estrada inhospita: a distancia
Menos gostosa a fáz na tolerancia
Da cançada vareda; e já vencido
Muita partè de hum curso taõ comprido,
Advertem lá ao longe hum passageiro,
Que a elles se encaminha; e mais chegado
Conheceraõ tambem que era estrangeiro
No semblante, e no traje defusado:
Saudaraõ-se cortezes: e huma fonte,
Que alli nascia da raiz do monte,
E toldava huma arvore florída,
A reparar as forças os convida.

Suspensõ (diz o novo caminhante)
Me tem a vossa vista: Quem cuidara
Que a qui neste lugar vos encontrara!
Quem vos traz a hum clyma taõ distante;
Se he que sois Europeos? a huma Provincia
Mais Oriental da Asia? que desejo

Vos

 *Pois das reliquias &c.* Esta estrada levava o Peregrino aos templos dos *Idolos*, que adoraõ os *Chins*; e esta Idolatria se funda nos vestigios da que praticavaõ os *Romanos*; e porisso ainda que fujamos estes edificios arruinados, porque já senaõ adora *Jupiter*, *Marte*, *Apollo* &c. parece que se acha o fumo desta superstiçaõ no culto, que a *Ghina* dá aos seus simulacros.

Vos move, que ambição, ou que destino?

Ver * o Mundo (responde o Peregrino)

He todo o meu intento : toda a empreza,

Que me leva a medir a redondeza

De taõ varios, incognitos districtos ;

He saber os costumes, leis, e ritos

Desta Civil, humana sociedade :

A pé, e quasi só ! grande vontade

(Pondera o estranho companheiro) tendes

De entregar a taõ prodigos trabalhos

O miseravel Corpo ! Nos atalhos

Nas varedas mais asparas (lhe adverte

O sabio Peregrino) que de balde

Intentarão dos passos a fadiga

Que a laxidaõ dos membros se confira.

Este amigo fiel, que me acompanha,

Em taõ subtil materia se conserva,

Que muita parte della me reserva

Para extenuar a maquina corporea ;

E taõ * agil me poem para este intento,

Que converte a substancia em pensamento :

D

Ten-

* *Ver o Mundo &c.* Não pareceu ao *Heróe* ser conveniente o descobrir ao estrangeiro, sem o conhecer, o principal intento da sua empreza. Cautella que devem observar todos os homens prudentes.

* *E taõ agil &c.* Ou pelo superior auxilio do *Genio*: ou porque senão experimenta alguma fadiga, e tudo se facilita nas mais arduas emprezas, quando se movem por huma natural inclinação.

Tende de mim por hora esta noticia ;
 E já que me tem sido taõ propicia
 Hoje a minha fortuna , pretendera
 Se licença me dereis , que soubera
 Quem sois , para que possa respeitavos
 Neste feliz successo de encontrarvos.

Confucio * fou (lhe diz) tomando o nome
 Deste antigo Philosopho da china ,
 Ou deste Imperio Oraculo eloquente ,
 De quem a illustre ; singular doutrina
 Deu que fazer ao solio prehemimente
 Da vossa mesma Roma : ✠ Nesta estrada
 Ando sempre em sollicita jornada
 Por conduzir aos Deoses , que venero ,
 Algum viador de espirito sincero :
 Se quereis que vos leve áquella estancia
 Cheia de excelsa , esplendida fragrancia ,
 De tanta Divindade , aberta via
 Tendes na minha ingenua companhia. A

* *Confucio.* Hé hum antiquissimo philosopho da China, que este Imperio respeita como Oraculo da sua Religiãõ, e das suas Sciencias.

✠ Consta da Epist. ad Galat. cap. 2. q̄ vinda S. Pedro a Antiochia comia com os *Gentios*, que se tinhaõ feito *Christãos*, de todas as viandas, que estavaõ prohibidas aos *Judeos* no cap. xi. do *Leuitico*; e depois que vierã à mesma Cidade os *Judeos*, que se tinhaõ feito *Christãos*, se abstinha de comer com os outros por naõ escandalizar os circuncisos. Consta do mesmo cap. da Epist. V. 14; que S. Paulo naõ aprovava este procedimento, e que reprehendea d'elle a Pedro com as seguintes palavras: *Si tu, cum Judeus, sis, gentiliter vivis, & non judaice, quomodo gentes cogis judaizare.*

A tudo o que he notavel se provoca
 (Lhe diz o Peregrino) o meu desejo;
 Sigamos pois a estrada: Aqui vos toca
 (Diz Confucio) o não terme por sobejo,
 Se vos peço huma historia resumida
 Da vossa patria, acçoens, emprego, e vida.

Bem que posso affligirme na memoria:
 (Responde o Peregrino) dessa historia;
 A direi, sem usar de algum alinho,
 Em quanto nos detemos no caminho.

A noticia de antigos Genitores,
 Com que as aras se incensão da nobreza,
 Não vos posso allegar: entre os horrores

D 2

De

Daqui se originou o combate, que durou tantos annos entrê Santo Agostinho, S. Jeronymo, em que ventilaraõ se era digna de reprehensãõ a acção de S. Pedro, e se verdadeiramente o reprehendera S. Paulo. Fundados nos pareceres, em que ao depois se dividiraõ por huma, e outra parte os Theologos; se originou outra questãõ entre os Missionarios da China: os Jesuitas, com os Franciscanos, e Dominicos: Como os Chins admittem entre os pontos da sua religião a Metempsychose, ou transmigração das almas de hum para outros corpos, como dos humanos para os dos brutos, se abstem de comerem algumas carnes, de que usamos na Europa; e parece que deviaõ disputar os Missionarios, à imitação de Pedro, e Paulo, se devia ser permitida esta abstinencia: Porem toda a contenda versou se as ceremonias, que os Chins faziaõ aos seus Primogenitos, e a Confucio; oraõ religiosas, e politicas. Esta questãõ se levou muitas vezes a Roma, aonde se ventilou com o maior esforço diante dos Papas Clemente XI; Benedicto XIII; Clemente XII; e do Pontifice Reiuante, Benedicto XIV; que a decidiraõ com varios Breves. Quem desejar esta materia com mais extençaõ, veja a nossa Repõta Confuciana, que há pouco tempo sahio a luz em defença dos Jesuitas.

De huma funda Caverna, a natureza
 Ao Mundo me deitou; sem que alcançasse
 Quem nesta horrenda estancia me gerasse.
 No centro infauſto da funeſta alcoba
 A admiravel Clemencia de huma Loba
 Só conheci por Mai: * eſtes focorros
 Logrei na criação dos ſeus cachorros,
 Que a pezar de huma eſpecie taõ diſtante
 Os tive por Irmaons n'alguem instante.

Depois que a clara luz da intelligencia
 A ração me illuſtrou, tive a evidencia
 Que de origem mais alta procedia:
 Mas de que ſorte fora, não ſabia;
 E eſta nevoa infelíz d'huma ancia interna
 Se augmentava nas ſombras da caverna.

Banhouſe de outro raio o entendimento,
 Fornioſe mais o corpo; hum novo alento
 Acendia os impulſos da vontade
 Para vencer a enorme eſcuridade:
 Chego á entrada da Cova, que na penha
 Se abria ſó capáz de penetralla
 A deſtreza do bruto: aqui ſe empenha
 Toda a minha afflicção; mas não ſe aballa

Aos

* A hiſtoria Romana dá tambem eſta ama a Romulo, e Remo, e com eſte exemplo, ainda que baſtaamente diſputado, ſe conforma o admiravel com o verofiſimil.

Aos meus ais o penhasco endurecido :
Insiste, e lucha o esforço entre o gemido,
Entre o pranto, entre a raiva, entre o desvello:
Vou huma, e outra vez reconhecello,
Procuro as fendas, as feiçoens lhe inquirio,
Já me incita o valor, já me retiro;
E quasi de repente, e quando alcança
Menos alento a mísera esperança,
O carcere fatal se poem convulso:
Contra a dureza bate hum novo impulso;
Até que deixa, com portento ignoto,
Patente a gruta no penedo roto.

Ao prodigio, * que inda hoje desconheço
Devi a Liberdade: Sepultado
Ficara neste abyssmo o triste estado
De huma vida infelíz, senão houvera
Algum supremo auxilio, que rompera
Tanta violencia, com que a sorte brava
O indissolúvel vinculo apertava.

Da caverna na idade mais florente
Saio, em fim, para o Mundo: de repente
Dou com os torpes olhos na estrutura

D 3

Da

As prodigio. Tendo disposto a Providencia que o *Heróe* triumphasse nas feitas, o devemos considerar auxiliado de superior impulso: Por esta causa se logra o verosimil no admiravel, sahindo da caverna por hum nodo milagroso.

Da maquina celeste: Sem destino,
 Sem vista, sem ardor, sem rumo, ou tino,
 Me achava submergido em outra escura
 Concavidade; e a luz que me recreia
 Varias sombras produz na minha ideia:
 Qual a ave nocturna, que desmaia
 Nos raios, em que a aguia o filho ensaia,
 Assim o horror, que dos fulgores dista,
 Foi a primeira acção da minha vista.

Cheio de affombro de ignorancia, e medo,
 Bem que livre do misero concurso,
 Que insultava os reflexos do discurso,
 Dizia: Quem sou eu? * Donde procedo?
 Quem me fez? onde estou? concebo, alcanço,
 Julgo, discorro, entendo, obro, decido,
 Sinto, e vejo? Que Nume esclarecido
 Se move dentro em mim, que ao meu alento,
 Que

* Estas mesmas perguntas fizera cada hum de nós a si mesmo se deramos de repente com os olhos nesta póitentosa maquina do Mundo, e se não tivera tirado o costume aquelle affombro, a que nos devia convidar hum objecto tão admiravel. Não só o costume, a falta de reflexão nos livra daquelle espanto, em que deviamos estar sempre. Sepultados entre as Sombras do nosso discurso.

O Abbade Genesi no seu Poema dos Principios da Philosophia, traz figurada no frontispicio deste Livro a imagem de hum mancebo naquelle mesmo estado, em que o Peregrino sahio da caverna com a letra seguinte.

Qui suis je? Où suis je? & d'ou suis je-venu? este mesmo verso repete no livro I. deste Poema, no tit. De l'esprit, & du corps; pelo modo seguinte.

Que ao meu impulso, a minha intelligencia
Assiste com tal alta prehemencia?

Olhava para os pés, coxas, e braços,
Para as pernas, e maons, dedos, e ventre.
Tudo julgava por assombros; e entre
Taõ grande confusão, me parecia
Que em nova escuridade a dormecia.

Quando mais elevado neste abyfmo
De taõ profunda ideia, amente inflammo,
Vejo nascer o Sol: O' quanto exclamo
Com taõ brilhante objecto! Que exquisita
Admiração o espirito me excita
A beber tantos raios com os olhos!
Naõ podia apartarme do portento
O meu extemporaneo movimento:
Fui a adorallo como a Divindade
Da fabrica sublime: * a claridade
Naõ só a tanto empenho me arrebatá,

D 4

Mas

*J' ignore tout, & rien ne m' est connu!
Attentif, & onné, je regarde, j' è coute,
Qui suis-je? Où suis-je? & d'ou suis-je venu?
Qu'arrive-t-il en moi? Je balance, je doute.
D'une chose pourtant je ne scaurois douter;
Je crois voir, je crois è couter.*

F. *Faz a admirar* &c. Primeiro impulso da novidade, e formosura do Sol
ie tanto peduade a excellencia da Criatura, que fará a do Criador?

Mas notar que já sobe, e se dilata:
 Por esse immenso campo de zaphira;
 Onde affecta que alenta, e que respira,
 Que tem alma, e que vive em mais grandeza,
 Que a minha desmaiada natureza.

Naõ tive neste dia outro recurso
 Mais que estar-lhe observando o ethereo curso
 No circulo luzente: Naõ te explico
 As imagens funestas com que fico
 Depois de o ver no Ocaso: Quem se atreve
 A mostrar tanta pompa luminosa
 (Dizia) n' huma vida que hé tão breve?
 Outra vista naõ menos portentosa
 Tive ao depois na Lua, e nas estrellas:
 Em tanta multidão de centinellas
 Com que o Ceo se guarnece, e a noite brilha
 Encontrei huma nova maravilha.
 Tornou a vir o Sol, ao aureo berço,
 Para illustrar o adorno do Universo,
 Mas ao depois o Curso repetido
 Já me deixava menos suspendido. †

Fui

* Outra vista naõ menos portentosa. Naõ nos causaria menos affombro, do que a vista do Sol, e da Lua, e a das Estrellas, se tambem de improvizo se offercesse aos nossos olhos. A nossa desatenção, e o nosso descuido hé q nos priva de estarmos sempre embebedos na contemplaçãõ destes, e de outros portentos.

† O Curso repetido. O que muitas vezes se vê, ou se communica, por mais admiravel que icja, se faz logo commum, e desprezavel no nosso Conceito.

Fui a notar a planta, a ave, o bruto, ¶
 Vi-me pasmado, e estive irrefoluto
 Em cada estranho objecto, que notava
 A garganta do monte, que sajava
 Na fralda a gruta arbor, em que nascera
 O meu desejo ardente se accelera
 Batia o Mar nos barbaros rochedos
 Do terrapico gigante, de continuo
 Se embravecia o monstro cristalino;
 E em outra parte a praia não receia
 De rebaterlhe a furia com a areia.

Com novo espanto na região sublime
 Estive muito tempo arrebatado,
 Até que me levou todo o cuidado
 Outro prodigio, que no inchado pego
 Aterrou inda mais o meu socego
 Hum monstro, cheio de tecidas plumas,
 Vinha abrindo as colericas escumas:
 Impellido do vento, mais ligeira

¶ Fui a notar a planta. Como tudo era novo para o Peregrino, tudo lhe parecia prodigioso; sendo que a excellencia das coizas, não deve consistir na novidade, mas no seu intrinseco valor; porem o nosso entendimento, dá meuos prego, ao que conhece, que ao que ignora.

Sed assiduitate quotidianâ, & consuetudine oculorum assuescunt animi, neque admirantur, neque requirunt rationes earum rerum, quas semper vident: perinde quasi navitas nos magis, quam magnitudo rerum debeat ad inquirendas causas incitare. Cicero. de natur. Deor. lib. 2.

Punha no affopro a rapida carreira,
 E se talvez o Boreas lhe faltava,
 Humas vezes se unia, outras parava:
 Chegou junto da praia, onde vomita*
 Da minha propria especie varios entes,
 Quasi do mesmo traje, e diferentes
 Nas feições, na estatura nos semblantes:
 Logo os busquei, e os fiz participantes
 Por acenos da minha desventura
 Agazalharme cada qual procura:
 Não sei se a tanta lastima os persuade
 A primeira impressãõ da novidade,
 Ou a magoa, que excita o seu cuidado
 De verme em tão funesto, e triste estado:
 Todos me cercaõ, todos me perguntaõ
 Pela minha fortuna, e aborto fico
 E só com gestos, e atenções me explico
 Para o navio, em fim, me recolherãõ;
 E depois que agoa doce receberãõ
 De hum chorro, que se finge hum novo ethonte,
 Despenhado entre os círculos do monte,

A

* Julgou o *Peregrino* o navio por hum monstro marinho: a ignorancia da *Nautica* lhe produziu este conceito: o desembarque dos marinheiros lhe pareceu hum horroroso vomito, que fazia o monstro na praia. Eis aqui as erradas ideias, que formamos de tudo o que não conhecemos. Bom exemplo para não reputarmos por demonstrações physicas as nossas conjecturas: Que de absurdos, de erros, e de enganos seguimos, e defendemos nas Sciencias, quando não temos nellas outra guia mais, que a nossa falsa apprehensão!

Metro, pincel, e Canto: * estes objectos
Me arrebataraõ sempre os meus affectos:
Na Poesia me instava aquelle activo
Resplandecente raptõ, com que a alma
Se poem na doce, cogitante calma,
Proferindo no metrico dispendio
Tanto canoro, destilado incendio.

Na Pintura admirei que em hũa taboa
Taõ lisa, como rafa, o claro, e escuro
Desse à vista de hum seculo futuro
Taõ vivas as feiçoens, que arrebatado
O assombro na elegancia do treslado
Parecesse que, em tantos resplandores,
Resuscitava o espirito nas cores.

Na Musica applicava o arrojo estranho
Das rebeldes paixoens: taõ venturoso
Me suppunha no encanto numerofo,
Que cuidava que em tanta consonancia
Uniaõ Terra, e Ceo toda a distancia,
Julgando, nas suavissimas cadencias,
Mais nobres os sentidos, que as potencias.

Passei a comprehender em outro estudo
Grammatica, e Rhetorica, que ajudo

Com

* Metro, pincel, e Canto. Poesia, Pintura, e Musica saõ as artes, com que
mais se arrebatãõ os espiritos sublimes, e porisso se attribuem ao Heres.

Com o genio mais prompto a este emprego:
 Andará na elegancia sempre cego
 Quem só na arte a funda; que hé preciso
 Lograr a propensão, e haver juizo;
 Pois da palavra a força, e a gentileza,
 Não vem da regra, vem da natureza. *

Debaixo dos preceitos de Longino †
 Vi tomar ás Naçoens diverso tino:
 Os Francezes poetizaõ como fallaõ
 Na pratica commua: Não regallaõ
 Com aquelles harmonicos debuxos,
 Que a Castalia propoem nos seus influxos:
 Não distinguem da Historia os Elogios:

Fa-

* *Sic sentio naturam primam ad discendum vim afferre maximam, Cicero, lib. 1. de Orator. Nihil precepta, atque artes valere, nisi adjuvante natura. Quintil. lib. 1. cap. 1.*

Et comme l'art de chanter ne réussit pas à celui qui n'a pas de voix, l'art de parler ne peut réussir à celui qui n'a pas de genie pour la parole. Rapin, Reflex. sur l'éloquence, n. 4; in fine.

† *Longino: Dionyzio Longino* floresceu no 3. século da era Christã: compoz em Grego hum Tractado de sublime que os Francezes julgão por text. da verdadeira-eloquência, e o antecedem a *Aristoteles*. Hé certo que nesta materia hé mestre consumado; porem os Francezes estimãõ mais, do que seguem, os seus preceitos. *Boileau* fez huma bella traducção Franceza desta obra. Outros chamaõ a *Longino*, *Cassio*, e não *Dionyzio*: Dizem que fora herdeiro de *Fronton Emisseno*, e *Mestre de Porphyro*; e que ao depois fora Ministro, ou Conselheiro de estado de *Zenobia*, Rainha dos *Palmyrenos*: Que foy morto por ordem do Imperador *Aureliano* em 272. da era christã pelo imaginar author de huma carta atrevida, que esta Rainha lhe tinha escripto na lingua *Syriaca*. *Zozimo* louva muito a erudição de *Longino*, e seus escriptos, e a constancia, com que soffreo o suplicio, que lhe fez dar *Aureliano*. *Bunapio* diz que ella era hũa viva *Bibliotheca*.

Fazem nos seus papeis estes desvios
 Dos Mestres da eloquencia, e sempre ostentaõ
 Que das leis da elegancia não se auzentaõ:
 Por costume, ou por genio tem disposto
 Na explicação vulgar todo o seu gosto.

Na Italia reina a pompa delicada
 De hum flórido concerto: sublimada
 Foi sempre neste ardor do Lacio a gente:
 De Aristoteles segue inteiramente
 Na ligada Oração, e na soluta
 A mestria, que Apollo lhe tributa.

Em huma, e outra Victoriosa Hespanha
 Se encarece a agudeza: Não se estranha
 Subtilizar do verso o doce alento
 No mais agudo, e fino pensamento:
 Na Panegyri ao Rithmo a Prosa segue,
 Cuidando que a eloquencia assim consegue:
 Mas de França as ingenitas porfias
 Lhe pertendem chamar galimatias: *
 Seja amor da clareza, ou seja ahylo,
 Que busca a froxidaõ do seu estylo.

Metz

Galimatias chamaõ os *Francezes* a todo o pensamento, ou discurso
 ue lhe parece escuro: Porem o seu *Despreau* nos diz que com esta ca-
 a de escuridade querem muitos encobrir a sua ignorancia; pertendendo
 ue o defeito esteja na irregular explicação do escriptor, estando alias
 a fraca intelligencia do que lê.

Meti-me em philosophicos ensaios:
 Hum mappa procurei cheio de raios,
 Onde entendi que achava em cristal terço
 Illuminada a pompa do Universo:
 Depois de muito tempo, em que não sinto
 A mais pequena luz; n'hum labyrintho
 De sistemas, e duvidas me engolfo:
 Pilotos eraõ deste escuro golfo
 O famoso Aristoteles, Descartes,
 Gassendo, e Newton, * tendo em varias partes
 Movido tanto o Mar no empenho antigo,
 Que não havia rumo, sem perigo.

De

* Os quatro Coripheos das Seitas philosophicas, que hoje permanecem nas Aulas. Poderia ser agradável aos Leitores dar huma noticia de quem elles foraõ, e da differença dos seus *Systemas*; não cabe tanto na brevidade de humas notas, e o que pode permittir a Concisãõ de hum *Poema* vai exposto neste lugar.

Desde o Verso 312. até 364. Com tudo sempre daremos alguma breve noticia de cada hum destes Philosophos. *Aristoteles* nasceo em *Stagyre* pequena Villa de *Macedonia* 384. antes de *Christo*: Depois da morte de seu Pai *Nicomaco*, medico de *Philippe*, ficou entregue á tutela de *Proxenos*, em que viveu licenciosamente. Gastando nesta Vida o seu patrimonio, servio ao depois nas tropas de *Athenas*. Daqui buscou a escola de *Platão*, aonde aprendeu a *Philosophia*. Por algumas questoes, que teve com o Mestre se retirou para *Atarne*, aonde reinava *Hermias*, que lhe deu por mulher a sua Irmaõ *Pythias*. Sendo desolado este Principado por *Amans* General dos *Persas*, fugio *Aristoteles* para *Mytilene*, dõnde o chamou *Phisippe* para Mestre de seu filho *Alexandre*. Depois de gastar 8. annos na educaçãõ deste Principe, passou outra vez à *Athenas*, aonde instituiu a feita *Peripatetica*! Aqui foi accusado por impio, accusaçãõ que lhe fez *Eurymedon*, Sacerdote de *Ceres*. Por esta causa se refugiou em *Chalcis*! Morreu de 63. annos, huns dizem que de huma colica, outros que a fogado no *Euripo* de pena por não entender o segredo das marés. Pelo que toca às suas obras se veja *Launoi de varia Aristotelis fortuna*, e *Patrio* no seu livro intitulado: *Peripatetica discussiones*.

De scyllas, e carybdes se compunha
 A cançada derrota: Quanto expunha
 A' minha intellecção este Orizonte
 Eraõ corpos mentaes de vaga fronte;
 Como aquelles fingidos exemplares,
 Que as nuvens formaõ na regiaõ dos ares,
 Que ao tempo, em que as imagens se procuraõ,
 Nesse instante os aspectos desfiguraõ.

As partes infinitas do Continuo
 Hum monstro me ordenavaõ: grande absurdo
 Me pareceu o enredo da materia,
 Que a Eschola chama *prima*: instancia aerea
 A dos Universaes: Neste tumulto
 Vi dormir de Aristoteles o vulto, *
 Soltando as principaes difficuldades
 Com as suas distintas qualidades.

Naõ arde o fogo, naõ borbulha a agoa,
 Naõ brilha a luz, o corpo naõ aquece,
 Naõ se cõra, se esfria, ou se humedece:
 Naõ desce o grave, naõ atraie o ferro
 O poderoso imã; sem que atraido,
 Sem que precipitado, humedecido,

E

Conge-

* *Vi dormir de Aristoteles o vulto.* Porque as principaes difficuldades da *Physica* soltaõ os seus sectarios com esta grosseira, e descansada soluçãõ das suas novas qualidades.

Congelado, côrado, ou quente seja
 Por qualidade nova, que se reja:
 Sem que brilhe, borbulhe, ou arda logo.
 Da mesma sorte a luz, a agoa, o fogo,
 Senão por outra forma bem distinta,
 Que na falsa apprehensã a ideia pinta:
 O bella descansada subtileza
 De inquirir, de explicar a Natureza!
 Quem n'hum hora, adoptando este conceito
 Senão fará hum physico perfeito?

Em Descartes * achei outras espinhas:
 Faz o vacuo impossivel: dos seus brutos
 As maquinas automatas offendem

Os

* Renato Descartes nasceu na *Haya de Turena* de huma familia nobre, e antiga: tomou as primeiras letras em *Flebo*, e depois de varias distraçens, seu grande amigo o *P. Merfeno* o persuade a applicaçã dos estudos. Huma viagem, que fez a *Holanda* em 1616. o tentou a servir nas tropas da *Republica*; e estando de guaruiçã em *Breda* dissolveu o famoso problema de *Mathematica* de *Isaac Beeman*; e a qui compoz hum *Tratado de Musica*. Tendo assistido a differentes sitios voltou a *Pariz*, aonde se deu ao estudo da *Ethica*, e da *Physica*. Foi à *Italia*, e assistio ao sitio da *Rochella* em 1628; e tornando a *Pariz* o *Nuncio do Papa* o fez publicar o seu *Systema da Philosophia*. Para seguir com mais tranquillidade os estudos se retirou a *Egmont*, e viveu em *Holanda* neste retiro mais de 25 annos. De baldeco convidarã para a assistencia da Corte. *Luiz XIII*; e o *Cardenal de Richelieu*, elle publicou neste tempo as suas *Meditaçens* sobre a existencia de *Deos*, e sobre a *immortalidade da alma*. Resolvente em seguir a Corte aonde recebeu hũa pensã de tres mil livras. Passou à *Suecia* convidado pela *Rainha Christina*, que o recebeu, e tratou com a maior estimaçã: aonde morreu em 1650. de 54. annos. *Adriano Baillet* tem escripto a sua vida. As suas obras principaes sãõ: *Os seus Principios*, as suas *Meditaçens*, o seu *Methodo*, o seu *Tratado de pincoens*, o da *Geometria*, o do *Homem*, e muitos volumes de *Cartas*.

Os objectos formais, e os estatutos
 Por onde os entes mais se comprehendem:
 Saõ as demonstraçoens muito fallazes,
 Os experimentos perfidos: Vorazes
 Os vagos turbilhoens: com pouco fundo
 A fabrica inconnexa do seu Mundo.

De Gassendo * nos atomos concebo
 Igual difficuldade: Naõ percebo,
 Sendo hum atomo simples, como pode
 Ser physico, e real, sem que accomode
 Na figura a extensaõ: E todo o extenso,
 Seja grande, ou subtil, ou raro, ou denso,
 Naõ pode estar sem partes: Se as conserva,

E 2

Sim-

Pedro Gassendo nasceu na Provença na Villa de Chanterfer do Bispado de Digna, no anno de 1592. Depois de ter feito hum grande progresso nos estudos reforma, ou christianiza o systema de *Epicuro*, e se fez hum novo coriphéo desta *Philosophia*, a que ajuntou hum grande conhecimento das *Mathematicas*, e das linguas, com huma exquisita, e profunda applicaçõ. Foi Conego, e Preoste da Cathedral de Digna. Foi amado de *Mr. de Peirese*, de *Mr. du Vair*, do Cardeal de *Richelieu*, e de todos os Sabios da quella idade. O Cardeal de *Lyon*, Irmão do Cardeal de *Richelieu*, lhe procurou huma Cadeira de *Mathematica* no Collegio Real em *Paris*. Morreu em *Paris* em 1655. a 24. de Outubro, de 64. annos, na occasião de huma sangria, que lhe mandaraõ dar os Medicos, instando lhe muitas vezes que morreria na açãõ deste remedio, e no meio d'elle que espirou. Sendo hum homem taõ grande, causa huma grande admiraçãõ, o foytejar-se com tanta obediencia a hum capricho estranho. Temos de *Gassendo* tres volumes da *Philosophia* de *Epicuro*; e seis que tratam a sua *Philosophia*: Dois de *Astronomia*. Tres das vidas de *Nicoldo Machiavel*, de *Epicuro*, de *Capernico*, de *Tycho Brahe*, de *Purbachio*, e de *Agostino*. Quatro de *Cartas*, e Outras obras. *Sorbiere*, e o *P. Bougerol* da Congregaçãõ do Oratorio escreverãõ a sua vida.

Simples não pode ser: Se as não observa,
 Bem que existente a ideia se treslada,
 Outra ideia dirá, que não hêhada.

Tenho advertido em Newton, † que procura
 Fundar o movimento na estrutura
 Da virtude magnetica, explicando
 Todas as operaçoens, que tem o mândo
 Da natureza incognita, no impulso
 Da geral atracção: Parece insulso
 Tambem este conceito, em que se imita
 Do Peripato a ideia já proscrita
 Das novas qualidades: Tudo enredos
 De confusas noçoens, falsos segredos.

Alem

† Isaac Newton nasceu em Wollstrop na Provincia de Lincoln em Inglaterra o dia de Natal de 1642. elle descendia por Varonza do Barão João Newton, e foi educado na grande Escola de Grantham: Daqui continua os seus estudos no Collegio da Trindade de Cambridge, e fez a maior applicação nas *Mathematicas*, em que sahio eminente. O primeiro tomo, que elle deu à luz destes estudos, foi em 1687. com o titulo *Principios Mathematicos da Philosophia natural*; aonde elle estabeleceu o seu systema da Atracção. Foi guardá, e ao depois *Director da moeda*, emprego de grande renda. Foi eleito em 1703. *Presidente da Sociedade Real de Londres*, e no anno seguinte imprimio a sua *Optica*, huma das maiores obras do seu grande espirito. A Rainha Anna o fez *Cavalleiro* em 1708. Morreu em *Londres* a 20. de Março de 1727. de 85 annos; e foi sepultado na *Abadia de Westminster*: Foi exposto o Cadaver na *Camera de Jerusalem*, donde se levão ao sepulcro as pessoas da mais alta dignidade. Levavaõ o Caixão *Milord, grande Chanceler*; os *Duques de Montrose e Rosburgh*, e os *Condes de Pembroke, de Susses, e de Macclesfield*; todos *Parcs de Inglaterra*: officiou as exequias o *Bispo de Rochester*, acompanhado de todo o Clero da quella Igreja; e o corpo foi sepultado á entrada do Coro. Raras serã os exemplos na historia de que alguem conseguisse tanta honra pela sua sciencia só por esta acção se devia immortalisar a Nação Inglesa.

Alem disto notei que toda a ancia
Do mais douto sectario, era a jactancia
De entregar deste objecto à ideia escura
Todo o engano da indocil conjectura,
Sem que attenda que a imagem paradoxal
Se encontre com a Maxima orthodoxa;
Querendo fogueitar a Fé Divina
A's leis da Philosophica doutrina
Serve a Philosophia de instrumento
Para dar mais algum conhecimento
Da excelsa Religião: Philosophamos
Da Grandeza de Deos, quando notamos
A perfeição da fabrica do Mundo; *
E a Ménte de hum Artifice profundo
Na firme successão de noite, e dia,
No concurso dos tempos, na harmonia
De tanto impulso, é estímulo diverso,
Como compoem a face do Universo:
Com a Philosophia distinguimos,
Do falso o verdadeiro: descobrimos
A distancia, que vai do honesto ao torpe;
Separamos os vicios das virtudes
E alcançamos hum bem tão desejado
Se entre os vagos incendios do cuidado

E 3

Como

As nossas conjecturas focorremos,
 Mas se as precipitamos; nos extremos
 Cahimos mais infieis de hum dogma impuro,
 Como Lucrecio, Pyrrhon, e Epicuro.

A Religião não deve algum conceito
 Provar de hum philosophico delirio,
 Deve o discurso, cheio de respeito.
 Prezar menos a feita, do que o Empyrio:
 A palavra de Deos só se interpreta
 Se acaso está confuzo, o que decreta:
 Quem nella subtiliza hé tão distante
 Do acerto, que ainda hé menos, que o ignorante
 Não há erro maior, que pelo estudo
 Querem examinar com genio agudo
 Dos entes naturaes todo o prodigio;
 E sem mais, do que hum frivolo vestigio,
 Entrar nesta atrevida, e louca empreza.*
 Desconhecendo o Author da Natureza:
 E se hê demencia, d'hum objecto humano
 Pretender alcançar o umbroso arcano,
 Que será desse objecto, em que naufraga
 Da triste fantesia a ideia vaga,
 E que inda está mais longe á negligencia

Da

* Desconhecendo o Author da Natureza: Ils se attacherent à etudier la nature, sans respecter l'Auteur. Rapiu sur l'usage de la Philosophie.

Da nossa limitada intelligencia?
 Não será huma mísera loucura
 O querer penetrar a conjectura
 Hum Ente superior; e a escuridade,
 Ou dos futuros, ou da eternidade? ✠
 Presumia encontrar na Medicina
 Alguma utilidade: Nada sulca
 O meu cansado estudo; e pouco inculca
 Quem só á contingencia se destina:
 Nos Livros de Galeno, e de Avicena,
 E nos desta farinha, * he grande pena
 Ver fundada inda a arte duvidosa
 Dos systemas na imagem caprichosa.
 Em regras menos futeis fez mais grave
 Baglivio, Sydenham, e Boerhaave †
 O intento de Esculapio, pondo a sciencia

E 4

Já

✠ *Evanuerunt in cogitationibus suis, & obscuratum est cor. incipiens eorum.*
 Div. Paul. ad Roman. cap. 1.

* *Galeno, e Avicena; Promotores da Medicina peripatetica, e textos do Curativo arbitrario.*

† *Baglivio, Sydenham, foras os que arrancaras a Medicina do perigo, e falsidade dos Systemas; e a reduziras à observação, e experiencia; methodo de que hoje usaõ os melhores medicos da Europa, excepto o nosso Portugal, que ainda geme no captiveiro, e capricho das conjecturas. Boerhaave foi o que levantou esta Medicina á maior perfeição: Van Switten, que foi seu discipulo, e commentou a sua melhor obra que saõ os Aphorismos de Cognoscend. & Curand. morb; hê hoje primeiro Medico da Augustissima Imperatriz, e Rainha de Bohemia, e de Hungria Maria Theresza. Galeno nasceu em Pergamo aos 131. da era christã, foi filho de Nicon, famoso architecto: Depois de aprender a Philosophia se applicou totalmen-*

Já na demonstração, já na experiência:
 Abrio largo caminho a Anatomia
 Para esta grande empresa: na sangria,
 Na purga houve eleição: Novo aphorismo
 Produzio toda a luz do Mechanismo.

Hospede quasi com as Leis me ponho:
 Não tendo Patria, ou domicilio certo,
 E já na Povoação, já no deserto;
 Por inuteis julguei estes Volumes;

Pois

te à *Medicina*, e foi discipulo de *Satyrus*, e de *Pelops*, os dois maiores medicos daquelle tempo: Passou à *Almandria*, aonde florescia as sciencias: Da hi a *Roma* no anno de 169. Foi obrigado a sair desta Cidade pelo odio, e inveja que conceberam os *Medicos* das suas prodigiosas curas. Ao depois foi outra vez chamado a ella por *Marco Aurelio*: Huns dizem que depois da morte deste Imperador sahira *Galeno de Roma*, outros que nunca mais deixara esta Cidade: Se *Galeno* não se quizera apartar do *Methodo de Hippocrates* igualara com elle na *Medicina*. *Avicena* foi *Arabe*, nasceu em *Bochar* a 980. da era christã: Foi doutissimo, e teve huma memoria prodigiosa. Applicouse à *Medicina*, e foi *Vizir do Soltam Cabous*; com os desmanchos de hũa vida licenciosa abreviou a sua vida, e morreu de 58. annos. *Jorge Baglivio* nasceu em *Ragusa* Cidade da *Dalmacia* de huma familia nobre a 5. de Novembro de 1666. Passou da *Dalmacia* para a *Apulia* na companhia de seus Pais, que lhe deraõ por Mestre das primeiras letras ao *P. Mondegado Jesuita*. Estudou na escola de *Salerno* a *Philosophia*, e *Medicina*, e seguiu esta sciencia nas *Academias de Patavia*, e *Bolonha*, da qual teve por mestre a *Malpighio*. Ao depois fez o domicilio em *Roma*, aonde teve huma grande opiniaõ, e aonde leu a Cadeira da *Anatomia*; morreu a 5. de Março de 1707. *Thomas Sydenham* nasceu no Condado de *Dorset* em *Inglaterra* em 1624. estudou em *Oxford*; e se fez Doutor em *Medicina* na *Universidade de Cambridge*: morreu em 1689. *Hermano Boerhaave* nasceu em *Voorhout* perto de *Lerde* em 1668. Foi o maior medico depois de *Hippocrates*, graude *chimico*, *Bodanico*, e *Anatomico*; ajudou com estas facultades riquezas immensas. Morreu a 23. de Setembro de 1730.

Pois para regular os meus costumes,
 Entendi que bastava aquelle alento,
 Que infundio, ou gravou no entendimento
 Huma Lei natural! Este discurso
 Me fêz buscar a Ethica: * recurso
 Maravilhoso foi: ella me ordena
 Tudo quanto o desejo meditava:
 Neste illustre elemento se engolfava
 A minha propensaõ: Alli diviso
 A verdadeira Sciencia: sem disputas
 De cansadas questoes, o meu aviso
 Descobre neste mappa resolutas
 As instancias da misera vontade:
 O simulacro encontro da verdade;
 Vejo o puro esplendor da continencia,
 A rectidaõ, o merito, a prudencia,
 Mansidaõ, fortaleza: da outra parte,
 Vejo o fero semblante da injustiça,
 A macilenta face da cubiça,
 O luxurioso ardor da intemperança
 O gesto formidavel da vingança:
 Na distancia do bem, e mal encontro

Hum

* A Ethica, que inclue os preceitos da *Philosophia moral*, hê a que dá mais proveito a os estudos; pois nos ensina a reconhecer a virtude, e o vicio. Nesta *Philosophia* se deviaõ exercitar todas as nossas applicaçoes. Naõ se deve estudar com outro intento que para moderar os nossos impulsos, e vencer os nossos appetites. Esta foi a *Philosophia* de Socrates, e que o constituiu o mais sabio, e virtuoso que teve a Antiquidade.

Hum deleite mais alto, e mais sezudo,
Ignorado talvez do antigo estudo.

Muito deví á Ethica: confesso
A sua utilidade: o meu ingresso
Nesta sciencia mais útil-me encaminha
A conhecer o engano, que provinha
De hum desejo curioso; e que a ignorancia
Hé da sciencia advertida circumstancia. *

Pois he certo que o sabio deve absterse
De tudo o que não pode comprehenderse. ✠
Com tudo noutra escola, inda mais alta,
Me aproveitei das regras, que me ensina
Mais poderosa, mais feliz doutrina:
A dilatada serie dos trabalhos,
Por incultos, por asperos atalhos
Me conduz n'huma vida, quasi errante,
A sapiencia mais firme, e mais brilhante,

Que

* Nescire quedam magna pars Sapientie.

✠ Le plus grand abrégement que l'on puisse trouver dans l'étude des sciences, est de ne s'appliquer ja mais à la recherche de tout ce qui est au-dessus de nous, & que nous ne pouvons esperer raisonnablement de pouvoir comprendre. De ce genre son toutes les questions qui regardent la puissance de Dieu..... C'est une solution très-commode, & très-courte pour se tirer d'un grand nombre de questions, dont on disputera toujours tant que l'on en voudra disputer, parceque l'on n'arrivera jamais à une connoissance assez claire pour fixer, & arrêter nos esprits. Est-il possible qu'une créature ait été créée dans l'éternité? Dieu peut-il faire un corps infini en grandeur, un mouvement infini en vitesse une multitude infinie en nombre, un nombre infini est-il pair, ou impair ?

Que no espirito imprime aquelle alento,
 Que vence das paixoes o movimento
 Outra vez digo ao homem, que sem este
 Custoso resplendor, estudo, agreste
 Nunca pode ser sabio; pois a sciencia
 Que se confirma só na intelligencia,
 Sem domar os impulsos da vontade
 Hé jaelancia; hé quimera; hé necedade.

Da luz experimental, e intellectiva,
 Pouco a pouco renasce; he se deriva
 Mais nobre applicaçã, que me arrebatã.
 A hum' excellõ ardor; pois me retratã.
 Hum Ente Summo; em fim, onde eminentes
 Haõ de estar tantos indices Luzentes.

A' Polemica passa o meu designio,
 Para ver as razoes, que a mente deve;
 A' Suprema Deidade, e em tempo breve
 Notei a confusaõ da Idolatria,
 Do Mahometismo, Hebrejmo, e da Herefia;

E
 C'est-il un infini plus grand, que l'autre? Celui, qui dira tout d'un coup, Je
 n'en sai rien, sera aussi avancé, en un moment, que celui, qui s'appliquera à
 raisonner vingtans sur ces sortes de sujets. Et la seule difference qu'il peut y
 avoir entre eux est, que celui s'efforcera de penetrer ces questions, et en danger
 de tomber en un degré plus bas, que la simple ignorance, qui est de croire savoir
 ce qu'il ne fait pas.

E nada me confunde, ou me embarça
Para logo aceitar a Lei da Graça. *

Que Lei mais doce, placida, conforme;
Mais santa, mais feliz, mais uniforme?
Mais viva na distancia dos Imperios?
Mais divina no affombro dos mysterios?
Gravada, pois, na minha intelligencia,
Da sagrada doutrina a preheminencia,
Desejei hum espirito facundo
Para illustrar com ella todo o Mundo: ✠
A alma se acendeu d'hum igneo arrojô
Com esta heroica empreza: este luzeiro
Me banha o coração: meu companheiro
Nesse tempo me excita esta jornada:
Esta a causa de acharnos nesta estrada,
Narrando * em parte tão desconhecida
Meu nascimento, emprego, acçoens e vida.

Vejo

* *Lei da Graça.* Pela luz natural, e pelos estudos alcançou o *Peregrino* a verdade da Lei Christã. Muitos entendê q a eleição da Lei depende da Criação: Quem teve o Pai *Calvinista*, ou *Lutherano*, será *Lutherano* ou *Calvinista* &c.

Para condemnar esta apprehensão hé q propuzemos o *Peregrino* em hũa Caverna, sem mais criação, q a dos brutos; e q depois de averiguar todas as Religiões, de q se compoem o Universo, não podia eleger outra Lei, senão a Lei da Graça. Ella hé tão conforme à razão innata do mesmo homem, que não deve algum regeitalla, sem condemnar a sua propria intelligencia.

✠ Da que teve o *Peregrino* da mesma Lei, se produzio o desejo de a communitar a todo o Mundo; e neste intento hé q tem principio a *Fabula deste Poema*.

* *Narrando.* Aquil pareceu ao *Peregrino* não encobrir a *Confusão* a sua empreza; pois tinha obrigação de lhe dizer a verdade, resolveu de se satisfazer à sua pergunta; e era já tempo de a descobrir para o combater.

Vejo que a vossa Crença he mui distante
 Da quella, que me fez participante
 O clyma em que nasci, lhe diz Confucio:
 Esse Polytheismo, esse Propucio, †
 Com que a Circuncisaõ fêz injurioso
 O culto das Deidades, me separa
 Da vossa Religiaõ; †† e me prepara
 O desgosto de veres os exemplos
 Dos Idolos, das aras, e dos templos.
 Naõ vos mortifiqueis com me lewares
 A ver effes magnificos altares,
 Responde o Peregrino: ahi presumo
 Que vos possa mostrar que tudo he fumo
 De hum Cego, falso, misero conceito:
 A palavra vos tomo, a offerta aceito,
 O Philosopho diz: e a estrada seguem
 Com mais expediçaõ, para que cheguem
 A examinar o assento promettido
 De tanto Nume, e Oraculo fingido.

Desco-

† Propucio era o nome, que entre os Hebreos se dava ao Genuilismo, assim como o de Circuncisaõ à Synagoga.

†† A parte da Asia mais cheia de idolatras he a China; por isso pozemos o Peregrino nesta Provincia a combater o Polytheismo. Entre os Chineses há tres seitas principaes: a que chamaõ dos Lebrados naõ tem Idolos, nem altar, nem Templo, nem Ceremonias ou Sacrificios. O Author desta Seita foi Confucio o seu famoso, e venerado philosopho; porem este Confucio que aqui falla com o Peregrino, ainda que tomou o nome deste seu Oraculo, supponemos que tinha accitado o Polytheismo; seguindo huma das outras duas seitas deste Imperio para se lograr o combate contra os Idolatras.

Descubrem finalmente huma Colina,
 Que em partes separadas se illumina
 De varios edificios magestosos:
 Em proporção os troncos mais frondosos
 Os espaços occupaõ, * que a distancia
 Formaõ de hum templo a outro: na elegancia
 Da arte, e natureza a luz explica
 O assombro, em que este objecto se edifica.

Corôa o monte com dourado folio
 Huma imagem do antigo Capitolio:
 Do Pantheaõ inda a maquina rotunda,
 Parece que mais nobre aqui se funda:
 Jupiter, Juno, Venus, e Minerva,
 Saturno, Marte, e Baccho, aqui conserva
 Toda a sua memoria: ¶ de infinitos
 Menores templos, se enchem os distritos
 Da povoada montanha: de Pomona,
 De Vallonia, Rurina, de Vertuno,
 De Flora, de Montino, inda se a bona
 O Gentilico rito: está Neptuno

Profer-

* Em proporção os troncos. Os Gregos, e Romanos edificaraõ todos os seus templos separados; e os mais famolos entre os bosques.

¶ Introduzemse aqui os templos, e Oraculos Gentilicos da antiguidade, não porque se adorem entre os Chins os Deos dos Gregos, e Romanos, mas porque fazem huma grande parte da idolatria, e servem de exemplares de superstição da Asia.

Proserpina, e Plutaõ: de outras Deidades,
 Que excedem o algarismo, as falsidades
 Existem no sinzel: no mais sombrio
 Da emmaranhada selva, o Senhorio
 Affectaõ os Oraculos de Delphos, *
 Da Pamphilia, da Phrygia, da Béocia:
 Parece que inda alli, sem força, ou dolo
 Thriphonio, Daphne, Jupiter, Apollo
 Nas ambiguas respostas se desvella,
 A pezar de Vandalle, † e Fontanella.

Naõ cuideis que estes Numes, que se offrecem
 A' nossa vista, saõ os que conhecem
 (Diz agora Confucio) os sacrificios
 Da nossa submissaõ: só para indicios
 De que os tiveraõ Gregos, e Romanos,

A

* *Delphos*, Cidade da *Grecia*, aonde respondia o simulacro de *Apollo*, o Oraculo da *Pamphilia* se chamava *Patareo*: *Dindymeo* o da *Phrygia*: Na *Beocia* era o de *Trophonio*: o de *Deplane* em *Thalama*, Cidade da *Laconia*: o de *Jupiter Dodoneo* no *Epiro*: o de *Ammon* na *Africa*: Alem destes, houve muitos Oraculos, de que he escusado fazer mençaõ.

† *Van-Dale*, medico *Olandt*z imprimio hum Livro Latino em *Olanda*, em que mostrou que tudo o que se tinha dito das respostas dos Oraculos era impostura dos Sacerdotes Gentilicos: Agradou muito esta opiniaõ a *Fontenelle*, Secretario da *Academia Francaza das Sciencias*, e sabio com hum pequeno *Tractado da mesma materia*. Juigou se por sospeitoso este conceito, e muito mais sendo produzido por hum *Anabaptista*, qual era *Van-Dale*; pois muitos PP. da Igreja provarãõ o silencio, que hiaõ tomando os Oraculos, ao passo que se hia publicando o *Evangelho*. Entre outros successos negreiros, he mui evidente o da nova *Hispanha*; pois emmudeceraõ todos os *Indios* quando entraraõ os *Hispanhoes* na quellas vastas Provincias.

A gente mais polida entre os humanos,
 Aqui se representaõ: Sacros vultos
 Dos meus devotos, religiosos cultos
 Nestas aras vereis da mão direita.

Tudo no meu espirito se aceita
 Como Superstiçaõ ; o Peregrino
 Responde: Tudo julgo desatino
 Tudo Cegueira, e alento desgtaçado
 De hum discurso nas sombras suffocado:
 Naõ tomeis o exmplar de Roma, e Grécia
 Em leguir huma maxima taõ necia;
 Indá as Naçoens, que mais se cultivaraõ
 Da Religiãõ nos pontos deliraraõ:
 Que loucura maior, que formar ritos
 Aos meſmos directores dos delitos? *

Que ideia do mais alto dos seus Deuses
 Farieis Vós, se ovilfeis na figura
 De Amphytriaõ, de Cisne, cuco, e touro,
 E mudado tambem em chuva de ouro;
 Quando a sua lascivia lhe procura, ¶
 Com a torpe mudança da figura,

Corrom-

* *Auctores enim doctoresque peccatorum esse adsolent, non ultores.* Div. August. *de Civit. Dei*, lib. 3. cap. 3.

Quid est aliud vitia nostra incendere, quam auctores illis adscribere Deos. Senec. *de brev. vit.* cap. 16.

¶ *Sed super omnem impudentiam adulteria inter ipsos fingi, non iurgia, & odia, atque etiam furtorum esse & scelerum nomina.*

Plin. lib. 2. cap. 7.

Corromper nesse ardor, que o vicio hospeda,
 Alcmena, Danae, Juno, Europa, e Leda,
 Proseguindo no infame vituperio
 Com Protogenia, Antiope, Jodama
 Com Niobe Seméle Laodamia,
 Sem que de tanto incendio a indigna chama
 Desfigurar podesse a Idolatria?
 Como pode convir com huma excelsa
 Divina perfeição, toda a luxuria
 De Venus, e de Juno a causa odiosa,
 De Vulcano o rancor de Marte a furia?
 Da Castidade a fama luminosa,
 Que a Diana se concede, a desordena
 Do Astrologo Pastor a doce pena,
 Com que a noite esperava: Nos empenhos
 De socorrer a Troia, ou destruilla
 O Conceito dos Deoses se aniquilla:
 De hum lado Venus, Juno da outra e parte,
 Huns patrocina Apollo, outros Vulcano,
 Thetis accusa a Troia, absolve-a Marte:
 Que impulso mais indigno, ou mais profano?

F

A

*Mulciber in Trojam, pro Troja stabat Apollo:
 Aequa Venus Teucris, Pallas iniqua fuit;
 Oderat Enean propior Saturnia Juno,
 Ille tamen Veneris numine tutus erat.
 Saepe ferocentum petiit Neptunus Uissem:
 Eripuit patruo saepe Minerva suo.*

Ovid. lib. 1. Trist. eleg. 2.

A discórdia, em que o espirito fluctua,
He crível que as Deidades constitua? *

Sempre me persuadi que esta cegueira,
Entre os mesmos Pagaons, de outra maneira
Se achava nós varoens mais advertidos:
O vulgo, que obra só pelos sentidos,
Hê que honrava estes Deoses: Há lembrança
(Diz Confucio) que a Socrates ¶ alcança
Este culto tambem: nelle registo
A Platam, e a Mercurio Trismegisto:
Inda a Seneca, e a Cicero contemplo
Dos escriptos nas paginas preclaras
Honrado os Numes, frequentando as aras.

O mesmo Marco Tullio vos intima
(Lhe torna o Peregrino) que o conceito
De tanta Divindade, está foyeito,
Somente ás leis Civis, * dando recurso
Desta sorte aos reflexos do discurso

Para

* *Si inter se dissentiant, non profectò vera sunt Div.* Plutarc. *In Dicter. Laonic.*

¶ *Que a Socrates.* Accusase ao nosso Comoens de que exponha a descripção da Europa a hum barbaro, como o Rei de Medinda; o que lhe fallê em *Ulysses, Eneas, Trajano, Alenandro*, pessoas totalmente desconhecidas da sua incultura; Presumo que não se me pode fazer a mesma accusação, quando introduzo a fallar *Confucio de Socrates, Platao, Trismegisto, Seneca, e Cicero*; porque a hum *Philosopho da China* pode não ser incongruente esta erudição.

* *Colenda nempe esse Simulachra ob metum legum politicarum.* Ciccr. lib. 1. de *natura Deor.*

Para que possaõ ver a dissonancia
De tão supersticiosa exorbitancia: †

Mas essas Divindades criminosas
(Confucio acode) não aceita a China:
Mais superior objecto a predomina.

Se aceitais pluridade de outros Deoses,
(Lhe adverte o Peregrino) sepultados

Na mesma confusão vos considero:

Se me fallais com animo sincero

Haveis de confessarme que encontrados

Os Numes haõ de estar na grande empreza

De produzir as leis da Natureza:

Que huma vontade certa, e independente

Ha de ter qualquer delles, hé patente;

(Pois bem vedes que implica Divindade

F. 2. Com

† Segundo a Conta de Varro passava o numero dos Deoses dos Romanos, de trinta mil, e a estas Divindades se ajuntarãõ as das Naçoens sobjugadas como diz Prudeat. in Symmach. lib. 2.

Roma triumphantes quoties Dacis inelyta currant.

Plausibus exceptit toties altaria Divum

Addidit, Et spoliis sbimet nova Numina ferit.

E por esta causa dizia Plinio lib. 2. cap. 7. que se podia considerar que eraõ mais os Deoses que os homens: o que tambem fez dizer a Petronio in fragm.

Utique regio nostra tam presentibus plena est Numinibus, ut facilius possis Deum, quam hominem invenire.

Os Caunienos, enfadados da multidão dos Deoses, que se adoravãõ na sua patria, fizeram huma montaria bem extraordinaria, pois batendo o ar com os seus dardos, os perseguirãõ até a fronteira da sua Provincia, presumindo que por este modo os obrigavãõ a sahir do seu Paiz. Assim o refere Herodot. no Livr. intitulado, Clis.

Com limites de explicita vontade ;
 Ou esta á tem hum só, ou todos juntos :
 Se hê que hum só a sustenta, os mais adjunctos,
 De que servem, se na immortal substancia
 Não se admite nenhuma redundancia ?
 E se todos a tem, como a porfia
 Nas varias intençoens se evitaria ?
 Hum moveria chuva, o outro calma ;
 Hum querria Estio, o outro Inverno ;
 Hum regeria peste, outro saude ;
 Hum julgaria a vida, outro o ataude ;
 Transformado este harmonico governo,
 Com que procede o Mundo ; o Ceo, e a Terra
 Sempre estariaõ em continua guerra
 De oppostas Colliçoens : Inresoluto
 O orbe no dictame, ou no estatuto,
 Viria, sem as normas, que o dirigem,
 A' ruda indigestaõ da sua Origem.

Os mortaes, que fariaõ nos seus rogos ?
 Em que tristes, e miseros a fogos
 Se haviãõ de achar sempre, duvidando
 Que Nume invocariaõ ? Onde o mando
 Podiaõ presumir ? que Deos mais forte
 Venceria o mais fraco ? A feliz sorte
 Em que parte se achava ? A desventura
 Em que lugar se abria ? Em sombra escura

Naufra

Naufragaria sempre o humano enredo :
Tudo seria espanto, horror, e medo.

Hê taõ claro este ingenito dilema
Do Lume natural, que Grecia, e Roma
Na sua instituiçãõ tambem o toma ;
Pois conheceu Deidade mais suprema
No seu maximo Jupiter, que attende
A quanto a Terra abrange, e o Ceo se estende.

Aristoteles diz, que o Nume excelso
Hé como o picador na picaria, *
O piloto no Mar, na melodia
O Guiaõ, o decreto na Cidade,
O General no exercito: e se intentas
(Prosegue.) o penetrarlhe a faculdade,
Verás o mais valente: se te alentas

F 3

A

*Quod in navi, gubernator: quod in curru, agitator: quod in choro pre-
entor: quod, denique, lex in civitate; Et dux in exercitu, hoc Deus est in
Mundo. Aristotel. lib. de Mund. cap. 6.*

*Deus, quidem, si vim spectes, valentissimus: si decorem, formosissimus: si
vitam, immortalis: denique, si virtutem prestantissimus. Ibid.*

*Est verè illum Optim. Maxim. Deus ipse, qui secundum cogitationem ex-
sistit: Vivens Cælesti, incorruptibilis, principium, Et causa dispensationis omni-
um rerum.*

Callicrad. Pythagor. apud Stob. Serm. 73.

*Totum hoc quo continemur, Et unum est, Et Deus, Et socii ejus sumus,
Et membra: Senec. Epist. 92.* Este lugar de Seneca condemna a pluridade
dos Deoses, mas vese nelle outro maior absurdo que he o da apprehen-
sãõ de huma só substancia estendida por toda a variedade do universo,
cujo delirio renovou Espinosa no passado seculo, como fica dito na nota
do Vers. 372. do 1. Livro.

A notar-lhe tambem a formosura,
 Verás o' mais formoso: se procura
 Alguem o mensurar-lhe a sua vida,
 Ha de achallo immortal: se se convida
 De altas virtudes aos excelsos modos,
 Hé elle o prestantissimo entre todos:
 O que existe no seu entendimento:
 Celeste, e incorruptivel: Movimento,
 Principio, Causa, e fer, que constitue
 Tudo quanto se forma, e distribue.

E se esta a ideia foi do Paganismo,
 Que proposito teve esse algarismo,
 Quasi infinito de Deidades tantas,
 Sem que os astros, os brutos, e inda as plantas
 Si livrassem d'hum culto, que movia,
 Menos á devoção, que à Zombaria? *

De

* *Porrum & cape nefas violare, & frangere morsu
 O' Sanctas gentes, quibus hac nascuntur in horra
 Numina! ----- Juven. Satyr. 15.*

Os *Lacedmónios* levantaram altares á morte, e ao medo, os *Athenienses* ao desaforo, ás tempestades, e á prostituição, os *Romanos* á febre, e á desventura, os *Egyptios* aos repolhos, e ás cebollas; e adoração os crocodilos, os gatos, e os monos. Veja-se *Clement. Alexand. in admonit. ad gentes. Alexand. ab Alex. Genial. dice.* lib. 1. cap. 13. *Plin.* lib. 2. cap. 7. Os habitadores da *Ilha Formosa* davam mais culto ao demonio, que ao mesmo Deos, porque o Bom (deziaõ elles) não pode fazer mal á alguem, e só quem fazia mal, he que se devia appacar com sacrificios. A taõ grandes delirios pode chegar a corrupção dos homens. *Gentes vero quedam animalia, & aliqua etiam obscena pro Diis habent, ac ab eis dicta magis pudenda per satidos cibos, & alia similia jurantes.*
Plin. lib. 2. cap. 7.

Demais que a alta soberana essencia
De hum Nume superior, igual a tinhaõ
Os mais Deoses, ou não? se elles convinhaõ
Na mesma incomparavel preheminencia,
Em nenhum já podia sospeitar-se,
Que a summa perfeição não pode dar-se
Em muitos individuos; pois o summa
Implica com o igual: e se o resumõ
De immensas perfeições as tem somente
O que he maior que os outros; claramente
Se vê que os outros Deoses, não são Deoses:
Por mais que a mente idolatra os exalta,
Se esta summa excellencia aqui lhes falta,
Ella mesma os destroe, ella os despenha;
Pois não pode ser Deos quem não a tenha.

Inda que este impossivel se permita
De se dar igualdade na ventagem,
Sempre esta ideia outro absurdo excita;
Pois concedida a repugnante imagem
Do summo com o igual, será forçoso
Conceder-se hum espirito orgulhoso
Na diversa igualdade; e se acharia
Aquella natural antipathia,
Que observa a emulação: O claro aspecto,
Com que se move a luz em tanto objecto,

Somente hum sol o faz: O corpo humano
 Huma alma só governa: Hum soberano
 Só he que reje o estado: Se acendera
 Mais que hum sol toda a maquina da esphera:
 Se mais que huma alma a fabrica animara
 Do nosso microcosmo: Se inspirara
 Alei mais que hum só Principe; não fora
 A estrutura Celeste brilhadora;
 Nem o corpo vivente; nem fundado
 Na acorde duração o Principado.

Fingê de qualquer modo que elle seja
 Nesses Deoses, do Mundo a lei precisa;
 Conceber sempre haveis aquella enveja,
 Que entre as grandes Potencias se divisa:
 Envejoso, e feliz, contraditorio
 Vos há de parecer: Se o consistorio
 Dos Numes neste estimulo se ordena,
 Não se pode chamar regiaõ serena
 A'quella venturosa claridade,
 Onde habita huma, e outra Divindade.

E se entendeis, talvez, que nessa Curia
 Se tolera a paixãõ, se sofre a injuria
 De hum poderoso igual, ou que a não sente,
 Ou que grata se faz a hum peito ardente,

Direi que nesses míseros recatos
Julgais os vossos Deoses insensatos,
Querendo que no seu maior afogo
Viva sem pulsar a luz, sem chama e fogo.

A' mesma pluridade desses Nomes
Acrecentai, em fim, outro defeito:
Multidão não produz algum conceito
De huma summa substancia: N hum supposto
Singular, simplicissimo, absoluto,
Hê que este Grande objecto está disposto:
Só na Unidade se acha este attributo:
Quanto mais elles Deoses numerares,
Os fazeis mais indignos dos altares.

TRIUMPHO
DA
RELIGIAO.

Poema Epico-polemico.

LIVRO III.

*Contra o Deismo.**

Depois de ouvir Confucio estes clamores,
Com q̄ insiste a verdade; entre os horrores
Do bosque se meteu: Alli conspira
Com o espanto a vergonha: o affombro, a ira,
O enredo, a Confusão, no mesmo estado,
Tal-

* *Deismo.* Querem alguns que a feita dos *Deistas* sahira do *Lutheranismo de Alemanha*, e que fosse A. do *Deismo* hum *Forge Pauli*, Ministro, e Predicante de *Cracovia*. A primeira vez que se conheceu foi em *Polonia* no anno de 1564. Dahi inficionou muita parte da *Alemanha*, e da *Hungria* até se fazer quasi Geral em outras Provincias infeltadas dos *Lutheranos*, e *Calvinistas*. Os homens do *Norte*, e do *Levante*, que se prezão de mais sabios tem cahido neste delirio, seguindo que Deos não deve ser invocados senão com o entendimento, e tendo por indignas da Divindade as ceremonias exteriores. Alem deste erro, são muitos os que tem abraçado esta feita, e tão enormes que se envergonha a penna de produzi-llos. O *Abbat Burdeto* no seu Dictionario nos diz que os *Franceses* usão da palavra *Deiste* para significarem hum homem sem alguma religião.

Talvêz, que o deixaria sepultado.

Notando o Peregrino que a detença
Lhe não daria outra recompensa,
Que auzentarse daquella estancia inculta,
Passar a diante o genio lhe consulta,
E entre as sombras deixando a Idolatria,
Seguem a estrada por contraria via

Vencendo huma escabrosa soledade,
Que durou muito tempo, huma Cidade
Ao longe appareceu n'hum Campina,*
Cercada de jardins, bosques, e frutos,
Que hum ribeiro em espelhos dissolutos
Retratava, seguindo o campo ameno,
Humas vezes turbado, outras sereno.

Toda aquella affluencia lhes parece
Que vegeta, que brota, e reverdece,
Sem beneficio algum de industria humana;
Mas he taõ oco o Cedro, como a cana:
Os pomos, que se offrecem taõ formosos
Não tem mais, do que a casca: mui vistosos
Os arbutos estaõ: mas as espigas

Não

N'hum Campina. Descripção allegorica do Campo dos Deístas, que
fizemos explicada no *Prolegomeno.*

90 *Triunpho da Religião*

Naõ tem succo , ou semente : entre as hortigas,
E entre varios espinhos , se repara
Que cresce toda a pompa da seára:
As flores dos jardins , quando se tocaõ
Mudaõ logo de cõr; e se as provocaõ
Com maior expressaõ , todo o resumo.
De seu falso esplendor , se exhala em fumo.

Das arvores as folhas se distinguem
Por mais que as luzes da esmeralda fingem,
Se acaõ vem ás maõs; e do ribeiro
A corrente taõ clara , e cristalina,
Alem de ser amarga , tem hum cheiro,
Com que o olfato se afflige , ou se amotina:
Tudo o que adorna a emphatica campanha,
Quanto mais se analyza , mais se estranha.

Quando á Cidade attendem de mais perto
Os edificios vem , que a ceo aberto
Todos se construiroã : nem telhado ,
Nem porta , nem janella , que embarace
Do sol o resplendor , do Ceo a face
Se encontra neste novo Principado:
Naõ há muro , ou reparo , que o defenda;
He livre a Povoação; e esta vivenda
Naõ receia embaraço , que a reprima:

Ao que nella se attende, ou mais se estima
Hé huma comprehensão, hé hum conceito
Da humana liberdade; sem fogeito,
Que a possa constringer; pois se reputa
Sem dominio, sem regra, sem disputa,

Entraraõ pelas rias, onde viraõ
Que todos nesta maxima deliraõ:
Havia alli Polacos, Olandezes,
Hungaros, Alemaens, Dinamarquezes;
Mas a parte maior, que ás mais alcança,
Inglaterra a formou, e a deu a França.

Naõ tem este refugio algum exemplo
De sacerdote, ou rito, altar, ou templo:
Reconhecem que há Deos; e que a Substancia
Ineffavel, eterna, incomprehensivel,
He espirito immenso, que a distancia
Abrange do existente, e do possivel:
Julgaõ por sacrilegio, ou por insulto
Que este objecto immortal tenha outro culto,
Que aquelle, que na mente se prepara:
Tenha outra adoração, tenha outra ara,
Outro obsequio, ou mais honra, ou rendimento,
Que aquelle, que lhe vota o entendimento:
Outra victima, ou outro sacrificio.

Mais

Mais que hum culto mental: Q'otem propicio
 Presume o seu delirio em qualquer hora,
 Que o vicio, ou que a maldade ao Nume adora
 Com impulso interior, que a alma esculpa,
 Sem dar a emenda, sem expiar a culpa.

Tendo alcançado o Peregrino a ideia
 Em que este domicilio se recreia,
 Disse ao Genio; já certo pelo informe,
 Que tinha deste pensamento enorme:
 Sabei, que pelo aspecto destas vistas
 Temos chegado à estancia dos Deistas.

Pedio a hum da quellas moradores
 Lhe disseste se havia alguns senhores
 Na quella Povoação, onde se achasse
 O dictame Civil: Quem nos governa
 He hum Principe só de excelsa classe,
 O habitante responde: elle a moderna
 Doutrina nos influe: elle a defende,
 Elle a intima, a declara, e a comprehende:
 Jorge Pauli se chama, nome illustre,
 Com que imita o Ministro de Cracovia,
 Coriphêo do *Deismo*: se vontade
 Tendes de o ver; na praça da Cidade,
 Hoje, conforme o uso, ao Povo explica

A lei, que esta Republica pratica:

Neste tempo o concurso encaminhava
O Peregrino ao sitio, que buscava;
A' praça chega, que a figura toma
Dos vastos collisfeos, da antiga Roma,
Onde hum grande tumulto enche os lugares,
Que giraõ nos assentos circulares:
Na frente outro mais nobre o corpo funda
De toda aquella maquina rotunda,
Que já estava occupado do Ministro:
Nas agoas da Hypocrenne, ou do Caystro
Pretender a confusa intelligencia
Purificar a imagem da eloquencia:
A palavra tomou: della pendente
Fica o concurso; e hum vulgo taõ copioso
Cahio em hum silencio pavoroso:
O *Deismo* lhe explica, delirando
Tanto nas instrucçoens, que se horroriza
A ideia, quanto mais a lingua, quando
As concebe, as distingue, as vulgariza.

Confiado o Peregrino nos indultos,
Que tem a liberdade do congresso,
E tomando lugar junto ao ingresso
Da cadeira infeliz, que Pauli infama;

Impellido de occulta, excelsa chama,
 Licença lhe pedio para notar-lhe
 As duvidas, que tinha na doutrina:
 Que as exponha o Ministro determina;
 E elle, medindo a mísera cegueira,
 Ao concurso fallou desta maneira.

Dizeis que sendo em Deos toda a substancia
 Hum espirito immenso, que não pode
 Haver alguma ideia, alguma instancia,
 Que religiosamente lhe accomode
 Occulto material: Que este respeito
 Não he mais que hum sacrilego conceito
 Da nossa fantasia, que pretende
 Confundir o que adora no que offende:
 Dizeis que toda a cerimonia, e rito
 São invençoens humanas, que exquísito
 Pensamento ordenou para que o Povo
 Entre os encantos de hum impulso novo
 Se contivesse mais com a figura
 De huma lei superior; e a conjectura
 Conseguisse a disforme liberdade
 De inventar oblaçoens á Divindade.

Dizeis que deste engano tão gresseiro
 Entre os Pagaons foi Romulo o primeiro,

Unindo a ara ao Regio Senhorio :
Que este supersticioso delvario
Adoptaraõ outros Principes , julgando
Que para sustentar o excello mando ,
Mais firme regra naõ achava o ocio ,
Que ajuntar ao Imperio o sacerdocio.

Porem este discurso hé repugnante.
Ao lume natural ; que o documento
De se adorar hum Deos , he taõ constante ,
Como o innato influido mandamento
De se honrarem os Pais ; e naõ fazeres
Com outro o que com vosco naõ quizeres :
Estes saõ os preceitos , que se imprimem
No humano coração , a penas nace :
Bem que os cegos mortaes se desanimem ,
Ou a sombra no espirito se enlace ,
Nunca podem riscar estes preceitos
No indelevel rumor dos seus conceitos.
O amor , a adoraçaõ , o culto , a gloria ,
Que a Deos se deve dar , a fãz notoria
A mesma natureza ao mais inculto :
E a gloria , a adoraçaõ , o amor , o culto ,
Religiaõ entre nós hé que se chama :

G

Com

1 Honrar , é reconhecer a Deos ; venerar os Pais , e naõ fazer a outro
que ninguem defeja em si saõ principios inegaveis , e influidos pela mes-
ma Natureza.

Com este ardor intrinseco se inflama
 O Sarmata ignorante, o Indio cego,
 O Persa, o Schyta, o Thrace, o Turco, o Grego.

Esta Religião, que a Natureza
 Dentro n'alma nos poem; tendo a firmeza
 De hum ingenito incendio, se appellida
 Religião natural; Nessa se funda
 (Acodê Pauli) a ancia agradecida
 Com que honramos a Deos, sem que confunda
 Hum culto menos nobre o voto ardente;
 Que se eleva à Deidade prehemimente:
 Para adorar a Deos me basta a ideia
 Com que attendo á immortal Sabidoria,
 E com que o meu discurso se confia
 Em tão summa Bondade, e reconheço
 Dentro em mim proprio o pouco, que mereço:
 Com esta reflexão o voto explico;
 Com ella o busco, o louvo, o glorifico;
 E este culto me basta para amallo,
 Distinguillo, entendello, venerallo.

Naõ basta; O Peregrino lhe responde:
 Precisa de outras maximas, aonde
 A adoração esteja descoberta,
 O holochausto patente, exposto o indicio

Do obsequio, da oblação, do sacrificio.

Com hum conceito errante, hum culto vago,
Que dou à Divindade, lhe não pago
O beneficio excelso de criarme,
De escolherme, assistirme, e conservarme
Se me deu as potencias, e os sentidos,
Devem todos mostrar-se agradecidos
Tambem á singular munificencia:
Que injustiça, indecoro, ou que indecencia,
Que indiscripção será, que o gosto, e o tato,
O ouvido, a vista, o cheiro, seja ingrato
A quem lhe deu a forma, e o movimento,
Depois de verem que o sublime alento
Da vontade, do juizo, da memoria,
Reconhecem no culto tanta gloria?

Se imagem não encontro na lembrança,
Chama na intellecção luz no desejo:
Se tudo quanto toco, quanto vejo,
Quanto cheiro, ouço, e gosto, quanto alcança
O braço, o pé, e a mão, quanto palpita
Dentro em meu peito, dentro em mim circûla,
Com esta Divindade se exercita,
Se alenta, se governa, se estimûla,
Com todas estas partes de hum composto.

Taõ raro, quem naõ deve estar disposto
Em tanta gratidaõ, em tanto extremo
A' honra deste Artifice Supremo?

Reconheça a razãõ esta Deidade:
A hum taõ alto bem corra a vontade:
Aos beneficios a memoria attenda:
Movaõse os pés ao Templo: as maõs preparem
As sacrosantas viçtimas: declarem
Tambem, genuflexandose os joelhos
A sua adoraçaõ: fitemse os olhos
Na Imagem respectiva: e sinta o peito
Nos impulsos da Fé tanto respeito.

Estas demonstraçoens taõ necessarias
De hum Ente summo aos ritos, arbitrarias
Naõ podem conceberse; porque o rudo,
Ignorante vigor do humano estudo
Naõ alcança o dictame delicado.
Com que Deos entre nós seja adorado:
Elle hê só o que pode produzillo,
Elle só conhecello, e instituillo.

Nessa errante, mental, inculta empreza
Da vossa adoraçaõ, tendes certeza
De que o Nume se agrade d'algun voto,

Que

Que fazeis em hum culto taõ remoto?
 Não pode acontecer que esse destino
 Da vossa expozição, sem regra, ou tino,
 Mallogrando a sublime recompensa,
 Em lugar de observancia, seja offensa?
 Logo será preciso se persuada
 A vossa comprehensão que revellada
 A nossa Religião deve entenderse,
 Porque só desta forte conhecerse
 A cerimonia, o rito, e o culto pode,
 Que ao agrado Divino se accomode.

Este foi o conceito, em que se unirão
 Todas as gentes, que no Mundo giraõ,
 Na Grecia, na Alemanha, na Polonia,
 Na Turquia, na Italia, na Saxonia,
 Na Prussia na Pamphilia, na Dalmacia,
 Na India, Persia, Schytia, Ponto, e Thracia,
 E em todas as Provincias, que rodeia
 O resplendor do Sol, do Mar a areia,
 Sempre houve a indisputavel segurança
 Que esta Divina Lei, nunca se alcança
 De algum arbitrio humano; pois se anima
 Naquelle Author Supremo, que a sublima
 Para por ella ser sempre adorado,
 Servido, distinguido, contemplado.

Numa dava a entender que a Nympha Egeria
 Os cultos lhe dictava: a nossa Iberia
 Conheceu esta maxima em Sertorio:
 Masfoma no concurso do auditorio
 Fingio que a Divindade lhe influa
 O nefando Alcoram: nunca ousadia *
 Teve alguém de inventar sacro costume,
 Sem mostrar-se inspirado d'algum Nume,
 Que neste fingimento authorizava
 Tudo quanto dispunha, e regulava. *

Naõ deveis, pois, negar no que concordão
 Igualmente as Naçoens, desconhecendo
 Taõ geral sentimento, e pretendendo
 Desprezar huma lèi, que se revella,
 Com soberba, e jactancia d'outro influxo;
 E muito menos quando se desvella
 Vosso empenho a mostrar novo debuxo
 De occulta adoraçãõ, desordenando

Com

* Com a pomba, que se tinha costumado a buscar o sustento no ouvido de Masfoma, que a rusticidade dos Arabes julgava ser o *Espirito Santo*, que lhe vinha dictar o *Alcoram*.

* *Mimos* fingio que communicava com *Jupiter*, *Zamolxis* com *Vesta*, *Charondas* com *Saturno*, *Lycurgo* com *Apollo*, *Solon* com *Minerva*, *Zoroastre* com *Oronasa*, *Trismegisto* com *Ophis*, e *Garcilaso de la Vega* na Historia do *Perú*, nos diz que o primeiro *Rei*, ou *Taca* desta Provincia chamado *MangoCopac*, que foi o que deu as leis, e os ritos aos *Peruvianos*, se fezera filho do *Sol*.

Com a ideia de hum rito miserando ;
Sem ordem, sem principio, sem exemplo,
O sacerdote, a ara, a offerta, o Templo.

Nessas tres leis, que a Natureza ensina
Se funda a minha singular doutrina ;
Insta Pauli: Não dar a outro o dano
Que para mim não quero, o impulso humano
Me regula esta intrinseca advertencia :
O amor, e juntamente a reverencia
Com que devo tratar meos genitores,
Hé movimento innato, que os clamores
Da propensão infundem: sem dictame,
Sem nova direcção, o mesmo exame
De hum interno luzeiro me ençaminha
As devidas noções: se outras houvera
Na adoração Divina, o mesmo lume
Na intellecção patentes as pozera :
Logo todas as leis, todo o costume
Desse culto exterior no Turco, e Thrace ;
No China, no Germano, no Saxonio,
No Sarmata, no Geta, no Eslavonio,
No Indio, Persa, Grego, Arabe, Assyrio,
Não foi mais que invenção, mais que delirio
Da ideia depravada, absurdo, e erro,
Como o de Araõ na estatua do bezerro.

Naõ vos trago as Naçoens para seguillas
Dos cultos na diversa extravagancia;
Lhe diz o Peregrino: o produzillas
Foi só para notar a concordancia
Com que todas as gèntes entenderaõ
Que os ritos de alta origem procederaõ,
E que a naõ serem todos revellados,
Naõ poderiaõ ser exercitados:
Nem deveis presumir que todo o Mundo
Errou neste conceito; e que o profundo
Da vossa intellecção hê que acertara
Em arruinar o Templo, a offerta, a ara.

Se a Natureza só o alento influe
De amar a vossa especie, e distribue
As regras deste amor; e as do respeito
Com que aos Pais se obedece; este conceito
Levado para mais suprema causa,
Aborto fica alli; fazendo pausa
Em huma direcção, que a alma anella,
Sem que possa dictalla, ou comprehendella.

No objecto natural mui facilmente
Se conhece a bondade, com que a mente
Procede nos dictames; pois confronta
Com a regra a razão: naõ se remonta

Fora da Natureza a intelligencia;
Tudo he da mesma côr, da mesma essencia:
Porem quando o discurso se arrebatava
A mais sublime aspecto, e se dilata
Por esse immenso golfo de portentos,
Sem esforços, sem brios, sem alentos
Ficara em hum perpetuo parocismo,
Se Deos o não tirara deste abyfmo.

Como pode acertar com tanta empreza
A nossa inerte, natural fraqueza?
Como pode sondar o excelso modo
De se amar, e adorar hum Ente Summo,
Onde eminente está todo o refumo
Do existente, e possivel; onde todo
O supremo, o infinito, o immenso, o eterno?
Por mais que acuda ao movimento interno,
Quem pode conceber como há de amarle,
Distinguirse, entenderse, venerarse,
Sem que à sua Clemencia o voto appelle
Para que a luz respire, e a Lêi revele?

Se entendeis que o dictame, que procura
O lume natural nessa ternura
De se honrarem os Pais, será bastante
Para adorar a Deos; mui semelhante

Aos homens o fazeis, dandolhe o culto,
Que tem nas honras o paterno vulto.

Sendo, pois, taõ distintas deste obsequio,
Como naõ consentis que eu lhe prepare
Outro culto maior, em que declare
Aquella adoraçãõ, que tanto excede
Todo o obsequio, que aos homens se concede?

Sabeis se dando a Deos só esta gloria
Lhe há de ser agradavel? Se hum delito
Formareis nesse empenho, ou nesse rito?
Pois porque duvidais, sendo forçoso
Adorar este Deos taõ mysterioso,
Que elle nos diga o modo, com que intenta,
Na quella mesma luz, que em nós augmenta,
Ser adorado, ser reconhecido,
Amado, contemplado, obedecido.

Donde entendeis que naõ padece engano
Essa ideia, que tendes no discurso?
Se vos levais do barbaro recurso
De que errar naõ podeis, que mais insano
O dioso pensamento? Naõ delira
Quem ignora que hê filho da mentira?
Ou esta ideia he vossa, ou foi producta

De outro mais superior : se o derradeiro
Me dizeis ; a ser homem , se reputa
Mentiroso tambem : se algum luzeiro
De Nume excelso adeo ; daime hum vestigio
Que possa authenticarme esse prodigio.

Esse mesmo vos peço (Pauli acode)
Para que fique a mente descansada
Nessa lèi , que suppondes revellada.

Naõ só muitos vestigios quero darvos
(O Peregrino diz) para arrancarvos
Essa triste oppressão da intelligencia ,
Mas tambem vos darei toda a evidencia
De que há lèi ; e que há culto , regra , e modo ,
Revellado por Deos ao Mundo todo.

Entre o horror dos clarins no monte Sina
Imprime Deos nas Taboas a doutrina ,
Que ao Judaico Povo tinha escrito
Da sua propria maõ : Por onde provo ,
Me perguntais agora , que este rito
Fora dado por Deos áquelle Povo ?
Respondo que esta historia se conserva
Do tempo mais antigo , que se observa
Entre a noticia humana : sem que nunca

Hum

Hum taõ grande intervallo, ou a mudança
Dos Imperios; dos tempos a vingança
Podesse sepultarlhe aquelle alento,
Com que sempre triumphou do esquecimento.

Que livro, e historia há, que se promete
Vencer as ondas do profundo Lethe?

Alli estaõ em descuidos soporosos
Tantas acçoens, e factos portentosos,

Que aspiraõ á eterna melodia:

Alli perde a lembrança a fantasia

Da firme duraçãõ: só esta historia

Ficou sempre no estrondo da memoria:

Se acaso o naõ julgais por hum desinio

De excelsa prevençãõ, contra o dominio

Do estrago temporal, entãõ presumo

Que a vossa ideia condensada em fumo,

Se revolve na torpe escuridade

Contra a mais evidente claridade,

Traçando no phrenetico aphorismo

O delirante horror do Scepticismo.

O espanto com que a lêi sahio da Esphera

Foi gerál á Naçãõ, que alli se achava:

Todos viraõ a Lei, que Deos lhes dava:

Sempre de Pais a filhos se prospêra.

A historia, e a tradição do excelso culto:
Mais de trinta, e tres seculos decorrem,
Sem que os estragos, sem que os annos borrem
A indelevel visão da quelle indulto.

Quatorze vezes cento, e oitenta e sete
Girado tinha o sol na etherea Via,
Que a mesma lei durava na Anarchia,
Nos Juizes, nos Reis da quella gente,
Até que outro Prodigio mais Luzente
Veio illustrar da Palestina os montes:
Abriraõse da Syria os Orizontes,
E inflammou se entre as sombras ignorantes
Outro Sol de reflexos mais brilhantes.

Encarnou nas Entranhas d'huã Virgem
A Palavra immortal: vence ao tyranno
No combate da Cruz: abrem se as portas
Da morada Celeste: estaõ abertas
As cavernas do Abyfmo: O ser humano
Se livra com a gloria do Luzeiro
Do seu funesto, antigo Captiveiro.

Aqui tendes hum Deus, que veio à Terra
Dictar a Lei da Graça: aqui se encerra
O portento maior da Divindade:

Aqui

Aqui nos manda crer huma Trindade
 Com tres Pelloas n'huma só substancia;
 Aqui se encontra a immensa consonancia:
 De Pai, e Filho, e Espirito Sagrado
 Em hum unico Deos: sem que se altere
 Na distincão do assombro Triplicado
 A igualdade, e o poder; pois não prefere
 O Filho ao Pai; e o Espirito Divino
 A ambos: Neste Deos, que hê hum, e Trino,
 O Filho iguala ao Pai, e o Procedente
 Os iguala tambem; sem que se augmente
 Na geraçãõ, e processãõ interna
 A precedencia da Substancia Eterna.

O Filho homem se fêz para immolarse
 Ao mesmo Pai em alto sacrificio
 Da redempçãõ do Mundo; e para darse
 A si mesmo no excelso beneficio
 De hum fundo Sacramento: entre as especies
 De vinho, e pão, affavel nos convida
 A' verdadeira Celestial comêda
 De seu Corpo, e seu Sangue: Se no Empyreo
 Poderse haver enveja, este sustento *
 A' faria em tão alto Ajuuntamento.

Para

* Si quid est in rebus humanis planè divinum quod nobis superari Civis (si in
 nos invidia cadret) invidere possent, id certè est Sacrosanctum Missæ Sacrificium.
 Urb. VIII. em hum dos Breves, que vem no Missal.

Para esta grande, singular empreza
 Hê que tomou a humana Natureza,
 Onde tanto no empenho o Nume brilha,
 Que pasma a devoção na maravilha:
 Fêz de duas substancias hum Composto,
 Distintas as unio n'hum só Supposto,
 Pondo da mesma Uniaõ a subsistencia
 Na Pessoa do Verbo: A prehemincia
 De estar suppositada a humanidade
 Em hum completo Ser da Divindade,
 Hê tal, que em resplendor taõ soberano
 Se a foga o alento do discurso humano. *

Por isso (Pauli diz) eu não admito
 Ceremonia, mysterio, culto, ou rito,
 Em que o meu pensamento se confunda:
 Essas contemplaçoens; em que se funda
 A vossa Religiaõ, á crença excedem:
 O ser Deos hum, e trino, hé implicancia
 Da especie numeral: e sem distancia,
 A Pessoa do Pai, e Filho, he erro
 Na lêi da geraçãõ: Vir ao desterro
 Do miseravel Mundo hum Deos glorioso

A

*Humanitas, enim, in Christo, non habet suam subsistentiam humanam, sed
 existit in eadem subsistentia divina, in qua subsistit Verbum: quae magna est
 manifestatio Christi exaltatio, sublimitas, & gloria.*

Cornel, A' Lapid, in Comment. Div. Joan. cap. 3. col. 1. lit. D.

A fazerse mortal, hé tenebroso,
 Sacrilego discurso: Na Divina
 Pessoa subsistir hum ser mudavel,
 Hé igualmente ideia intoleravel.
 E se toda esta crença predomina
 Ao que excede a razão, julgai agora
 Se hé bem feito que eu hoje me persuada
 Ao que á mesma razão lhe não agrada?

Ou he que me negais que Deos podesse
 Formar estes mysterios (lhe responde
 O fabio Peregrino) ou que os não desse?
 Se o primeiro dizeis; não corresponde
 Ao conceito de hum braço Omnipotente:
 Se o segundo: Pretende a vossa mente,
 Por ventura, sondar aquelle abyssmo
 Da vontade Divina? Que aphorismo
 A não creres vos leva ao que se ordena
 No immenso resplendor, com a desculpa
 De que o não alcançais? Votai a pena
 De o não saberes na expiação da culpa
 De intentallo negar: Que imagem tendes
 De implicancia notoria, e fundando
 Deos huma Lêi tão sua, fosse obrando
 Nos sublimes, sagrados ministerios
 Os prodigios mais altos dos mysterios?

Estes

Estes mesmos portentos a renovaõ,
Sem alguma mudança, e tambem provaõ
Ser dada a Lêi por Deos: Elle podera
Somente commover a sacra esphera
Com tanta maravilha: e se podia,
Hé delirio dizer que o não faria,
Sem outro fundamento mais que a audacia
De huma cega, infelice contumacia.

Duvidais de que Christo a Lêi nos desse?
Da sua mesma boca a conseguiraõ
Os Sagrados Apostolos: Ouviraõ
Os brados Evangelicos, do Mundo
Todas as quatro partes: ao mais fundo
Dos sertoes, ao theatro das Cidades,
A's barbaras, incultas soledades,
Chegou o seu rumor: * Do Evangelista
Passou a Polycarpo a voz canora;
Desto a Santo Ireneo, que a fêz sonora
Na lingua, e nos escriptos: a Clemente,
De Ireneo se difunde, que patente
A pôz nos Padres da terceira Vida:
Da mesma forte se acha produzida,

H

Com

* *In omnem terram eivit sonus eorum.* Div. Paul. *ad Roman.* cap. 10. v. 18.

Vide Stapleton. in vita Div. Thom. Apostol; & P. Nicol. Trigaut. in expedition. Sinensium; lib. 1. in fine.

Com huma successiva concurrencia,
 Em todas as Igrejas, que fundaraõ,
 Os Nuncios Apostolicos: clamaraõ
 Com a Lêi, sem alguma intermitencia
 De outros ecos, depois, a illustre tropa
 Muito alem dos confins da nossa Europa.

Para que a Lêi se espalhe no Universo
 Pôz primeiro hum decreto Soberano
 Em páz a Terra: do bifronte Jano
 A inchada Roma, com alegres olhos,
 Vio correr os belligeros ferrolhos:
 Aberto estando o Mundo aos Missionarios
 Leveraõ o Evangelho a clymas varios:
 Pedro illustra a Galacia, a Capadocia
 Asia, Bithynia, e Roma: André a Achaia:
 Resplandece Thadeo na Idumea,
 Samaria, Arabia, Syria, e Galilea:
 Santiago maior na invicta Hespanha:
 A Ethyopia conseguiu a gloria estranha
 Nas vozes de Matheos: Philippe a Scythia
 Enche dos mesmos raios: Joaõ a Epheço:
 Thomáz evangeliza na Germania,
 Depois na Parthia, Baçtria, Media, Hyrcania:
 Raia Bartholomeu na Licaonia,
 Na Armenia, e Indias, e Simaõ na Persia:

Santiago menor na Palestina ;
E Paulo a quasi todas illumina :
Vaso escolhido de impressoens ardentes ,
Para luz ; para Oraculo das gentes.

Que poder estes Nuncios receberaõ
Mais que o alto poder , quando aceitaraõ
Este grande projecto ? Appareceraõ
Com armas ; ou riquezas ? Naõ entraraõ
Por essas vastidoens , quasi despídos ,
Descalços , e em miserias consumidos ?
Naõ derribaraõ os Idolos de Pallas ,
De Mavorte , de Jupiter , de Venus ?
Naõ arrancaraõ das soberbas salas
A Vaidade , a Lascivia , o Luxo , a Gula ?
Tudo quanto nos vicios se estimûla ,
De repente naõ foi para a innocencia
Da humildade , razaõ , e continencia ?
O Principe , a donzella , o mestre , o rude ,
Sem mais força , que o espirito lhe ajude ,
Que os divinos clamores do Evangelho ,
Naõ mudaraõ de impulso , e de conselho ?
Naõ julgais que hum esforço mais que humano
Houve nestas moçoens ? No ardor profano
Cabem tantos prodigios ? O' loucura
De fatal apprehensaõ , que sepultada

Na infame escuridade do seu nada,
Quanto mais nestas duvidas se emprega,
Fica mais infelíz; fica mais cega.

Se duvidais tambem destes successos,
Que miseria maior, se os seus progressos
Gritando estaõ na Serie successiva
Das voluveis idades? E taõ viva
Nos insta sempre a luz desta memoria,
Que inda he mais prõpta a imagem, do q̃ a historia;
E parece no objecto, que se alcança,
Que mais na vista está, que na lembrança.

Com esta mesma singular presença
Vemos o Author da Lei na Palestina
Confirmar a Catholica Doutrina
Nos mais raros portentos: Que prodigio
Maior, que os seus costumes? Sem vestigio
Do mais leve defeito; ardente, affavel,
Magestoso, apprazivel, veneravel?

Na Metròpoli vasta da Provincia,
E em todas as Cidades da Judea,
Naõ com incerta, fabulosa ideia,
Mas com seus proprios olhos virao todos
Em tantas Povoaçoes por tantos modos

O admiravel concurso, com que os cegos
 Procuravaõ a vista: os aleijados,
 As maõs, e os pés: os surdos, os ouvidos:
 Os corpos dos demonios insultados,
 A sua instauraçaõ: Os submergidos
 No pó da sepultura, os seus alentos:
 Todos aqui logravaõ seus intentos,
 Todos tinhaõ vigor, todos saude:
 Convertia-se em jubilo o ataude,
 Em applauso a miseria, a enfermidade
 Em esforço, a prizaõ em liberdade.

Quero-vos permittir por breve tempo
 Que Christo foi fomite hum homem puro:
 Agora seriamente vos procuro
 Me digais se este Christo ao menos era
 Assistido por Deos? * Se reverbera
 Nelle hum summo poder? Sendo infallivel
 Que se fáz nos milagres taõ visivel
 A Maõ Omnipotente; e sendo certo
 Que Elle estabeleceu todo o concerto
 Da nova Religiaõ: Que he revellada
 Não podeis duvidar: Que a Deos agrada;

H. 3.

Me-

* Scimus quia à Deo venisti, Magister: nemo enim potest hæc signa facere, que tu facis, nisi fuerit Deus cum eo.

Joan. cap. 3. v. 2.

Quomodo potest homo peccator hæc signa facere? Idem, cap. 9. v. 16.

Menos duvida tem; pois deduzida
Foi de huma chama tão esclarecida.

Se quereis entender que este Propheta
(Dailhe só este nome) há de enganaros,
Presumo que deveis envergonharvos
De hum absurdo tão grande: Q' mentira,
Que engano, ou falsidade convir pode
Com o dom de prodigiós tão immensos?
Pareçeme que tanto não delira.

O vosso pensamento; nem que acode
Com este effugio a condemnar incensos.
Para hum homem tão Santo: Attento vede
A inegavel instancia, que procede
Destas demonstraçoens; e então confio
Que regeitando o vosso delvario
Reconheçais em Christo a Lêi brilhante;
E que he Deos, e homem juntamente:
Que não hé na Eucharistia semelhante,
Mas real, verdadeiro, omnipotente:
Que tem a humanidade a subsistencia
Na pessoa do Verbo: Que húa essencia
He só a de hum Deos Trino, e que distintas
As tres Pessoas são: Pois concebendo
Que hé revellada a Lêi, logo entendendo
Ficareis que a razão mal pode acharse

No arcano, que não pode penetrar-se :
Que a Fé he que nos guã ; e que fogueito
A palavra Divina o meu discurso
Deve estar : Que não há outro recurso
Mais que a luz, que illumina o meu conceito
Para ver quem o diz : Se Deos o explana,
Eu certamente sei que não me engana.

Suspensô destas vozes tinha Pauli
Todo o seu pensamento : parecia
Huma estatua de pedra : agora ergua
O rosto tão pasmado, que podera
Dizer que de hum lethargo se movera :
Não vos posso negar que estou perplexo :
Ao Peregrino diz : Vinde comigo,
Que a casa vos darei de hum bom amigo ;
Este gosto me dê : Quero informarme
De tudo o que quereis participarme ;
E deixando o lugar, em hum momento
Se desfêz todo aquelle ajuntamento.

TRIUMPHO
DA
RELIGIAO.

Poema Epico-polemico.

LIVRO IV.

*Contra o Libertinismo religioso-
nario.**

A Penas roga Pauli ao Peregrino
Lhe dê mais instrucção do que dissera,
Eis que ao longe hum estrondo repentino
De clarins, e tambores, os altera:
O vulgo armado concorreu gritando
Que os Libertinos vinhaõ caminhando
A invadir a Cidade: De repente
Pauli ás armas se lança; anima a gente,
Convo-

* *Libertinismo religioso* hê a feita daquelle, que admittem todo o genero de religião, e querem defender que em qualquer dellas, que se reconheça a Deus, há salvação eterna, ao menos pela ignorancia inventada.

Livro IV. Contra o Libertinismo religioso. 119

Convoca os esquadroens; poeme constante
Na frente, e sem receio do perigo
Se avança para a parte do inimigo.

Quasi ao seu lado vai com hum montante
O Ousado Peregrino, conhecendo
A illustre obrigação, que o está movendo;
E unindo em breve tempo o impulso vario,
Deraõ vista do exercito contrario.

Pasmouse o Peregrino das figuras,
Que algumas tropas trazem, desmentindo
Na ferrida prevenção das armaduras
O semblante das feras: * Profeguindo
Se oppoem á novidade na certeza
De que há menos valor onde há braveza.

Não

* O semblante das feras. Estes erã os Libertinos Cyrenaios, que negã a immortalidade da alma; transformandose, com este conceito, de homens em brutos.

Podrá parecer inverosimil que convertamos em feras os Libertinos Cyrenaios: respondo com o cap. 4. de Dan. v. 22. *Ejicitur: 10. ab hominibus, & cum bestis, ferisque erit habitatio tua, & sanum, ut dicit comedys.* E ainda que alguns expositores digã que não foi verdadeira a transformação de Nabuco, há outros que a affirmã. *Dionysio, in Synopsi, & Epiphanius in vita Danielis* dizem que mudara a forma exterior, ainda que conservava a interna: Miguel Méndez segue que a mudança fora phantastica, porém Bodini na sua *Demonolog.* lib. 2. cap. 6. hé de opinião que Nabuco tomara verdadeira forma de touro. *Santo Agost. de Civit.* lib. 18. cap. 18. *Refut. a transformação de huns homens em carvalos.* *Cluver. in Append. ad Epist. Hist.* lib. 10. conta a transformação de Alberto Perrosomão: *Herodot.* lib. 4. cap. 105. a dos Povos chamados Neuros em Lobos. Não hé necessario mais para defeza deste lugar, especialmente sendo a transformação allegorica.

Não determina a colera de Marte
 Neste primeiro ardor mais que a vingança:
 O exordio foi a acção: em toda a parte
 Se vibra o estoque, se fulmina a lança:
 Despedaça-se hum peito n'outro peito:
 Hum escudo se rompe n'outro escudo:
 Hum dardo em outro dardo; e o golpe rudo
 Produz o incendio, a raiva, a ira, a chama,
 Que o despeñho enfurece, o arrojo inflama.

Retumba ao mesmo tempo o ruido acorde
 Do vasado metal; segue-o concorde
 Ferido o couro de vehemente impulso:
 Hum na respiração, outro no pulso
 Acende mais a empreza bellicosa:
 Parece em tanta furia pavorosa,
 Das espheras formando hum novo ensaio,
 Que hé trovaõ o tambor, a espada raio.

Os que se tinhaõ delmentido em brutos,
 Mais ferozes, * e menos resolutos,
 Sofrem maior estrago: o Campo cheio
 Se via do espectaculo disforme:

Inda

* Mais ferozes; e menos resolutos. A ferocidade não há effeito do valor: os animos mais ferozes são muitas vezes os mais pusillanimos, a verdadeira fortaleza fundase no socoço, e constancia do espirito.

Livro IV. Contra o Libertinismo religioso. 121

Inda o cadaver na carranca enorme
Mais horrivel ficava; ¶ e na fealdade
Novo espanto fugia a novidade.

Em toda a força bruta todo o estrago
Fazia o Peregrino; ardente, e vago
Em huma, e contra tropa se metia;
Onde o impulso do braço difundia
Em successivos, bellicos arrojos
Golpes, tragedias, Victimas, despojos:
Muito menos a fouce, que se emprega
Na seára madura, espigas cega,
Do que o montante vidas na campanha;
E convertido na fatal gadanha
Da inexoravel Cloto, o damno a pura:
Tudo aniquilla, tudo desfigura.

Mas nem da furia o espanto, o horror da morte
Os impetos suspendem de Mavorte: †
Sempre insiste o despenho da batalha:

Bem

¶ *Mais horrivel.* Os Libertinos que morrem com o conceito de que a alma não hé immortal, se lho deve considerar mais horrivel a sua morte, representada na horribilidade dos seus cadaveres, pois suppõem que não há differença dos cadaveres dos brutos; em que o maior horror hé ser hum pó que não resuscita.

* *Tudo aniquilla.* Mostra-se a fortaleza do Peregrino, por darmos tambem hum espirito militar ao Herde, e satisfazermos de alguma sorte o conceito de Lusan, de que deve ser guerreiro.

† *Os impetos suspendem de Mavorte.* Representação dos effeitos da *Lex*, attendendo a allegoria do Poema, que deixamos notada no Prolegomeno; pag. cxi.

Bem que o incendio fulmina, o ferro talha,
A mesma Alecto, que a campanha a terra,
Mais excita a paixão, e acende a guerra.

Já em rodôs se imprime o irado alento:
Não há outro desígnio, ou movimento,
Que vencer, ou morrer: não arde não cede
He geral da vingança a cruenta sede
Os punhaes, os estoques, os alfanges
Rasgão, mas não dividem as Phalanges.

Do Herebo o manto, que assombrou a noite,
Hê que fez suspender o infauso agoite
Da terrivel Belona; e se os divide,
Só interrompe, não acaba a lide:
Embaraçando a sombra ira tamanha,
Sobre as armas ficarão na campanha

Para tornarem na seguinte aurora
A os impulsos da chama vingadora:
O Peregrino, e Pauli se recolhe
Junto a hum grande arvoredado, que se tolhe
Os incendios ao Sol, tambem suspende
O orvalho, que da noite se desprende:

Aqu

* Não acaba a Lide. Ficar esta batalha por decidir, separando a noite a furia militar, he imitação do combate, que teve Aias com Hector o Ilíada de Homero; pois sem se conhecer a victoria, tambem os separou a noite.

Aqui o informa Pauli dos motivos
Desta estranha irrupção, dando-lhe conta
Que detráz de hum outeiro, que confronta
Com os confins do campo, huma Cidade
Edificara há tempo aquella gente :
Que a soberba, ou talvez a inimizade,
Que entre os vizinhos se acha permanente,
Emula a fêz da outra, e que ropera
A gora nesta acção, porque soubera
De algum infiel patricio, que os Deistas :
Levados da vangloria das Conquistas
Andavaõ trabalhando no desígnio
De estenderem com ella o seu dominio :
Que era certo este estimulo aceitara
Fundado na doutrina, que os separa ;
Pois não podia haver boa harmonia
A onde a Religião se dividia.

Esses, que vinhaõ com feiçoens humanas
(Diz Pauli) nas doutrinas mais profanas
Que há salvação pretendem : os que as brutas
Fôrmas traziaõ, fogem das disputas,
Porque affirmaõ que a alma só tem vida
Em quanto está no corpo produzida,
Perdendo com o corpo o triste alento
Na fombra funeral do monumento :

Fatal

Fatal miseria, o Peregrino exclama!
 Gente funesta, e bruta, que huma chama
 Que arde taõ claramente desconhece!
 Porém daima licença que vos diga
 Quaõ ignorante, hydropica fadiga
 Querieris emprender! Que nobre instancia
 A de occupar o alheio? * Que jaçtancia
 A de rômper a humana sociedade?
 Que sublime, que illustre heroicidade
 Forçar a sua especie? Que alta empresa,
 Que valor, que constancia, que grandeza
 Opprimir o mais debil! e que gloria
 Que triumpho, fortaleza, ou que victoria,
 Declararse contrario do visinho?
 Criminosa ambição! Torpe caminho
 De se fazer eterno na Lembrança!
 Dizei-me que louvor, que nome alcança;
 Assoprando-lhe sempre alto Favonio,
 Nessas grandes acçoens o Macedonio?
 Sem receio do espirito iracundo,
 Que era Ladrão do Mar, e elle do Mundo,
 Lhe disse aquelle intrepido Pyrata,
 Entre o remo infeliz de huma fragata.

Para que tudo vença, e tudo mande,

Vem

* *A de occupar o alheio?* Declamase contra a falsa gloria dos Conquistadores com o exemplo de *Alexandre*.

Vem à Ásia, com título de grande,
Não sei com que justiça, destruindo
Quem nunca lhe fez damno: demolindo
Povoações, e Cidades numerosas,
Sem mais causa, que as iras criminosas
Do seu voraz incendio: entregue aos vícios
Mais torpes, e Cruéis: os beneficios
Na ingratitude tecendo: dilatando,
Não o domínio, a furia; e exercitando
A força, e a atrocidade nos Imperios,
Deu espanto geral a os hemispheros,
Sem outra utilidade, intento, ou modo
Mais do que pôr em guerra o Mundo todo.

Que bem se segue deste amor da guerra,*
Que nos indocéis animos se encerra?
Converte-se a Provincia em Labyrinto,
Passa o nosso discurso a ser instinto,
Arrojo a mansidão, fraude a justiça,
Virtude o crime, maxima a cubiça
A crueldade valor, culpa a clemencia
Honra o despenho, fama a resistencia!
Se acaso este discurso vos imprime
Ou conceito, ou imagem mais sublime

Da

* *Deste amor da guerra!* Invektiva contra a guerra pelos seus terriveis
effeitos.

Dá verdadeira gloria ; outro recurso
Escolha desde aqui vosso discurso :
Mudai de inclinação : talvez que possa
A singileza , e a páz da parte vossa
Alcançar o que a guerra não configa :

E que Nuncio escolheis para que figa
Esse intento , sabendo (Pauli adverte)
A furia indocil desta gente inerte ?

Eu quero ser o Nuncio ; o Peregrino
Responde: Vinha o raio matutino
Já , neste tempo abrindo os horizontes ;
Logo começaõ a dourarse os montes
Com a vinda do Sol : De huma oliveira *
Toma hum ramo ; e a pacifica bandeira
Nas tropas bellicosas antepunha
As ideias , que o Nuncio lhe propunha.

Foi no campo contrario recebido
Com grande admiração , pondo o sentido
N'hum Herôe , que com tanta fortaleza
Se fez Glorioso na passada empreza :
E bem que esta ventagem não lhe agrada ,
Sempre foi do inimigo respeitada :

En-

* *De huma Oliveira*: Sinal com que os antigos annunciavaõ a paz.

Entre as armas o deão sem detença
Ao seu Cabo supremo, e na presença
Do convocado exercito, procura
Fazer ostentação da Nunciatura
Mas antes que a formasse o Commandante
Quiz pôr junto de si a Polyphilo
Seu maior confidente, estando o asylo
Da República em hum, e outro Athlante;
Pois reflectida em duplicado espelho,
Hum produzia a acção, outro o conselho.

Calavaõ todos já, quando media
Com os olhos o Nuncio a companhia,
Que em rotundas fileiras o cercava
Airoso traça hum manto, que levava,
E expondo os braços ao concurso todo,
Falla, encorporando o alento, deste modo.

Vejo que nestes bellicos horrores,
Inda que pareçais os aggressores,
Culpa * não tendes da irrupção violenta;
Pois só nella este exercito se alenta
A prevenir o intento das Conquistas,
Que estava consultado entre os Deistas.

Mas
* Culpa não tendes. O melhor modo de persuadir hé não condemnar de-
terminadamente os erros: Convem muitas vezes desculpallos, para poder
melhor dissuadillos.

Mas em tudo o que pode não ter parte
 De Bellona a paixão, o horror de Marte,
 Hê justo que se livre da discordia:
 O alegre simulacro da concórdia
 Primeiro está, que o gesto carrancudo
 Da fera emulação não hesacha estudo
 Nos homens mas feliz, nem melhor ancia,
 Que amar da sua especie a consonancia.

Já o vosso inimigo não consulta
 A ideia, que em seu peito teve occulta
 Para vos opprimir: todo o desinho
 He sómente cingirse ao seu dominio
 Vós deveis aceitar o mesmo intento
 Para ser justa o vosso pensamento.

Reconheço que a páz não fica certa
 Na diversa doutrina, e sempre aberta
 A porta tendes ás hostilidades
 No opposto sentimento das Cidades:
 Com tudo eu não entrara no projecto
 De promover a páz, sem outro objecto
 De mais seguro, superior auspicio
 Arbitrio quero darvos tão proprio,
 Que elle só possa enchervos da ventura,
 Que no commercio humano se procura.

Se as Religiões mais tendes achado
O modo de vencer o inquieto fado,
Das vossas differenças os Libertinos
Nãõ devem concordar nos desatinos
Dos Deistas; nem estes nas condutas
Dessas vossas ideias dissolutas:
Hum terceiro recurso vos proponho:
Deme, para fundar tanto regresso
Mais sublime attenção este congresso.

Hum dos vossos partidos legue o dogma,
Que em qualquer Religião, que o homem toma;
Tem a faude eterna; outro, que a alma
Se vê do corpo a penas desunida
Perde o seu resplendor, e acaba a vida:
Direi agora deste horror primeiro; *
Ao depois de hum discurso tão grosseiro

Se entendeis nesses míseros enganos,
Que produz falvações qualquer doutrina,
Deveis contar a lei dos Mahometanos:
Lei, que muitas torpezas lhes ensina,
E tanto disparate al desordena,
Que ella mesma a si propria se condena.

I 2 Que
* Seguindo o nosso Camens no 3. Capitulo das Lusiadas, estab. 5.
Primeiro tratado, da Larga terra,
Depois direi da sanguinosa guerra.

Que coiza mais ridicula que o Mundo
Sustentarse em hum Boi, que tem no Oriente
A testa, e tem a cauda no Occidente,
Servindolhe huma pedra ao novo Atlante
De firmar tanto pezo exorbitante?

Que haver hum Paraizo, onde as pevides
Se convertem em candidas donzellas
Mais formosas, e ardentes, que as estrellas?
Que guardas do jardim são Anjos puros
Com cabeças de vacca, e com huns cornos
De quarenta mil nós, cujos adornos,
Se apartaõ tanto do rugoso alinho,
Que tem quarenta dias de caminho?

Que setenta mil bocas tem os genios
Com outras tantas linguas; e setenta
Mil idiomas, que os Deos toda a harmonia
Daõ setenta mil vezes cada dia?

Que

* He quasi semelhante tudo o que diz *Masomo* no *Alcorão*, quando descreve a jornada que fez, as *libras* de *Deo*. *Resumido* que *Deo* se encontrou com o Anjo *S. Gabriel* por huma escada de luz; que aqui se encontra com *Adam*, acompanhado de muitos Anjos, e que este primeiro Ceo era de prata; aonde vio hum gallo, tão branco como a neve, e tão grande, que tendo os pés no primeiro Ceo chegava com a cabeça ao segundo, supposto haver de hum Ceo a outro huma jornada de quinhentos annos. Que todos os manhãs cantá *Deos*; hum *Sympho*, que este gallo acompanha com a sua voz, e que daqui vem que cantão á mesma hora todos os gallos da terra. Deste primeiro Ceo de prata, diz, que passara ao segundo, que era todo de ouro; aonde estava *Noe* com dobrados

Que coisa mais opposta ao raciocinio,
Que fingir a virtude no desinio
Das immundas paixoens, e a tal deleite
Imaginar que a alma se fogeite.
Depois de separada, pondo a gloria
Em huma suavidade transitoria!
Se a Religião caminha ao culto excelso
Da suprema Deidade; e só pretende
Agradallo, e servillo; como entende
A vossa louca ideia, que em hum culto
Taõ disforme, que mais parece insulto,
Que adoração, offerta, ou sacrificio,
Se póde descobrir algum indicio
De que se agrada a Perfeição immensa,
Vendo no mesmo obsequio a sua offensa?

E se entendeis que o Altissimo se agrada
De qualquer lêi, que o Mundo lhe cultiva;
Haveis tambem de crer que revellada

I 3

Foi

anjos dos que havia no primeiro. Que o terceiro Ceo era de pedras preciosas, e nelle estava *Abraham*, ainda com maior numero de Anjos. Hum destes era taõ grande, que a distancia, que havia entre os seus dois olhos era huma jornada de setenta mil dias; e comparando pela distancia los olhos a porporção do corpo teria este a altura de huma jornada de 4. mil annos, que he quatro vezes maior que a extensaõ que *Mofes* dá todos os sete Ceos; e ainda para mentir, e se naõ contradizer, he necessario mais habilidade da que tinha este impostor. Este Anjo se chamava o Anjo da morte, e o que escrevia os nomes de todos aquelles, que nascem, e lhe calcula os seus dias, e quando estes se acabaõ, elle riscava os nomes de todos os que morrem. Passou *Mofes* ao 4. Ceo, que era

Foi da Lúz, donde o acerto se deriva :
 E se Leis tão diversas Deos revella ,
 Como nessas ha lêi , que se desvella
 Em se oppor á razão á mente , ao lume ,
 Ao culto , e resplendor do mesmo Nume ?
 Hé crível que se Deos as lêis dilata ,
 Hum rito em outro rito se combata
 Que approve dos obsequios , a contenda ?
 Que se este dogma acerta , o outro offenda ?
 E que ponha em alento tão contrario
 A excelsa inspiração do Santuario ?

O Turco na brutal sensualidade
 Poem a sua observancia : por maldade
 O Judeo , e o Catholico a reputa :
 Da a trôz vingança toda a chama bruta

de esmeraldas, em que estava *Joseph* filho de *Jacob*, com huma innumeravel quantidade de Anjos, e hum delles chorava continuamente os peccados dos homens. Entrou no quinto-Ceo, que era de diamantes, em que assistia *Moyfes* com maior numero de Anjos: Daqui foi ao sexto, que era de carbunclos, aonde residia *S. João Baptista*, com maior numero de Anjos, que os precedentes: No septimo Ceo, que era todo de huma claridade divina achou a *Jesu Christo*; e aqui lhe diz o Anjo *Gabriel* que lhe não era permittido acompanhalo mais adiante; porem *Mafoma* se presumio, ou mais atrevido, ou mais digno que o Anjo de se elevar ao throno de *Deos*: elle se chegou á face divina na distancia de dois tiros de flecha, e alli recebeu instrucções do mesmo *Deos*, e *Gabriel* o conduz outra vez á terra pelo mesmo caminho. Pouco tinha que fazer este famoso Propheta, quando estava inventando, e escrevendo estes delirios, aproveitando da rudeza dos *Arabes*, para estabelecer tão desordenadas mentiras, e sendo tão manifestas se estabelece nellas toda a crença dos *Mahometanos*.

O Mouro não separa da innocencia:
Da vil pyrataria a cruel violencia
No barbaro Alcorão he permittida;
Huma, e outra entre nós hê prohibida:
O Christão cré em Christo, o Hebreo o nega:
Disputalhe o Agareno o ser divino:
Nas aras com horrivel desatino.
O Pagaõ ao seu Idolo se immôla:
Do nosso Christianismo a sacra estôla
Sacrifica entre especies circulares
A victima incruenta nos altares:
Credes que Deos consinta ser louvado
Por modo taõ opposto, e embaraçado?

Se a lascivia he virtude, se a vingança,
E o furto por bondade se avalia;
Será peccado a minha temperança,
E d'outros, innocencia a tyrannia:
E a Deos agradarãõ nos varios ritos
Tanto as adoraçoens, como os delitos:
Será tanto o Christão, que a Christo adora
Como o Turco, e o Pagaõ, que a Christo ignora,
Como a Hebraica gente, que o aborrece:
Se esta ideia levais; logo se offrece
A de que Deos a todos nos engana
Nesta lei, que nos dá: seja a Romana,

Turca, Hebreia, ou Pagan; pois duvidosos
De fermos, ou leais, ou criminosos,
Fâz que nos seus influxos mais sublimes
Confundamos os cultos entre os crimes.

Se hê que fazeis de hum Ente taõ perfeito,
Taõ bom taõ verdadeiro, este conceito,
Naõ conheceis a Deos: De balde o busca
Quem de tal sorte o entendimento offusca,
Que acha contradicçoens; e dissonancias
Em hum Mar de infondaveis consonancias.

Mas naõ hê necessario que se eleve
Tanto o discurso ao Nume Soberano:
Nas mesmas regras do composto humano
Se vê que nessas lêis, que o Mundo alterna;
Naõ se pode alcançar faude eterna:
Se a salvação he premio da virtude;
Como se pode achar esta faude
Violando nas accoens huma doutrina;
Que a mesma Natureza nos ensina?

Naõ ferá contra a lêi da Natureza
Moveres contra o outro aquella empreza,
Que naõ quereis em vós, este desinio
A yingança naõ tem, e o Latrocínio,

Que

Que ao Turco a lêi permite? E entre a gente,
Que procede de Hebêr, não he decente
Perseguir aos Christaons de toda a forte;
Matar o rico ao pobre, ao fraco o forte
Como sacro estatuto? Pois que alento
Poderá conceber o pensamento,
Que o mesmo, que a razaõ tem por maldade,
Possa agradável ser á Divindade?

Que lume natural pode influirme
A que taõ nesciamente me confirme
Nos disparates, que o Thalmud descreve
Na summa perfeiçãõ de hum Ente Summo?
Naõ nos diz que primeiro Deos esteve
Fazendo de outros Mundos o resumo
Para acertar com este, em que vivemos?
Naõ diz que nesses páramos supremos,
No dia dá tres horas á leitura
Desta Hebraica lei? Q' mais loucura
Que o dizer (treme a lingua de exprimillo?)
Que tem Deos varios ritos ordenados
Em que há de expiar tambem os seus peccados?

Que menos insensatos sacrilegios
Se encontraõ no Alcoram? Os frontispicios
Das suas quatro partes saõ indicios

Das torpes illusoens, em que se ordena:
 A mesma divisaõ se fãz obscena
 No titulo da Vacca, onde profeguem,
 Tambem as outras divisoens estranhas
 Das formigas, das moscas, das aranhas.

Destes horriveis báathros saiamos,
 Passemos a outra parte: Se encontramos
 Lutheranos, talvêz, ou Calvinistas;
 Huns dizem que na Hostia Consagrada
 Não há mais que huma sombra figurada
 Do nosso Redemptor: Outros affirmãõ
 Que existe alli realmente o Corpo, e o Sangue
 Na substancia do paõ: Nós defendemos
 Que verdadeiramente recebemos
 De Christo o Corpo, e Sangue entre as especies
 Do mesmo paõ, e vinho: O Lutherano
 Finge que basta a fé ao ser humano
 Para alcançar o Ceo: que as Indulgencias
 São humas inventadas providencias
 Da ambição Pontificia: o Purgatorio
 Que hê quimera, ou estimulo illusorio
 Que tende ao mesmo fim: Q'os Sacramentos
 São tambem huns fantasticos inventos
 Da Romana politica: Que os Santos
 Nas imagens Sagradas, outros tantos

Idolos

Idolos materiaes da fantasia,
A onde se renova a Idolatria.

O Calvinista fáz pouca distancia
Deste mesmo discurso; e a dissonancia
De huma, e outra expressaõ tráz o conceito
De que algum há de errar; porque o respeito,
O obsequio, a honra, o culto, o rito, a gloria,
Que a Deos se dá, não hê contradictoria.
Se huma dellas errou, não pode o erro,
Por mais que se trabalhe no desterro,
Asssegurar o fim da humana vida
Nos indultos da Patria promettida.

Se em qualquer Seita, ou lêi haver podesse
Culto, ou rito, que a Gloria merecesse,
Ou quem guardasse a feita a merecia,
Ou quem não a guardasse: Se o primeiro:
Deve permanecer constante, e inteiro
Na observancia da Seita, em que se salva:
Se o segundo: Não pode ter resalva;
Pois se hê bom esse dogma, que o sogeita,
Será culpa a mudança dessa Seita:
Podendo na primeira haver embuste,
Na segunda, peccado; bem se alcança
Em ambas o perigo da mudança,

138 *Triunpho da Religião*

E tambem da existencia: em que se a pura
Que essa vossa apprehensão não he segura;
Pois a mesma eleição na liberdade
Trazer pode inconstancia, ou falsidade:
Porque senão haveis mudar de rito
Preso vos achareis entre o delito
Do Pagaõ, do Judeo, do Mahometano:
Se hê que o deveis mudar, em outro engano
Igualmente cahis; pois concebendo
Que vos pode salvar hum culto horrendo,
Se nelle vos achais, será peccado
O tirarvos tambem do mesmo estado.

N^o hum ponto vos firmais taõ infecundo,
Que tendes contra vós a todo o Mundo:
Do Universo deitai ás partes quatro
A vossa comprehensão: nesse theatro
De taõ diversas Scenas, os furores,
As guerras, as batalhas, os clamores;
Que nos annaes parece que se escutaõ,
A quem a fama os leva? a quem se imputaõ?
Por defender a patria, a lei, e os Lares
Offrece a historia tantos exemplares.

Muita parte do estrago se abstivera,
Se qualquer destas gentes concebera:

Que

Que eraõ firmes, e bons todos os cultos:
Nem combates houvera, nem insultos;
Se entendesse a Nação, ou mansa ou brava,
Que em todo o rito a salvação se achava.

Com hum zelo anelante, ou pretextado
Do nefando Alcoram, tem infestado
O Turco a maior parte da Esclavonia,
A Albania, a Grecia, a Candia, a Macedonia,
O Negroponto, a Bosnia a Hungria, a Thracia,
A Natolia, o Diaberck, Servia, e Croacia.

A emulação da Persia com a Porta
Se embravece, se funda, se conforta
Na opposição da barbara doutrina
Ou de Aly, ou de Omar: Tartaro, e China
Sempre se combateu no mesmo impulso:
O ardor da Religião deu maior pulso
As Conquistas de Roma: O Elyfio Imperio
Passou da outra banda do Hemispherio
Com esta instagação: a ousada quilha,
Com espanto e cuidado, e maravilha,
De toda a redondeza, pôz notorio
O encuberto rumor do Tormentorio
Vencendo estorvos do Certeo e pelho

As côtes descobrio do mar vermelho;
 Contra os gumes de indomitos alfanges
 Reconheceu o Hydaspes, o Nilo, o Ganges:
 Chegou do Sol ao berço, descobrindo
 As aureas margens do soberbo Indo:
 Depois que muito além da Trapobana
 Estendeu pelo Oriente a Fé Romana;
 No aromatico thalamo da Aurora
 Arvorou a bandeira vencedora:
 Passou-se Calicût, Chaül, Maldiva,
 Sofala, Cañanôr, Tete, Angidiva:
 Malaca vendo o Escudo Sacrosanto
 Ficou cheia de horror, de medo, e espanto:
 Ormuz, Coulaõ, Columbo, de receio:
 Do mesmo horror, do mesmo espanto cheio
 Maluco, Mangalôr, Barêm Mombaça:
 Sofreraõ os impulsos da ameaça
 Pacêm, Socotorâ, Adêl, Quilôa;
 Até que finalmente a illustre Gôa,
 Reduzidos à Fé o Casimino,
 Tanôr, Tutucory, Pamilarano,
 Temate, Travancôr, e o Butuano,
 Firmou na Asia a Fé; tendo ainda as popas
 Das victoriosas Nãos, e as duras tropas
 Forçado, com os ecos da trombeta,
 O Sepulcro do Arabico Propheta:

Tanto ardor, tanto arrojo se destina
A sustentar a fé de huma doutrina!

E se para que hum Idolo se extenda

No Mundo se acendeu tanta contenda,

Com maiores estímulos devia

Pugnar contra a soberba Idolatria

Toda a Elysia Potencia, sendo hum Reino,

Em que Deos, com excelso patrocínio,

Tinha constituido o seu domínio,

Como o mesmo Senhor ao Santo Affonso

Fundador da invencivel Lusitania,

Quando as forças venceu da Mauritania

Expressamente o disse; e que este alento,

Dos Portuguezes nas acçoens brilhantes,

Se levaria ás partes mais distantes:

Promessa Conseguida no Evangelho, *

Desde o mar Gaditano, ao mar Vermelho,

Quasi que estou vencido (diz o cabo

Da quella multidão) mas inda animo

Algumas impressoens, que não reprimo,

Que intentão que eu presista: este socorro

Vereis muito melhor no que discorre. He

* Qui mittit in mare legatos, & in vasis papyri super aqua. Sic angeli
veloces ad gentem convulsam, & dilaceratam: ad populum terribilem, postquam
non est aliud: ad gentem expectantem, & conculatam, cujus diripuerunt su-
mina terram ejus. Isai. cap. 18. v. 21.

Veja-se como expoem este lugar o grande Vieira no Prolegomeno á histo-
ria da futuro, que hé dos esforços maiores da sua profunda, e felice con-
sideração.

He certo que o Judeo, e o Mahometano,
 O Sectario, e o Pagaõ, não sabe o engano,
 Que trabalha na lêi, que elle professa:
 Tanto nella se firma, e se interessa,
 Que entende que com ella há de salvarse:
 Não me direis que pode condemnarse,
 Na ignorancia invencivel, que exercita;
 Pois onde há ignorancia, não milita,
 Nem culpa, nem malicia; e sem peccado
 Não pode ser o homem condemnado.

Concedo (o Peregrino lhe responde)
 Que se dá invencivel ignorancia,
 Que livra do delicto; mas aonde
 A quereis descobrir? Na dissonancia,
 Talvez do Paganismo, e Mahometismo?
 Não pugna a sua lêi com o aphorismo
 Do lume natural? Mas concedendo
 Que haja ignorancia neste voto horrendo,
 Digo que pela lêi não se condemna,
 Mas será condemnado à eterna pena
 Por outras culpas, de que o não livrava
 Esse dogma, em que tanto se fundava:
 Réprobo ficará no Latrocínio,
 Na vingança, e perjurio; e outras maldades,
 Que lhe permite a lêi: nas impiedades
 Ignorancias não há; pois a fereza
 He contra a mesma lêi da Natureza. Mas

Mas inda que finjamos nos delictos
Suspensa sempre a luz do lume interno,
Nao hira a ignorancia ao fogo eterno;
Mas tambem nao voará pelos districtos
Da Bemaventurança. Ha quem entenda
Que hira do Limbo a concava vivenda:
Este arbitrio na ideia que não cabe
O que della sera se Deus os sabe.

Eu estou persuadido, que se houvesse
Ignorancia invencivel; e vivesse
Quem nella trabalhasse com a norma
Com que a razao se anima, e se conforma,
Que a summa Providencia lhe daria
Quanto fosse preciso para guia
Dessa felice, luminosa estrada;
Que nos conduz á Patria desejada.)

Ja fico nessa parte satisfeito;
Mas inda se me offrece outro conceito
(Acodè o Commandante) que me intima
Maior difficuldade: O Rei sublima
Muitas vezes o throno em varios modos
Do obsequio, que recebe: Quasi todos
Os homens, que pretendem venerallo,
Procuraõ muitos ritos de agradallo:
O seu Reino tambem pode extenderse

A Provincias diversas, onde brithem
 Diverfos cultos com que ao Rei se humilhem:
 Cobrir-nos ante o Rei há grande offensa
 Na Asia o descobri-se: Então no Paes,
 Sem grande encostimento, prou em barão
 Há Nação, que o reputa por excessão:
 Julgou outra por digno de processo
 Subir á regia camera luzido
 No delicto se achava comprehendido,
 Bem que ao Rei o não vissem assentado,
 Quem ante o throno estava levantado.
 Supponhâmos que hum Principe governa
 Em todas estas leis: a Magestade,
 Das novas submissões na variedade,
 Curdo que não havia de offenderse:
 E assim da mesma sorte há de entenderse
 Para o Culto Divino: pois o intento
 Mais que a acção, he que explica o rendimento.

Respondo; o Peregrino lhe retorna:
 O Rei na vassallagem reconhece
 O resplendor da purpura brilhante:
 Seja aquella diversa, ou semelhante,
 Sempre o fim se consegue da obediencia,
 Q' hê; em que funda o solio a prehemincia:
 Em Deos há outra regra mais sublime

Para

Para haver hum só culto, em que se anime
A sua adoração; porque se funda
Em toda aquella fabrica profunda
Dos sagrados mysterios, produzidos
Só para a fé, e não para os sentidos.

Manda-nos erer a Encarnação do Verbo;
Que Deos homem se fez; que o escudo acerbo
Da Cruz sofreu por nós: que a nossa vida
Hê de seu Corpo a Celestial comida:
Que Deos he Hum; juntamente he Trino:
Que tudo se elevou, e fez divino
Nos sete Sacramentos; E se o Turco,
O Judeu, e o Pagaõ nega a Trindade:
Se julga por quimera a realidade
Do Prodigio Eucharistico; Se entende
Que Christo não he Deos, como pretende
A vossa confusão achar o erario
Da fé divina, em culto tão contrario?

Se concedeis que Deos revella o culto;
He crível que aos Catholicos ordene
Dos mysterios a crença, e que condene
No Hebreo, Pagaõ, e Mouro o mesmo indulto?
O que he merito em nós, nelles he crime?
Concebeis n'hum espirito sublime

Tanta contradicção? Não he forçoso,
 Com esta temeraria, louca ideia,
 Fazer a Deos, ou falso, ou mentiroso?
 Há quem o facilite? Há quem o creia?

Aqui tendes o absurdo em que delira
 O vosso pensamento, quando aspira
 A sustentar o engano de encontráres
 A salvação em todos os altáres.
 Mas se affirmais que em todos; concedido
 Me tendes que a achareis no meu partido;
 E nelle duas testemunhas tenho
 Para mais segurar o meu empenho,
 Que sou eu, e sois vós; e a penas huma
 Da vossa parte tendes: Eu declaro
 Que não há salvação em quem presume
 Apartar-se de hum culto tão preclaro:
 Vós tambem proferis que ella se alcança
 Deste culto na fiel perseverança:
 Causa tenho melhor; * pois a verdade
 Só se pode encontrar na pluridade
 Da attestaçãõ; e nunca se percebe

Com

* *Dupleix Morny*, grande valde de *Henrique IV. de França*, e o seu Director do *Calvinismo*, lhe disse muitas vezes que na *Religião Catholica* tambem havia salvação; e dizendo os *Catholicos* que a não havia na *Sciã de Calvino*, reflectindo na força, e segurança do argumento proposto se reduzio só com esta demonstração a *Igreja Romana* este grande Monarca, illustrando com esta heroica acção toda a gloria das suas proezas militares.

Com hum voto fomite : se o concebe
A vossa persuasão, muito confio
Em que attendais ao vosso delirio,
Vencido das razões, e do rascunho,
Não só do meu, do vosso testemunho.

Deitai o pensamento aos dogmas varios,
Que se encontraõ no Mundo : huns voluntarios,
Outros immundos, outros horrorosos,
Cruéis, incompatíveis, perniciosos,
Achareis nellas Seitas inconstantes:
Na minha Religião, todos brilhantes,
Puros, doces, benevolos, me excitaõ
A' sociedade humana, e facilitaõ
O impulso natural no rapto ardente
De procurar hum Deos Omnipotente.

Na Catholica Lei não há preceito,
Em que possa apartarse o meu conceito
Da justa inclinação, que se deriva
De hum lume innato, de hũa regra viva,
Que a mesma Natureza nos influe:
Nos mysterios, que a Graça constitue,
Se empenhou a Divina Immenfidade
Para encher de infondavel claridade
A sua mesma Lei; authorizando,

Com tão novos portentos, a eminencia
 Da sua singular munificencia:
 Tudo ao nosso proveito se destina:
 A regra, o culto, o obsequio, a disciplina
 Para o Cêo altamente nos convoca:
 Tudo nos estimula, e nos provoca
 Aquelle Summo Bem; aonde a alma,
 Entre golfos de luz, recebe a palma,
 Depois que muda a vida transitoria
 Nas doces auras de huma eterna gloria.

Confesso (diz o cabo, que modera
 O militar congresso) que estivera
 Por tudo o que dizeis, se nesta junta
 Outro novo partido não se achara;
 Que com diversa ideia nos separa:
 Aqui se encontraõ muitos Libertinos;
 Que affirmaõ que do espirito os destinos
 Se extinguem com a vida; e que consultaõ
 Que as almas com os corpos se sepultaõ.

Esses pretendo combater agora:
 O Peregrino diz: A este intento,
 Me dê nova attençaõ o Ajuntamento.

TRIUMPHO
DA
RELIGIAO.

Poema Epico-polemico.

LIVRO V.

Contra o Libertinismo Cyrenaico. *

A Alma racional na intelligencia,
Inda da mais confusa negligencia,
Se julga huma substancia vigilante,
Immortal, concipiente, cogitante,
Immutavel, anciosa, incorruptivel,
Harmonica, incorporea, indivisivel:
Sendo espirito puro, se acha unida
A hum ente material, aonde a vida

K 4

Inspi-

* *Libertinismo Cyrenaico.* He a seita dos que negao a immortalidade da alma; tomando este conceito da *Eschola Cyrenaica*, da qual foi fundador *Arisippo*, que punha nos deleites sensueis toda a felicidade do homem. E por isso se diz que *Socrates* convertete os brucos em homens, e *Arisippo* os homens em brucos.

Inspira formalmente ao ser humano:
 Os prodigios de hum Nume Soberano
 Aqui se reconhecem, produzindo
 Hum composto de partes tão contrarias,
 Como materia, e espirito; e infundindo
 Em tão diversas fontes, em tão varias
 Disposições a uniaõ, que facilita,
 N'hum Ente que obra, e em outro, que medita:
 Admiravel portento! pois em toda
 A maquina visivel se accomoda
 Deste inspirante incendio a subtileza,
 Sem alterar do corpo a natureza;
 Antes quando o penetra, o fortifica,
 O estende, o move, o illustra, o vivifica. *

Para

* *Modus, quo corporibus adherent spiritus, omnino mirum est; nec comprehendi ab homine potest; Et hoc ipse homo est.* Div. August. de Civit. Dei, lib. 21. cap. 10.

Tem sido muito diversos os discursos, que se tem feito sobre o modo com que obraõ entre si estas duas substancias tão diferentes. *Guilhelmo Godofredo Barão de Leibnitz*, hum dos mais famosos, e eruditos Escriptores do prezente Seculo, pretende que não haja alguma influencia sobre cada huma destas substancias, e só admite hum encontro momentaneo dos dois mecanismos, corporal, e espirital, aonde Deos tem combinado de sorte estas mesmas substancias, que a qualquer modificação da alma, corresponde da sua parte o corpo com aquella que se lhe assemelha. Porém este discurso que não admite a communicação destas duas substancias, he huma contradicção formal do vivo, e perpetuo sentimento; que cada hum experimenta dentro de si mesmo.

Descartes, e o P. *Malebranche* discorrem, que Deos he o vinculo com que se aperta a uniaõ da alma com o corpo, fazendo que a alma produza as suas affecções com os movimentos do corpo, e que este execute os seus movimentos com as affecções da alma. Porém tudo o que se opina sobre esta materia he muito alem da nossa intelligencia, e este seria hum dos estudos,

Para taõ grande empenho se dilata
No errante impulso, com que os membros ata;
Pois no sangue, fluxivel apparece:
Copulado na carne, se entumece:
Na pelle, o percebemos estendido:
Firme nos ossos: nos tendoens tecido:
Curvo nos intestinos: destilado
Nos humores: nas veias, circulado:
Inquieto nas arterias: luminoso
Nos olhos: e nas maons, industriofo:
Agil, nos pés: nas vozes, eloquente
Livre, no coração: no peito, ardente. Quem

ne se deviaõ regeitar, pois quanto mais se empenha nelles a applicaçãõ
menos se sabe: nós experimentamos os effeitos desta mutua correspondência
as suas substancias; mas como se consegue a sua maravilhosa communicaçãõ
em que consiste a uniãõ do espirito com o corpo nunca ja mais poderemos
verigualo; e torno a dizer com Santo Agostinho: *Mirum est, nec comprehendit
i ab homine potest.*

A mesma diversidade de opinioens tem havido sobre a determinada
residencia da alma dentro do corpo. *Herophilo* a collocou no cerebro, *Hypocra-
tes* no ventriculo esquerdo do coração, *Democrito*, e *Aristoteles* em todo
corpo, *Epicuro* no estomago, os *Estoricos* no coração: *Erasistrato* na mem-
brana, que cobre o cerebro, *Empedocles* no sangue, *Galeno* diz que cada
parte do corpo tem sua alma: *Straton* a poem entre as duas sobranceilhas,
lataõ a divide em tres partes; a que pertence à razãõ no cerebro, à có-
ra no peito, ao appetite nas entranhas. A opiniaõ de *Descartes* tem
se a mais famosa no Seculo precedente, collocando o throno da alma
na glandula pineal; e sem embargo de ser muito engenhosa esta conje-
tura, e parecer bastantemente provavel pelas razoes, com que a esta-
lece este *Philosopho*, com tudo o celebre *Stenon* tem mostrado que a
glandula pineal não he capaz dos movimentos, que *Descartes* lhe attribue.

Nicolaus Stenon foi dos mais illustres engenhos do Seculo passado, e
grande anatomico, e huma das suas melhores obras he o discurso anatomico
breve e anatomia do cerebro: e ainda se fez mais illustre na abjuraçãõ do
libertinismo em que foi educado. Depois desta abjuraçãõ o fez *Lanacencia*
L. Bispo de *Tiscioles*, e *Vigario Apostolica do Norte.*

Quem presumira, quem imaginara
 Que offrecendo-se á vista tão preclara,
 Tão sensível, gloriosa maravilha,
 Que tão visivelmente pulla, e brilha
 Em todo o racional conhecimento,
 Houvesse quem formasse o pensamento,
 Com barbara, notoria repugnancia,
 Que era enferma, e caduca esta substancia! ¶

Em quanto o Peregrino assim dizia,
 Da quelle grande conclave sabia
 Hum dos vultos, que em fera desordena
 Toda a figura humana: altivo, e forte, Se

¶ Muitos homens doutos infamaraõ o seu juizo, e os seus estudos com a negaçã da immortalidade da alma. *Simonides, Homero, Hippocrates, Galeno, Alexandre de Aphrodisia, Plinio, os dois Senecas, os Epicurças, os Saduceos* a tiveraõ por mortal. Pelo contrario *Pberocydes, Thales, Pythagoras, Anaxagoras, Diogenes, Plataõ, Cicero* a julgaraõ eterna. Este mesmo privilegio attribuiuõ *Xenocrates, e Speusippo* as almas sensitivas. *Numenio, e Plotino* extenderaõ a immortalidade as almas vegetativas.

Os *Epicureos, ou Cirenaicos* modernos para negarem a immortalidade das almas racionais nos recourem com o cap. 3. v. 17. & seqq. do Ecclesiastes.

Et dixi in corde meo: Injustum, & impium judicabit Deus, & tempus omnis rei tunc erit. Dixi in corde meo de filiis hominum, ut probaret eos Deus, & essenderet similes esse bestiis: Idcirco unus interitus est hominis, & jumentorum, & equa utriusque conditio: Sicut moritur homo, sic & illa moriuntur: Similiter spirant omnia, & nihil habet homo jumento amplius: Cuncta subjacent vanitati, & omnia pergunt ad unum locum: de terra facta sunt, & in terra pariter revertuntur: Quis novit si spiritus filiorum Adam ascendat sursum, & si spiritus jumentorum decendat d'orsum? Et deprehendi nihil esse melius quam letari hominem in opere suo, & hanc esse partem illius. Quis enim adducet, ut post se futura cognoscat.

Porem Salamaõ naõ quiz dar a entender neste lugar mais do que a difficuldade que concebe o homem pelo seu raciocinio sobre a immortalidade da alma; e o quanto difficil he, como deixamos dito com Santo Agostinho,

Se chega ao Nuncio; e falla desta sorte.

No coração, no peito, pés, e vozes,
Nos olhos, e nas maons, arterias, veias,
Nos tendoens, nos humores, e intestinos
Se acha nos brutos mansos, e ferozes,
Essa alma dividida, sem que ideias
Tenhamos de hums impulsos taõ divinos
Como darlhe quereis: Na pelle, e carne,
Nos ossos, e no sangue, a alma alenta;
E mais sempre se offrece, e representa
Em qualquer instrucção que nos educa,
Mortal, enferma, fragil, e caduca: Se

e. poder ser comprehendido do discurso humano este admiravel portento da omnipotencia divina. A maior parte dos expoziitores concordaõ que neste lugar pertendeo o senhor explorar a fé, e a esperanza dos homens sobre a vida futura; o que está expresso naquellas palayras: *Ut probaret eos Deus.* E no principio deste texto: está provada a mesma immortalidade, dizendo Salomaõ: *Iustum, & impium judicabit Deus, & tempus omnis rei tunc erit;* porque não pode haver este juizo, sem a alma passar com a immortalidade para o outro Mundo. Coincide com este texto o de Joel: *Ascendent gentes in vallem Josaphat, quia ibi sedebit, ut judicem omnes gentes;* o do 2. livr. dos Machabeos: *Pia, & salubris cogitatio orare pro defunctis;* e mais expressamente o de Job: *Credo quod Redemptor meus vivit, & in novissimo die de terra surrecturus sum.* Prova a nova vida da alma igualmente o cap. 12. v. 32. de S. Matheus. *Qui dixerit verbum contra Spiritum Sanctum non remittetur ei neque in hoc seculo, neque in futuro:* O cap. 2. v. 24. dos Act. dos Apostolos: *Quem Deus suscitabit ex mortuis, solutus doloribus Inferni.* O do cap. 2. v. 10. ad Philipp. *Ut in Nomine Jesu omne genu flectatur Caelestium, terrestrium, & infernorum.* O do cap. 3. v. 15. da 1. ad Corinth. *Ipse tamen salvus erit, sic tamen quasi per ignem.* Santo Agostinho na Epist. 100. ad Evod. nos refere que duvidando o medico Gennadio da immortalidade da alma, lhe apparecera hum Anjo em sonhos, e lhe perguntara se se persuadia com toda a certeza que estava dormindo, que lhe respondera Gennadio que sim: Pois se tens os olhos da carne fechados, he certo que só me podes ver com os do espiri-

Se respondeis que esta alma hé sensitiva,
 E a do homem racional; deveis dizerme
 De que fonte essa ideia se deriva?
 Somente podereis satisfazer-me
 Que o bruto sente, e raciocina o homem:
 Porem vós bem sabeis que se apurarmos,
 Muitas coizas dos brutos, que diremos,
 Confundindo os discursos, e os extremos,
 Pela mesma razão, que nos inclina,
 Que o homem sente, e o bruto raciocina:
 Que sente o homem mais, do que discorre,
 Basta que na lembrança senão borre
 Tanta bruta paixão, q̄ nelle observe: Que

rito: emudeceu Gennadio a esta demonstração, e o Anjo antes de se desvanecer lhe deixou impressas estas vozes no coração. *Cave jam deinceps ne dubites vitam manere post mortem.* Referet também Baronio tom. 1. ad ann. Christ. 411. que Marfilio Fecino disputara muitas vezes com o famoso philosopho Miguel Mercato sobre a immortalidade da alma; e por fim ajustaraõ que o primeiro que morresse apparecesse ao outro para lhe dar a solução da disputa. Morreo Fecino primeiro em Florença, estando Mercato azeute, e no mesmo instante da sua morte appareceu a Mercato, e lhe disse: *O' Michael, o' Michael: vera sunt illa, que de immortalitate anime disseruimus.* O *Cyrenaico* zombará destes successos, mas se lhe inquirirmos o coração *visus dolore miscbitur.* De se crer que a alma he immortal, nada se perde; e pode-se perder tudo, vivendose como se ella fosse caduca. He huma loucura indefeulpavel em huma materia de tanta importancia não se eleger o mais seguro. Entre os Philosophos antigos, que negaraõ a immortalidade da alma não me resolvi a meter *Aristoteles*, pelos grandes debates, que tem havido sobre esta materia. Este portentoso Coripheo do Peripato, seguindo a doutrina de seu mestre Placaõ, divide a alma em vegetativa, sensitiva, e intellectual, e affirma que esta ultima não tem nada de corporea, e que por esta causa se deve reputar eterna. No duodecimo livr. da *Metaphys.* torna a alleguar-se nesta mesma proposição. No 1. livr. da sua *Philosop. mor.* a *Nicomacho* excita a questaõ se os defuntos podem ter alguma pena, ou alegria da boa, ou má fortuna dos seus amigos, que ex-

Que o bruto raciocina, inda que sente,
Basta ter as especies, que conservo
No assombro muito mais, do que na mente;
De como, desta ideia em claro abono,
Obra a raposa, o gato, o cao, e o mono:
E sendo esta alma, que julgais nos brutos,
Huma alma material; e tao astutos
Com ella os conhecemos nos definios,
Que mal podeis negar-lhe os raciocinios;
Raciocinando o homem, que implicancia
Pode haver de que seja esta substancia,
Divisivel; corporea, enferma, instavel,
E nao incorruptivel, e immutavel? Po-

istem no seculo; e resolve, que elles se commovem tao ligeiramente destas apprehensoes, que lhes nao podem alterar a sua felicidade, de cuja opiniao se segue necessariamente a da immortalidade da alma. *Porem Alexandre de Amphrodisea*, que he o que melhor tem entendido o texto de *Aristoteles*; nos assegura com muitos Peripateticos, que elle levara a opiniao de que a alma era mortal, e que nestes lugares fallara da alma geral do Mundo, e que elle pretendeu dissimular o seu conceito, temendo contra tal accusacao, como a que tirou a vida a *Socrates*.

Pomponacio no seu Tratado da *Immortalidade da alma* depois de inquirir as razoes de *Arist.* e de *Averroes*, seguiu a opiniao de *Alexandre*, o que fez commover contra elle todo o concurso das Eschoas aonde naquelle tempo nao se conhecia outro Mestre, que o *Stagyrita*. Sobre as accusoes, que lhe fez o *Peripato*, compoz huma *Apologia*, dividida em tres livros, em que o ardor da disputa o empenhou a provar que a immortalidade he contra os principios naturaes, e que era profanar a fe o misturar estes principios com huma crenca sobre natural; e indigno de hum *Christao* o querer provar as coisas divinas com os argumentos da natureza. O *Patriarca*, e o *Senado de Veneza* prohibiram a leitura destes escriptos; e eis-aqui o que quasi sempre resulta do calor demasiado das disputas; e como os maiores philosophos, e os homens mais advertidos, por quere-rem triumphar dos outros, sab os que communmente com as suas proprias armas ficam vencidos; e infamados na contenda. Quasi todos os here-
siarcas tem procedido desta fogosa origem.

Podera responder vos com Cartesio *
 (Lhe diz o Peregrino) asseverando
 Que sensaçõ nos brutos não admito,
 Quanto mais raciocinio; e que os limito.
 A moles globulosas, ordenadas
 De elastes, e tendencias combinadas
 Para imitarem nas porçoens tendiveis
 Impulsos racionaes, formas sensiveis:
 Pois inda que pareça que elles comem,
 Que bebem, que digerem, que perentem,
 Que advertem, gritaõ, sonhaõ, dormem, sentem,
 Nada vem de hum sensivel aphorismo:
 Tudo hê nelles hum puro mechanismo.

Nem cuideis que o conceito hê insensato,
 Como o intenta fazer o Peripato;
 Pois inda que esse bruto coma, ou beba,
 Ou sinta, ou grite, ou durma, ou que perceba,
 Conforme a açãõ nos díz: toda a verdade,
 Que em tantas apparencias se persuade,
 O fundamento tem na semelhança,
 Com que imita a razaõ, que em nós se alcança;
 E a sensaçãõ, que em nós se qualifica;
 E tanta semelhança (bem que indica
 Algum conceito de que o bruto sente,

Ou

* Systema de Cartesio sobre a insensibilidade dos brutos, e fundamentos desta doutrina.

Ou discorre talvez) tão evidente
Não hê , que possa só este recurso
Provarlhe a sensação , darlhe o discurso.

Do nosso sentimento , e intelligencia
Temos toda a expressão , toda a evidencia
Dentro de nós , mas este desengano
Só se pode encontrar no ser humano ;
Pois ategora o bruto inda não disse ,
Ou que raciocinasse , ou que sentisse.

N'outra incognita origem , mui diversa
Daquella , que há em nós , podem fundarse
Dos brutos as funções : Verificar-se
Podem só n'hum mechanico progresso :
Talvez que possa a instancia d'hum congresso
De partes materiaes , reproduzida ,
Affectar a razão , fingir a vida.

Cuido que a sensação não dais ás plantas ;
E nellas vendo estamos outras tantas
Admiraveis funções (se as não excedem)
Dessas mesmas , que aos brutos se concedem :
Empedocles , * Pythagoras differão , Mo-

* Alem de Empedocles , e Pythagoras levou tambem Platon o conceito da sensação das Plantas , segundo nos diz seu discipulo Aristotel. lib. 1. de plantis. No seculo passado renovou Campanella esta mesma opiniao ; e no presente seculo a seguiu Rudiger no seu liv. de Physic. Divin. E o famoso Anatomico Konig mostrou como nas plantas se achão veias , vasos , nervos ; e instrumentos destinados para a respiração , para a coção e digestão dos alimentos ; para a circulação do jugo nutritivo , para a ex-
pulsão de excrementicio , e para a geração , &cet.

Movidos das acçoens, que conheceraõ
 No vegetante ardor, que era sensível:
 Mas deste allucinado, incompatível,
 Enganoso discurso, vos separo:
 Não negareis com tudo, que bem claro
 Tem essa planta o provido arremedo
 Que fâz da sensaçãõ: Este segredo
 No tronco achais, que o corpo lhe organiza:
 Nos ramos forma os braços: authoriza
 Alguma chama, ou movimento occulto
 Nas flores, e nos pomos: este indulto
 Finge na casca a pelle: affecta o sangue
 Nesse humor circular, em que se anima:
 Parece que retrata, ou legitima
 No âmago o coração: formaõse as juntas
 Dos seus nós, e nas fibrías mais conjuntas,
 Da lingua nos propoem aquelle intento,
 Com que busca na terra o nutrimento.

Reparai nos aneis, com que as videiras
 Se enlaçaõ nos espeques das parreiras:
 Na quella forte liga, com que ao muro
 Se prende, e se une a hera: no destino,
 Com que o frondoso impulso segue o tino
 De achar sempre do Sol o incendio puro.

Porem a mais affombro nos convoca

Aquelle

Aquelle raro arbusto, que se o toca
Indiscreta impressão, tanto se offende,
Que se opprime em si mesmo; e logo estende
A alegre pompa, de seu verde ornato,
A penas se acha livre do contato:
Prestigioso julgou este decoro *
O discurso de Plinio, e Apollodoro.

Maior prodigio nos propoem a Ruffia
Com o seu Bonaret, ¶ herva tão rara,
Que em todos os seus musculos declara
A forma de hum cordeiro: ella se veste
Da mesma lan; no mesmo corpo agreste,
Com nova admiração, se acha disposto
Do innocente animal todo o composto:
Ella se encolhe, e geme, se a maltratao:
Nos seus frondosos gomos se retratao

L

As

Chamaõ os Botanicos a esta planta *vergonheza*, ou *pubica*, outros *sensitiva* Apollodoro, e Plinio a numerãõ entre as plantas magicas coõ nome *Esbinomenen*. Querem alguns que esta planta seja o Sulco dos Turcos. Affirmaõ muitos AA. que na Ilha de S. Christovão ha muitas, ou da mesma especie, ou semelhantes. O referido Konig nos diz que de outra planta pouco differente ha noticia em algumas partes da Italia chamada *Seta marinha*. Da que propriamente se chama *sensitiva* affirma Roberto Boyle, que ha hum bosque dilatado no Istmo, que divide a America setentrional da Merjional. Aquella flor fungosa, que se vio en laen junto da praia, de que fazem mençaõ as *Memorias de Trevoux*, he as maiores maravilhas, que ha nesta materia.

Bonaret: he frequente esta planta nos Reinos de *Aracão*, e *Casão*.

As sensiveis funçoens: Tudo taõ vivo,
Que o vegetante affirma o sensitivo.

E ainda affim naõ direis que a planta observa
A lêi da sensaçãõ: Logo bem pode,
Por mais que a semelhança se accommode,
Do bruto para o homem, ter reserva
Da mesma sorte, em fim, que este estatuto
Reserva tem da planta para o bruto.

Porem naõ quero, agora aproveitarme
Desta demonstraçãõ; pois naõ approvo
Este discurso, que fazia novo
A ideia de Descartes, tendo sido
Antecipadamente produzido
De outro orgulhoso, extravagante Engenho: *
Mais sezudo há de ser o meu empenho.

O homem totalmente se distingue
De outra qualquer especie: da figura
Naõ fallo aqui: mais alta luz procura
A minha observaçãõ: fallo da forma;

Desta

* *Antonio Gomes Pereira* Medico de Medina del campo foi o primeiro que fahio com a opiniaõ que os brutos naõ eraõ sensitivos mas humas maquinas automatas, movidas por hum occulto mechanismo. *Descartes* se aproveitou deste conceito para o renovar na sua philofophia, aindaque procurou outros principios para estabrececia.

Livro V. Contra o Libertinismo Cyrenaico. 161

Dessa chama vital, que o corpo inclue,
Que o move, o vivifica, o constitue.
Não me podeis negar que ella percebe,
Discorre, julga, inspira, ama, concebe:
Escuso de provar tanta eminencia:
Vós testemunha sois desta evidencia.

Abfurdo he grande presumir que a ruda
Substancia material de hum corpo extenso,
Por mais que a pure o ardor n'hum fogo intenso,
Possa fazer hum ente vigilante,
Discreto, judicioso, cogitante:
Logo hé mais do que corpo esta substancia:
E se hé mais do que corpo, que ignorancia
Negará que hé espirito, advertindo
Que em taõ diversos, naturaes portentos
Não há mais que estes dois predicamentos.

Notai (o Libertino lhe retorna)
Que se a materia, bem que o intenso, a pure,
Nunca pode fazer que se procure
Na sua intensidade o raciocinio,
Tambem por mais que a extenuação se exalte,
Sempre será preciso que lhe falte
Aquelle sensação, que não se nega

Em toda a especie bruta; e assim taõ cega
 Nos fica a intelligencia do conceito,
 Que o racional propõem no empenho activo,
 Como aquelle; que inculca o sensitivo.

Bem que a materia (o Peregrino adverte)
 Se imagine no seu impulso inerte
 Incapaz de hum effeito taõ illustre,
 Pode ser conduzida, ou elevada
 A outra operaçãõ mais sublimada;
 Sem que da elevaçãõ a grande empreza
 Deixe de ser mortal, nem que diffunda
 Outro ser mais que aquelle, em que se funda:
 Mas como huma substancia, que cogita,
 Que discorre, que julga, que medita,
 Nunca no material se considera,
 Porque entãõ a si propria se excedera;
 E naõ pode nenhuma qualidade
 Passar alem da esphera, em que a entidade
 A têm constituido; e assim os olhos,
 Bem que altamente sejaõ promovidos,
 Nunca podem ouvir, nem os Ouvidos
 Da mesma sorte, ver; hê necessario
 Para salvar hum impeto contrario
 A's essencias das coizas, que julgemos

Que

Que hum ente cogitante não hé corpo;
E a não sello, por mais que se forceja,
Se espirito não hé, não há que seja. *

Inda há que possa fer, O Libertino
Torna a instar: Pode fer hũa substancia
Dessas, que o Peripato tem jactancia
De produzir na eschola, dando aos entes
Com ellas as especies diferentes:
Formas substanciaes hé que appellida
Estas promptas imagens: * não duvida
O negar-lhe a materia; nem taõ pouco
Haverá nas escholas algum louco,
Que immortaes as conceba: Eu vos offreço
Outra substancia já, alem daquellas,
Que discorrido tendes, e esta noya

L 3

Substan-

La pensée n'étant point un mode de la substance étendue, il faut que ce soit l'attribut d'une autre substance; Et qu'ainsi la substance qui pense, & la substance étendue soient deux substances réellement distinctes. D'où il s'ensuit que la destruction de l'une ne doit point emporter la destruction de l'autre; mais que tout ce qui arrive en ce que nous appellons destruction, n'est autre chose que le changement, ou la dissolution de quelques parties de la matiere qui le meure toujours dans la nature, comme nous jugeons fort bien qu'en rompant toutes les roues d'une horloge il n'ya point de substance de truite; quoique l'on sise que cette horloge est détruite. Ce qui fait voir que l'ame n'étant point divisible, & composée d'aucunes parties, ne peut perir, & par consequent qu'elle est immortelle.

L'Art de Penser. P. 4. Chap. 21.

* On s'est arrêté un peu en passant à faire voir la foiblesse des argumens, sur les quels métablit dans l'école ces sortes de substances qui ne se decouvrent ni par les sens, ni par l'esprit, & dont on ne sait autre chose, si non que

Substancia, ou Ente de tão alto preço,
 Com todas as magnificas cautellas,
 Com que a sua existencia se lhe prova,
 Sempre a ideia, que a move, ou que a trabuca
 A concebe mortal, e a fáz caduca:
 E se no Peripato se discorre
 Que a substancia incorporea tambem morre,
 Para que me accusais, que agora creia:
 N'outra substancia igual a minha ideia?

Naõ me insteis (lhe responde o Peregrino)
 Com a lêi dos Systemas: perde o tino
 Cada qual em seguir aquelle empenho,
 Com que ordena a ficção do seu desenho;
 E essa mesma substancia, que se finge,
 Com que julgais me aperta a vossa Sphynge,
 Por si mesma se solta, pois a eschola,

Por

*Les idées appelle des formes substantielles parceque quoyque ceux qui les souti ennent
 le fassent, a tres-hon dessein néanmoins les fondemens dont ils se servent, &
 les idées qu'ils donnent de ces formes obscurcissent, & troublent des preuves tres-
 solides, & tres-convain quantes de l'immortalité de l'ame, qui sont prises de la
 distinction des corps, & des esprits, & de l'impossibilité qu'il ya qu'une sub-
 stance qui n'est pas matiere, perisse par les changemens qui arrivent dans la
 matiere. Car par le moyen de ces formes substantielles se fouroit, sans y penser,
 aux Libertins des exemples de substances qui périssent, qui ne sont pas propre-
 ment matiere, & à qui on attribue dans les animaux une infinité de pensées
 c'est-à-dire des actions purement spirituelles: & c'est pour quoy il est utile pour
 la Religion, & pour la conviction des impies, & des Libertins de leur oter
 cette reponse, en leur faisant voir qu'il n'y a rien de plus mal fondé que ces
 substances périssables qu'on appella des formes substantielles.*

Livro V. Contra o Libertinismo Cyrenaico. 165

Por mais que nas especies a tremola,
Naõ a poem entre espiritos; e a alma
Em acção, ou deliquio, moto, ou calma,
Naõ pode, sem espirito entenderse;
Pois hé hum claro absurdo o conceberse
Que espirito naõ seja ente, que julga;
E absurdo inda maior, se a needade
No espirito suppoem mortalidade.

Se quem julga talvez se espiritualiza
(Profegue o Libertino) aos mefmos brutos
Espirito lhe dais; pois subtiliza,
Fundado em seus estimulos astutos,
Arnobio, * e seu discipulo Laetancio;
Que o bruto naõ sómente alcança, e aprende,
Mas que discorre, julga, infere, entende.
E se o juizo, discurso, e intelligencia
Do espirito procede, huma inferencia
Se tira, sem que tenha alguma instancia,
Que no bruto se encontra esta substancia.

Na Corte de Fernando, Rei de Hungria,
Tanto augmentou Jeronymo ✠ Rorario

L 4

Este

* *Arnob. lib. 2. adversus gentes. Laetanc. lib. de ira Dei, cap. 7.*

✠ *Jeronymo Rorario* era Nuncio do Papa *Clemente VII.* na Corte de Hungria quando disse na sua presença hum homem douto, que estranhava que o Imperador *Carlos V.* aspirasse à Monarchia universal da Europa tendo no

Só de dois argumentos, que insinua
E numerando as partes, ou se alcança
Alguma progressão de semelhança.

De outra forte discorre, e entende o homem:
E leva a intellecção ao mais sublime;
Defumidas noções na ideia imprime:
Singulares objectos predomina:
As razões mais commuas determina:
Os Entes mais excelsos reconhece:
Nas substancias, sem corpo, se arrebatã:
Une discursos, consequencias ata.

Destes,

perseguir, e de lhe ladrar; o que fez suspeitar que o archeiro tinha sido o homicida, e determinou que o caô entrasse em combate com elle, e que assistio o Rei, e toda a Corte: Deuse ao archeiro hum baltao, e o caô tinha por refugio hum tonel defundado. A penas o caô vio o inimigo se lhe lançou ao pescoço, e o apertava tao fortemente que não podendo livrar-se da oppressão, se julgou por vencido, e foi entregue a justiça para o castigar conforme o crime cometido. Esta historia se acha representada em huma chamine do Castello de Montargis. *Ful. Cas. Scolig. a refere, advers. Cardan. de subtil. exercit. 202. §. 6. Colombiere tambem a conta no Theat. d'honneur, & Chevalerie, tom. 2. ch. 23. pag. 300. e o Padre Montfaucon atraz nos monum. de la Monarch. Franc. tom. 3. sous Charl. 5. p. 70. plauch. 18. Solin. no cap. 27. escreve varias maravilhas do Leão: Athen. Dipsosoph. lib. 13. cap. 30: outras semelhantes de outros brutos. Oppian. passa este mesmo assumpto para os Delphins lib. 5. de piscib. v. 453. e Solin. cap. 18. com maior razão devem entrar nesta conta os Elephantes, pelo que dellés diz Clement. Alexand. Strom. lib. 1. Plur. in Pyrrhum; e finalmente dos Cavalos, dos Bugios, das Rapozas estas cheios os A.A. do modo, e dexteridade, com que imitaõ, ou tal vez excedem, e envergonhaõ a cultura, e os costumes dos homens em quasi tudo o que respeita a sua conservação; e ao seu devido reconhecimento.*

Livro V. Contra'o Libertinismo Cyrenaico. 169

Destas, e de outros actos portentosos
Da sua intellecção, tão numerosos,
Que não cabem nas regras do algarismo,
Hê que infiro o innegavel aphorismo
De que huma alma immortal sempre se embeba
Onde quer que este impulso se perceba:
E se me perguntais pelo que sigo,
Ou creio na extensão dos brutos? Digo:
Que he sensitivo o bruto, e intelligente: *
E que afirmar se pode que hê hum Ente
Entre materia, e espirito, julgando,
Pelo que está medindo, e executando,
Que parece ser mais, que sensitivo,
Menos que racional o impulso activo
Com que procede tanta ideia astuta
Em tudo o que obra, em tudo o que executa:

E

* *La matiere, qui dans son état naturel n'est qu'une substance étendue, & impénétrable, n'étant susceptible que de repos, de mouvement, & de figure, ne peut sentir connoître, désirer, craindre, souffrir. N'est-il pas plus vraisemblable que l'ame des bêtes est une substance, qui n'est réellement ni esprit, ni corps? Une troisième espèce de substance, uniquement capable de passions, & de connoissances sensibles, ou de sensations; mais de sensation exquisés, les quelles dans la pratique valent quel quefois des raisonnemens: Une substance dépendant des organes du corps, inutile sans le corps; sans reflexion sur ses connoissances, sans délibération, sans choix, sans liberté, sans mérite; & par conséquent destinée à périr avec de corps.*

Marquez de Santo Aubin, *Trait. de L'opin.* p. 1. tom. 2. lib. 3. art. 3.
Bayle soutient au contraire, qu'il est impossible que tout ce qui existe, ne soit pas esprit, ou matiere, puisque s'il n'est étendue il est matiere; & s'il n'est pas étendue, il est esprit. Ce sentiment de Bayle ne prouve autre chose, si non que l'esprit humain entreprend de décider ce, qu'il ne connoit pas.

Idem, ibidem.

E supposto que tudo, o que se indica,
 Hê Espírito, ou Corpo, não implica
 Que hum Ente se conceba entre as distancias
 Destas duas genericas substancias. *

Philosophicamente tenho unido
 Tudo o que pode haver de mais a lento
 Nesta feria questaõ: Agora intento
 Com luz mais efficaz vencer o dano
 Da vossa confusaõ, do vosso engano.

Se a alma racional fosse taõ fragil,
 Como o vosso discurso a tem supposto,
 Tudo o que illustremente está composto
 No archivo superior, no excelsa erario
 Do acerto, e da razaõ; fora contrario

A

* Suelen preguntar los Cartesianos, si la alma del bruto es materia, ó espíritu? A que los Peripateticos responden, que ni lo uno ni lo otro; si nó que es una cierta especie de sr que se llama material; nó porque sea materia si nó porque nó es puro espíritu; Que es un ente medio, que nó es capaz de discorrir, ni de entender; pero si de percibir y de sentir; esto es, de una impresion de los objetos corporeos, tal como la experimentamos en nos otros quando se nos quemá se nos pica, o se nos golpea. Nó dicen los Cartesianos que el espíritu es una cosa que piensa, y que discurre? Pues assi pueden los Peripateticos dizir, que Alma de los brutos es una cosa, que aunque nó discurre, ni piensa siente, y tiene sus conocimientos sensitivos.

Replicase contra esto, diciendo que la sensacion, ó conocimiento sensitivo es una cierta especie de pensar. Bien sé que los Cartesianos lo dicen, y que incluyen lo uno en lo otro, como una especie en su genero. Pero querria y o que me dieran la razon porque lo dicen. Todo el Mundo conoce que lo que en el lenguaje comun se llama pensar, o discurrir es cosa mui diversa de lo que en el mismo lenguaje se llama sensacion o conocimiento sensitivo. Ved (por exemplo) el

A quanto nesse cofre se procura:
Seria a heroicidade huma loucura;
Crime a constancia; o jubilo, supplicio;
Torpeza a perfeição; virtude o vicio.

Quem morreria pela amada patria?
Quem o objecto amaria da innocencia?
Quem louvaria os actos da clemencia?
Quem soffreria a maxima importuna,
Ou do fado, ou da sorte, ou da fortuna?
De tudo se faria hum vil desprezo,
E o homem não teria outra sahida,
Que amar o alento, dilatar a vida,
Ignorara cobarde em toda a empreza
O egregio resplendor da fortaleza:
Com detrimento seu, fora ignorancia

Fir-

ego: Sentir el fuego, y pensar en el fuego son cosas muy distintas; y por consecuencia no hay repugnancia en que se separen. Podran puez convenir ala alma del bruto lo primero, y lo segundo, sin que le convenga lo tercero. Esta distincion, que puede apropiarse a la alma del bruto, una cosa capaz de sensacion, esto es de ver, oir &c. no es menos clara que la que Monsenhor Descartes apropria al espiritu, es asaber, una cosa que piensa, y que discurre. Negamos los Cartesianos la posibilidad de este ente medio capaz unicamente de sentir: as que se a hecho aquel profundissimo respeto a la Omnipotencia, que su Ma- ro tanto procuró inspirarles? Dios, cuyo poder no tiene limite; hasta poder tambien hazer (segun este philosopho) que un triangulo no tenga tres angulos, y que dos y tres, no sean cinco: Dios, digo omnipotente no podrá produ- r una cosa de tal naturaleza, que solo pueda sentir.

Viage d'el Mundo de Descart. del P. Gabriel. Daniel part. 5. pag. mihi 306.e 7. pela traducção, de João Gregorio Araujo. E na pag. 308. diz assim: ego no es solido el fundamento, sobre que los Cartesianos dizem que todo ente

Firmar-se na columna da constancia ;
 Se achasse algum perigo na bondade ,
 Buscaria o caminho da impiedade ;
 Pois nenhuma virtude se exercita ,
 Sem saber-se que a Parca facilita
 Melhor aura , em que o acerto se premeia :
 Ou sem ter no discurso aquella ideia ,
 De que inda que na acção acabe o forte ,
 Que outra vida terá depois da morte . .

Nada devera Roma a Elio , ✠ a Muçio ,
 Ou a Bruto , Cataõ , Decio , Genucio ,
 A Codro , ou a Themístocles Athenas ,
 Se nos seus coraçoes não se imprimira
 Que vive a alma , quando o corpo espira .
 Se ella fosse mortal a luz mais clara

Do

ó es cuerpo , ó espiritu , y por consequente podran los Peripateticos suponer un ente medio , esto es la alma del bruto.

Esta mesma reflexã tresladou palavra por palavra referido Marquez de Santo Aubin no lugar , que deixamos citado , e no art. 4. em que principia.

Les Cartesiens demandent si l'ame de la bête est matière , ou spirit. &c.

E eu acrescento que a supposiçã deste *ente medio* entre o corpo , e o espirito , he hum conceito novo criado na mente do *P. Gabriel* , e este exquisito refugio , que nunca me parece que veio à apprehençã de algum dos antigos Philosophos , mostra bastantemente a força do argumento Cartesiano , não se lhe podendo dar outra sahida , aindaque se deve confessar que supposto , seja atrevida , tem todas as qualidades de huma boa resposta.

✠ *Vejae Valer. Max. lib. 5. cap. 6. de pietate erge Patriam.*

Livro V. Contra o Libertinismo Cyrenaico. 173

Do summo bem, que o homem recebera,
Seria conservar-lhe a vida clara,
Que na uniaõ do corpo persevera:
Este fora fomento o seu cuidado,
Este todo o seu fim, sem que attendesse
A quanto se induzisse ou succedesse,
Fosse vicio, ou virtude, amor, conflito,
Nobreza, estimaçaõ, culpa, ou delito.

E de que Deos he bom, justo, e perfeito,
Se perderia o ingenito conceito;
Pois he certo que vemos os Tyrannos
Viverem nos projectos deshumanos,
Sem alguma oppressaõ, algum castigo;
E vemos sem socorro, nem abrigo,
Trabalhando em hum vinculo pungente,
Sem premio algum, a vida do innocente.
Se depois desta vida naõ se achasse
Outra vida, em que a culpa se pagasse,
E á bondade se desse o merecido, *
Seria Deos injusto, e aborrecido
Praticando a observancia iniqua, e rude
De enlaçar a maldade na virtude.

Basta-

* Este argumento, sendo taõ Catholico, se acha na Republica de Plataõ
lib. 10,

Bastaria que a alma presistisse
 Algum tempo depois; o Libertino
 Ao Nuncio diz aqui: Não imagino
 Que possa haver supplicio, ou gloria eterna:
 Se a virtude, se o vicio, que governa
 A propensão humana, tambem morre;
 A minha intelligencia não discorre
 Como pode a maldade, ou a innocencia
 Ter do premio, ou castigo a presistencia;
 Pois a virtude ou momentaneo vicio
 Deve ter premio igual; e igual supplicio:
 E se em Deos a igualdade se procura,
 Em hum premio, ou rigor, que sempre dura,
 Não deve compenlar-se aquelle intento,
 Que se obra, ou se concebe em hum momento:
 Seria horror, seria iniquidade
 O dar por hum instante a eternidade.

Nunca mais (diz o Nuncio) a luz se mostra
 Do que em dar-se hum castigo tão terrivel.
 A quem offende hum Deos incomprehensivel,
 Amavel, bom, benigno, e verdadeiro:
 Se hê infinita pelo objecto a culpa,
 A justiça e a razão tambem ordena
 Que igualmente infinita seja a pena:
 Ve-se no premio a mesma consonancia:

Mas

Mas inda desta harmonica observancia
A alma não depende para acharse
N'humã vida immortal: * deve encontrar-se
Algum novo contrario, que a destrua,
Para que este esplendor não constitua:
A gente não dareis, que a defanime:
Cada vêz mais brilhante mais sublime,
E sobre as oppressoens se considera:
Quanto mais combatida, mais prospêra
A sua illustre essencia: mais se a viva,
Mais se esforça se inflamma, se cultiva.

Se houvesse algum contrario, que a insultasse,
De materia, ou de espirito seria:
Do primeiro repugna, que se achasse,
Pois todo o material perde a valia
Com hum Ente incorporeo: do segundo
Menos se pode crer; pois fica aceito
Como em seu proprio, natural sogetto:
Nenhum a gente natural se move
Para a gente contrario, sem que aspire
No impulso à algum proveito: não conspire
O mais forte com este injusto emprego,

M

Que

In animi autem cogitatione dubitare non possumus nisi in physicis plane plumbei sumus, quin nihil sit animus ad mixtum, nihil concretum, nihil copulatum, nihil coagmentatum, nihil duplex: Quod cum ita sit, certè nec secerni, nec dividi, nec discerni, nec distrahi potest, nec interire cogitur. Cicero, Tuscul. quest. lib. 1. e este mesmo argumento repere o mesmo A. no livro de ethics.

Que tudo se achára posto em foyego.

O ente, que se extingue; ou dentro, ou fora
De si mesmo, tem força, que o devora;

Fora de si, o homem tem o incendio

O ferro, a agoa, o ar; e quanto encerra

Nos oppostos estímulos a Terra:

Dentro de si, o insulta essa desordem

Dos seus mesmos humores; onde anima

O mesmo, que o combate, e que o lastima:

Destes contrarios vive izenta a alma;

Delles consegue victoriosa palma,

Com que vive triumphante na fraqueza

Da nossa miseravel natureza: *

Só Deos he que podera destrulla; Mas

* Ninguém pode duvidar que o attributo mais proprio, ou talvez a essencia da alma consista na cogitação. De tudo pode duvidar a alma mas não pode duvidar de que cogita; porque a mesma duvida he a melhor prova de que ella he cogitante. Examinandose pois o que he cogitação se conhece com toda a evidencia que não se inclde nella alguma coisa de huma substancia extensa, a que se chama corpo; como o comprimento, a largura a altura, a composição de diversas partes, o ser desta ou da quella figura, e o ser divisivel; e impetravel: Donde se conhece que a substancia extensa he totalmente diversa da substancia cogitante; e por esta razão tambem se mostra, que a destruição de huma não tem nada com a da outra. Digo destruição: entendido com os termos da eschola, pois com propriedade seuas pode dizer destruição ao que he realmente huma mudança ou dissolução das partes da materia que sempre existe na Natureza; pois aindaque se finja que hum relógio se destroe quando se descompoem, bem se vê que nesta descomposição, ou dissolução das rodas, do mostrador, da peú-dola, não há substancia destroida; e aindaque a houvera, como a alma não he substancia extensa, nem tem partes divisiveis, nem alguma de que seja composta; não pode haver, em que se consiga a dissolução, que se dá na substancia extensa; e por consequência deve ser immortal; porque não tem inimigo, agente, ou mudança, que a combata.

Mas com que fim, depois de produzilla?
Sem motivo, nem fim, era maldade
Incompativel com a Divindade.

Dizeime agora, sem fingir: A morte
Temestes algum dia? Por mais forte,
Que vos imagineis; este inimigo
Achastes formidavel no perigo
Da enfermidade, ou de outro algum successo?
Se credes que não ha outro progresso
Mais que a vida acabar; que horror, que espanto
Neste perigo vos afflige tanto?

M^o 2

Não

Este argumento, ou demonstração tão forte, como simples, nos offerece *L'Art de penser*, Part. 4. Chap. 2. expouho aqui este lugar com mais alguma clareza em beneficio dos que ignorão a lingua Franceza, sem embargo de deixar escripto o original na nota do verso 238. deste mesmo livro. O Marques de Santo Aubin no seu *Tract. de l'opin.* lib. 3. do tom. 2. da 1. part. art. 11. nos faz huma admiravel demonstração da immortalidade da alma. Se a nossa alma (diz elle) fosse material, seguirsehia que ella não era mais que huma coordinação, ou hum composto de minutissimas partes materiaes, muito mais soltas, e muito mais subtis, que as que se observão nas faiscas ou no fumo; e que estas partes subtilissimas, ou estes corpusculos são aquelles que movem, e ordenão pelo seu impulso, ou configuração tudo o que ha de mais nobre, e de mais excellentē no nosso pensamento. Desta supposição se hade seguir necessariamente, que a verdade dos primeiros principios não subsiste, senão pela composição de alguns pequenos corpos materiaes, e que se estas tomão outra configuração, da que agora v. g. tem, succederia que todas as noçoens mais evidentes, que agora temos, serião ao depois contrarias e oppostas; e se verião trahornadas aquellas verdades inegaveis em que todo o Mundo convem e todos os axiomas, e principios eternos que persuadem o nosso consentimento a penas se proferem, ficarião duvidosos, e sem alguma segurança na nossa intelligencia. Esta prova da immortalidade da alma (acrescenta o mesmo A.) produz huma certeza igual aquella de que dois e dois são quatro, e que o todo he maior que a sua parte.

Não julgais por empreza deleitavel
 O sahires de hum Mundo miseravel?
 Outro susto talvez vos a tormenta:
 Outra imaginação se representa
 Lá dentro de vós mesmo: * Quem a excita?
 Negais que a Natureza a deposita
 No vosso coração, e que a recorda
 Quando mais descuidado vos insulta
 No côlo o alfange, na garganta a corda?
 Confessai, confessai a chama occulta,
 Que o peito vos abraza: Mas já vejo
 Quanto feliz tem sido o meu desejo:
 Já reconheço que mudais a imagem
 Dessa vossa brutal Libertinagem:
 Pouco, a pouco perdendose a figura
 Se vai da quella fera embravecida,
 Onde barbaramente desmentida
 Tinheis toda a expressão da vossa essencia:
 Com a mesma festiva complacencia
 Vendo estou, que os demais, que me escutaraõ,
 Já de brutos em homens se mudaraõ.

Vos me tendes (lhe diz o Libertino)
 Chegado ao defengano: as minhas tropas

To-

* *Testimonium illius reddente conscientia ipsorum, & inter se invicem cogitationibus accusantibus. Div. Paul. ad Rom. cap. 2. v. 15.*

Livro V. Contra o Libertinismo Cyrenaico. 179

Tôdas vos seguirão: Também conspira
Nos outros a mudança: O campo gira
Em successivos jubilos: Os ares
Se inundaõ de clamores populares:
Repetemse nos circulos velozes
Vivas, acclamaçoens, applausos, vozes.

Entre todos no empenho se distingue
O alvoroço do Velho Polyphilo:
Pendente esteve do nervoso estylo
Com que o Nuncio a doutrina propuzera:
Hum incognito impulso reverbera
Do coração aos olhos; e se achava
Mais gostoso, se mais o contemplava.

Dos Libertinos o geral conselho
Logo fêz escolher ao sabio Velho
Para dar aos Deistas a resposta,
Que tinhaõ consultado na proposta,
Que o Nuncio lhe intimou: com este intento
Procura o sitio do outro acampamento:
Do Peregrino vai na companhia;
E Pauli os recebeu com alegria,
Que inda se fêz maior nessa resulta,
Que tinha procedido da consulta;
Pois ja comsigo mesmo convencido

Se achava na ficção do seu sentido.

As pazes se firmaraõ conspirando
 Os campos na catholica doutrina:
 Logo alli se dispoem, e determina
 A erecção das Igrejas: E o negocio
 Mais serio dos artigos era o meio
 De se estabelecer o Sacerdocio:
 E para liquidarse algum receio,
 Que houvesse neste ponto, se dilata
 Mais tempo a conferencia; e foi preciso
 Deixar toda a importancia deste aviso
 Para o dia seguinte: No entretanto
 Deita a noite funesta o negro manto
 Sobre a face do Mundo: as sombras graves
 Caiem dos altos montes: * vem as aves
 Seus ninhos procurando: o manso gado
 Vai buscando o curral: no monte, e prado,
 Se finge o tronco espectro da montanha:
 Tudo da escuridade se acompanha;
 Até que o sono, que no Ceo palpita,
 N'hum silencio mental se precipita. ✠

Neste

* *Maioresque cadunt altis de montibus umbrae.*
 Virgil. Eclog. 1. vers. ultim.

✠ *Et jam non humida Cælo
 Precipitat, suadentque cadentia sidera somnos.*
 Æneid. lib. 2. vers. 8.

Neste da luz parenthesis umbroso,
Dizia a Polyphilo o Peregrino:
Que fado, que successo, que destino
Vos póz com esta gente? A claridade
Da vossa superior capacidade,
Parece que me intima a repugnancia
De teres adoptado a extravagancia
De taõ louca impressaõ: Mais suspendido
Ficareis, a saber que eu figo o dogma
(Polyphilo lhe diz) que ensina Roma:
Bem que a minha lembrança mais me afflige
Quando tyrannamente se dirige
Aos meus tristes successos; desejava
Que ouvísseis quanto pôde a sorte brava
Na minha propensaõ, tomando o empenho
De fundar seu rigor no meu despenho:
Se tendes tolerancia para ouvido.
A historia vos direi de Polyphilo.

Terei por grande obsequio, se a contares;
Lhe díz o Peregrino: as singulares
Prendas, que em vós observo; ou sympathia,
Que eu não sei conhecer, tanta harmonia
Na minha alma produzem, que não posso
Deixar de commoverme a quanto hê vosso.

Em Portugal nasci; assim começa
 O velho Polyphilo: na cabeça
 Do Imperio Lusitano a minha aurora
 Vio as luzes do Sol; taõ brilhadora,
 Que entre as sombras do pálido occidente
 Inda chegou a ser resplandecente: *
 Quero dizer: que illustres Genitores
 Me deraõ da nobreza os resplandores.

Com todas as cautellas do cuidado,
 Que influe a successão, fui educado:
 Mestres se mandaõ vir de varias partes

Para

* Pode alguém reparar que se pertenda que a Nobreza concorra tambem para a gloria do Herde. No *Prolegomeno* se faz mençaõ de que ha *Epicos* que preceituaõ que o Herde naõ só deve ser nobre, mas *Principis*. Sobre a estimaçaõ, ou pouco caso, que se deve fazer da nobreza herdada se dividiraõ os *Philosophos antigos*. Os *Escoicos* naõ queriaõ que houvesse outra mais que a sabedoria. *Seneca* o maior Sectario desta eschola a constitua na virtude. *Non facit nobilem* (diz elle na *Epistol.* 44.) *atrium plenum fumosis imaginibus: Nemo in nostram gloriam vixit; nec quod ante nos fuit, nostrum est: Animus facit nobilem; cui ex quacunque conditione supra fortunam licet surgere.* *Juvenal* na *Satyra* 8. em defabouo da Nobreza recorre ao effugio de que todos nascemos de hum tronco humilde.

Et tamen ut longè repetas, longèque revokas

Nomen ab infami gentem deducis olylo:

Maiorum primus, quisquis fuit ille tuorum

Aut pastor fuit, aut illud quod dicere nolo.

Horacio no lib. 1. *satyr.* 6. allegura que se lhe dessem a escolher a sua origem que naõ escolheria outra, que a de que tinha procedido; e sendo neto de hum *Libertino* talvez, que lisongeasse com este hypocrita conceito a impossibilidade da escolha. *Plataõ in Menon* tambem se declarou contra a Nobreza dizendo q era digno de vergonha o ser estimado por outrem, e naõ por si: Porem estes testemunhos saõ mui sospeitosos, pois naõ podia estimar a Nobreza quem a naõ tinha, e estas philosophias só se estã mi-nhavaõ a desluzir o que senaõ podia alcançar. *Cicero* foi mais ingenuo

Livro V. Contra o Libertinismo Cyrenaico. 183

Para a instrução das sciencias, e das artes;
E com esta officiosa diligencia
A' idade cheguei da adolescencia.

Entre as varias naçoens, que o Mundo lança
De Lisboa ao Emporio, deu-me a França
Hum Cavalhero em tudo taõ disposto
A' minha inclinação, engenho, e gosto,
Que parece viviamos unidos
Com huma só vontade: escurecidos
Deixamos nos estimulos Celestes
Os affectos de Pylades, * e Orestes.

Mas

com os seus discursos; pois sem embargo de ser filho de hum vinhateiro, deu na orac. pro *senio* à Nobreza a estimação, que ella merece. *Omnes boni semper nobilitati favemus, Et quia utile est Republica, nobiles homines esse dignos maioribus suis, Et quia valet apud nos clarorum hominum, Et bona de Republica meritorum memoria etiam mortuorum.* Aristoteles tem decidido o ponto da Nobreza, e da virtude no seu lib. de *Nobilitat.* Diz que a virtude he mui diferente da Nobreza, porque esta pertence à Ascendencia, aquella à pessoa; e acrescenta que para ser nobre não basta ter hum pai virtuoso, que he necessario que isso provenha de muitas geraçoens successivas. Depois que os Evangelistas nos deraõ a arvore geneologica de Christo; e que este mesmo Senhor quiz proceder pela parte Materna da Real casa de David ja senaõ pode descubrir invecção alguma contra a estimação da Nobreza hereditaria, que seja digna de attenção; e que senaõ conheça que quem a produz não acha outro meio de consolar a desgraça do seu nascimento. O desejo que se manifesta nos mecanicos de quererem ser nobres; e estes de se fingirem mais illustres, do que talvez saõ na verdade está universalmente contradizendo tudo o que se pode philosophar contra a antiguidade, e refulsão das origens.

* Ficou em proverbio a amizade de Pylades, e Orestes, porque cadahum delles por livrar o outro, se queria fazer culpado no furto do Simulachro de Pallas diante do Rei de Taurica; Ravil. Textor in officin. lib. 5. cap. 40. Por esta grande amizade lhe deraõ os Scythas, culto de Deoses. Pined; Monarch, eccles; lib. 3. cap. 13. §. 5.

Mas como não trazia mais intento,
Do que purificar o entendimento
Das Cortes no esplendor, foi necessario
Auzentar-se ao seu proprio domicilio:
Aqui logo entendi ser-me contrario
O impulso da Fortuna: neste auxilio
Tinha fundado toda a minha forte:
Com menos afflicção divide a morte
Do corpo a alma, do que a auzencia dura
Rompeu desta amizade a ligadura.

Entre o horror desta subita tristeza,
Acaço vi hum dia a chama aceza
Da etherea luz no angelico semblante
De huma rara Molher: taõ semelhante
A' aquellas, que das agoas no distrito
Pintou da Grecia o deleitoso rito,
Que á minha admiração, e ao meu desejo
Nympha lhe pareceu do nosso Tejo.

Procurei informarme de quem era:
Conheci ser Deidade de alta esphera;
E arrebatado sempre do prodigio,
Menos saudoso estava no vestigio
Da auzencia, que o Francêz me tinha impresso
Dentro do coração: O novo excesso

Deste

Livro V. Contra o Libertinismo Cyrenaico. 185

Deste amoroso incendio vai riscando
Tudo quanto outro objecto está lembrando:
Mais de huma, e outra vêz fitei a vista
Como a aguia no disco luminoso:
Resolvo, em fim, a empreza da Conquista;
E metime em hum pégo proceloso
De ingraticosens, despezos, esquivanças,
De aggravos, de violencias, de vinganças.

A Diana só parece, que attendia
Do seu ingrato peito a rebeldia;
E logo a despezava na lospeita
Que de hum suspiro occulto o voto aceita:
A purpura das faces inflammava,
Se alguem de amor, ou Venus lhe fallava;
E nesse mesmo incendio, que respira,
Entre a vergonha diffimula a ira.

Referirvos a idade, e o ardor vehemente
Do meu continuo rogo, impertinente
Narração emprendera: O meu gemido,
Os meus ais, o meu culto enternecido
Forão lavrando o marmore rebelde
Da quelle duro peito: Mais piedosa
Foi ouvindo a tragedia lastimosa
Da minha pretensão: logo hum descuido,

Que

Que pareceu cuidado, me fingia
Mais alguma clemencia: apparecia
Huma luz de attenção ao meu desvelo:
Pouco, a pouco notei mais algum Zelo
Da minha utilidade, até que a chama,
Que já nos olhos brilha, despedindo
As setas, que a minha alma estão ferindo,
De tal forte em seu peito amor inflamma,
Que exhalando do sol todo o dispendio,
Da mesma neve produzio o incendio.

Huma tarde me lembra que encontrando
N^o hum jardim esta Deosa; a forte esquiya,
A meus grandes trabalhos compassiva,
Me deu lugar a que podesse a ancia
Dizerlhe toda a fé, toda a constancia
Do meu ardente estimulo: risonha,
E benigna permite que eu lhe exponha
A minha adoração; e se assegura
Na palavra de esposo, que lhe offreço,
E occultamente teve em outro instante
Do meu empenho o effeito mais constante:
Favores tive então, que a desventura
Em males converteu, quando conheço
O meu fero destino: Alli, presumo
Que fingir pretenderaõ novas cores

Livro V. Contra o Libertinismo Cyrenaico. 187

Os arbutos, as arvores, as flores:
Quasi perdidos em delicias tantas
Os zephiros gemião entre as plantas:
Huma tropa de espiritos frecheiros,
Vibrando no arco os placidos luzeiros;
Enchia as auras de volantes tiros:
A fonte com harmonicos suspiros
Prospêra no cristal tanto recreio
Para applaudir, talvez, o meu enleio.

Desde o feliz momento, nunca avara
Foi a sorte comigo, até que pâra
Taõ doce elevaçãõ no termo injusto
De fecundarse o thalamo: reservo
A' vossa intelligencia o horror, e o susto,
Que causaria hum fado taõ protervo
Na minha adversidade; pois a vida
Só podia salvarse na fugida.

A partir neste tempo se dispunha
Hum navio a Marselha, berço antigo
Daquelle meu auzente, e charo amigo:
Vencendo mil temores com a amada
Chego a bordo da mãu, que empavesada
Muito alem já da barra, o seu alento
A's ondas tinha entregue, e dado ao vento.

Sahî da terra para achar no golfo
Mais sustos e temores: as borralcas
Nos forçaõ, nos impelem, sem que o rumo
Da terra procurada, onde presumo
Ver todo o meu asylo, se encontrasse:
Na ruda costa, em fim, na inculta praia
De huma inhospita Ilha; a duras penas,
Já sem vellas, nem mastos, nem antenas,
Nos deita o temporal: Todos sahimos
Para beijar a terra; e alli nos vimos
A dar crena ao navio precisados:
Alli tinhaõ disposto os duros Fados.
Toda a minha desgraça: Chega a hora
Do parto à infauستا Dama: a luz traidora
De algum barbaro influxo lhe dispunha.
Que deste alumno ao halito primeiro
Votasse o seu suspiro derradeiro.
Morreu em fim o Idolo brilhante:
Da minha adoração, e fê constante:
Em tão triste silencio hê que procura
Mover a Parca tanta desventura;
Pois se a formasse á vista das Cidades,
Quem obsequios faria ás Divindades?
Julgou tão grande a forte esta violencia,
Que dispôz que na tragica inclemencia
Fossem lô entre os horridos segredos
Inuteis testemunhas os penedos.

Con-

Contemplai a afflicção, em que estaria?
Andava errante toda a companhia
Pelo bosque, cortando varios troncos
Para compor a naú: Os feios roncros
Do Mar hê que me ouviaõ no meu pranto.
Cheio de indignação, de horror, e espanto
Para a parte do monte, aonde andava
Toda a vaga equipagem corro, e grito
Para vir focorrer o meu conflito.

Porem voltando os olhos para o estrago,
Maior affombro a forte me destina;
Pois huma Loba indomita, e ferina,
Essa reliquia, que a tyranna Cloto
Tinha deixado á lastima do voto,
Sem eu poder valerlhe, me arrebatã;
E entre as horriveis brenhas se recata,
Com taõ precipitado, occulto ingresso,
Que alcançar naõ se póde o seu progresso.

Em quanto allí se ordena a sepultura
A? belleza infelíz; no duro exame
Deste immenso rigor, tinha o vexame
Apurado o tormento de tal sorte,
Que se Atropos naõ vibra o impio corte,
Me pôz ao menos com interno raio.

De todas as potencias no desmaio: *
 Caie no mesmo affombro o meu sentido;
 E assim fui neste estado conduzido
 Outra vêz para o golfo, enternecendo
 Quantos neste infortunio me estão vendo.

Em Marselha acordei deste lethargo;
 E entre as violencias de meu pranto amargo,
 Não achou a afflicção outros retiros;
 Que o continuo clamor dos meus suspiros:
 As penhas procurava o meu lamento
 Para mais dilatar o sentimento;
 E abrandando-as com lagrimas velozes,
 Imprimi nos seus ecos, estas vozes.

O' * perdido esplendor de huma esperança,
 Taõ defunto no alivio da existencia,
 Taõ vivo na fadiga da lembrança!

Nunca

* Este desmaio explica melhor a dor de *Polyphilo*, do que todas as expressões, que se podião empregar nesta tragedia: He imitação de *Euripides*, que tambem fez desmaiar *Hecuba* no theatro em semelhante occasião. Quando a dor he taõ grande, que se pode descreditar nas vozes, se deve recorrer ao silencio; assim o fez *Homero* no encontro, que teve *Aias* com *Ulysses*, quando este desceu ao *Averno*; e *Virgilio* no de *Dido* com *Eneas*, quando se avistaraõ no mesmo lugar.

* Este desafogo de *Polyphilo* se guardou com a advertencia para depois de acordar do desmaio, em que já não estaria a dor com tanta vehemencia. A mesma causa (diz o grande *Vieira* nas *Lagrimas de Heraclyto*) quando he moderada, e quando he excessiva produz efeitos contrarios. A luz moderada faz ver, a excessiva faz chorar. A dor, que não he excessiva, rompe em vozes, a excessiva emmudece. E antes do *Vieira* o tinha dito *Seneca in Hippolyto*. *Cura levis luquantur, ingentes stupent.*

Nunca o golpe fatal da contingencia
Riscará taõ funesta, e estranha historia
No indelevel impulso da memoria.
Aquelle puro affecto, aonde a sorte
Perdeu tanto o exemplar, como a medida,
Perpetuo ficará na quella vida,
Em que não tem poder a dura morte :
Prezente terei sempre aquelle objecto,
Quanto mais suspirado, mais activo:
Entre o horror infeliz da infame Alecto
Mais constante serei, mais excessivo :
Todas as coizas mudarão de estado:
Sulcos fará no Ceo o torpe arado:
Fará na terra o Sol a ardente via:
A neve ferá quente, a chama fria,
O monte vagabundo, o Mar constante, *
Primeiro que haver possa algum instante,
Que se atreva a extinguir na minha ideia
Taõ sempre viva imagem : nesta areia
Vejo o teu nome impresso ; aonde a agoa
Taõ doces caracteres purifica :

N

Nos

* Argumento, que os *Rhetoricos* chamaõ *ab impossibili*, mui usado dos Poetas.

In caput alta suum labentur ab equore retro

Flumina: conversis solque recurret equis.

Terra feret Stellas. Cœlum findetur aratro.

Unda dabit flammæ; Et dabit ignis aquis.

Ovid. lib. 1. eleg. 7.

Tritium.

Nos penhascos os abre a minha magoa,
 Em que amor novas aras edifica:
 Tronco já se não vê nesta espessura;
 Sem ser ornado da immortal figura.

Clamava ao mesmo tempo o meu gemido
 Com o nome de Amintha: enternecido
 O valle com os ecos me responde:
 Aonde, O' duro fado, se me esconde
 (Dizia) esta illusão, que se me ordena
 Para mais requintar a minha pena?
 Suspiro de hum alento mentiroso,
 Que com tristes articulos me induzes
 A procurar hum bem tão lastimoso:
 Pretendes que em imagens fraudulentas
 Sejaõ as sombras só as minhas luzes?
 Fantásticas regioens me representas
 Para vagar por ellas solitario;
 E em sonhos de hum alivio imaginario
 Por hum novo caminho de pezares
 Me vâz traidoramente conduzindo:
 Vós, O' rudos frondosos exemplares
 Da tosca felva, * q̃ me estais ouvindo,

Lasti-

*Cum Paris anone poterit spirare relicta,
 Ad fontem Xanthi versa recurret aqua.*

Idem Heroid; epist. 5. ænon. Paridi.

* *Assi mismo es verdad hypothetica que un hombre agitado de una violenta passion, olvidandose de que los Cielos, los arboles, y las penas son incapazes de entender sus quejas, y de interessarse en sus passiones, no obstante les hable como si tuviesen alma, y sentido, y les atribuya pensamientos, y discursos racionales.*
 Lusán, en la Post. lib. 2. cap. 8.

Livro V. Contra o Libertinismo Cyrenaico. 193

Lastimai-vos ao menos do meu pranto,
Já que o Ceo neste misero quebranto
Taõ descuidado o vejo, que parece
Que nem dos meus suspiros se entenece.

Alma feliz, que em globos de Zaphira
Sulcando golfos de Esplendor Celeste
Com raptó excelso teu alento gira;
Como tanto de mim já te esqueceste?
Nessa luzente, harmonica distancia
Attende de meus ais à consonancia,
Se lá no Ethereo assento se permite
Que hum amante soluço te visite.

Muitos dias gastei no triste emprego
Deste ardente gemido; sem socego,
Sem alivio, e constante no delirio,
De querer acabar no meu martyrio:
Depois de largo tempo, em que me ordena
A luz da reflexaõ mais tibia a pena,
Pergunto pelo amigo; daõ-me o informe
Que amando desta feita a ideia enorme
Aqui se retirara: Eu o procuro
Nesta louca Colonia: aqui o encontro:
Nunca pude alcançar que abandonasse
Pensamento taõ barbaro, e voltasse

Ao seu illustre berço: na esperança
De poder conseguir esta mudança
Naõ me tenho apartado desta gente:
Porem esta ventura prehemimente,
Este grande esplendor, esta Victoria,
Tinha o Ceo reservado á vossa gloria.

TRIUM-

TRIUMPHO
DA
RELIGIAO.

Poema Epico-polemico.

LIVRO VI.

Contra o Mahometismo. *

A Bsorto estava o Peregrino vendo
Seu mesmo Genitor, quando entendia
Naõ ser crível achallo: discorrendo
Em taõ grave successo, naõ sabia
Que podesse fazer: se o declarasse,
Talvez que a sua empreza embaraçasse:
Se o intentava occultar, a viva instancia
De outro impulso, o silencio desordena:
Venceu, em fim, a interna consonancia,
Que há entre o filho, e o Pai: o amor condena
Já tanta suspenção: com a ternura

N 3

Das

* A origem do Mahometismo se explica no exordio do combate, que te-
re o Peregrino com Mahuméd.

Das lagrimas, o abraça de repente,
Dizendo: Vosso filho está presente.

Fica affombrado o Velho Polyphilo
Com a doce expressão: não acha estylo
Com que possa exprimir a novidade:
Não crê, quando conhece na vontade
O mesmo, que duvida, e quando alcança
Entre os dois toda a luz da semelhança,
Então hê que elevado no portento
Se acaba de firmar o pensamento. *

Larga conta lhe deu o Peregrino
De toda a digressão do seu destino;
E do assumpto, que o tinha estimulado
A ver do Mundo o aspecto dilatado:
Permiti que se logre o meu empenho,
(Profegue o amante filho) este desenho
Que entre as duas Naçoens se tem composto
Vós lhe dareis o espirito: o meu gosto
Seria não deixarvos; e a grandeza
Do intento, não permite ao meu desinio

Que

* Esta alegria, e alvoroço, que teve o *Heroe*, e *Polyphilo* com a inopinada ventura de se acharem, e de se reconhecerem, he hum modo de suavizar a historia funesta, que tinha acabado de contar. Assim o fez *Virgilio* com os jogos, que descreveu no 5. livr. da *Eneid.* nas exequias de *Anchises*, que tambem forão para adoçar a tragedia dos amores de *Dido*, que tinha narrado no livro quarto.

Que eu possa desprezar tão alta empresa:
Na vossa direcção, e patrocínio
Fica o triumpho, que hoje aqui se alcança
Com perfeita, com firme segurança.

Deixai-me, pois, seguir esta derrota
Da parte mais visinha á mais remota,
Para achar no esplendor, que a alma sulca,
Tantas victorias, como o Ceo me inculca:
Eu prometo depois de conseguillas
Reduzirme a este sitio; e repitillas
Na vossa amavel, singular presença:
Concedei-me, Senhor, esta licença:
Formai ao vosso amor hum sacrificio,
Que fará mais glorioso, e mais propicio
O jubilo de acharvos, e de acharme,
Quando vires que venho repararme
Dos trabalhos, que observo na Conquista,
Inda mais victorioso á vossa vista.

Naõ pretendo impedir o vosso impulso
(Polyphilo lhe diz, quasi sem pulso,
E nos olhos as lagrimas:) quizera
Hir com vosco tambem; mas os meus annos,
Nunca mais infelices, mais tyrannos
Me impedem tanto arrojo: a alma espera

Que cumprais a promessa de voltaes :
 Sondai do Mundo o affombro, o horror dos mares
 Mas concedeime em outra despedida :
 Que eu entre os vossos braços deixe a vida .

Enterneceuse o filho na paterna,
 Amante turbação: como governa
 Movimento maior a luz constante,
 Que o impele, e que o dirige; facilmente
 Vencer pode huma instancia semelhante,
 Que expôz no coração o affecto ardente:
 Primeiro que do campo se partisse
 Se despedio de Pauli; e lhe encommenda
 Quanto preciso achou para que o acenda
 Na doutrina e na páz, que se dispunha:
 Arbitrios dava, direcçoens compunha:
 Prometia o regresso: e acompanhado
 Do Genio, que movia o seu cuidado,
 Novamente do Mundo ao globo entregue,
 Authoriza o fervôr, a estrada segue. .

Quasi no meio do caminho aponta
 Hum fechado arvoredado, que confronta
 Com hum comprido valle, quando o dia

No

* Esta victoria, que alcança o *Peregrino* do seu affecto, caracteriza a he-
 roicidade do seu espirito.

No espherico Orizante se escondia,
E a sombra entre o pavor da escura brenha
Dos empinados cumes se despenha;
Aqui passar a noite foi preciso;
E a penas fecha os olhos, de improvizo
Lhe parece que o bosque se rasgava,
E em tristes expressoens lhe figurava
Hum pezado deliquio a boca escura
De huma horrivel, incognita rotura,
Taõ savada da terra para dentro,
Que no centro do Mundo tinha o centro;
Infestada de hum fogo denegrado,
Mais espanto infundia no sentido;
E em prizoens de huma rustica muralha
Gemia todo o alento da fornalha.

A chama se revolve, sem que possa
No duro aperto da materia grossa
Desatar-se da liga furibunda:
E quanto mais os concavos inunda,
E entre as fortes abóbedas se enreda,
Mais se move, e crepita a labareda.

Do voráz elemento no resumo
Se enrola, agita, e esforça o negro fumo;
Que com espessa horrivel densidade

Finge mais tenebrola a escuridade:
 No immenso espaço das estancias feias
 Grita o medonho ruido das cadeias,
 Que acompanha entre o horror de tristes brados
 A horrenda confusão dos condemnados.

Eraõ ministros de immortaes furores,
 E do implavel Ethna habitadores
 Infauftas luzes, que o dragaõ violento
 Com a cauda arrancou do Firmamento:
 Não ha fogo, que espectros não enlace:
 Do Abylmo, o seio, da caverna a face
 Na multidaõ feróz o assombro offrece:
 Sobre as espigas providas não dece
 De aves devoradoras tanta copia,
 Como no campo infame desta Ethyopia,
 De Estenopes a turba se derrama,
 Se move, e precipita sobre a chama.

Hum monstro mais atróz, mais carrancudo
 Parecé dominava o Imperio rudo
 De conflicto taõ barbaro: na fronte
 De viboras mortaes, se lhe conserva
 E se forma a laureola proterva,
 Que arriça a grenha de hum furor impio,
 Em final do nefando Senhorio.

Pela voracidade dos Velúbios
Passeia o ardente Príncipe das sombras,
Tendo junto de si já convocado
A caterva do povo desgraçado:
A huma, e outra parte os olhos deita:
Cada impulso da vista lhe retrata
O aceso arrojo de huma furia ingrata:
O orgulho, a raiva, o impeto, a inclemencia,
Se vibraõ das pupillas: dando hum grito,
Que enfureceu as ondas do Cocyto,
Entre as cavernas, que eterniza a morte,
Falla a todo o concurso desta sorte.

Hê crível consintais que hum Peregrino,
Hum misero mortal, se atreva a tanto,
Que nos tenha causado o seu destino
Taõ grande affombro, taõ fatal quebranto!
Que hum animo educado com os brutos,
Mais ferozes, crueis, e dissolutos,
Aceite hum tal empenho, que pretenda
Girar os montes, e vadear os mares
Para erguer os catholicos altares,
Sem que o atrevido impulso lhe suspenda
A fadiga, em que as maximas devotas
Trabalhaõ nas distancias mais remotas!

Não vistes a impressãõ, que os Atheistas
 Das suas doutas vozes receberãõ?
 Como os mais sabios Chinas, e os Deistas
 A os seus altos clamores attenderãõ?
 E como os Libertinos revogaraõ
 As confusas ideias, que approvaraõ?
 Agora vai buscar do Turco Imperio
 O mais esclarecido magisterio
 Para tambem rendello: Do Hebraismo
 Procurará o indomito aphorismo
 Para voltarlhe os ritos: conjecturo
 Que senãõ intentais embaraçallo,
 Daqui a pouco tempo algum vassallo
 O Abyssmo não terá, em que se veja
 Contra a luz Evangelica da Igreja
 Profeguir a soberba tyrannia
 Da nossa antiga, infausta monarchia.

Donde estão os impulsos turbulentos,
 Com que dais nova furia aos elementos?
 Donde aquelles adulteros concursos,
 Que pervertem dos homens os discursos?
 Donde aquelle exacravel artificio,
 Com que triumphã da virtude, o yicio?
 Sahi deste infelice captiveiro,
 Emprenda cada qual ser o primeiro,

Que

Que acuda á nossa honra, e que desfaça
Tudo quanto dispoem, e quanto traça
Este oulado Christão: seja o empenho
Apontallo do intento, mais que humano
De combater o Oraculo Otomano;
Pois se o consegue já não tem o Averno,
Em que sustente o seu dominio eterno.

Disse; e a penas nas ancias mais ferozes
Exprime as roncas, balbucientes vozes,
Quando do incendio atropeladamente
Salta a perversa chufma: de repente
Se apesta, e abafa o ar no giro errante:
Não de outra sorte a mina fulminante
Enche tudo de fumo, estrondo, e fogo,
Que do horror subterraneo o ardente afogo
Na colera indomavel, que alimenta,
Do Abyfmo para as nuvens arrebenta.

Espavorido acorda o Peregrino,
E affombrado do sonho perde o tino
Do caminho, que segue, e quanto andava
Era fora do intento, que buscava:
Mais affombrado, mais confuso fica
Quando o seu mesmo fulto verifica
Terse auzentado o genio: e inda parece

Que

Que a cada impulso o passo se entorpece;
 E vacilante o empenho não alcança
 Por onde o leva a tímida esperança,
 Sem o auxilio do incognito luzeiro,
 Que lhe propunha o amante companheiro.

Torceu, em fim, a estrada: muitos dias
 Cursou por varias, encontradas vias,
 Que poem distante o objecto, que procura:
 Confundia-se mais a conjectura
 Com o erro primeiro: entra na Persia,
 No Indostan, na Tartaria; volta à Syria,
 E visita os lugares Sacrosantos:
 Aqui se desfizerão os encantos,
 Que o tinhaõ perturbado: aqui desperta
 De tanta confusão: patente, e a berta
 Já reconhece a estrella para a obra:
 Consegue o aviso, o resplendor recobra.

Scintilla a nova luz: e ao mesmo instante
 Outra vez mais alegre mais brilhante
 Junto de si percebe o doce amigo:
 Que mudança foi esta, que comigo
 (Lhe diz o Héroe) tão subita fizeste?
 Para que desejava, ou pretendeste
 Que eu padecesse tanto na violencia

Que

Que atequi me causou taõ dura auzencia,
Sofrendo os teus affectos, que o destino
Duas vezes me fizesse Peregrino
Por clymas taõ estranhos, sem moverte
Mais que as outras, a magoa de naõ verte?
Sem fadigas, e trabalhos nunca a gloria
(Responde o Genio) e as luzes da memoria
Se podem conseguir: mais prompto, e forte
Para vencer o acafo, o fado a forte
Te considero agora: este intervallo,
Ou infelîz parenthesis do indulto,
Mais purifica a ancia do teu culto
Ao grande fim da empreza, que meditas:
Aqui estou para quanto sollicitas:
Patente a estrada está, o Ceo clemente,
Eu mais auxiliador, tu mais ardente
N'hum monte inculto da felîz Arabia,
Se rasga huma Caverna, onde presume
O culto do Alcoraõ, que todo o lume
Da inspiraçaõ Celeste recebera
O barbaro Propheta: a tosca esphera,
Em que se abre, ou respira a boca estranha,
De broncos arvoredos se acompanha:
Na horrivel, vegetante escuridade
Se retira, ou se encrespa a soledade.

Mais

Mais facil pela parte, onde se offrece
 De Medina o aspecto se acha o monte: †
 Pela vista contraria do Orizante
 Taõ intrincado, e incognito se tece,
 Que por mais que o valor rompello a guarda,
 Ou sempre se perturba, ou se acobarda.

Há fama dos Arabios entre os metros
 Que varios monstros tem, varios espectros *
 Desta espessura o escandalo frondoso:
 Toda a grenha do bosque pavoroso
 Se arriça ou estremece das imagens,
 Que se formão nas horridas voragens
 De espelhos tristes, de ceruleos vidros,
 Que despenha a montanha: Dos Chelydros,
 Das Hydras, das Esphynges, das Medusas
 Se irrita o estrondo de exprêssões confusas,
 Que dentro da afflicção do infame claustro
 Corrompe o Boreas, inficiona o Austro.

Da solidaõ nefando Anachoreta
 Se tem feito Mahumed: do seu Propheta
 Neste medonho alvergue escolhe a estancia

Da

† He allegoria da difficuldade, que tem os *Turcos* para serem combati-
 dos na sua lei pela parte dos *Christãos*.

* *Varios monstros, varios espectros.* Symbolizaõ os horrores da empresa.

Da sua habitação: tem a jactancia
De ser da impia lei no torpe axioma
Taõ douto, é santo como foi Mafoma.

Aqui o nosso Heroê o passo inclina;
Chega á entrada do bosque, e determina
Desfatar com valor insuperavel
Toda aquella carranca formidavel,
Que arruga a indigestão do labyrintho:
Desprezado o pavor, o assombro extinto,
Quanto na feia selva o espanto envolve
Ardente opprime, impavido resolve.

No meio do arvoredado o Heroê se achava,
Quando ouvia que a sombra se infestava
Com os silvos dos monstros: o montante,
Que tinha sido premio rutilante
Da batalha passada, ousado empunha;
E a penas ao combate se dispunha,
Eis que do centro de espinhosa balsa
Hum dragão arrebenta, com taõ falsa
Precipitada acção, que o seu sentido
Foi achallo, talvez, desprevenido.

Embravece nos olhos o Vesubio,
De asquerosas escumas hum diluvio

Destila a boca; a lingua trifulcada,
 Da colera parece fulminada:
 Da cauda facil ás orelhas tronchas
 Inflamma as duras, verdinegras conchas.

Firmandose nos pés, as garras vibra
 Contra o valente Herde; este aproveita
 A elevação do corpo, que fogeita
 Melhor a fera ao golpe: na garganta
 Lhe encoستا o ferro com violencia tanta,
 Que pode conseguir que na ferida
 O corpo, da cabeça se divida:
 Cahio o monstro atrôz, e enche o terreno
 De púrpureo, de calido veneno.

Ao vencedor illustre se accelera
 Outro espectro na effigie da chimera:
 Hum incendio nos halitos respira:
 Incita a indignação, acende a ira
 Nos dentes, e na cauda; porem logo
 Se postra a indignação, a ira, o fogo
 Ao victorioso braço: Hum Minotauro
 Pretende sustentar a pugna horrivel,
 E faz inda a victoria mais plauzivel:
 Das Gorgonas crueis outros modellos
 Profeguem no combate: os seus cabellos

Das cobras na figura o ardor disparaõ;
Outros novos impulsos se preparaõ
Para o golpe feliz; e a mesma sorte
Tiverõ na oppressão do braço forte;
Servindo ao bosque atrôz de triste espanto,
Naõ só dos monstros o fatal quebranto,
Mas entre o horror dos choques furibundos
O aspecto dos cadaveres immundos.*

Vendo o estrago mortal, naõ se atreveraõ
As outras feras a seguir o arrojo;
No mais fundo do bosque se esconderaõ;
E a partado do horrifico despojo,
Foi proseguindo o intento o passo invicto;
E sem nova occasião, novo conflicto,
Chega ao sitio, onde o monte em sombra eterna
Rompe a feia garganta da caverna.

Na sua entrada o horrendo Solitario
Recebe o Peregrino; Triste, absorto
Desfalece em hum misero transporto,
Vendo que houve valor taõ temerario,
Que opprimindo dos monstros a disputa
Chegasse a profanar aquella gruta;

O 2

Jul-

A victoria que alcançou o *Heroe* dos monstros symboliza a que conquistou as difficuldades horrorosas, q se lhe figuravaõ na imaginação.

Julga no alento superior definio,
Mais poderosa luz, maior dominio:
Enche a sua advertencia este conceito,
De admiração, de obsequio, de respeito.

Suspenso estais de que eu aqui me exponha
(Lhe diz o Peregrino) em taõ medonha,
Funesta confusão, como a que guarda
Deste penhasco a camera bastarda:
O rumor, que tem feito a vossa sciencia,
De mui longe me obriga à diligencia
De querer confrontar a fé Romana
Com esta vossa Seita Mahometana:
Se tendes livre o vosso entendimento,
Vós fereis o Juiz deste argumento.

Bem que estou prohibido do Propheta
Para que nas disputas me intrometa,
Que a nossa controversia não abrange
Mais que á parte onde chega o nosso alfange
(Lhe responde Mahumed) o grande assombro,
Que hoje me tem causado a vossa vinda
Me pode desculpar de que eu prescindia
Deste preceito; e que com voisco argua,
Sem que elle o tenha por offensa sua.

Para entrar, sem engano, no combate,
Sofra a vossa instrucção, que eu vos relate
(O Peregrino torna) esse principio,
É inda a causa, e o progresso, com que aceita
Tanta parte do Mundo a vossa feita.

Nesta mesma Provincia teve o berço
Este vosso Mafoma: á sua origem
As minhas expressões não se dirigem:
Basta saber que teve hum Pai escuro,
Que foi Hebreia a Mai; pastor de gado
De huma certa veuva, a cujo agrado
Tanto a sua destreza se accomoda,
Que a sua servidaõ converte em voda.

Mudando de fortuna, se arrebatã
A mais altos estímulos: retrata
No discurso huma imagem da grandeza:
Concebe de Tyranno a injusta empreza,
Atropelando a Arabia: este dominio
Funda na atrocidade, e Latrocinio.

Naõ furtio bom effeito este projecto;
Voltaõ as suas maquinas de objecto:
De extorfor em hypocrita se muda:
Neste intento lhe dá bastante ajuda

Hum Monje, * que no Arabio territorio
Seguia a falsa ideia de Nestorio.

Extático se affecta entre esta gente
Taõ solta, como rude: hum accidente,
Que mais de alguma vêz lhe repetia, ✠
Os fraudulentos exctasis fingia.

Fundado este conceito, o fim a diante
De inculcar-se Propheta: Já se espanta
A Arabia vendo frequentarlhe o ouvido
Huma pomba: * da esphera focorrido
Se expoem ao vulgo; mas da ave o intento
Era buscar na orelha o seu sustento,
Onde a levava a força do costume:
Com taõ grosseiro engano lhe presume
Hum superior auxilio o nescio Povo:
Compoem de hũa lei nova hum livro novo,
E affirma que este livro lho dictara
De hum soberano Nuncio a luz preclara.

Aqui

* Este Monje foi Sergio, que andava fugitivo na Arabia pelo crime da seita Nestoriana.

✠ Com os accidentes epilepticos, que muitas vezes lhe repetiaõ, inculcava que ficava extático com o impulso de superior commoçãõ.

* Costumava pôr nas orelhas algumas sementes, para sustentar della huma pomba; e vendo chegar o bico da pomba aos ouvidos de Masoma, premiava a rusticidade dos Arabes que o Espirito Santo lhe dictava o Alcorão.

Aqui a origem tendes, e o successo
Do famoso Alcorão: o seu progresso
Innunda toda a Asia; passa à Europa
A' Africa se estende: a immensa tropa,
Que a lascivia aceitou deste aphorismo,
Opprimio ferózmente o Paganismo,
E parte fêz gemer da Christandade:
Vejo que impugnareis esta verdade;
Confessai-a; porem, que he tão notoria,
Que inda a não desconhece a vossa historia.

Vede agora se hum homem tão perverso,
Tão falso, e enganador, e tão diverso,
Nas accoens, nos intentos, nos insultos,
Podia formar deus, produzir cultos?
Ou sendo tão brutal, tão ignorante,
Podia ter espirito bastante
A mover tantos Povos, senão de veras,
Tantas normas, e ideias, sem limite.
Para fartar a sede do appetite?

Morto o torpe impostor se altera a Asia
Na contenda geral, que se origina
Da sua mesma barbara doutrina:
Mohavia, Khalifah de Babilonia,
Pretende reduzir a hum só sentido

Das questoens a phrenetica acrimonia:
 Por Interpretes dontos, escolhido
 Foi o melhor da feita; o que restava
 Nas ondas se deitou: neste volume
 Todo o Alcoraõ antigo se resume,
 Taõ pouco concertado, e em si conforme,
 Que inda o fazem mais falso, e mais enorme,
 A pezar das ficçoens, que se escolheraõ,
 Quatro feitas, que delle procederaõ.

Nos coripeos das feitas bem se alcança
 Quaes ellas podem ser, dandose a morte
 Huns, e outros Calyphas para a sorte
 Da sua successão: Na tyrannia
 Com que o sceptro os vassallos opprimia,
 E na varia, continua atrocidade,
 Se vê destes Prophetas a bondade:
 E inda affirm a Melich ✠ segue o Mouro,
 O Turco segue a Omar com lei diversa,

O

* *Abubequer*, foi sogro de *Mafoma*, e lhe succedeu no dominio, sem embargo delle nomear por successor a *Aly* seu genro. Morto o sogro de *Mafoma* succedeu *Omar* no senhorio, que casou com duas filhas deste impoltor. A *Omar* succedeu *Omar*, e a este *Aly*. E todas estas successoens foraõ violentas, dandose a morte huns a outros Successõres; que servirã de exemplo aos outros que se foraõ seguindo; pois naõ ha phrono mais infamado que o *Otomana* com o sangue da sua mesma familia.

✠ A Seita de *Melich* he a mais supersticiosa: a de *Omar*, a mais solta: a de *Omar*, a mais singela: a de *Aly* a mais racional.

Abubequer foi tambem chamado *Mohamet Aquil*, e *Aben Abitalib*.

O Tartaro, a Odemar, a Aly, o Perfa;
Buscando a opposição do mesmo axioma
Para fundar a ideia de Mafoma.
Bem que a lêi não tivesse a dissonancia,
Que ella mesma produz; a repugnancia
De tanto disparate, em que conspira,
Bastava para ver quanto delira
O discurso, que a aceita: Que indecencia
O fingir que o demonio na eminencia
Se remonta do Ceo, onde procura
Os divinos segredos? Que loucura
Como de hum acto vil no impulso interno
Fingir toda a extensaõ do gosto eterno?
Que demencia maior do que infecundo
Fazer ao mesmo Deos, porque não tinha
Mulher, que para hum filho lhe convinha?
Que horror, quando o suppoem tão ignorante,
Que para lhe lembrar o que acontece
No Mundo, tem hum livro de memoria?
Que ideia mais brutal, mais illusoria,
Que negarlhe a bondade, e darlhe o fado
De ser author maligno do peccado?
Fazello tão cruel, que não perdoa?
Tão descuidado, em fim, que se importuna
Em governar dos orbes os progressos,
Entregando á cegueira da fortuna

A enlaçada harmonia dos successos?
 Que muito que estes horridos exames
 Na vossa lêi se fação, se os dictames
 Seguio da quelle horrendo parocismo,
 Que fecundou na Igreja o torpe Abyfmo?

Se negais, O' immundos Mahometanos,
 Consubstancialidade em Pai, e Verbo,
 Hé só porque o tomastes dos Arrianos:
 Deuvos Nestorio o pensamento acerbo
 Que Christo foi somente hum homem puro:
 Manes vos influio o axioma escuro
 Que Jesûs não morrera, ou padecera:
 A Hebraica nação, que concebera
 Perdendo a Virgindade a excelsa Virgem:
 Esta infelice gente vos renova
 Algumas ceremonias, que reprova
 O Céu com outro lêis: deo-vos Lucrecio,
 Ou talvez Epicuro, o instinto necio
 De que a gula, a lascivia, o ocio, a dança,
 Constitue huma Bemaventurança.

Destes erros, não só se ordena o monstro
 Da vossa falsa lêi; mas que discurso
 Sofrer pode o quimerico concurso
 Dessas contradicções, que a contaminação?

Em huma parte tem: Ninguem se salva,
Sem a lêi Mahometana: esta refalva
Noutra parte desfáz; pois se accomoda
Que aquelle; que obra bem, sempre aproveita
A salvação, ou nesta, ou noutra Seita.

Diz que o Alcoraó foi dadiva celeste;
E logo de Mafoma o engenho rudo
Affirma, lhe custara hum grande estudo:
Nega a Hebreos, e Christaons a lêi decente;
E pouco mais abäixo se desmenté,
Jactandose que Deos na que lhe dava
Que consultasse as outras lhe mandava.

Diz que Christo a vingança desafoga
Contra o intento cruel da synagoga,
Outro na Cruz por si substituindo;
E o Pai, em outra parte introduzindo
Lhe modera o martyrio na esperanza
De que o triumpho da morte o Filho alcança.

Aconselha que o incredulo não deve
Vir á crença violento; e já se atreve
A mandar que se mate o Mundo todo,
Se hê que a lêi não recebe de outro modo.

Prohibe que se traga ao juramento
 Mais que o nome de Deos; e elle hê que jura
 Pelas coizas mais vís: e pelo vento,
 Estrellas, e Planetas, conjectura
 Que Deos jura tambem: Que o grande dia
 Do Juizo universal se lhe escondia
 Claramente confessa; e ao mesmo tempo
 Assevera ter delle ideia clara,
 Porque Deos só a elle o revellara.

Com justissima causa este Propheta
 Vos diz que do Alcoraõ toda a disputa
 A's violencias do alfange se cometa:
 Que auxilio n'humã lêi taõ dissoluta,
 Se pode achar, sem verse focorrida
 De taõ injusta, e barbara sahida?

Se assim o mando, porque assim o quero
 Hê preceito taõ rustico, taõ fero
 No dominio Civil; que atrocidade
 Se deve conceber de huma vontade,
 Que pretende alcançar na intelligencia
 Esta mesma oppressaõ, esta violencia;
 E sem outro poder, que o seu delirio,
 Praticar com a alma este martyrio?

Mandar que o ferro seja o que responde
A's duvidas da lèi, hê taõ hedionda,
Taõ perversa instrucção, que não há templo,
Não há regra, ou doutrina, que este exemplo
Atégora aceitasse: Fosse o rito
Suave, ou duro, faudavel, ou precito:
Fosse o dogma benigno, ou deshumano;
Nunca se achou conceito taõ tyranno,
Que quizesse provar a lèi, e o culto
Com a torpe violencia de hum insulto.

Se a vossa lèi hê boa, por si mesma
Se pode defender; e senão pode;
Sem procurar o escandalo do ferro,
Manda a justiça que ella se accommode
A conhecer as sombras do seu erro:
Comprehendei que Mafoma não mandara
Que o Alcoraõ no sangue se banhara,
Se de algum modo visse, ou entendesse
Que havia outra razaõ, que o defendesse:
Não attendeu que fosse má, ou boa,
A regra, que vos dava: O seu projecto
Menos buscava a lei, do que a pessoa;
Mais o Imperio, que os ritos: atquitecto
De oppostos materiaes, edificando
A piedade no horror, no insulto o mando.

Na duração da Seita, permanente,
 Desde o seculo setimo, evidente
 Quereis fazer que o Céu a solemniza:
 Não o Ceo, mas a Terra a fertiliza;
 Pois em gostos terrenos se acumûla:
 Se a vingança, a lascivia, o roubo, a gula
 Vos concede o Alcorão, não tenho espanto
 De que esta vossa lêi prefista tanto;
 Despenhada sustenta esta firmeza
 Na mesma corrupção da Natureza.

Que essa fardida instancia do appetite
 Nos deleites carnaes se precipite,
 Pode dar tanto assombro, como o empenho,
 Com que a pedra procura o seu despenho,
 Se talvez se desprende da montanha:
 Que corra para baixo, quem o estranha,
 Se aquella gravidade, que a domina,
 A mesma inclinação lhe determina?
 A não ter outro esforço, que a suspenda
 Como pode o seu pezo achar emenda?
 Como sem outra força pode o vicio
 Suspenderse em seu mesmo precipicio,
 E sendo de outro impulso estimulado,
 Que inda o fâz muito mais precipitado?

Naõ achais dissonancia em que Mafoma
Divinize na lêi aquelles crimes,
Que o mesmo lume natural condena?
Hê crível que de estímulos sublimes
Proceda a atrocidade, que se ordena
No perjurio, no roubo, na vingança,
Na lascivia, na gula? Naõ alcança
A vossa comprehensãõ, que estas offensãs
A Natureza agravaõ? E hê possível
Que a Bondade de Deos fique apprazível
No mesmo horror, que a Natureza impugna?
Naõ vos parece agora que repugna
A culto superior esta desordem?
Que differença pode têr a ordem
De homens, e brutos, se essa lêi vos pede
No homem, quanto ao bruto se concede?

Onde tendes de Sabio a grande fama,
Se da luz natural toda esta chama,
Talvez desconheceis? Sem lume, ou tino,
Pulsa a vossa razãõ; pois o destino
Cegamente seguís, que tem o bruto
No seu procedimento dissoluto,
Sem ver que o homem pára, o bruto corre:
Que hum naõ reflecte, o outro, que discorre.

Mas de tantos absurdos, como observo
 Neste vosso Alcoraõ, nenhum decido
 Que hê mais desordenado, ou mais protervo,
 Que pones nos deleites do sentido
 A gloria celestial, deixando em calma
 As funçoens mais congenitas da alma.

Nas hortas de Epicuro se recreia
 A vossa fantasia, e finge a ideia
 De hum vistoso jardim, aonde as flores
 Se adornão de corados resplandores:
 Que aromaticos pomos convalecem
 Na vegetante plebe: Que se tecem
 As videiras nos alamos frondosos:
 Que são rubis os bagos luminosos:
 Que o Zephirus respira, cultivando
 Flores, e pomos, com alento brando:
 Que para mais encanto, mais deleite,
 Huma fonte de mel, outra de leite
 O bosque, e campo regaõ: Que os manjares
 Se offrecem pelas sombras dos pomares:
 Que varias Nymphas vagaõ nas estancias
 Em continuas, discretas consonancias:
 Que alli não há deidens, não há repudios:
 Que em alegres, harmonicos tripudios
 Se passa sempre a vida; a onde o gosto

Sempre está permanente, está disposto
Na gula, ou na lascivia; e nas delicias
Dos festins, dos amores, das caricias.

Tem subido atéquî todo o conceito,
Que fazeis da immortal prosperidade:
Mas sendo definida em toda a idade
A gloria pelo *estado mais perfeito*
De congregados bens; introduzirse
Esta definição nunca podera,
Se nessa doce, venturosa esphera
Naõ podessem acharse outros motivos
Mais que os destes deleites sensitivos.

O appetite inferior, que tem o homem,
Naõ se achará gostoso, nem contente
Em huma fruição, que de repente
Em tédio, ou em violencia se desfata;
Ao sublime appetite mais ingrata
Lhe fora esta delicia, pois regeita
Os gostos, com que o corpo se deleita:
E quando a intellection a hum bem aspira
Incorporeo, e immortal, naõ consentira
Deleitarse n'hum triste desafogo,
Que a penas se consegue, acaba logo.

Quanto mais : nesta Bemaventurança
Há fome , e sede , ou não ? se há sede , e fome ,
Triste gloria será : se o Beato come ,
Ou se bebe , sem ella , como alcança
Quem bebe , ou come , o gosto , sem que o excite
Das taças , dos manjares o appetite ?
Em tantas iguarias , como imploraõ
Estes corpos celestes , que melhoraõ
De nutrição he força , que conceba ,
E tambem he preciso que perceba
Corrupção , se talvez se nutre o corpo :
Eterno , e corruptivel , não implica ?
Donde vem as porçoens , que a meza indica ;
Veados , carneiros , bois ? se vão da Terra ,
De que sorte os conduzem ? se os encerra
O contorno dos orbes , onde pasta
Este bruto rebanho ? senão basta
Huma e outra advertencia ao vosso engano ,
Não vos confunde ao menos a vergonha
De que esta lêi no Céu o alento exponha
De hum incendio , tão vil , e tão profano ,
Que inda hum homem sezudo terá pejo
De que se lhe conheça este desejo ?

Tanto deste conceito se divide
O humano raciocinio , que preside

A' nossa intellecção, que inda os mais sabios
Dos vossos grandes Mestres, quando as Sciencias
Nos Arabes estavaõ, as negligencias
Vendo desta observancia, e deste premio,
Tiveraõ pejo em ser do vosso gremio:
Avicena entre vos o maior homem
De engenho, e erudição, que a penas conta
Dois lustros nos seus annos, se remonta
De forte nos estudos, que sabia
De memoria o Alcoraõ, e comprehendia
Logica, Astrologia, Architectura,
Arithmetica, metro, tropo, e canto;
Quando no seu discurso se figura
Quanto a feita dispoem, não teve o espanto
Outro regresso mais, que o desalento
De julgar que em Mafoma todo o intento
Fora allegorizar nisto, que ensina
Mais alta ideia, mais feliz doutrina:
Porem este discurso inda que fora
De melhor fundamento, elle se ignora
Em toda a geração, que a lêi professa:
O corpo Mahometano se interessa
Em que á letra se observe quanto excita
O Caciz no ferralho, ou na Mesquita.

Averrhoes, hum dos vossos preceptores,

E... ruidos nas escholas,
 Nas Aulas Hespanholas
 Que os preceitos dissolutos
 Só servem para os brutos:
 Quando elle a deixou por esta causa,
 Quando a insoportavel needade
 Com que a gloria fingis: Vede o debuxo
 Que della fâz a nossa Christandade:
 Divina inspiraçaõ, * sublime influxo
 Pode só concederme que eu me atreva
 A proporvos a lûz da quella Estancia,
 Que não cabe no esforço da elegancia;

Paulo, sendo ao Empyreo arrebatado,
 Taõ absorto ficou, que inda hum treslado
 Não nos pode fazer do que alli vira:
 Debuxada nos campos de Zaphira
 Outro Apostolo as sombras luminosas
 Vio da Gloria Celeste; mas apenas
 Com as linhas mais ricas, mais preciosas
 Dos humanos objectos, as serenas,
 E as varias luzes do esplendor tranquilo
 Nos pode figurar o seu estylo:

Q

* Não solo en el principio del Poema tiene lugar la Invocacion: los Poetas /
 len usarla en outras muchas partes del Poema siempre que se ofrete haver de /
 ferir alguna cosa muy extraordinaria &c.

Lusan, en la Poética. lib. 4. cap. 10.

Que posso coneguir no mesmo rasgo,
Se estas vozes sagradas, que o emprenderão,
Submergidas no espanto, esmorecerão?

A Bemaventurança se retrata
Em varias concepçoens: Fâzse *objectiva*
Com a vista de Deos: *Intuitiva*
Com a visãõ felice, que redundã
No corpo luminoso: a que se funda
Na posse deste Bem, *Formal* se chama:
Essencial ao logro dessa chama
Com que se goza, e vê o Objecto immenso:
Accidental á quelle gosto intenso
Que da visãõ procede: Neste golfo
De glorias, e doçuras infondaveis,
Nãõ há luto, * nem dor, pranto, ou gemido:
O horror da morte se acha aqui vencido:
Tudo feraõ funcõens interminaveis
De hum alegre fervor, de hum raptõ interno,
De huma ardente impressãõ, de hum gosto eterno.

Depois que os nossos corpos se innovarem,
Outros dotes terãõ os que alcançarem
Tantas ditas perennes: Impassiveis,

, P 3

Cl-

Nãõ ha Luto. &c. Et absterget Deus omnem lacrymam ab oculis eorum:
Et mare, ultra non erit, neque luctus, neque clamor, neque dolor erit ultra.
Apocalypf, cap. 21, v. 4.

Claros , promptos , subtis , haõ de extenderse
 Por todos esses globos appraziveis ,
 Prosperarse , applaudirse , conhecerse.

Naõ fêi se o vosso juizo no costume
 De hum material discurso , alcança o lume
 Desta excelsa apprehensãõ : ferá preciso
 Talvêz accommodarme ao vosso aviso ,
 Para que percebais sensivelmente
 Tanta amplificaçãõ resplandecente.

Se intento produzirvos a Ichnographia
 Da corte Celestial , naõ hã thesouro
 Donde tire esta copia , como a vista
 Da quelle sempre amado Evangelista ,
 Que a notou altamente : A cana de ouro , *
 Com que o Anjo medio esta Cidade
 Me servirá de estylo , e a claridade †
 De tanto resplendor ; de hum novo alento
 Para naõ desmaiar o pensamento.

Edificado está n'hum alto monte ††
 Este Emporio feliz : todo o Horizonte


Se

* A cana de ouro. Et qui loquebatur mecum habebat mensuram arundineam auream, ut metiretur Civitatem. Ibid. cap. 21. v. 15.

† E a claridade. Habentem claritatem Dei. Ibid. v. 11.

†† N'hum alto monte. Et subtulit me in spiritu in montem magnum, altum; ostendit mihi Civitatem sanctam. Ibid. v. 10.

Se banha de hum luseiro matutino,
 Quasi como o reflexo cristalino: *
 Huma grande muralha o cerca em torno: I
 Com doze portas se abre o seu contorno: II
 Três ao Setemptriaõ, e três ao Austro,
 Três ao Occaso do sol, e três ao berço: III
 Os alicerfes do sublime claustro
 São doze; (†) e às quatro frentes do Universo.
 Se viraõ quatro faces: C a figura
 Corre em quadro por toda a architectura.

A doze mil estadios  se dilata:
 Igual no comprimento, ¶ e na largueza,
 E na altura tambem: toda a grandeza
 Do seu muro em cem covados se mede,
 E mais quarenta, e quatro: ¶ ao jaspe excede

P 4

A

* De hum Luseiro matutino. &c. Et lumen ejus simile lapidi pretioso, tanquam lapidi jaspidis, sicut crystalum. Ibid. v. 12.


I Huma grande muralha. Et habebat murum magnum & altum. Ibid. v. 12.

II Com doze portas. Habentem portas duodecim. Ibid.

III Tres ao setemptriaõ. &c. Ab Oriente portæ tres; & ab Equilone portæ tres; & ab Austro portæ tres; ab occasu portæ tres. Ibid. v. 13.

(†) São doze. Et murus Civitatis habens fundamenta duodecim. Ibid. v. 14.

C Se viraõ quatro faces. Et Civitas in quadro posita est. Ibid. v. 16.

 A doze mil estados. Et mensus est Civitatem de arundine aurea per Radia duodecim milia. Ibid.

¶ Igual no comprimento &c. Et longitudo, & altitudo, & latitudo ejus equalia sunt. Ibid.

¶ Em cem covados. Et mensus est murum ejus centum quadraginta quatuor cubitorum. 17.

A pedra, que o fabrica: * de ouro puro,
 Ao mais diaphano vidro * semelhante,
 Hê da Cidade a maquina brilhante:
 Os alicerces doze, em que se funda,
 Se guarnecem das pedras mais preciosas: **
 O primeiro nas cores luminosas
 Brilha de hum jaspe ardente: *** na Zaphira
 O segundo: nos mais a luz respira
 Da esmeralda, do sardo, da sardonía,
 Chrysolitho, beryllo, e chalcedonia,
 Do topacio, chrysopraso, jacintho,
 E da amethyste; aonde o Labyrintho
 Das refracçoens nos ambitos convexos
 Enche tudo de raios, e reflexos.
 Todas as doze portas, (†) que abre o muro,
 Se formão de huma perola: procuro
 Das aras e dos templos o edificio,
 Não há desta estrutura algum indicio: *

O

* Ao jaspe excede a pedra, que o fabrica. Et erat structura muri ejus et lapide pretioso. 18.

** Ao mais diaphano vidro. Ipsa verò Civitas auro mundum, simile vitre mundo. Ibid.

*** Das pedras mais preciosas. Et fundamenta muri Civitatis omni lapide pretioso. 19.

† De hum jaspe &c. Fundamentum primum, jaspis: secundum sapphirus: tertium calcedonius: quartum, smaragdus: quintum sardonix: sextum, sardius: septimus, Chrysolithus: oclavum, beryllus: nonum, topazius: decimum, Chrysoprasa: undecimum, Hyacinthus: duodecimum, amethystus. v. 14. & 20

(†) As doze portas &c. Et duodecim porte margarite duodecim sunt per singulas & singula porte erant ex singulis margaritis. v. 22.

* Das aras, e dos templos &c. Et templum non vidi in ea. Ibid.

O templo, e a ara hê Deos: — nem sol, nem lua
Os dias com as noites continua: =
O resplendor divino hê que alumia,
Sem noite, ou sombra, n'hum eterno dia: ≡
Bem que patente esteja, e sempre aberta C
Por toda a parte a entrada, naõ açerta
Com tanta lûz aquelle, que assombrado
Caminha com o pezo do peccado. (†)

Do folio, aonde Deos sempre preside,
Purissimas correntes se desprendem: ¶
Da vida varias arvores se extendem
Pelas margens do rio: ¶ as suas folhas
Daõ perpetua saude: * carregadas

De

— O templo, e a ara he Deos. Dominus enim Deus Omnipotens templum est illius & agnus. Ibid.

= Nem sol, nem lua. Et Civitas non eget sole, neque luna ut luceant in ea. Ibid. 23.

≡ O resplendor divino. &c. Claritas Dei illuminavit eam. Ibid.

C Sempre aberta. Et porte ejus non claudentur per diem: non enim nocet illis. v. 25.

(†) Naõ açerta. Non intrabit in eam aliquod coinquinatum. Ibid.

¶ Purissimas correntes. Et ostendit mihi fluvium aque vite. Cap. 22. v. 1.

¶ Varias arvores. In medio platee ejus, & utraque parte fluminis lignum vite. 22. v.

* As suas folhas daõ perpetua saude. Et folia ligni ad sanitatem gentium. Ibid.

De aureos pomos se vêm: * sempre animadas
 Do verdor cristalino, hum sopro brando
 As está repartindo, e refrescando:
 Os seus fructos repetem varias vezes;
 Sempre novos os têm todos os mezes. **

Sempre, e sempre, sem nunca haver mudança,
 Desordem, confusão, deffemelhança
 Durará tanta gloria, sem limite: ***
 Nem me digais que eu meço no appetite
 Este premio immortal, quando lhe exprimo
 Cidade, portas, muros, e palacios,
 Esmeraldas, Chrysolitos, Topacios,
 Beryllos, fardos, chalcedonias, pomos,
 Plantas, e agoas; que em fim tanto concurso
 Mui diverso achareis desse discurso,
 Que da gloria formais: O que descrevo
 A mais sublime pensamento elevo;
 Pois não só as potencias, os sentidos
 Nos seus proprios objectos embebidos,
 Considerar se podem: de outra sorte
 Nenhum fora feliz depois da morte.

A

* De aureos pomos. Afferens fructus duodecim. Ibid.

** Repetem. Per menses singulos reddens fructum suum. Ibid.

*** Sempre, e sempre. Et regnabunt in secula seculorum. v. 5.

A vista gozará do suave aspecto *
De Christo, e de Maria; e dos mais Santos:
O ouvido entre docíssimos encantos
Se elevará nas altas consonancias
Da musica Celeste: nos aromas
Se animará o Olfato: nas substancias,
Em que borbulhaõ Celestiaes redomas,
Há de encontrar hum gosto conducente
O nosso paladar: e competente
Delicia ao tacto, em tanta suavidade,
Lhe será toda a pompa da Cidade.

A' vossa material ideia offreço
O sensível objecto: eu que appeteco
Mais rara elevaçãõ no que discorro,
A mais subido estímulo recorro.

A quadra desse muro symboliza,
No meu conceito, tudó o que eterniza
Esta gloria immortal: Nesses luzeiros

De

* *A vista gozará. &c. Ocular delectabitur in admirabili Redemptoris, ac Virginis Mariæ, & aliorum Beatorum aspectu. Etiamque in oculis erunt visiones multorum Cælorum, ac varietatum. In aures redundabunt omnes melodiæ, & consonantiæ, ac harmoniæ. Odoratæque resperget fragrans, suavitas odoramentorum. Indicibilis quedam celestis omnis delectabilium melliflua jucundabit oris palatum. Ipse tactus congruis abundabit delitiis in Dei gloriam, & venerationem Div. Aug. lib. de vita, & Spirit. Div. Anselm. de similitud. cap. 57. Div. Laur. Just. lib. de Discipl. & perfect. monast. convers. cap. 23. Div. Prosper. lib. 1. de vit. contemplat. cap. 4.*

De tão preciosas pedras, vejo a chama
 Das virtudes, que alli se representaõ:
 A charidade, e a fé na luz se inflamma
 Do topacio, e jacinto: o incendio alentaõ
 Nas outras cores os impulsos varios,
 Que brilhaõ nos pacificos erarios.

Nas agoas se figura a subsistencia
 De tão fluxivel, próvida affluencia:
 Nas plantas hum perpetuo ardor, que imprime
 Da consistencia o esforço mais sublime:
 Nos doze giros, que dispoem os frutos
 Vejo que saõ brilhantes sustitutos *
 A faude incorrupta: a eterna enchente:
 Refeição, sem fastio: Segurança,
 Sem temor: alegria, sem mudança:
 Sem ignorancia, incendio intelligente:
 Descanso, sem receio: Liberdade,
 Sem servidaõ: deleite, sem tristeza:
 Applauso, sem ficçaõ, nem estranheza:

Multi-

* Nos doze giros que dispoem os fructos &c. Deinde eterna Beatitudinis duodecim fructus numerat. Albert. Magn. Primus sanitas, sine corruptione: Secundus plenitudo sine defectu: Tertius refectio, sine fastidio: Quartus scientia, sine ignorantia: Quintus gaudium, sine tristitia: Sextus securitas, sine timore: Septimus pax, sine turbatione: Octavus libertas, sine servitute: Nonus gaudium de justitia Dei: Decimus laus sine intermissione: Undecimus de Sanctorum multitudine: Duodecimus jucunditas de Dei visione.

Livro VI. Contra o Mahometismo. 233

Multidão, sem rumor: é interno agrado
Nos prodigios de hum Numé tão amado!

Comparar esta gloria com a vossa:
Vede também a singeleza amavel
Da Lêi christan: tão doce, tão affavel,
Tão conforme à razaõ: vede o que ensina!
Então conhecereis se hé Lei divina.

Ponho de parte o affombro dos mysterios,
Vamos só ao Moral: ella prescreve
Que a memos hum só Deos: por causa leve,
Ou falsa não juremos: que nos seja
Tão chara a nossa especie, que se veja
Com ella o proprio amor, que em nós sentimos:
Que as Festas Sacrosantas observemos:
Que os nossos Genitores veneremos:
Que não usemos de mortal vingança,
Seja qual for o agravo, a offensa, a injuria:
Que a Castidade triumphe da luxuria:
Que o furto se aborreça: Que a perfidia
E a calumnia se ignore: que na ideia
Não entre a vista da molher alheia;
E dos bens, que outro logra, ou desperdiça;
Que os impulsos se abstenhaõ da cubiça.
Que a soberba se abata na humildade:

Que a avareza se mude em charidade :
A ira em mansidão, : em abstinencia
A gula : toda a enveja em complacencia :
E que em qualquer acção, fortuna, estado,
Se converta a preguiça no cuidado.

Lançai agora os olhos ao preceito
Da lascivia, vingança, latrocínio,
Da soberba, ambição, perjúrio, e gula,
Que os vossos Mahometanos tem aceito
Como lei superior ; e em que o dominio
De huma paixão infame se estimula ;
E dizeime, se o horror não vos quebranta,
Qual destas duas leis, he lei mais Santa ?

TRIUMPHO
DA
RELIGIAO.

Poema Epico-polemico.

LIVRO VII.

Contra o Hebraismo. *

R Ecolhido Mahumed no mudo affombro
De hum triste enleio de hũ discurso amargo,
Parece que a cordava de hum lethargo
Ao ruido dos Catholicos clamores:
Mal desperto entre os funebres horrores
Da sua confusaõ, assim dizia:
Antes de vos ouvir me parecia
Que responder podera; e agora vejo
Que ficou só no intento o meu desejo:

A.

* *Hebraismo* se chama a seita, que hoje seguem os *Hebreos*. Se o nome de *Hebreos* se deriva de *Heber* filho de *Sale*, ou do nome appellativo, que significa *transmigrator*, veja-se o *Padre Calmet no Diccionario Biblico*, verbo *Heber*, ou a *Valtonio* que tratou esta materia ex professo.

A' vehemente elegancia da proposta
 Não dera hum Mulsunão * outra reposta
 Mais que arrancar o alfange, expondo a vida,
 Por não deixar a offensa consentida :
 Mas não só me suspende neste arrojo
 Causa mais superior, que em vós descubro,
 Porem no mesmo espanto, em que me cubro,
 Talvez que se envergonhe a ingenuidade
 De impugnar tantas luzes da verdade:
 Com tudo como a lêi, que Meca excita
 Concorda em muita parte com a Hébreá,
 Resolvome a deter a minha idea
 Em quanto não ouvis outro Eremita,
 Que vive do outro lado da montanha:
 De tão grande conceito se acompanha,
 Que todos tem julgado a sua toga
 Pela mais superior da Synagoga.

Vamos buscar (lhe diz o Peregrino
 Alegre, e alvoraçado) esse Rabbino;
 E bem que tantas letras recomende,
 Lá vereis de que sorte a lêi defende.

A Não, sem grande fadiga, vão subindo
 A alcantilada Serra, e descobrindo

A

* Mulsunão entre os Turcos he o mesmo que verdadeiro crente.

A varia povoação, que está disposta
Pela larga planície, e pela côsta
Dos golfos orientaes: chegando ao cume,
Ficou palmado o Herde no planispherio,
Que debuxava a luz deste hemispherio:
Na vasta, deleitosa variedade
De toda a quella extensa amenidade,
Páramos, bosques, montes, e edificios,
Aos olhos se fazião tão propicios,
Que de tantos objectos a abundancia,
Na confusão formava a consonancia.

Que fortaleza hé aquella, que se anima
Mais que as outras na força, e na eminencia,
Pergunta o Peregrino? A dura lima
Do tempo lhe não tira a prehemencia;
Lhe responde Mahumed: os Lusitanos
A guarnecerão contra os Mahometanos;
E nella com valor, esforço, e brio
Sustentaraõ da Arabia, o Senhorio:
Inda conferya o nome de Mascate: *

Q

Inda

* *Mascate*, fortaleza da *Arabia feliz* na sua costa setentrional, ao longo do sino Persico na altura de 23. graos, e quatro minut. da banda do Norte: ainda que pequena, foi reputada por inexpugnável pelo sitio, em que está fabricada. Fundou-se no anno de 1588. por ordem do governador *Manoel de Souza Coutinho*. Foi capital do senhorio, que instituímos na *Arabia*, e lhe estavão sujeitas as outras fortalezas, que vão nomeadas neste lugar.

Inda affecta o dominio de Curiate,
 Matara, Sibó, Quelba, Sohar, e Borca,
 De Corfoção Libidia, Doba e Mada:
 Inda o espanto das armas se treslada
 Em Ormûs, Guardafû, Adem, e Meca:
 Naõ sei se a vossa vista determina
 Lá ao longe os aspectos de Medina, †
 Que naõ aparta o susto de que a cerque
 O arrojo militar de outro Albuquerque,
 Temendo se envileça o Arabio axioma
 Na inquietação das Cinzas de Mafoma.

Entre as mais Povoações tambem se exalta
 Outra Cidade, que parece assalta
 Com soberbos torrioens a região vasta:
 Della alguma noticia pertendia
 O Herde; e o Turco diz: Aquelle Povo,
 Que nos adornos vos parece novo,
 Desertores compoem da vossa Igreja:
 Quanto, á Bretanha, e á Olanda he soberja
 (Proceda de Luthero, ou de Calvino)

A

† *Medina Elmabi* na lingua *Arabica* val o mesmo que *Cidade do Propheta*. He outra Cidade da mesma *Arabia feliz*, pouco distante do rio *Leaquic*; antigamente se chamôu *Yathrel*. He muito venerada dos *Turcos* pelo sepulcro de *Mafoma*. Os seus ossos estavão algum dia em *Meca*, e forã tresladados para *Medina*, que fica pela terra dentro, com o receio de que *Afonso de Albuquerque* que invadiisse *Meca* como desejava segundo afirma seu filho nos seus commentários, e diz que era facil pela pouca defeza que os *Turcos* podião fazer nesta irrupção.

A quí vem a parar: O defatino
Da sua noya Seita tresladaraõ,
Do Norte para o Oriente; e edificaraõ
Nesta costa da Arabia essa Colonia,
Que adopta Londres, Amstardam requèbra;
E se pode chamar outra Ginèbra.

Naõ me podeis dar melhor noticia,
Lhe diz o Herõe: a indomita malicia
Desta gente, pretendo há muito tempo
Metella n'hum combate, onde confesse
Que essa lêi, naõ hê lêi, mas interesse.

Algum dos seus Ministros me visita:
Este conhecimento facilita
A vossa introduçãõ, lhe diz o Turco:
Com vosco hirei, salvando a novidade
No desejo de veres a Cidade.

O Peregrino lhe agradece a offerta,
Quando se via do Rabbino aberta
Em hum profundo rasgo a feia gruta,
Que inculca a Serra n'humã penha bruta:
Recebidos do Hebreo com agazalho,
E descansando hum pouco do trabalho
De subida tão aspera, pertende

O Eremita saber do seu vizinho
A causa, que o meteu neste caminho.

Eu tenho a culpa (o Peregrino acode)
De que o vosso silencio, se incommode
Com a nossa presença: a ver o Mundo
Me tráz não sei que espirito profundo:
Este me leva de Mahumed á estancia:
Este me tráz á vossa; com a ancia
De poder loeegar o meu conceito
Da vossa lêi no theorico preceito.

Cuido que saberei romper o laço
(Diz o Hebreo) aos estorvos, que tiveres
Na vossa intellecção: sem embarço
Me podeis perguntar quanto quizeres;
Pois julgo que achará qualquer proposta
Em prompta solução; breve reposta.

Confesso. (o Peregrino continúa)
Os raios, com que a vossa lêi gradúa
Toda a sua excellencia: reconheço
Ser hum desenho de tão alta preço,
Que o mesmo Deos o ordena, e escreve em bronze:
Sei que se commoveu dos orbes onze
A maquina celeste, quando sente
Que o dava ao Povo a Mão Omnipotente.

Sei

Sei que os prodígios, que assombraraõ Memphis :
Sei que a enxuta passagem do mar roxo :
Que o Maná, pedra, e nuvem do deserto :
Que essas Victórias, que houve em campo aberto
Contra os esforços de naçoens ferozes,
Clamando estaõ, com soberanas vozes,
O empenho, com que Deos na excella guia
A vossa geraçaõ favorecia :
Mas naõ podeis negarme ao mesmo tempo
A feia ingraticidaõ com que pagavaõ
Os filhos de Israel os beneficios :
No meio dos portentos murmuravaõ
Da celeste clemencia : Sacrificios
Ao bezerro dedicaõ, quando o monte,
Falla, grita, retumba, assombra, e brilha
Na piedade, na luz, na maravilha
Da nova instituiçaõ, que Deos lhe expunha :
Quatorze vezes mil, e mais seiscentos,
Com quatro vezes dês, o sol dispunha
Seus raios entre as sombras sonolentas,
Sem que se visse no mais breve instante
Menos forte este auxilio ; * e sempre errante
O coraçãõ do Povo ingrato, e duro,
Sempre infame se achou, sempre perjuro :

Q 3

Deos

Quadráginta annis proximus fui generationi huic, & dixi semper hi erant corde. Quibus juravi in ira mea, si introibunt in requiem meam.

Deos irritado de taõ bruta offensa,
 Jura em tanta protervia endurecida:
 De lhe naõ dar a patria promettida.

O coração torcido, injusto, e vario
 Desta vossa Nação, hereditario
 Sempre o fizestes desde a sua origem:
 Contra as moçoens celestes se dirigem
 Sempre os vossos impulsos: Naõ emprendo
 Dar os progressos deste crime horrendo;
 Impertinencia fora o repetillos:
 A tres pontos pretendo reduzillos:
 Pontos fundamentaes, em que proroga
 Toda a sua existencia a Synagoga.

Suspirais por hum Reino, declarado
 No Testamento Velho: este o primeiro:
 Pelo Rei, ou Messias esperado:
 Este o ponto segundo: e no terceiro
 Impugnais o Mysterio da Trindade:
 Na Escriptura achareis toda a verdade:
 Aquelles mesmos Textos que vos movem
 A taõ cega apprehensãõ, farei que provem
 Que hê mui diverso o Reino concebido:
 Que já veio o Messias promettido:
 Que Deos he Trino, e Hum: estai-me attento,

Que

Que hê digno de attençaõ este argumento:
Tem Daniel no Capitulo segundo, *
Que Deos hum novo Reino entrega ao Mundo:
Reino, que sobre os mais a preheminiencia
Logrará de huma solida existencia:
Que a hum Povo se destina; e que este Povo
Hê que terá fomite o Reino novo.

Pertendeis que só possa vigorarse
Na vossa geraçaõ esta promessa,
Por ser esta a familia, que confessa
O mesmo Deos que hê sua: Permitime
(O Rabbino lhe diz) que eu vos anime
Inda mais esse Texto; e que vos lembre
Que esse conceito naõ se faz caduco
Na discripçaõ da Estatua de Nabuco: †
Tendo a cabeça de ouro, os braços tendo,
O peito, e maons, de prata: ventre, e coxas,
De bronze: pernas, pês, de ferro, e barro,
Q 4 Hum

*In diebus, autem, regnorum illorum suscitabit Deus Caeli regnum quod in
ternum non dissipabitur; Et regnum ejus alteri populo non tradetur: commi-
uet, autem, Et consumet universa regna hæc; Et ipsum stabit in æternum.*

44.
*Hujus statue caput ex auro optimo erat: pectus autem, Et brachia de
argenteo: porro venter, Et femora ex ære: tibia autem ferrea. Pedum que-
dam pars erat ferrea, quedam autem fistilis. Tunc contrita sunt pariter fer-
rum testa, et, argentum, Et aurum, Et redacta quasi infavillam æstivæ areæ,
que rapta sunt vento.*

*Tu es caput aureum (facta Daniel cum Nabuchodonosor) e este he o
leiuo dos Chaldeos: Et post te consurget regnum aliud minus te; et argentum.*

Hum colosso taõ forte, e taõ bizarro:
 Cabeça, braços, maõs, coxas, e perto
 Ventre, pernas, e pês; tudo desfeito
 De repente se vio: tudo partido,
 Em pó mudado, em cinza convertido.

A explicação da Estatua no Propheta
 Nos diz que estes metaes nos symbolizaõ
 Os Reinos, que as Historias solemnizaõ
 Nos Chaldeos, Persas, Gregos, e Romanos;
 E que depois que o tumulto dos annos
 Resolter tanta gloria em sombra fria,
 Entaõ hê que este Reino se ergueria
 Para seguirse em ambos hemispherios,
 O curso successivo dos Imperios.

Dos tres primeiros Reinos a memoria,
 A penas se achará na antiga historia:
 O quarto inda da vista se acompanha,
 Ou seja em Roma, ou seja na Alemanha:
 Inda existe este Reino; e em quanto dura De

Este he o Reino dos Persas, que se seguiu ao dos Chaldeos. Et regnum tertium aliud arcum, quod imperabit universo terra. Este he o Reino dos Gregos debaixo do senhorio de Alexandre, que se seguiu ao dos Persas. Et regnum quartum erit velut ferrum: quomodo ferrum comminuit, & domat omnia, sic comminuet, & conteret omnia hæc. Este he o Reino dos Romanos a quem nenhuma Nação do universo pôde resistir; que se seguiu ao dos Gregos. Porro quia vidisti pedum & digitorum partem teste figuli, & partem ferream; regnum divisum erit. E assim succedeo na divisaõ do Imperio oriental, e occidental.

Daniel cap. 21.

De balde o quinto Imperio se procura:
Vede lá se a esperança se prospêra
Nêste novo dominio, que se espera?

O mesmo texto aqui vos defengana,
(Lhe diz o Peregrino) desse enleio;
Pois o mesmo Propheta vos explana,
Sem confusão, metaphora, ou rodeio,
Que no Céu há de ser o Imperio quinto;
E vos nêste confuso labyrintho
De violentas razoens, que o engano encerra,
O Reino pretendêis fazer na Terra:
He verdade que teve o seu principio
No Mundo, mas no Céu o seu progresso:
Livre está da mudança, e do successo;
Com que os outros Imperios se acabaraõ:
Se fosse temporal, se amotinaraõ
As iras da fortuna contra a pompa
Da sua duraçãõ: Que novo impulso
Arruinou, estragou, deixou convulso
O resplendor dos outros Principados?
A inconstancia do tempo, o horror dos fados
Bastou para extinguir este governo:
E se o mesmo Daniel lhe chama eterno, *
Cogitaçãõ será bem importuna

* *Suscitabit Deus Cæli regnum.*

* *Quod in æternum non dissipabitur.*

O fogeitallo aos lances da fortuna:
 Mas a vossa Nação, que nunca a vista
 Levantar pode ao Cêo; toda a conquista
 Deste Reino esperado, têm disposto
 No vil objecto de hum terreno gosto;
 E ardendo tanta luz contra esta ideia,
 Inda a vossa loucura a lisonjeia?

O Reino prometido nesse Texto,
 Hé o Reino da Graça; do contexto
 Se conhece, e se prova este sentido;
 Pois estando na estatua comprehendido
 Da Chaldaea, da Persia, Grecia, e Roma;
 Este vario dominio: é no ouro, e prata,
 Bronze, e ferro, a visãõ, de que se trata;
 Não podereis negarme, que em figura
 Se achão estes Imperios na Escripura:
 E se estaõ em sentido figurado,*
 Haveis de comprehender no mesmo estado
 O quinto Reino, que aos demais se segue:
 Logo no temporal não se consegue. Este

* Messiam contrivisse hac omnia Imperia, non quo ad temporale, & terrenum dominium, quod parvi est momenti, sed quo ad mysticum, & spirituale, quo per gentilissimum, & idololatriam dominabuntur tam mentibus, quam corporibus hominum, eosque demoni, inferno, & pœnis æternis mancipabant; que tyrannus erat acerbissima, sub qua duram servitutem serviebant omnes gentes, gementes sub ejus jugo. Hanc tyrannidem evertit Christus, hominesque hoc eorum servitutis jugo liberabit, dum eos sue fidei subiciens in Dei gratiam libertatem, & salutem æternam asseruit. Cornel. A'lapid. comm. lu Dan. cap. 2. pag. m. 19321.

Este vosso dominio; e he já preciso
Que mude de conceito o vosso juizo.

Aqui diz o Rabbino: Se esses Reinos,
Bem que estaõ dos metaes na allegoria;
Induzem propriamente a Monarquia
De Chaldeos, Perias, Gregos, e Romanos,
Importa pouco que em figura estejaõ
Para o sentido proprio: se o destroço
Nos fica temporal; este alvorço
Do Reino, que há de vir, tambem contemplo,
Naõ como exposiçaõ, mas como exemplo.

Naõ se devem tomar materialmente
Esses Reinos, acode o Peregrino:
Pois se a pedra, que desce da montanha,
Hê que desfâz a estatua; coiza estranha
Seria imaginar que ella rendesse
Huma maquina tal, sem que entendesse
A razaõ, que outra coiza significa: *

Se

Lapis hic, quem vidit Daniel, cum esset parvulus, non poterat tantam facere molem; ex aere ferro, auro, & argento compactam, praesernere physice, & spiritualiter: ergo mystice, & spiritualiter, ac symbolice (est enim hac visio totius symbolica) id accipiendum est; mirum ut significet quod Christus humilis, & pauper, sua humilitate, mundi que contemptu dicturus esset in mentibus filium per totum orbem omnem ambitionem, pompam, & fastum humanae gloriae, & concupiscentiae, quam ingens haec statua, ostentatione, mole, & pretio metallorum, representabat.

Idem. ibid.

Se ao Messias dizeis que ella se applica,
 Tambem deveis notar que nos Imperios
 Se devem conceber outros mysterios:
 A ambição, gloria, fausto, e pompa humana,
 Que se achou nesses Reinos, representa
 A estatua nos metaes; e a claridade,
 Que venceu a profana escuridade
 Deve no quinto Imperio conceberse:

E se esta nunca pode comprehenderse
 No Reino temporal; será forçoso
 Que seja espiritual aquelle mando,
 Que a Biblia nos promette; * e o Rei glorioso,
 Que empunhe as redeas deste jugo brando,
 Quem pode ser? Eu digo que o Monarca
 Deste Reino, o Piloto desta Barca
 Só pode Aquelle ser, que se intitula
 Inda Rei dos Judeos: O que regeita
 A vossa Synagoga: Esse, que aceita

Por

* Spiritale foret regnum Messie non terrenum, & corporale docet disertè Daniel cap. 9. ubi definiens tempus Messie, nimirum cum venturum post 70. hebdomades annorum, idest post 490. annos, ait de eo.

Septuaginta hebdomades abbreviate sunt super populum tuum, & super urbem Sanctam tuam (non ut reducatnr regnum Salomonium, & Judaicum, sed ut consumatur pravaricatio, & finem accipiat peccatum, & debeatnr iniquitas, & adducatur justitia sempiterna, & impleatur visio, & prophetia, & rugatur Sanctus Sanctorum.

Vides, O Judez, regnum Christi non fore in exercitibus, pompis, & triumphis, sed in abolitione pravaricationis, & peccati, ut pro eo inducatur Sanctitas, & justitia, eaque in Christianis toto orbe regnet? Ibid.

Por remir-nos a morte: O que vincula
A' nova Lei da Graça a' lei antiga:
O que destrôe a barbara fadiga
Do indomito Tyranno: o que prospêra
E constitue o Imperio na sincera
Reciproca observancia da humildade,
Da paciencia, do amor, da charidade.

Clamando vos estão as Prophecias
Que hê Este, e não hê Outro esse Messias,
Que tanto suspirais: e não se rende
A vossa obstinacão. Ou Deos pretende
Pela vôz dos Prophetas enganarvos,
Ou não credes a Deos: hui anathêma
Tem n'humas, e noutra parte este dilema.

Se no mesmo Daniel (fôz o Rabbino)
Com exacta advertencia determino
A conta das Hebdomadas, discorro
Que ao Rei, e ao Reino mui tempo resta
Para fazer a vinda manifesta.

Na mais certa opinião dos Thalmudistas,
A Hebdomada perfeita só compete
Ao Jubileo, que em sete vezes sete
O intervállo deduz: Quarenta, e nove.

Saõ os annos, que a conta multiplica:
 Sendo, pois, as Hebdomadas setenta,
 Quando as multipliqueis pelos quarenta;
 E nove, que notais; vereis que monta
 Três mil, cento, e secenta a minha conta:
 Daniel prophetizou annos quinhentos,
 E mais sincoenta, e hum, antes de Christo;
 E depois d'elle, mil, e sete centos,
 E mais sincoenta, e tres já temos visto.
 Com que para as Hebdomadas chegarem
 Ao seu devido termo; e se notarem
 Cumpridos os propheticos defenbos;
 Inda se fãz preciso que os desperlhos
 Das eras, nos seus giros se revolvão
 Cem vezes oito, com dês vezes sinco
 E duas vezes três: e entãõ chegamos
 Ao Messias, e ao Reino, que esperamos.

Louca, e triste esperanza (o Herde lhe argue)
 Nessa ideia infeliz vos constitue!
 Não há lugar algum na Biblia santa,
 Que o Jubileo, e Hebdomada pertenda
 Fazer do mesmo espaço: a torpe emenda,
 Que intentais desse tempo, he hum delirio
 Da vossa obstinaçãõ, ou dos horrores
 Desses cegos fanaticos Doutores,

Que

Que o Thalmud compozeraõ ; onde basta
Abrillo em qualquer parte , e recitallo
Para reconhecello , e desprezallo.

A mesma prophesia naõ vos grita,
Que no fim das Hebdomadas se excita
Hum Capitaõ, que o Templo, e que a Cidade
Devastará com tal calamidade,
Que esta ruina, este estrago furibundo
Há de durar em quanto dure o Mundo?
Que das aras, da hostia, e sacrificio
Naõ vos díz que ja mais tereis indicio?
Que esta abominação, ou este exemplo
Fará sempre execrando o vosso Templo?

Naõ conheceis que está cumprido tudo?
Destroço mais fatal, mais carrancudo
Houve nunca na Terra, que o conflito,
Que padecestes no furor de Tito?
Ficou no Templo pedra sobre pedra?
Extinto o sacrificio, a hostia, a ara
Naõ tendes, desde entaõ? Naõ desampara
Toda a vossa Nação seu domicilio?

Naõ

* *Civitatem, & Sanctuarium dissipabit populus cum duce venturo... & in medio hebdomadis deficiet hostia, & sacrificium; & erit in templo abominatio desolationis; & usque ad consumationem, & finem perseverabit desolatio.*

Dan. cap. 9. v. 27.

Não vos achais em hum perpetuo exilio;
 Sem ara, templo, offerta, ou Sacerdote?
 Não padeceis o misero garrote,
 Com que todo o Universo vos despreza?
 Aonde está o Rei, que tanto preza?
 Todo o vosso Judá, que a Deos o implora?
 Pois se desde Jacob se vos melhora
 A promessa divina, de que nunca
 Falte o sceptro a Judá, senão no tempo
 Em que o Messias venha; † há tantos annos
 Tendo-vos já faltado os Soberanos,

Como

* *Dies multas sedebunt filii Israel sine Rege, & sine Principe, & sine Sacrificio, & sine altaribus; & sine Ephod; & sine Teraphim. Olee; cap. 3. v. 4.*

† *Non auferetur sceptrum de Judá, & dux de femore ejus donec veniat qui mittendus est, & ipse sedet in throno gentium. Genes. cap. 49. v. 10.*

O texto Hebreo, em lugar de *Sceptrum* tem *Scevet*, que he o mesmo que *Virga*. Os R.R. pretendem que a palavra *Virga* significa *tyrannia*, e não *Imperio Legitimo*; porquanto he contra o seu mesmo *Talmud*, que dá a significação de *Sceptro* ao vocabulo *Scevet*; e nunca se acha na *Biblia* com esta significação *Rabbinica*, senão quando se lhe a junta o adjectivo, que a conduz para este significado, como se vê no *Palm. 11. v. 9.* e em *Isaias, cap. 54. v. 5.*

Quanto mais que no mesmo texto Hebreo se segue a *palavra Hebraica Mechakek*, que corresponde á palavra Latina *Dux*, que no sentir do *Rabino Kimchi* significa o soberano, que estabelece leis, e exercera todos os actos de justiça, e o mesmo segue o *Rabb. Salomão*; com o qual fica tirada toda a duvida da palavra *Scevet*.

Em lugar do *femore ejus*, que tem a vulgata, tem o *Text. Hebreo De inter pedes ejus*; que confirma que este Reinado deduzido na *Monarquia Hebraica* nunca há de ser *tyrannico* em quanto não vier o *Messias*, porque sempre se há de produzir o *Principe da geração Hebraica*. Esta he a communis interpretação dos seus D.D. O *Thargo* verte: *A filiis filiorum ejus: Jonathano: de Semine ejus: Kimchi. De medio pedum ejus: o Talmud Jerosolimitano: de filiis filiorum ortis ex Semine ejus.*

Como inda duvidais , que neste dia
Esteja por cumprir a Prophecia?

Naõ tendes por certeza que do Tribu
De Judá ha de ter o nascimento
Este vosso Messias? Sempre attento
Naõ esteve este Povo em pôr distinto
Este Tribu feliz nesta esperança?
Havendo , pois , taõ horrida mudança
Nas vossas geraçoens , onde presume
A vossa louca ideia , que se encontre
Este Tribu escolhido? Naõ tem pejo
A vossa intelligencia , o vosso estado
De seguir este sordido desejo
Depois de estar taõ roto , e embaraçado ?
A'ém disto naõ tem a gente Hebreá
Em David , em Daniel , Amós , Osea ,
No genêsis , Micheas , e Isaias ,
Na sapiencia tambem , e em Malachias ,
Sinaes taõ evidentes dos progressos
Deste esperado Rei ; que inda a maldade ,
A insolencia , a malicia , a iniquidade
Mal os pôde negar? Se estes successos
Com tanta distincão se achão dispostos ,
Que só podiaõ ser desconhecidos
Do horror , ou da protervia dos sentidos ;

R

Per

Pertendeis infamar-vos na cegueira
De negar huma lúz taõ verdadeira,
Que entre as sombras de pérfidos abrolhos,
Se vos está metendo pelos olhos?

A prophecia diz distintamente
Que ha de ter em Bethlêm * o seu Oriente
O Messias: Que a Mãi hade ser virgem: †
Que haõde adorallo Reis de estranhas terras: ††
Que no Orbe cessaráõ todas as guerras: †††
Que hade ter Percursor o seu advento: C
Que terá de David o regio sangue: (†)
Que apprasível será sua doutrina: †
Terrível a paixãõ, que lhe destina Q
A enveja, ou o furor da Synagoga:
Que a Judas se darãõ trinta dinheiros

Para

* *Et tu Bethleem Ephrata parvulus es in millibus Juda: ex te mihi egredietur qui sit dominator in Israel.* Mich. cap. 5. v. 2.

† *Virgo Concipiet, & pariet filium; & vocabitur nomen ejus Emmanuel.* Isai. cap. 7. v. 14.

†† *Reges Tharsis, & Insule munera offerent: Reges Arabum & Sabadona adducent.* Psalm. 71. v. 10.

††† *Parvulus natus est nobis, & filius natus est nobis; & factus est principatus super humerum ejus :::: Pater futuri seculi Princeps pacis.* Isai. cap. 9. v. 6.

C *Ecoe ego mitto angelum meum, & preparavit viam ante faciem meam.* Malach. cap. 3. v. 1.

(†) *De fructu ventris tui ponam super sedem tuam.* Psalm. 131. v. 11.

† *Disciplina pacis nostra super eum.* Isai. cap. 53. v. 5.

Q *Non est species ei, neque decor, & vidimus eum, & non erat aspectus.* Isai. cap. 53. v. 2.

☞ *Et appenderunt mercedem meam triginta argenteos.* Zachar. 11. v. 12.

Para dallo à prizaõ: Que esbofeteado, ¶
Ferido, escarnecido, e condemnado
Da Cruz à morte infame: e nos madeiros §
Cravados pés, e maõs, os seus vestidos
Serão à sua vista repartidos: ∞
E que ao terceiro dia no sepulcro.
Triumphante se erguerá da sombra horrivel: *
Que luminoso, esplendido, impassivel,
Hirá subindo ao Ceô, cheio de gloria: †
E que a Corte do Empyreo se deleita,
Vendo o Filho assentado à maõ direita ††
Do Eterno Pai, vencendo desta sorte
O Inferno, a enveja, a noite, a culpa, a morte.

Pois se tudo se tem Verificado:
Se tem vossos Maiores prezenciado
Tudo quanto os Prophetas vos disseraõ:
Se todas estas coizas succederaõ
Muitos annos depois dos vaticinios:
Que intentos, que loucuras, que disinnios
São estes de quererem que succeda

R 2

O

| Ipse autem vulneratus est propter iniquitates nostras. Isai. cap. 53. v. 5.
mnes, videntes me, deriserunt me. Psalm. 21. v. 8.

| Foderunt manus meas, & pedes meos. Ibid. 17.

∞ Diviserunt sibi vestimenta mea. Ibid. 19.

† Nec dabis Sanctum tuum videre corruptionem. Psalm. 15. v. 10.

†† Ascendisti in altum; cepisti captivitatem; accepisti dona in hominibus. Psalm.
17. v. 19.

¶ Sed à dentibus meis. Psalm. 105. v. 19.

O que já succedeu? Que se conceda
 O que está concedido? Por ventura,
 Se hum Messias sómente se procura,
 Prefumís que no Cêo está disposto.
 Que outro Messias venha ao vosso gosto?

Combinando os Pagaons as prophecias;
 E notando-as, depois verificadas.
 Com tão claros successos; inventadas
 Entenderão que forão nesse tempo
 Pelos mesmos Christaons: * neste discurso
 Não pode conseguir algum recurso
 A vossa obstinação; pois os Prophetas
 Nas vossas maons estavaõ; e os Doutores
 Da vossa mesma Lei são as melhores,
 Mais firmes testemunhas, que defendem,
 Com todos os impulsos da verdade,
 De tanto annuncio a sacra antiguidade. *

E se o Pagaõ não acha outra sahida

Tam

* *Vidistis ita fieri, & tanquam predicta sint scriptissis.* Diziaõ os Ethnicos aos Christaons, vendo cumpridas as prophecias: S. Aug. Serm. 62; vel 67. de Div.

* *Gens Judæorum reproba per infidelitatem, à sedibus extirpata, per Mundum usquequaque dispergitur, ut ubique portet Codices Sanctos; ac si prophetica testimonium, qua Christus, & Ecclesia prænuntiata est, ne ad tempus à nobis factum existimaretur, ab ipsis adversariis proferatur; ubi etiam predictum est ipsi non fuisse credituros.*

Div. August. Epist. ad Volusian. 137. Edition. Benedic.

Tambem vós a não tendes : Concluida
Nos fique esta disputa ; e comecemos
Já no terceiro ponto, que Hum, e Trino
He Deos : e se penetro, se examino
Tudo o que ha n'humã, e noutra natureza,
Vejo em toda esta vasta redondeza,
Da Trindade hum symbolico retrato :
Se deito a vista ao Céu, acho disposta
Em três Classes a Angelica eminencia ;
E a mesma triplicada consistencia,
De três choros tambem se vê composta :
Se passo ao campo ethereo, o melhor astro,
De luz, moto, e calor, o corpo anima :
Se mais algum composto o Céu me intima,
A Terra, ou Ar, três partes nelle encontro :
Materia, forma, uniaõ : Inda os viventes
Em três çathegorias se dividem :
Homens, brutos, e plantas : Não decidem,
Com tudo, estes treslados eloquentes
O Trigono immortal, pelas distancias,
Que ha entre os accidentes, e as substancias.

Nem deveis empenharvos em trazerme
(Lhe diz o Hebreo) exemplos tão distantes.

R 3

De

*Verumtamen caveat, ne hanc imaginem ita ei comparet, ut omnino existat
et Similem: Sed potius in qualicumque ista similitudine magnam quoque differ
entiam cerbat: Div. August. lib. xv. de Trinitate.*

De hum fer taõ superior : Se convencerme
 Quereis, talvêz, com maximas constantes,
 Produzime a Escripura : ella confirma
 Quanto a luz me propoem, e a Lei me affirma :
 Diz o Deuteronomio que attendamos.
 A' palavra de Deos ; e logo adverte
 Que este Deos he hum só : * Que impulso inerte
 Me fará conceber que he Hum, e Trino,
 Depois desta advertencia ? O defatino
 Desses vossos Doutores, por ventura
 Tem mais authoridade, que a Escripura ?

Só com ella he quero argumentarvos ;
 Ehe torna o Peregrino : No Psalterio
 Naõ me podeis negar que houve mysterio
 Em repetir três vezes continuado
 O alto nome de Deos : † Se o repetirfe.
 Tres vezes n'hũa regra, esta substancia,
 Naõ he para tirarse, ou deduzirse
 As tres Pessoas de huma só Essencia ;
 Repetillo três vezes, redundancia

Sa

* Audi Israel, Dominus Deus noster, Dominus unus est. Cap. 6. v. 4.

† Benedicat nos Deus, Deus noster ; benedicat nos Deus, & mesuunt eum omnes fines terre. Plal. 66. v. 7; & 8.

Tris repetitio nominis Helohim, sive Dei non caret mysterio Sanctissimo Triadis, que per Evangelium apud omnes populos innotuit... usurpatur singulari in verbo benedicat, & pronomine eum: ob essentialem unitatem: Plurale in nomine Helohim propter Personarum Trinitatem. Sic enim tres in Divinis Personis in uno conveniunt essentia. Guech. in Psalm. 66. v. 7.

Seria no Psalmista , ou negligencia :
 Dizello naõ podeis : Logo a verdade
 Já vos mostra o Mysterio da Trindade.

Nem cuideis que a noção sómente he minha :
 Nesta sagrada maxima convinha
 A vossa Synagoga , quando estava
 Com menos confusão ; * pois se chamava
 A voz do Empyreo a Deos três vezes Santo ;
 Sempre entendeu , sem susto , nem espanto ,
 Que este três vezes Santo , o referia
 Tanto ao Pai como ao Filho , e ao Procedente :
 Se a vossa intelligencia se confia
 Nos Doutores Hebreos , assim o sente
 O vosso Rabbî Ibba : † Sem mudança
 O dîz Rabbî Simeaõ : estes Doutores.
 Saõ dos vossos mais sabios Professores.

R 4

Sei

* Bis in die, scilicet oriente, & occidente sole, tam hæc Isaia, vel potius seraphim verba, quam illa Mosi Deut. 6. 4. juxta Hebraicum textum: Audi Israel, Deus, Deus noster, Deus unus est à quolibet Judo quotidie recitentur. Quod apud eos ad hæc usque tempora perseverasse aserit; nimirum ut ita personarum, Trinitatem cum Divina essentia unitate profiterentur. A' Lapid. in Isaia, cap. 6. v. 1.

† Veteres Rabbinî sic exponunt, ut R. simon filius Joai: Sanctus, inquit, hic est Pater; Sanctus, hic est Filius; Sanctus, hic Spiritus Sanctus; teste Galatino lib. 2. cap. 1. apud A' Lapid. supra. Citat. & Genebrardus in fin. lib. 1. Chron. Veterem Rabbinum R. Ibba, qui dicit hos tres Kados idest Sanctus; alibi vocari tria specula, tria luminaria, tres supremos patres, principes, & sine carentes, alibi vocari coronam, sapientiam, & intelligentiam, alibi tria lumina designantia tres Jhova, idest tres personas Divinas, Idem A' Lap. loco supra citat.

Senaõ vos contentais com estes Mestres,
 Hum taõ douto darei, de tal conceito,
 Que a Synagoga, cheia de respeito
 Ficará, se he que chego a produzillo:
 Este he o Author do Targo: Author taõ grande,
 Que a Hebraica Naçaõ quer que se mande
 Seu nome à eternidade, e repetillo
 Naõ pode inda o Thalmud, sem que notoria
 Faça a sua eminencia na memoria.

Já fei que me allegais com Jonathano; *
 Responde o Hebreo: Foi homem mais q̃ humano:
 E se acafo elle diz o que disseraõ
 Os outros dois Rabbinos; daqui digo
 Que as minhas objeçoens se suspenderaõ:
 Desde hoje, se elle o diz, a Roma figo,
 Desamparo o Thalmud, e alegre approvo.
 Tudo o que achar no Testamento novo.

O grande Jonathano se fallasse
 Desse mysterio taõ precisamente,
 Nem huma vóz se quer da nossa gente

Seria

* *Jonathano* He o Rabbino mais venerado entre os Hebreos. O seu mesmo Thalmud lhe dá huma grande veneraçõ no *Codex Bavi-Bairr*, cap. 8, pag. 134. Foi *Jonathano* filho de *Huziel*, e os Hebreos o fazem Copista dos Prophetas *Aggeo*, *Zacharias*, e *Malachias*; dos quaes na sua mocidade recebeu a *Ley Oral*; e que na escola do famoso *Hillel* fora condiscipulo do grande Rabbino *Joaõ*, filho de *Zaccar*; em fim este se reputa na Synagoga pelo primeiro, depois dos Patriarchas, e Prophetas.

Seria verosimil, que o negasse.:
 Quando o dizeis estais n'algum lethargo,
 Porque sei que a Paraphrase do Targo,
 Da Trindade não falla, antes intenta
 O Thalmud na doutrina, que sustenta,
 Fundado em Zacharias, que eu não tome
 Mais q' hum Deos, que he hũ só; hũ só seu nome.*

O Escriptor, que o assevera he Galatino; †
 Responde ao Hebreo o Sabio Peregrino:
 Homem maior, que Jonathano: illustre
 Por doutrina, costumes, e advertencia:
 E senão quereis darlhe a prehemencia
 Por ser Author Christão; sera forçoso,
 Que eu me atreya a dizervos que sabia
 Tanto, ou mais, do que vós, a Theologia
 Do Targo, e do Thalmud: se as Polyglottas,*
 Se o Thalmud, e se o Targo não produzem
 De Jonathano o explicito Trifagio;
 Todos estes silencios não induzem

Que

* *Erũ Dominus unus; & eadẽ nomen ejus unum.* Zach: cap. 14. v. 9.
 † *Petro Galatino*, Religioso observantissimo de *S. Francisco*, e doutis-
 simo Theologo compoz hum livro que intitulou de *Archans catholice ve-*
ritatis in hebraicis libris, praesertim in Thalmud inventis.

* *Galatino*, que viveu no seculo decimo quinto; afirma que nas *Bi-*
blias de impressãõ mais antiga se achava a traducçãõ de *Jonathano* expli-
 cada com o *Trifagio* de *Isaías* p'lo modo, que temos referido, e a quella
 que elle o vira, de que se segue que o não acharse hoje nas *Bebias*
Hebraicas, foi pela supressãõ, que lhe fizeram os *Rabbinos modernos*.

Que elle o não escrevesse: este naufragio
 (Vénia me permitti para dizello)
 Esta calamidade , este flagello ,
 Destes , e outros escriptos , a perfidia
 Dos vossos proprios Mestres lho causaraõ :
 No torpe esquecimento os sepultaraõ ,
 Sem outra culpa mais , que a claridade ,
 Com que expunhaõ as luzes da verdade.

Más já , nem Jonathano , ou Galatino ,
 Nem Ibba , nem Simeaõ , quero allegarvos :
 Author vos quero produzir agora ,
 Que não contradicteis : Póde informarvos
 Com toda a segurança a luz , que adora
 Vossa mesma Nação ? Pois o que allego
 He não menos que o authenticico volume
 Do grande Texto Hebreo : Talvez presume
 Desordenallo o vosso arrojo cego ?
 Imagino que não se atreva a tanto :
 Convertei em obsequio o vosso espanto.

Falla Moyfes da criação dos Orbes ,
 E que Deos no principio he que os criara :
 Do *Helobim* , que he dicção expressa , e clara ,
 Que significa *Deoses* , usa o Texto :
 E tambem de *bará* , que corresponde
 Ao singular do verbo : este sentido ,

Do

Do Hebraico fielmente traduzido,
 Nos faz: *Deos* criou o Ceo, e a Terra;
 Se huma pessoa só o Verbo encerra,
 Como o caso tem mais? * Heis de dizerme
 Que Moyses na grammatica delira,
 Ou não podeis deixar de concederme,
 Que desse mesmo Oraculo se tira
 Que o singular do Verbo mostra a essencia,
 E o plural das pessoas hum Deos Triño;
 Pois não póde haver mais no ser divino:
 Mais não; porque no Filho, e Procedente

Toda

* Alguns Hebreos, fundados na authoridade do Rab. *Aben-hizra*, pretendem que o nominativo no singular e o Verbo no plural hé phrase peculiar da lingua Hebraica. Mas *S. Jeronymo* observou depois de huma grande meditação sobre a propriedade desta lingua, que ella não usa de semelhantes phrase; e que sempre denota hum grande mysterio este modo de fallar, ou que debaixo d'elle se occulta alguma mysteriosa significação; e no *Benêscith Ketana* se lê: *Nisi hic sermo scriptus fuisset, non licuisset dicere: Creavit Elohim.* O mesmo tem *Moyfes Hadar*, e outros *Rabbinos* allegados por *Gallatino* lib. 2. cap. 9. e por confissão dos *Rabbinos* mais antigos, esta phrase do verbo no plural, e o nominativo no singular não he propria, e natural da lingua Hebraica, mas sempre indúz o segredo de alguma significação occulta. Com este mesmo texto coincidem outros muitos, que se achão no Testamento velho, como aquelles do *Genezis*: *Faciamus hominem; & creavit Deus hominem. Descendamus, & confundamus linguam eorum; Descendit Dominus. Apparuerunt Dii: Fui tibi altare Deo, qui apparuit tibi;* e o do cap. 23. de *Jeremias*: *Peruististi verba Deorum viventium: Verba Domini exercituum, &c.* Interpretas os Hebreos que o *Descendamus*, eo *Faciamus* são modos de fallar, competentes à Magellate Divina, a cuja imitação costumão fallar tambem no plural os Monarcas da terra.

Theodoro na Quest. 21. in *Genes.* dá a esta objecção huma boa resposta: *Si Deus propter auctoritatem, ac maiestatem de se loquitur in plurali, apportuisset eum ita loqui, vel semper, vel ut plurimum, praesertim cum legem daret in Sina;*

Toda a fecundidade Omnipotente,
 Que chamamos *ad intra*, alli se acaba:
 Menos não, porque em seio, tão profundo,
 Deve lograr-se o immenso no fecundo,

Eu não sei que vós diga: grande força
 (Lhe diz o Hebreo) me faz esse argumento:
 Mas não pôde alcançar o pensamento
 A luz; com que o Mysterio se illumina;
 Nem pôde reduzir-me alguma instancia
 À que eu veja; e a que eu creia a repugnancia.

Duvidais (diz o Herôe) que o Filho, sendo
 Gerado pelo Pai; e procedendo
 De ambos o Santo Espirito, se igtalem
 No tempo, e no podêr: e que huma essencia
 Tenha a sua insondavel subsistencia
 Em tres iguaes Pessoas: Sei que ao humano
 Discurso excede tão divino arcano:
 Mas se tivesse nelle algum imperio,
 Não deixaria entãõ de ser Mysterio?

Como quereis que a misera fraqueza
 Da vossa intellecção suba à grandeza
 De tão excelsa luz; sem que a subida
 Se veja em tanto allombro submergida?

Para

Para crêr o Myfterio da Trindade,
Primeiro se ha de crêr a Divindade,
E o advento do Messias: se vós crêres
Em tanta prophacia, que a Judea
Já vio verificada; a vossa idea,
Sem mais outra razão, outro luzeiro,
Vos dirá que o Myfterio he verdadeiro;
Basta a razão, e a lúz, que não periga,
De que Deos o revella; e Deos o diga.

Se o Messias he Christo, e he Deos, e homem:
Se elle he toda a esperanza dos Prophetas:
Se não podeis negar que estão completas
Todas as predicçoens no seu advento:
Nem myfterio, nem lei, nem sacramento
Negar tambem podeis; pois Elle o ensina,
Elle o diz, o dispoem, o determina:

Em tudo que nos move, e nos explana
He certo que não mente, nem engana;
Pois implica que hum Nume tão glorioso
Chegasse a ser, ou falso, ou mentiroso.

E para que entre nós mais firme seja
Taõ alto resplendor, à sua Igreja
O quiz deixar impresso: o Mundo todo

Se esclareceu com elle : deste modo
 A razão cede à lei : cede o discurso
 A' palavra divina : este concurso
 Não serve de exemplar à Synagoga :
 O mysterio despreza, a lei derroga :
 Para mostrar na pérfida efficacia
 A sua antiga, e indocil contumacia.

Se me desseis agora algum exemplo,
 Que melhor o Mysterio me explicasse
 (Ao Heróe diz o Hebreo, quasi rendido)
 Talvez que me deixassem persuadido
 Tantas instancias, como tendes feito :

Bem que vejo não póde declarar-se
 O Portento n'alguma semelhança ;
 O Peregrino diz : * Verei se posso,
 Inda que seja n'hum exemplo grosso,
 Qual póde permitir huma potencia,
 Taõ fraca, como a nossa intelligencia,
 Mostrarvos do Mysterio o ser divino,
 Como a imagem no espelho cristalino.

Vede-

* *Secretum Trinitatis, nec ullis visibilibus, nec invisibilibus creaturarum potuit investigare natura: Hormisd. Papa in Epist. ad Just.*

Impossibile est generationis Verbi Divini Scire Secretum: mens defecit, vultus flet. Div. Ambros. de Fide, Cap. x.

Quanam tandem vis intelligendi, quae vivacitas rationis quae acies cogitationis ostendant, quomodo sit Trinitas? Div. Aug. de Trinitat. Lib. xv. Cap. xvi.

Vede-vos n'hum espelho: ao mesmo instante
Não resulta huma imagem semelhante
Em tudo a vós no diaphano composto?
Hum intrinseco affecto, hum grande gosto
Não se prodúz tambem deste reflexo?
Pois assim vendo Deos a sua imagem
Em si mesmo, gerou no mesmo ponto
Outro igual a si mesmo: e deste affecto
Se produzio o espirito completo
Igual tambem a Ambos: Sendo tudo
No mesmo tempo, e instante reflectido,
Tudo gerado, tudo produzido.

Porém notai aqui huma distancia:
Em tudo o que Deos houve, foi substancia;
E tudo o que em nós há, hé accidente
De hum raio inflexo, de hum cristal luzente:

O exemplo (diz o Hebreo) defata as sombras
Tanto no meu discurso, que não tenho
Na minha intellecção maior empenho,
Que confessar o engano, em que vivia:

Vendo o Turco que o Hebreo já se rendia,
Não se pode apartar deste dictame:

Agora falta profeguir no exame
(Lhé diz o Peregrino) da Colonia,

Que hoje aqui vos prodúz, e aqui celebra
 O impulso escandaloso de Ginebra.
 O Rabbino, que a gente Visitava
 Tambem da Povoação, acompanhava
 Com Mahumed ao Herôe: em tempo breve
 A' Cidade chegaraõ: Do primeiro
 Ministro, onde a doutrina tem o auxilio,
 Entrataõ no soberbo domicilio,
 A tempo que na pompa de huma sala
 Entre hum grande congresso se assinala
 Na eloquencia, e nas duvidas, que explica:
 Toda aquella Assambleia se amplifica
 Em varias opinioens: Huns de Lutherô,
 De Calvinô outros tem o dogma opposto:
 O Ministro pretende achar a emenda
 Nas suas direcçoens desta contenda.

Os hospedes recebe com agrado;
 E depois já de ter manifestado
 Toda a sua doutrina, o Herôe lhe pede
 Licença para exporlhe o que duvida
 Na mesma exposiçaõ: elle a concede:
 Com os raios do espirito convida
 A que fique o silencio do concurso
 Naquelle obsequio, que o respeito lavra,
 Ou ancioso, ou pendente da palavra.

TRIUMPHO
 DA
 RELIGIÃO

Poema Epico-polemico.

LIVRO VIII.

*Contra o Lutheranismos, e Calvinismos.**

Tomando a coiza desde o seu principio,
 O Peregrino diz: Dar-me heis licença
 Que eu vos traga à memoria, sem offensa
 Da vossa erudição, a injusta causa,
 Que vosso Mestre, ou que Lutero toma
 Para impugnar as maximas de Roma.

Orgulhosas as armas Mahometanas
 Com as victorias, que lhes dava a Persia,

S

E

* No exordio deste livro se mostra a Origem destas duas Seitas.

E a conquista de Rhodes, * se temia
 Talvêz o Vaticano, que viria
 O mesmo insulto à Italia: Governava
 Leam decimô com susto vigilante
 O leme do Navio Militante;
 E para prevenir este receio,
 Com repetido ardor, recorre ao meio
 De persuadir a toda a Christandade
 O perigo commum: à dignidade
 Do rogo ajunta o premio da Indulgencia:
 Abre do Santo Erario a providencia:
 Com huma Bulla a guerra santifica,
 E às Potencias Christans a communica.

Na Alemanha foi della Commissario,
 De Moguncia o Arcebispo: era ordinario
 Que os Sabios Eremitas de Agostinho
 Annunciassem no pulpito o caminho
 Do Ceô com este indulto: No respeito,
 Com que a Luthero Vitemberga illustra,

Ti-

* *Solyman*, Imperador dos Turcos, depois de fazer huma grande irrupção na Hungria, e conquistar nella muitas praças, poz sitio com mais de 200U homens à Ilha de Rhodes no anno de 1523: os Cavalleiros de S. Joã de Jerusalem a defenderam com grande valor, e com grande estrago dos sitiadores; mas o seu grande numero lhes deu a victoria. Daqui passou *Solyman* à Persia, e depois de conquistar muitas Provincias naquelle Imperio, se coroou Rei dellas em Babilonia; sem opposição do *Sophi Thomas* q sempre se desviou de se encontrar com os Turcos. Esta felicidade das suas armas, he que causou o receio à Igreja; e produziu a Bulla da Cruzada, que mandou promulgar o Papa Leam decimo.

Tinha formado hum solido conceito
Que a Bulla lhe dariaõ ; porém frustra
Esta ideia o rumor, que estava dada
A outro Nuncio † a Bulla da Cruzada.

Impaciente ficou desta noticia:
De huma enveja mortal toda a malicia
Seu peito consumio; e o defafogo
Da torpe chama, do violento fogo
Foi dizer que a Indulgencia era hum engano
Huma illusão de Roma, hum meio infano,
Em que encobria, com hum santo intento,
Da ambição o perverso pensamento.

Fêz em toda a Cidade hum grande ruido
Esta proposição; e era o partido
De Luthero nas Aulas numerofo:
Com hum Breve de Roma foi forçoso
Que desse conta desta torpe injuria
Ante o Legado, que adoptava a Curia
Nas Cidades do Imperio: Sem certeza
Responde à accusação, e segue a empreza
Ao depois de esforçar o seu absurdo:

S 2

Em

† Deu-se a João Testzelio, ou Testzel frade Dominica, e famoso na quelle tempo pela sua concionação, letras, e virtudes.

Em Leipfigh no combate de João Ecchio*
 Acabou de mostrar a contumacia:
 Resolveu finalmente a fua audacia
 A descobrir a mascara: O primeiro
 Enfaio deste arrojo foi o escrito,
 Ao qual o nome deu de *captivo*
Babilonico, cheio de hum precito
 Furor, tomando nelle a authoridade
 De fer reformador da Chriftandade.

Aqui negou que havia Purgatorio:
 Desprezou todo o impulso meritorio:
 De Christo o Sangue, e a Fé, sem penitencia,
 Dizia fer bastante segurança
 Para alcançar a Bemaventurança:
 Que na Meza Sagrada estava o Corpo,
 E o Sangue com o pão, e com o vinho:
 Que a vontade não tinha algum caminho
 Que elejer: Que era o culto das Imagens
 Idolatria explicita: Que a Igreja
 Prevaricada estava nos abusos:
 Que os Papas erão só Bispos intrufos:
 Das Chaves o podêr, que o não havia,
 Que a Tradição canonica não era

Mais;

* João Ecchio era o Efcriturario mais eminente da quella idade: aper-
 tou de forte a *Luthero*, que não teve que responder: envergonhado, e
 irritado, se resolveu a descobrirse, fiado no patrocinio do *Duque de Saxonia*.

Mais , do que huma invenção , e huma quimera.

Todos estes delirios se pré-gavaõ
No tempo , em que os espiritos clamavaõ *
Do Clero contra algumas impaciencias :
Ouviaõ-se com gosto as insolencias ,
Que as vozes de Luthero encareciaõ :
Da mesma sorte os Principes ouviaõ
Pelo interesse proprio , algum pretexto
De sacudir o jugo , que o dominio
De Carlos tinha posto no desinio
Da sua rebelliaõ ; † mas a batalha
Do Elba , †† desconcerta este refugio ,
Que Luthero encontrava , e os mais Sectarios

S 3

Nas

* Não se pôde negar que era grande a corrupção de costumes no Clero de *Almanha*; e por estarem os Seculares irritados contra o seu procedimento foi hum dos maiores motivos para se ouyirem com alvoroço as novas doutrinas de *Luthero*. Os Concilios de *Piza*, e de *Constanza* tinhaõ chamado por esta reforma Ecclesiastica. *João Gerson* Cancellario de *Paris*, e famoso entre os fastos da Igreja fez sobre esta materia huma vehemente oração ao Concilio de *Piza* diante do Papa *Alexandre V.* o Cardinal *Pedro de Ailli*, Arcebispo, e Principe de *Cambrai* seguiu os clamores deste seu mestre; e não foiaõ menores os que expoz o Cardinal *Juliaõ* ao Pontifice *Eugenio Quarto* na sua 1. Epist; que vem entre as obras de *Enes Silvio* pag. 66. Veja-se o que diz o Senhor *Bossu* na sua *Hist. das Variaç. das Igrej. Pratest. no enord. do livr. 1.*

† Estes Principes, que para sacudirem o jugo do dominio Imperial pre-
textavaõ a rebeldia com a Religiaõ, erãõ principaes, *João Frederico Duque, e Eleitor de Saxonia*; *Philippe Landgrave de Hesse*; o Conde *Palatino*, e outros *Dynastas* menos poderosos a quem seguiãõ muitas Cidades de grande consideraçãõ, como *Augusta, Ulma, Argentina, Francfort, Lubecb, Brema, Brunsvich, Hamburgo, Norimberga, Norlingb, Rotemburgh*; e outras.

†† Chegaraõ em fim a tomar as armas contra o seu mesmo Imperador

Nas Cortes destes Principes : A varios
Reinos, clymas, Provincias, e distritos
Se acolhem, como miseros proscritos
De huma decreto Imperial : Osiandre a Prussia
Procura : Ochino vai para Ginebra ;
Para a Helvecia Zvingle, e Oecolampadio ;
De Luthero se aparta Carslostadio, *
Com nova exposiçaõ, de que na Ceia
Só existe do Corpo, e Sangue a ideia.

Divide-se a reforma em dois partidos :
Já todos se combatem defunidos :
Huns se chamaõ nos perfidos enganõs,
Sacramentarios, outros, Lutheranos.

Ap-

Carlos V; e avistando-se os exercitos de catholicos, e hereses junto do rio
Elba se deu a batalha em que ficaram vencidos os Lutheranos, e prisio-
neiro a sua maior cabeça, qual era o Duque de Saxonia : Carlos lhe deu
sentença de morte ; mas ainda que ao depois lhe concedeu a vida pela sua
grande piedade, e pela intercessãõ de alguns grandes senhores seus paren-
tes, e de Sibylla sua mulher, o deixou de sorte, que não pôde continuar
o patrocínio aos sectarios de Luthero ; cujo successo fez tambem render o
orgulho do Lantgrave, logoitando-se aos antigos, que lhe impos o Impe-
rador : este proscreeu os Ministros Lutheranos do Imperio com hum edicto
Imperial ; e assim se espalharãõ todos por diversas Provincias.

* *André Carslostadio* se desgostou com seu Mestre Luthero, o que deu mo-
tivo a apartarse da sua doutrina, e para a combater no mais principal, negou-
lhe o Corpo, e Sangue de Christo estivesse com o pão e vinho na Eucharistia,
mas que só estava a figura, e não a realidade do Sangue, e Corpo de Christo :
Carslostadio não tinha destreza para sustentar esta opiniãõ, ainda que foi
o A. della, tendo talvez alguma noticia do que tinha dito Berengario, que
foi o primeiro que a levou ; porém Zwingle se aproveitou desta ideia, e
com os seus artificios instituiu a heresia nova dos Sacramentarios tão ini-
migos dos Lutheranos, como os mesmos Catholicos, em que por muitos tem-
pos tiverãõ repetidos, e vergonhosos combates.

Apparece Calvino neste tempo , *
E inclina-se ao conceito da figura :
Com despenho correo a Seita impura :
Como se fosse rapida torrente
Innunda toda a Olanda de repente ,
Polonia, e Dinamarca : passa a França :
Nella executa a tragica mudança ,
Que padeceu no impulso arrebatado
De Francisco segundo o Principado , †
Sem que em tanto oppressão a modifique
O nono Carlos , e o terceiro Henrique.
Naõ quero ponderarvos os costumes
Destes primeiros Mestres ; os volumes
Dos vossos Escriptores nos informaõ
Da horrenda corrupçaõ dos seus progressos :
Vos podeis advertir se estes excessos
Saõ dignos de huma luz, em que se veja
A missãõ, e a reforma de huma Igreja.

Nem taõ pouco pertendo dilatarme
Em todas as questoens , que tendes feito

S 4

Para

*João Calvino natural da Picardia , bem conhecido pelos desturbios
ue causou em França : tomou huma nova ideia entre o discurso dos Lu-
beranos , e Sacramentarios.*

*Francisco 2. Carlos 9. Henrique 3. filhos de Henrique 2. e da Rainha
Catharina de Medices : em cujos tres Reinados succederã as guerras Ci-
vis de França causadas pela heresia dos Principes de Condé, de Garpar de
Baligny, e de outros senhores Francezes até a abjuraçaõ, que fez Henrique
Quarto, o grande, a qual deu o Reino à Casa de Bourbon.*

Para firmar o heretico conceito :
 Aos pontos principaes quero cingirme ,
 Vede le estes feraõ : O Purgatorio ,
 A Justificaçãõ , a Penitencia
 A Tradicçãõ , a Missa , a Reverencia
 Das Imagens , a Invocaçãõ dos Santos ,
 Os Sacramentos ; e podêr das Chaves ?

Os artigos mais serios , e mais graves ,
 Que ha nas nossas questoes (diz o Ministro)
 Saõ effes que dizeis : Só na Escriptura
 Aceitarei a prova : Conjectura
 Não hei de consentirvos : Se mostrares
 Da pagina divina entre os lugares ,
 Algum , que o Purgatorio tenha pronto ,
 Largo a disputa do primeiro ponto .

Eu tenho em S. Matheos lugar expresso ,
 Acode o Peregrino : Pois affirma *
 Que ha peccado em que o indulto não se admite ,
 Nem nesta , ou na outra vida se remitte :
 E se ha peccado , que se não perdoa .
 Depois da morte , consequencia he boa ,
 Que depois della , póde haver peccado ,
 Que mereça perdaõ : Se coinquinado
 Ninguem entra no Cêo , será forçoso

Que

* Qui autem dixerit contra Spiritum Sanctum , non remittetur ei neque in hoc Saeculo , neque in futuro . (Cap. 12. v. 32.)

Que se dê no outro Mundo algum distrito,
Em que possa expiar-se este delicto.

O Apostolo nos diz que o excelso nome
Se adora de Jesus, inda no Inferno: *
Naõ podeis conceber no fogo eterno
Taõ pia adoraçãõ; logo he notorio
Que este Inferno ha de ser o *Purgatorio*:

Elle nos diz tambem que pela chama †
Ha de haver salvaçãõ: na que se inflãma
Com supplicio immortal, naõ póde havella,
Logo será preciso concebella
Noutro fogo distinto: No segundo
Livro dos Machabeos, expressamente
Tendes este lugar, que se duvida: ††
Nessa somma de prata remetida
Por Judas à Cidade, e destinada
Dos mortos ao suffragio, está provada
Toda a nossa questãõ: Eu me rendera
(Diz o Ministro) ao Texto, se tivera
Por Canonico o Livro: Envergonhaivos

(Lhe

Ut in nomine JESU omne genu flectatur, Caeli, terrestrium, & infernorum. ad Philip. cap. 2. v. 10.

Uniuscujusque opus, quale sit, ignis probabit... si cujus opus arserit, detrimentum patretur, ipse autem salvus erit; sic tamen quasi per ignem. 1. ad corinth. cap. 3. v. 14. & 15.

† *Sancta ergo, & salubris est cogitatio pro defunctis curare, ut à peccatis liberentur.* cap. 12. v. 43; & 46.

(Lhe diz o Herôe) de expôr esse conceito:
 Pois senaõ tem Luthero o livro aceito,
 Foi porque nelle achava taõ distincto
 O lugar, que negou: Que authoridade
 Teve Luthero para intentar o arrojo
 De pertender na Biblia este despojo?
 Elle mesmo confessa na disputa
 De Leipshigh, que ha na Biblia o Purgatorio;
 E que a alma em seus miseros contagios *
 Deve ser focorrida com suffragios.

Passemos ao outro ponto de mais força:
 A *Justificação*, que o homem leva
 Da culpa para a graça; a enreda tanto
 A vossa confusaõ, que se levanto,
 Nesta disputa as duvidas, que a cercaõ,
 Entraria n'hum cego labyrintho;
 Por isso hirei sómente ao mais distincto.

Eu digo que a justiça inherere a alma,
 Vós dizeis que se imputa: Assim o affirma
 (Diz o Ministro) a confissão de Augusta: **

Fun-

* Credo fortitèr, imò ausm dicere, scio Purgatorium esse: facillè persuadet
 ut in Scriptura de eo fieri mentionem ego nihil de Purgatorio novi nisi
 animas ibi pati nostris operibus, & orationibus juvandas. Luther. in Dis-
 put. Lips. 8. Julii, 1519.

** Item docent quod homines non possint justificari coram Deo propriis viribus
 & peccata remitti propter Christum qui sua morte pro nostris peccatis satis-
 fecit Hunc fidem imputat Deus pro justitia coram ipso. In confessione
 Augustan. art. 4. de Justificat. homin.

Funda-se em que feria ideia injusta
O conceber em nós essa *justiça*,
Que a Christo só se deve: accusa Paulo
Ao Judeo de que a sua só procura
E à de Christo não olha; * elle assegura
Que só Christo he que a tem; e em nós a ordena:
Que a *adopção*, que nos fêz só conceberse
Pode extrinsecamente: Que hum vestido
A *justiça* nos foi pelo sentido
Do mesmo Paulo; e aquillo, que se veste
Não póde ser intrinseco: Se accusa
O Apostolo (responde o Peregrino)
Ao Judeo, he sómente o desatino
De entender, que dos ritos a observancia
O poderá salvar, sem a constancia
Da Fé do Redemptor: se Elle *justiça*
Se chama para nós, tambem a nossa
Resurreição se chama, e desta sorte
Imputada tambem depois da morte
Nos fora; e ficaria o novo estado
N^huma apparencia só resuscitado:
Se quem fâz a *adopção*, talvez podera
Fazella *filiação*, elle a fizera:
Deos a póde fazer; logo caduca
A vossa semelhança; e juntamente

A do vestido extrinseco: Presente
 Presumo que estareis tambem nos Psalmos?
 Nelles se acha que Deos da fortaleza *
 Se veste; e não direis que esta firmeza
 Extrinsicca se fâz: Notai da alma,
 E do corpo a distancia, e entã veremos
 Se encontrâis semelhanças nos extremos.

Escusarei agora de advertir-vos
 Os Textos, que podera produzir-vos
 Para provar a graça; e que a justiça
 He inherente a alma: Passo às obras,
 Com que ella se consegue: A Fé, sem ellas
 (Diz o Ministro) basta: Quereis vellas
 Na Escritura escusadas? Lede a Paulo,
 Que está sempre affirmando em varios Textos,
 Que o homem com a Fé se justifica
 Sem as Obras da lêi: † E quem se implica
 (Diz o Herôe) de que o Apostolo não falla
 Dos ritos, que propunha a synagoga?
 Outro Apostolo dou, que vos derroga

Essa

* Indutus est Dominus fortitudinem, & circumdedit se. Psalm. 92. v. 1.

† Arbitramur Dominum justificari, per fidem, sine operibus legis. Ad Roman. cap. 3. v. 28.

Non justificatur homo in operibus legis, nisi per fidem JESU Christi. Ad Galat. cap. 2. v. 16.

Concordaõ com estes textos os da Epist. ad Ephes. cap. 2. v. 8 ad Philipp. cap. 3. v. 9. ad Tit. cap. 3. v. 5.

Essa ideia; pois diz que está defunta,
Sem as obras, a Fé! † Jacobo o disse:

Na reforma esse Texto não se aceita
(Reconvem o Ministro) e se o regeita
He por não ser Canonico: Luthero
O separou da Biblia: Com que causa,
Acode o Herôe? Quem deu ao vosso Mestre,
Metido n'hum escandalo terrestre,
Privilegio, ou poder, para que ousado
Despreze o mais sublime, o mais sagrado?
Mudai de soluçoens; porque indeciso
O obsequio, não deixeis no vosso jurzo:
Em havendo algum Texto que condemne
Da reforma os delirios, he bastante
Que diga o vosso Mestre: *Não aceito
Esse Texto*; inventando-lhe o defeito
De que não he canonico? Suppondes
Que pôde consentirse este recurso?
Que homem se pôde achar d'algum discurso
Que não se ria, e zombe deste asylo?
Se a controversia admitte hum tal estylo,
Que lugar, ou que pagina segura,
Encontrar já podemos na Escripura?

Vamos à *Penitencia*: Por abuso

Na

† Sicut enim corpus, sine spiritu, mortuum est, et fides, sine operibus, mortua est cap. 2. v. 26. no m.º cap. se achao mto.º texto corp
times a este, e q. provas om.º de deitorem os q. lra.º
citado, que não se entendem da f.º g.º de.º 9.º 14.º 15.º

Na fé Romana a tem os Calvinistas ;
 Continua o Ministro : elles assentão
 Que todos os seus filhos se alimentaõ
 Na *Predestinacão* ; e que não póde
 Haver peccado algum , que lha incommode ;
 Pois nenhuma protervia contamina
 A mesma filiação , que os predestina.

O Lutherano diz que a *Penitencia*
 He hum terror lómente da consciencia
 Na reflexão da culpa : * Deos a absolve : **
 E com esta resposta se dissolve
 A vossa *confissão* ; pois não se achando
 Na Biblia tal preceito ; quanto à culpa ,
 He odiosa observancia o preferilla
 A quem não tem poder de remitilla.

De Jacobo , na Epistola bem clara
 (Lhe adverte o Peregrino) e bem expressa
 Tendes a *confissão* ; † De que lervia

Ter

* Apud Lutheranos duæ statuantur propriae, & essentialiter partes penitentie, contritio, & fides: Contritio sunt terror conscientie incussa à lege agnitio peccato, & ira Dei; Fides conscientiam iterum consolatur, dum territus firmiter credit sibi remitti peccata propter Christum. Pichler tom. 2. de Theol. Polem. Artic. 4. de Sacram. Penit. §. 21.

** Sciendum 2. sectarios aliquos, nempe Calvinistas, penitus abominari hanc peccatorum coram Sacerdote confessionem. Calvin. lib. 3. Instit. cap. 4. §. 19. Alias verò nempe Lutheranos ... docent, absolutè sufficere siquis soli Deo confiteatur sua peccata. Id. Pichl. §. 3.

† Confitemini alterutrum peccata vestra. cap. 5. v. 16.

Ter dito Christo a Pedro, que seria
Ligado tudo aquillo, que ligasse, †
E solto tudo aquillo, que soltasse,
Se Lei a confissão não produzisse?

Entremos noutro ponto: Se advertisse
Em tudo o que não póde defenderse
Esta vossa refórma, conhecerse
A si mesma podera; e não negara
Tambem a *Tradicção*: Constante ampara
As palavras da Biblia; e não recebe
Tudo o mais, que na Igreja se concebe
Dizeime: qual he a causa porque a Biblia
Tanto credito dáis? He porque nella
Falla Deos: Não he assim? E quem decide
Que Deos na Biblia falla? Ha quem liquide
Esta certeza? Quem? Se eu nego agora
Que Deos falle na Biblia, e nella esteja,
Donde haveis de provarme que assim seja?
Sem haver *Tradicção*, he impossivel:
Pois se ella aqui se faz, tão infalivel,
Porque nas outras partes evidente
Não ficará tambem? Vamos à *Missa*:
Hoje a não consentis, sendo Luthero

Tão

† Et tibi dabo Claves regni Caelorum, & quodcumque ligaveris super terram
erit ligatum, & in Caelis; & quodcumque solveris super terram erit solutum,
& in Caelis. Math. cap. 16. v. 16.

Taõ frequente no Altar : Qual he o indicio
 Da vossa *adoração*? O Sacrificio,
 Com que se reconhece a Divindade
 He taõ antigo, como o mesmo Mundo:
 Supponho que alcançais esta verdade
 Nos de Abêl', e Caím: Quando do fundo
 Das agoas surge a Terra, acende as aras
 Noê: Melchisedech as continúa:
 Abrahâm, Jacob, tambem as perpetúa:
 A Moyses manda Deos que lhe immolasse
 O Cordeiro Paschal; e nunca exaustto
 O Altar se conheceu entre os Levitas,
 Desde entaõ, ou da hostia, ou do holochaufto:
 Sendo, pois, toda a Lei dos Israelitas
 Antecipada luz da Lei da graça;
 E sendo o Sacrificio indispensavel;
 Onde o holochaufto, a hostia, a ara, offerta
 Se conserva entre vós? a onde aberta
 Se encontra a *adoração* na excelsa guia
 De votarse à immortal Soberania?
 Nada tem a reforma, que proponha
 Mais, que expor à verdade esta vergonha,

Julgais idolatria aquelle culto,
 Que às *Imagens* dos Santos concedemos:
 O Exemplar respeitamos, e esse vulto

Liv. VIII. contra o Lutheranismô; e Calvin. 487.

Só nos serve nos rogôs, que fazemos
De fixar o Conceito desse Santo
A quem nos dirigimos: exclusivo
Fica o culto do lenho; e respectivo
Sómente a tudo o que elle representa:
Dizeime: a onde em voto tão regrado
A nossa idolatria se sustenta?

Juntamente nos tendes accusado,
Que sendo Christo só o Medianeiro
Entre os homêns, e o Pai; os nossos rogôs
Aos Santos esta gloria he que concedem:
Porém vede que os Santos intercedem,
E nesta intercessão só lhe pedimos
Ajuda, e não despacho: e quem ignora
Que neste puro auxilio se melhora
O nosso rogo, sem alguma offensa
De huma sacra, e sublime reconpença?

A mesma confusão nos Sacramentos
Fostes tambem seguindo: regeitastes
Confirmação, Unção, e Matrimonio,
Ordem, e Confissão; e vos ficastes
Com *Ceia*, e com *Baptismo*: o patrimonio
Da vossa fé dispôz que os reduzisseis,
De sete só a dois: e com que causa

T

Podeis

Podeis negar que o *Matrimonio* o seja,
 Se mui expressamente o pôz na Igreja.
 O Apostolo, escrevendo aos Ephesinos? *
 A *Unção* a tem Santiago, † Paulo, e as Actas:
 Da mesma sorte a *Ordem*: †† como exactas,
 E legais entre vós se constituem
 As Sagradas funçoens? Onde se incluem
 Os poderes, que tem vossos Pastores
 No templo, e altar, sem este Sacramento?

Se o *Baptismo* confessa o Lutherano;
 Que misero, que indigno pensamento
 Fâz delle o Calvinista! Não entende,
 Submergido no estímulo profano,
 Que não he necessario à vida eterna?
 O seu confuso espirito pertende
 Que em sendo filho do que aceita a *Christo*
 Se recolhe no cofre do Santuario,

Sem

* Propter hoc relinquet homo Patrem, & Matrem, & adheret uxori suae, & erunt duo in carne una: Sacramentum hoc magnum est ego autem dico in Christo, & in Ecclesia. Ad Ephes. cap. 5. v. 32.

† Infirmatur quis in vobis inducat Presbyteros Ecclesiae, & orant super eum, ungentes eum oleo in nomine Domini, & oratio fidei salvabit infirmum, & alleviabit eum Dominus, & si in peccatis fuerit, remittentur ei. Jacob. cap. 5. v. 15.

†† Ut constituas per Civitates Presbyteros, sicut & ego disposui tibi. Ad Tit. cap. 1. v. 5.

Segregate mihi Saulum, & Barnabam in opus ad quod assumpsi eos. Tunc jejunantes, & orantes, imponentesque eis manus dimiserunt illos. Act. cap. 13. v. 2. & 3.

Sem lhe ler o *Baptismo* necessario ;
E não lhe fãz violencia o texto expresso
De não entrar no Reino promettido
Quem não seja desta agoa renascido.

Entremos já no altissimo Mysterio
Da *Sacra Communhaõ* ; ou no da *Ceia* ;
Como vós lhe chamais : Que nova ideia
Não tendes procurado para a instancia
De firmar a exquisita extravagancia
Com que intentais romper toda a excellencia
Deste amante Esplendor da *Omnipotencia* ?

Taõ sensual, e glotaõ se fêz *Luthero* ,
Que inda o *Corpo de Christo* presumia
Que sem vinho , e sem paõ , se não comia :
Se vos chamaõ , por isso , *empanadores* ,
Diviaõ-se chamar *figuradores* .
Aos *Calvinistas* ; tendo a ideia escura ,
De que alli não ha mais do que a figura .

Deste opposto sentido , que combates
Emprendido não tendes ? os *Magnates*
Da vossa mesma feita conhecendo
Ser esta divisaõ hum golpe horrendo ,
Que daveis na *refórma* , quantas vias

Buscaraõ para as vossas demastias
 Terem fim n'humã unanime concordia ?
 Mas sempre profeguio esta discordia ,
 Por mais que de *Bucer* os artificios *
 Deter quizeraõ tantos precipicios.

Vós rasgastes a tunica inconsutil
 Da Igreja com a feita ; e Deos ordena
 Que vós mesmos cabisseyis nesta pena
 Com o rasgo , que destes na *refôrma* :
 Se he que o vosso discurso vos infôrma
 Da verdade , bastava este despenho
 Para veres o horror do vosso empenho.

Mas vejamos melhor este delirio ,
 Respondendo com força , e brevidade
 Ao erro de *Luthero* : A Divindade
 De Christo , diz allã , que o Corpo , e Sangue,
 Que aos Discipulos dá , à morte entregue
 Será por seu amor : † O paõ , e o vinho

Naõ

* *Bucer* o mais artificioso , e sophístico dos *Protestantes* se acha na conferencia de *Marburgh* para conciliar a doutrina *Lutherana* com a *Calvinista*. Torna com o mesmo projecto a avistar-se com *Luthero* por mandado de *Philippe*, *Lantgrave de Hessa*, e nada se conseguiu, como da mesma parte do *Concilio de Smacalda*. Tudo o que se concedia de huma , e de outra parte nestes Ajuntamentos se fundava em Equivocos ; e ao depois de varias declaraçoens sustentava cada hum a declaraçãõ da sua intel-

† *Quoties agens, fregit, Et dixit: Accipite, Et manducate: hoc est Corpus meum, quod pro vobis traditur: 1. ad Corinth. cap. 11. v. 24.*

Naõ foi entregue à morte ; que caminho
Toma , pois , a *refórma* para a ideia
De que o paõ , com o vinho , está na *Ceia* ?

Tudo o mais , que pertende deduzirnos
Com o pronome *HOC* ; * e com o *adverbio* ,
Que aqui nos introdúz , he hum esforço
Obstinado , e infelîz do seu aborso ;
Pois nunca alcançará nessa proposta
Impulso , que destrúa esta reposta.

Nem Calvino o sentido figurado
Vos póde sustentar , tendo as palavras
Da *Ceia* todo o physico sentido
Do mesmo Corpo , e Sangue : Concebido
Já tereis (o Ministro lhe argumenta)
Que he incerto que Christo nos fallasse
Do Corpo , & Sangue , taõ precisamente ,
Como vos entendeis : Mui claramente
Nos dîz tambem que he *porta* , *que he Cordeiro* ,
Que he caminho , *que he via* ; e mais que he vinha ,
Que he caminho , Cordeiro , e tambem porta ,

T 3

Nin-

* Naõ cabem neste lugar as explicaçoens , que daõ os *Protestantes* ao pronome *HOC* ; ajuntando-lhe o adverbio *Sacramentaliter* ; nem o que dizem os *Calvinistas* para idearem o sentido figurado : Veja-se o que diz o P. *Piehl* no §. de *Transsubstantiatione*. Maldonad. in *Evanz.* ao text. e o senhor *Bajuet* na *exposit. da Doutrin. cath. sobre os pontos de Contro-*
verso.

Ninguém diz, se talvez, senão reporta
 Do sentido à figura: Os exemplares
 Que trazeis não concluem; lhe responde
 O douto Peregrino: Vêde aonde
 Que era *Cordeiro, via, porta, e vinha,*
 Nos diz; e aonde disse que nos dava
 O seu Corpo, e o seu Sangue: Aqui fallava
 Como em hum Testamento, que fazia,
 E lá só quando os Povos instrua:
 As figuras se admittem na eloquencia;
 Mas seria huma grande negligencia
 Pôllas n'hum Testamento, aonde deve
 Tudo ser expressivo, claro, e breve,
 Terminante, objectivo, puro, exato,
 Para não duvidarse do Mandato.

Se para teres fé na mesma Biblia
 He preciso que seja respeitada
 Tambem a *Tradicção*, desordenada
 Se encontra toda a instancia da *refôrma*;
 Pois desde a Lei da Graça deduzida
 A *Transsubstanciação* está na Igreja;
 E não sei atégora que se veja
 Em Lutero, Calvino, ou Berengario
 Algum legal, e novo formulario,
 Alguma authoridade, algum respeito,
 Para arrancar da Igreja este conceito.

Ao dominio das Chaves já chegamos:
Se quereis o Pontifice o não tenha,
Onde o quereis levar? onde o defenha
O voffo ardor? Na Igreja de Polonia,
Na de Olanda, da Suecia, da Saxonia,
Da Bohemia, graõ Bretenha, Dinamarca,
Ginebra, Prussia, Helvecia? Quem corrige,
Quem modêra, dispoem, move, dirige,
Quem manda, ou rege a militante Barca
Nellas vastas Provincias? Os Pastores,
Que tendes escolhido entre os horrores
Da voffa confusão? Donde deduzem
O Sagrado podêr? Como produzem
Os Sacros ministerios, sem caracter?
Donde o Bispado a Successaõ deriva?

Se ategora não destes a exclusiva
Ao primeiro Concilio de Nicêa:
Se inda não duvidais de que se crêa
O que elle definio; E definindo
Que a Igreja ha de ser *humã*, * como tantas
Inventais, e seguis? Se haõ de ser *Santas*
As suas direcçoens, que Santidade
Descobris na terrivel impiedade
De negar os mais altos Sacramentos,

T 4

E

* *Unam, Sanctam, Catholicam, & Apostolicam Ecclesiam.*

E de oufarem taõ miseros alentos
 A perverter com furia exasperada
 Toda a doçura da Ethica fagrada?

Se Universal os Padres do Concilio
 Tambem à Igreja chamaõ, onde existe
 Este signal nas vossas? Naõ presiste
 Cada qual em doutrina mui distinta,
 Em fundamento, e regra mui diversa?
 Naõ se combatem com paixãõ perversa
 Sobre os mesmos dictames dos artigos?
 Naõ fois huns contra os outros inimigos,
 Da Religiaõ nos pontos? Se igualmente
 Hade ser *Apostolica*, que Nuncios
 Deduzis de huma maxima divina
 Para estabelecer esta doutrina?
 E se *Visivel* ha de conceberse,
 Como póde na vista conhecerse
 A vossa em quinze seculos seguidos
 Depois da Lei Christan? Se com *milagres*
 Se deve ornar, quaes saõ os da *refõrma*?
 E se *antiga* hade ser, como se fórma
 Taõ grande antiguidade desde o tempo
 Que a produzio Luthero? Que vestigios.
 Vosso Mestre nos dá dos seus prodigios,
 Para vêr que elle estava destinado

A revoltar da Igreja o antigo estado?

Para que a Lei da Natureza anime
Fallava Deos ao Mundo: Para erguella
A maior perfeição na Lei Escrita
Fallou Deos a Moysés: Para que admita
A Lei da Graça falla na Judea
O mesmo Deos ao Povo; e os Missionarios
Fallaõ a toda a Terra, em Clymas varios,
Com milagres prodigios, e portentos:
Dai-me, pois, todos estes fundamentos
Para capacitar o meu destino
A' missaõ de Luthero, e de Calvino.

Cuido que bem sabeis o grande estrago
Da Igreja (insta o Ministro) quando rompe
Nessa empreza a ousadia de Luthero:
O continuado escandalo do Clero
Se tinha feito taõ insoportavel
Na dura vexação dos tristes Povos,
Que eraõ precisos huns impulsos novos
Para se rebater tanta violencia:
Gritou pelo remedio a diligencia
De Ailli, e de Gerson: da mesma sorte
Gritou tambem Juliaõ a Eugenio quarto;
E gritou com a mesma segurança

O concilio de Piza, e o de Constança :
 Mas a pezar de todos estes gritos,
 Mais se esforçava o arrojo dos delitos :
 Para o Povo livrar do impio assedio
 He que Luthero busca algum remedio ;
 Outro não acha, que mais prompto seja,
 Que emprender a *reforma* em toda a Igreja.

Nunca cuidei que fosse tão Zelloso
 (Diz o Herôe) esse Mestre portentoso :
 O zello da *reforma* lhe louvara,
 Se elle primeiro a si se reformara :
 Porém romper os votos do seu claustro,
 Casarse sendo frade, e Sacerdote,
 Submergir-se na gula, e na vileza
 Da enveja, da impiedade, da torpeza ;
 Delictos de que sempre se acompanha :
 Por certo que he *reforma* bem estranha.

Mas inda que tambem comvoico accuso
 A corrupçãõ do Clero : Era este abuso
 Na Fé, ou nos costumes ? Pois se inteira
 A Fé se conservava, que cegueira,
 Foi esta de Luthero, e de Calvino
 Para emprender o grande desatino
 De reformar a Fé nos seus volumes,

E relaxar o Povo nos costumes ?

Inda me fica muito por dizervos ;
Mas se talvez não posso convencervos
Com este pouco , que vos tenho dito ,
He de balde accusar o vosso rito ;
E inutil o prégar o defengano
A quem se lifonjeia do seu dano.

Naõ he (diz o Ministro) esta materia
Da nossa salvaçaõ taõ pouco seria ;
Que a intente desprezar : Para alcançares
A impressaõ , que recebo , e me explicares
Mais a vossa doutrina , daime o gosto
De aqui vos dilatar mais algum tempo :
Conveio o Peregrino nesta offerta :
E aquella mesma noite se desperta
O Ministro do sono , em que vivia :
Allí tambem o Herôe lhe referia
O que ao Turco , e Rabbino acontecera :
A noticia lhe dá do que fizera
Entre os Deistas , e entre os Libertinos ;
E que a estas Colonias já voltava ,
Onde seu Pai há tempo que o esperava.

Resolveu-se o Ministro a hir com esse,

O Rabbino, e Mahumed: Todos defejaõ
 Vêr tambem o que o Herôe tinha alcançado
 Nas duas Povoaçoes: O novo agrado
 Da Doutrina os movia, com o intento
 De mais assegurar seu pensamento,
 Ou talvêz de encontrar na semelhança
 Naõ a desculpa; o gosto da mudança.

Do Mînistro, do Hebreo, do Turco, e Genjo,
 Acompanhado ò Herôe, já se encaminha
 Para a parte onde o Pai deixado tinha:
 A estrada menos aspera se expunha:
 Esse primeiro horror, que a descompunha,
 Desvanecendo-se hia ao mesmo tempo
 Que o passo se alentava; como a nevoa,
 Que à prezença da luz, que o Sol dilata,
 Em hmidos vapores se desfata.

Nem se alcança algum monstro, que se enrosque
 No emmaranhado escandalo do bosque:
 Tudo facil se achava, e já se adverte
 Que a fadiga em descanso se converte.

Chegua-se emfim ao campo dos Deistas:
 Pasmado fica o Herôe das novas vistas,

Que

Que a campina lhe offrece; * pois os Cedros
Nãõ eraõ já taõ ocos , como as canas :
As Florestas estavaõ mais ufanas
Nesse intrinseco impulso , que as alenta :
Na pompa dos Jardins se representa
Outra vegetaçãõ mais luminosa :
Nem o jacinto, o cravo, o goivo, a rosa
Perde a nativa cõr da mãõ tocada :
Nos pomos a substancia delicada
Percebe o paladar; nãõ vem aos olhos
A multidaõ de espinhos , e de abrolhos,
Que os frutos affligiaõ : Sem o cheiro ,
E sem o amargo antigo, lisonjeiro
Se liquida o cristal; e rega o campo ,
Sem effa turbaçãõ, esse occidente ,
Que lhe infestava a placida corrente.

O aspecto da Cidade apparecia
Tambem com huma nova symmetria :
Viaõ-se os Edificios regulares :
Pela campanha diaphana dos ares ,
Com dorica fachada , estaõ notorios
Os luzeiros das torres , e zimbórios.

Entre

* Allegoria da mudança que tinãõ feito os *Deuses* com a felicidade da *Religião Catholica.*

O Rabbino, e Mahumed: T
 Vêr também o que o Herôe
 Nas duas Povaçoens: O
 Da Doutrina os movia,
 De mais assegurar seu
 Ou talvez de encon
 Não a desculpa;

Do Mînistro, de
 Acompanhad
 Para a parte
 A estrada
 Esse pri

Deve de Pauli: Na elegancia
 Que uma debil, cingida consonancia
 A explicação não cabe do alvorço
 Com que o Herôe se recebe: nem o estilo
 De hum plectro, sem ardor, em Polyphilo
 Póde representar aquelle excessso,
 Com que a alma lhe move este successo.

O filho lhe dá conta das Victórias,
 Que conseguido tem; e as fâz notorias
 No Mînistro, no Turco, e no Rabbino:
 O Pai também o infôrma do destino,
 Que teve a Religião na sua auzencia:

Que tudo se dispôz com a decencia ,
Que elle tinha advertido : Que os Altares
Se erguerão com as pompas singulares ,
Que lhe inculcava a fabrica do Templo :
Que tudo se animava com o exemplo
Da Sacrosanta Roma , onde pedira
Hum Prelado , que as maximas inspira ,
E que deu successão ao Sacerdocio :
Que huma, e outra catholica Cidade
Vivia na reciproca amizade ,
Cultivando , sem erro , nem insulto,
No Templo a devoção , na Ara o culto.

Apenas se espalhou do Herôe a vinda ;
De ambas as Povoações tudo concorre
A dar-lhe os parabens : Quanto discorre ,
Quanto emprende esta gente alvoroçada
Em jubilos , e applausos se treslada.

E notando as victorias conseguidas ,
Pertende que se vejaõ produzidas
Em hum famoso Triumpho , aonde a gloria ,
Que em tanto empenho a Religião alcança ,
Possa ficar eterna na lembrança.

Em quanto se cuidava no apparato

Da magestosa acção; Atheos, e Chinas
A' Cidade corriaõ pela fama
Deste novo esplendor; ou porque a chama;
Que a vóz do Peregrino lhe acendera
Dentro do coração, os commovera;
Desamparando o barbaro aphorismo,
A procurar as luzes do Baptismo.

TRI-

TRIUMPHO
 DA
 RELIGIAO

Poema Epico-polemico.

LIVRO IX.

Contra os Incoherentes. *

Chegado o dia da gloriosa pompa,
 Toda a nobreza de ambas as Cidades,
 Apenas nasce o raio matutino,
 Vem buscar o triumphante Peregrino,
 E conduzillo ao Templo, onde se achava
 Tudo quanto a grandeza preparava
 Na magnifica acção: Entre festivas
 Acclamaçoens de jubilos, e *vivas*
 A multidaõ o segue: chega ao novo
 Sacrosanto edificio, e alegre o Povo
 Enche outra vèz, com seu canoro alento,
 De exultaçoens o ar, de applauso o vento.

U

Re-

* Chamo *Incoherentes* aos que confessão o Evangelho com a boca, e negão com as obras.

Recebe-o no parástade o Prelado;
 Do Ecclesiástico corpo acompanhado:
 As Aras bêja; e humilde gratifica
 Quanto a suprema lúz lhe communica.

Do adorno Pontificio se reveste
 O Director Sagrado; e o Sacrificio
 Da santa Lei prepara: a Deos propicio.
 Poêm na offerta da victima brilhante:
 Dos cheiros sobe o estímulo fragrante;
 E suaviza-se a excelsa Liturgia
 Das vozes na alternada melodía.

Consumado o divino Ministerio,
 Supplica o Herôe do Templo ao magisterio
 Que licença lhe dê para que falle
 A taõ grande concurso; e conseguida,
 Lhe disse desta sorte: Agradecida
 Se mostra a vossa fé na illustre empreza
 Deste egregio apparatus, que agrandeza
 Da vossa discrição da vossa gloria
 Deixar pertende eterno na memoria:

Louvo a magnificencia deste culto,
 Mas quizera advertirvos que esta palma,
 Que conseguido haveis de hum erro antigo;

Só com mudar de fé, não segue a alma:
Debellar he preciso outro inimigo,
Que inda mais formidavel se presume:
Fallo da grande força do costume.

Vivesteis atégora submergidos
No sono das potencias: Os sentidos
Dirigiaõ sómente o vosso impulso:
Costumados estais, sem algum pejo,
A seguir toda a ancia do desejo;
E neste vaporoso Labyrinto
Não houve mais razaõ, que o vossõ instinto.

A Lei Christan não sofre este despenho:
Todo o vosso cuidado, o vosso empenho,
Ha de ser que esta fé, que hoje se alcança,
Tenha nas obras toda a semelhança;
Pois he grande incoherencia, e he desvario
Ser Christaõ, e viver como gentio.

Reino, e terra não ha, Villa, ou Cidade,
Em toda a vastidaõ da Christandade,
Que eu não tenha inquirido: O Imperio, a Gallia,
Polonia, Portugal, Hespanha, Italia,
Tudo tenho sondado, com a pena
Que se nestas Provincias se condena

O Pagaõ, o Judeo, o Herege, o Turco,
 He só na lingua; e a vida se protege
 Do Turco, do Pagaõ, do Hebreo, do Herege.

Vesse em todo esse Mundo, que venera
 Ao Solio Pontificio, huma sincera,
 E firme confissãõ da Lei da Graça;
 Mas quasi todos caiem na desgraça
 De que o que diz a boca, e o peito sente,
 Com aççoens, e com obras se delmente. *

Poucos chegaõ a ver no seu desinio
 Que este Mundo he hum misero exterminio,
 Que taõ distantes tráz nesta carreira
 Os objectos da Patria verdadeira:
 Arreigados no estimulo mundano
 De hum gosto indigno, de hum ardor profano
 Queremos na oppressãõ do intento agreste
 Confundir o terreno no celeste.

Da Santa Igreja no mais puro gremio
 Nos havemos taõ mal, como se o premio
 Houvesse de alcançar toda a malicia
 Das Cegas intençoens: Onde a noticia

Acha-

* *Confitentur, se esse Deum, factis autem negant.* Div. Paul. ad Titum, cap. 1. v. 16.

Acharei de quem cuide nesse Testado
Da nossa immutação, em que se funda
Huma vida futura, e que governa
Ou tormento immortal, ou gloria eterna?

A penas ha na Terra quem o advirta :
De sabios, e prudentes nos jactamos,
E no que mais importa não cuidamos,
Delirando de forte as negligencias,
Que fazemos sentidos, das potencias.

Em toda a mocidade não ha vida,
Que não seja hum despenho : entre a nobreza
Não ha mais, que ambição, e que avareza ;
Na Plebe, huma defordem fementida :
Nas Mulheres, hum luxo, e huma inconstancia,
Que não póde deterse : Os Matrimonios
Se infamaõ nos adúlteros excessos :
A Justiça no curlo dos processos
Se prostitue à peita : a iniquidade
Ao commercio se estende : na maldade
O interesse se enreda : O gabinete
Só violencias, e escandalos promete.

Nos seus mesmos Pastores o rebanho
Se apesta, e se devora : assumpto estranho

Os púlpitos offender a Ara, e Templo,
 Profanado se encontra com o exemplo,
 Que os Sacerdotes dão: a hypocrisia, e malícia
 Enche o peito com nefanda aleivonias, como a
 A cangrenada chaga, que a corrôe:
 A enveja, e a emulação, que se destrôe
 A si mesma, em nós mesmos se reparte:
 O furto, e mais o engano se fez arte:
 Galanteio, e lascivia: fez-se o jogo
 Licita occupação: divertimento
 A immodestia: a calumnia desafogo:
 Graça a murmuração: ao fôlego oralento
 Como obsequio a soberba se cultivar
 A vingança por honra se deriva:
 Toda a mesma mentira, o mesmo enredo,
 A lisonja, e a traição, por hum segredo
 Da politica paixão, tendo a forte
 De as julgarem por maximas da Corte.

Se voltamos a vista aos três primeiros
 Seculos do Evangelho: que Luzeiros
 Não temos nesses venturosos mappas:
 Dos Catholicos Fastos? Trinta Papas:
 Em successão continua, se exemplares
 Nos servem na cultura dos Altares.

Que admiravel sollicito concurso
 De Prelados, de Virgens, de Doutores,
 Martyres, Missionarios, Confessores,
 Se nos offrece aos olhos? Dura, e necio,
 Sacrilego, impaeiente, emprende Decio,
 Ou Maximino, ou Nero, ou Dioclesiano
 Arrancar tanta fé do peito humano.

Bem que do Abyffmo as horridas Cerastas
 A violencia apurassem nas Catastas,
 Nos garfos, rodas, grelhas: Bem que o estilo
 Do impulso atróz no toura de Perilo
 Dêsse novos horrores ao tormento
 Bem que quizesse intimidarse o alento
 Dos enxofres nos impetos ceruleos,
 Nos potros, nos garrotes, nos equuleos;
 Sempre a Fé se mostrava no semblante
 Quanto mais combatida, mais constante.

Entre o horroso estrondo das batalhas
 Pulsava todo o incendio das fornalthas,
 Respirando as particulas violentas
 Pelo horrivel escandalo das ventas:
 Em borbotoens a chama ao ar subia;
 Ministrava, aticava, revolvia
 A materia, entre os animos ferozes,

O sórdido concurso dos algozes.

Noutra parte as caldeiras vomitando
 Em carbonos as escumas; e exhalando
 Em ignea Indigestão nuvens de fumo,
 Queriaõ expressar todo o refumo
 Das penas Infernaes; e em susto tanto
 Nada fazia o medo, nem o espanto;
 Pois desprezando a alma hum bem caduco,
 E não temendo o barbaro delirio,
 Sempre se achava a Fé entre o martyrio,
 Que apurava do horror todo o veneno,
 Com rosto alegre, espirito sereno.

Que fariamos hoje (eu me envergonho
 De o trazer à memoria!) em tão medonho,
 Em tão terrivel, apurado exame?
 Raro seria aquelle, que o dictame
 Não seguisse do rito escandaloso:
 Se vejo em tanto Reino populoso
 Que o Idolo se adora da cubica,
 Da ambição, da lascivia, da vingança;
 Eu não sei que se dê dessemelhança
 Em adorar tambem da mesma sorte
 A Venus, Pluto, Jupiter, Mavorte.
 Que importa que digais que a Fé de Christo

No vosso peito está, se a mão se estende
A incensar esses vultos, que pretende
Fazer Deuses a cega Idolatria?
A observancia, a humildade, a continencia,
O zello, o sofrimento, a displicencia
De si proprio, era a força, que abatia
O impulso dos Tyrannos: se hoje encontro,
Em lugar deste santo, illustre empenho,
Nos Vicios hum indomito despenho,
Que conceito farei, senão que o Abyssmo
Metê na Christandade, o Paganismo?

Que o Turco nas desordens se intrometa,
Desculpa tem; pois crê que o seu Propheta
Com tanta culpa o leva à sua gloria:
Que não lhe passe ao Hebrêo pela memoria
Que Christo pôde erguello do peccado,
A escusa nos produz de o ter negado:
Que o Pagaõ desconheça que o delito,
Em que sempre procede, o faz precito,
Pôde dizer que Jove não condena
O mesmo, que exercita: se huma obscena,
Desordenada vida o Hereje anima,
Com toda a segurança nos intima
Que a Redempção lhe basta, sem as obras
Para alcançar o Ceo: Mas se aceitamos

Que

Que sem ellas a gloria não se alcança:
 Se estamos n'hum firme segurança
 Que o que morre na culpa, eternamente
 Não ha de ver a Deos: De tanta vida,
 Sem ordem, sem dictame, nem medida;
 Que desculpa dareis? Mais insensatos
 São os nossos improvidos connatos,
 Que os do Herege, Judeo, Turco, e Gentio:
 Elles desculpa tem no desvario;
 E nós em tantos miseros extremos,
 Nem razaõ, nem desculpa dar podemos.

Já houve quem nos disse que na Igreja
 Bastaõ dois Tribunaes, com que se reja
 O dominio das chaves: Se o exercicio
 Com a Fê não concorda; herege, ou louco:
 Se herege à Inquizição: se disparates *
 Não tem mais do que a casa dos orates.

Quem segue a Synagoga, ou a heresia,
 Quem

* Dito he antigo, e como verdadeiro, e discreto muito celebrado, que na Christandade não havia de haver mais que duas prizoens, a dos carcereiros do *Santo Officio*, e a da casa dos *Orates*. Porque hum homem qualquer que seja, ou tem Fê, ou não tem Fê: se não tem Fê, he herege, e pertence aos carcereiros do *Santo Officio*: se tem Fê, e crê que ha Deos, e Ceo, e Infernio, e com tudo vive como se o não crêra, he rematadamente louco, e pertence à casa dos *Orates*.

O grande P. Vieir. tom. XI. dos Serm; Serm. da 5. Dom. de Quaresima n. 500.

Quem aceita o Alcôraõ , e a Idolatria ,
He porque tem o entendimento cego :
Põem erer huma coiza , e fazer outra ,
He incoherencia tal , que este concurso
Desmente toda a prova do discurso :

Naõ teve , nem Luthero , nem Calvino
Outra ideia no infame defatino
Mais do que naõ cahir nesta incoherencia :
Todo o empenho da sua diligencia
Foi fazerem nos sórdidos volumes
Huma fé , semelhante aos seus costumes.

Se perguntais agora quem procede
Mais conforme à razão ; se o Hebrêo , se o Turco ,
Se o Herege , se o Pagaõ , se o que confessa
A Christo com a boca , e se interessa
Em desmentir a lingua com as obras ?
Direi ; que mais coherente , mais confôrme
He aquelle , que a Lei tem uniforme
Com todas as acçoens , que aquelle fatuo ,
Que em huma vida torpe , e dissoluta
Contradiz o que cré no que executa.

Se em vós dura a soberba , o engano , a ira ,
A Lascivia , a ambição ; será mentira

Dizer que tendes fé; A fé sem obras
 He Cadaver: na Biblia affirm se escreve:
 Se hum homem, já defunto, não se deve
 Chamar homem, tambem a fé defunta.
 Fé não pôde chamar-se: Sempre junta
 Com obras deve andar para ser viva:
 Vede a Fé, que aceitais nesta Colonia?
 Fé, sem obras, he Fé de cerimonia.

Naõ deve de Deista, ou Libertino
 Seguir a vida quem não segue a crença;
 Pois na falsa incoherencia se gradua:
 Se entre todos, talvez, se continua
 Tanto a Fé, como a Lei; ao illustre intento
 Deste grande aparato, o movimento.
 Podeis já produzir, para que fique,
 Quando a fama ao clarim o esforço applique,
 Servindo este esplendor na luz da historia
 De hum eterno padraõ da vossa gloria.

Ao Peregrino, em nome do concurso,
 O Prelado responde: No desvello,
 Na piedade, no amor, constancia, e zello,
 Com que as duas Cidades tem vivido,
 Desde que vim de Roma, conhecido

Tem a minha advertencia que igualmente
Se acha na voz, e acção a Fé patente.

Os Idolos de Venus, e de Marte
De Jupiter, e Pluto, em toda a parte
Se vem despedaçados no desprezo
Que todos aqui fazem da lascivia,
Da ambição, da cubiça, da vingança:
Huma imagem da Bemaventurança,
Parece que se logra no districto
Destas duas Colonias: O delicto,
A emulação, o escandalo, a violencia,
Aqui senão conhece: A continencia,
A doçura, a modestia, a tolerancia,
Devoção charidade, e vigilancia,
Em tudo quanto anima, quanto adverte,
Em virtudes os Idolos converte.

Ao immenso Author da Graça, toda a origem
De tão grande ventura, os nossos votos
Humildes, reverentes, e devotos
Devem reconhecer: Segunda causa
De impulso tão feliz, e inesperado,
Todos tambem admiraõ no cuidado,
Na efficacia, no zello, e na divina,
Luzente inspiração, com que a doutrina

Da

Da Instituição Christan, se vio gloriosa
 Na eloquencia, ou na chama luminosa
 Do vosso illustre alento, expondo o culto
 Dos seus raios, em parte tão distante;
 E desatando o horror, de hum campo inculto
 Com a doce impressão da Lei brilhante;
 Crescendo o grao nos áridos caminhos,
 Nos penedos, nos brejos, nos espinhos,
 Sem que supersemine o infame arrojô
 Do inimigo commum, com maõ grosseira
 A Zizania infeliz na sementeira.

Se fostes o instrumento, com que o Herege,
 O Hebrêo, o Mahomentano, o Libertino,
 O Deista o Pagaõ, o Atheo, voltaraõ
 Para a Lûz Do Evangélho; e o desatino,
 Com tão excelsõ impulso, condemnaraõ;
 Triumphai gloriosamente destas feitas:
 A Religião, a Fé, e a Lei sublime
 Triumphem tambẽ com vosco: O applauso anime
 O magnifico empenho; e os ares rompa
 O festivo rumor da egregia pompa.

Disse: e à ultima clausula movia
 Já todo aquelle Fausto no progresso:
 Tudo reípira ardor, tudo alegria,

Tudo acção, tudo gosto, tudo excessão.
Naõ se tinha a partado o Genio amigo
Do victorioso Herõ: alli servia
De excelsa testemunha a gloria tanta;
Porém de tão amada companhia
Mais se commove agora, mais se espanta:
Pareceu-lhe que o rosto transfigura
Na luz de huma celeste criatura;
Fingem-se as roupas de brilhante neve,
Mova-se o corpo de hum assopro leve,
Bate huma, e outra aza; e n'hum momento
Se engolfa pelo ardor do Firmamento:
Reconhece o piedoso Peregrino
Os favores do estimulo divino
Que o tem acompanhado; alcança o effeito
Que lhe tinha proposto o seu conceito;
E da alma nos raios mais devotos
Renova os cultos, e confirma os votos.

Com docês successivos se adornavaõ
As ruas: Os brocados, das janellas
Pendentés, entre as auras tremolavaõ:
De vegetantes flóridas Estrellas
As praças, e calçadas se melhoraõ:
Continuamente os Zephiros desfloraõ
De eirados, e balçoens tudo o que enleia

O brilhante thesouro de Amalthea.

Dos Maios as paredes se entapizaõ:
 Subtís exhalaçoens aromatizaõ
 O focegado ambiente, onde o dispendio
 Dos aromas em hum jucundo incendio
 Liquida quanto alenta, quanto enfaia
 O influxo da Sabêa, e da Panchaia.

O *Triumpbo* se prepara no canoro,
 Bellico estrondo de metaes torcidos:
 Alterna o bronze o Crepitante choro,
 Dos tambores nos roncõs estampidos:
 Sobre hum filho do Boreas, que o compasso
 Faz com ambas as maõs no airoso passo,
 Huma Nympha se expõz, cheia de lingoas,
 De olhos, e pennas: Hum clarim se alenta
 Na vehemencia do hálito: Sustenta
 Na esquerda hum estandarte, onde proclama
 Que será deste applauso eterna fama.

Segue-se huma Carroça, conduzida:
 De immundos animaes: em baixo assento
 Aparecia hum monstro sonolento,
 Que de homem mal a forma recobrava:
 Todo o mísero corpo se infestava

De

De sórdidas toupeiras , exhalando
Hum fétido vapor , e figurando
Nas sombras de hum profundo parocifmo
A miseria, e a loucura do *Atbeifmo*.

Outra Carroça vinha , em q'outro monstro
De diversas feiçoens o folio ordena
Entre pedaços de troncados vultos :
O elegante Sinzêl allí condena
De Jové , Marte , e Venus os insultos :
Estimulando as cores dos berylos ,
Tiravaõ fraudulentos Crocodilos
Pela maquina impura , que fingia
A enorme ostentaçaõ da *Idolatria*.

Na terceira Carroça se propunha
A imagem do *Deifmo* : o throno expunha
Em destroçadas aras : os exemplos ,
Com que o pincél anima o frontispicio
Eraõ despojos funebres dos templos ,
Da offerta o odio , o horror do sacrificio :
Quebrados os thuribulos se viaõ
A os pés do simulacro : repartiaõ
Quatro Tigres o adorno , em que se apura ,
A fachada da horrenda architectura.

Finge a quarta Carroça a feia imagem

Da torpe, da infelíz *Libertinagem*:
 Em hum charco de escandalos corrutos
 Respiraõ seus alentos dissolutos:
 De animaes, que se arrastaõ pela terra
 Parece que se nutre: Os olhos cerra
 A o resplendor do dia: a quatro bufos,
 Mais vorazes, e fórtes, do que os grifhos,
 O pezo se confia; e em tanto empenho
 Não ha giro, ou impulso, sem despenho.

Retrata a sombra na Carroça quinta
 Huma adusta Matrona; aonde a tinta
 Mais carrancudo faz o seu semblante:
 Cinge-lhe a fronte hum barbaro turbante:
 Hum alfange guarnece a maõ direita:
 Entre diversos monstros se deleita:
 E o plaustro, como indomitos Ethontes,
 Movem quatro Orientaes Rhinocerontes.

Copiar pertende na Carroça sexta
 A velha *Synagoga* o aspecto antigo:
 E com distancias frivolas pretexta
 A dura obstinaçaõ do seu castigo:
 Hum denso fumo a cerca; e alonga vista
 Se dilata nos longes da conquista,
 Que lhe debuxa o intento vagabundo

De hum novo Imperio , de hum fingido Mundo :
O pezo destes miseros desvellos
Facilitando vaõ quatro Camellos.

A *Heresia* na setima Carroça
Sobre hum dragaõ se assenta , ou se entroniza :
Com as garras péstiferas destroça
Tudo o que a Igreja ordena , e solemniza :
Saõ da boca infeliz horrendos partos ,
Viboras , Sapos , Cobras , e Lagartos :
Nos abortos da colera indigesta
O olfato se amotina , o ar se apesta :
Tanto horror , entre a chama dos coriscos ,
Conduzem quatro infames Basiliscos.

Alli vaõ juntamente figuradas
As *bortas de Epicuro* : debuxadas
As *estancias gentilicas* : os *bosques* ,
Collisseo , e *Edificios dos Deistas* :
O *combate do arrojado Libertino* :
A *Caverna do Turco* , e a do *Rabino* :
Dos *Lutheranos* , e dos *Calvinistas* :
A *moderna Colonia* : e tanto crece
Na pintura o treslado , que parece
Nestes retratos , que o pincel retoca ,
Que o exemplar com a imagem se equivocava.

: Para escoltar a horrenda committiva
 Hum nefando esquadrao o Abylmo acende :
 Da iniqua *Enveja* a hydropica invecitiva
 Pelos triftres espiritos se estende :
 Opprime hum tigre indomito a *Vingança* :
 : A *Soberba* hum pavao : o vulto lança
 Sobre a espadoa de hum touro a *Ira* ardente :
 Sobre hum mono a *Lascivia* faz patente
 O calido semblante : a torpe *Gula*
 Na fereza de hum lobo se estimula :
 A *Traicao* na de hum urso, he que respira :
 Na de huma sphynge a perfida *Mentira*.

Dominando este objecto pavoroso
 Vinha todo o concurso luminoso
 De mais nobre apparato, expondo o erario,
 O esforço, e o resplendor do santuario.
 Nos adornos de varias estructures
 Se vem representadas as figuras
 Do antigo Testamento : O sacrificio
 Alli se expoem de Isaac com tanto indicio
 Do impulso, que na sombra se descobre,
 Que parece que Abraham o susto encobre
 Na fe, e na obediencia; com que a certa
 A fazer do seu sangue a sacra offerta.

A Luta de Jacob se determina
Com tanta propriedade, que imagina
A vehemente apprehensãõ no que flutua,
Que o empenho da baralha continua;
E sem que tanto empenho se remate,
Se está fingindo o estrondo no combate.

Com tanto ardor nas aras produzido
O cordeiro se vê; que inda o balido
Se affecta no retrato: O igneo fausto
Taõ vivo se debuxa no holocausto;
Que a semelhança sobornando a ideia
Quer persuadir que a victima fumeia,
E que crepita a chama, quando adverte
Que em leve cinza a hostia se converte.

Moyfès na recepção da Lei sagrada
Com taõ raro desenho se treslada
Na elequente escultura, que parece
Que a maquina do Sina se estremece
Das trombetas aos bellicos clamores:
Na montanha entre horriveis resplandores
A prezença do Altissimo se hospeda:
Na entolada, fumosa escuridade
Desordena, ou confunde a labareda
A aurea agitação da claridade!

Tão proprio, que na imagem do portento
Brilha, como verdade o fingimento.

Com outras perspectivas luminosas
Rodaõ diverso plauftros no desfinio
Do triumphante apparatus: alto dominio
Inculca huma Matrõna nas preciosas
Luzentes roupãs, que imperiosa veste:
Sobre os globos da fabrica celeste
O solio constitue: da riqueza,
Com que o Mundo se adorna, se fabrica
O assento, em que descansa: multiplica
As purpuras, e os Sceptros entre as plantas:
Dos cáucãos: as tûmidas gargantas
Ficãõ flexiveis ao mais leve aceno,
Que expõem no rosto o resplandor sereno:
A penas esta copia huma apparencia
Nos pode figurar da *Omnipotencia*.

Outra mulher, não menos prehemimente
A' admiração se offrece: Inteligente
Se mostra na efficacia do semblante:
Cingida da grinalda vegetante,
Que o Oitono felicita, traz a fronte:
Alegraõ-se os aspectos do Orizonte
Nos seus festivos olhos: toda a esphera

No seu divino rosto se prospêra:
 Sustenta huma brilhante cornucopia,
 Donde sempre procede a immensa copia,
 Com que o Ceo, Mar, e Terra se fecunda:
 Tudo alenta, e produz; tudo se funda
 Neste cofre immortal, que o Mundo gira:
 Tudo nelle se expõem, tudo se inspira:
 E tudo o que no Erario a lúz dilata
 A Sabia *Providencia* lhe retrata.

Outra molher igual na pompa illustre
 Se faz patente á vista: o throno altivo
 De huma base quadrada se representa
 Firme, constante, esclarecida, attenta:
 No semblante respira aquella chama,
 Em que o peito, em que o espirito se inflama:
 Hum elmo intenta moderar os raios,
 Que saiem do seu rosto: os seus desvellos
 Em hum livro dispoem de sete fellos,
 Que ninguem pôde abrir; e tudo enfina
 Que no adorno da imagem se illumina
 A infondavel *Sapiencia*; onde o cuidado
 Fica em humilde assombro sepultado.
 N'hum pedestal se exalta huma donzella
 Vibrando o troço de hum trifulco incendio:

Traz a vista coberta; é huma balança
 Lhe tempera os impulsos da vingança:
 A seus pés, com louvavel inteireza,
 Triumphando dos assaltos da riqueza;
 Tem hum thezouro immenso, e quando o calca,
 Desordena a ambição, vence a cubiça:
 Bem mostra ser a imagem da *Justiça*.

Sobre hum rotundo ardor de astros benignos
 De outro novo Prodigio se acompanha:
 Rota da morte a indomita guadanha
 Com as plantas a opprime: o seu refugio
 Allí tem a desgraça, a áncia, a pena:
 Em hum manto de purpura se ordena
 Hum asylo immortal contra a malicia:
 Sempre piedosa está, sempre propicia
 Para dar hum sollicito agazalho:
 Na afflicção, na miséria no trabalho:
 Em tanto resplandor, tanta assistencia,
 O esforço se figura da *Clemencia*.

Com madeixas de Ophir outro portento
 Representa hum espirito incorruto:
 Taõ activo se mostra, que o tributo
 Da Parca no seu thalamo desdoura:
 Despedaçada a funebre tezoura

De Cloto allí se adverte : sem jaçtancia ,
Sem algum movimento , alguma instancia
Se defalenta o arrojo furibundo
Da negra roca , do serilho immundo :
De huma roupagem verde se guarnece :
No circulo , que empunha se conhece
Entre as luzes da sua claridade ,
Que inculca a effigie da *Immortalidade*.

Com olhos cegos , com ouvidos promptos ,
Logo se exprime a *Fé* noutra figura :
De arminhos adornada aqui procura
Mostrar a candidêz do seu conceito :
O seu sincêro rosto , de respeito
Enche todo o concurso : A Hostia , o Caliz ,
Divinamente o punho esquerdo adorna :
Reje o direito , com devoto espanto ,
Na pompa illustre o Lenho Sacrosanto.

Em hum Leito florido , aonde a esphera
Constitue huma nova Primavera
O vigor se enthroniza da *Esperança* :
A clara vista pelos orbes lança ,
Fitando-a sempre na continua aurora ,
Que o aspecto do Horizonte condecôra :
De matizadas plumas no destino.

Aspira sempre ao raio matutino;
 E na insignia de huma âncora prepara
 A doce espectação da luz preclara.

A *Cbaridade* segue a companhia
 Destas duas Irmans: a *simpathia*
 De hum intrinseco incendio as tem disposto
 A formar outro terno, outro composto
 De graças celestiaes: ardente hospeda
 Encima da cabeça a labareda,
 Que do peito resulta; e a mesma chama
 Acende, move, impelle, incita, inflamma
 Tudo o que anella, tudo o que respira,
 Emprende, anima, alenta, ama, e suspira.

Não se aparta a *Concordia* destas gemeas:
 Na espada de hum Gerião o throno exalta:
 Rubicunda lauréola lhe esmalta
 A dourada madeixa, com os gomos,
 Com as flores, e folhas desses pomos,
 Que a mesma natureza tem coroado
 Em sinal do frondoso principado.
 De ardentes corações, que tem unido,
 Com doce inclinação, melhor Cupido,
 Se compoem toda a gala da Carroça:
 A harmonia do affecto se alvoroa.

Na brilhante expressãõ ; e esta elegancia
Estimûla , e requinta a consonancia.

Cercado de versateis resplandores
Hum milagre felîz de excelso empenho
Apparece no candido desenho
De outra rara donzella : ao Ceo levanta
Continuamente a vista : a Pomba santa
Hum raio lhe introdûz no peito ancioso :
O semblante de agrado venturoso
Sempre banhado está : toda a alegria
Do seu luzente rosto se confia :
Em tudo quanto ânima , quanto abraça
Se alenta , e se prospêra a lûz da *Graça*.

Neste maravilhoso ajuntamento
De apparatus symbolicos, unida
Em huma nova esquadra , o movimento
Segue deste concurso, outra partida
De emphaticas imagens : *A Paciencia*
Por insignia prodûz hum pelicano :
Foge a *Contemplanção* no horror profano
Com as azas da aguia : *A Continencia*
Empunha hum ramo de frondoso louro :
A *Contrição* compoem o seu thezouro
Em hum cofre de espinhos : *A Humildade*

Leva

Leva hum jugo: hum delphim leva a candurã
 Da affavel *Mansidaõ*: não ha figura,
 Que em nobre impulso, ou émphasi sublime
 As virtudes excellas não anime.

Orientou finalmente hum aureo coche
 Onde o Sol os seus raios felicita:
 Nem roziclêr, ou joia, airaõ, ou broche
 Tantas luzes nas cores deposita:
 Brilha entre chamas de hum reflexo ardente
 Toda a pompa da maquina luzente:
 Quatro Elephantes com modesto arrojõ
 Fazem mover as rodas: huma nuvem,
 Taõ candida, taõ pura, como a neve,
 Com outra fórma esplendida descreve
 O throno, em que se ostenta mais gloriosa
 Da *Religião* a imagem luminosa.
 A Sacrosanta Tiara na cabeça,
 Das vestes Pontificias adornada,
 Na mão direita a Pagina Sagrada,
 Na esquerda as chaves: tanta luz divina
 Todo aquelle concurso predomina.
 Vinha o Herõe com honesta gravidade
 Junto à base do folio: em fundo de ouro
 Trâz hum manto de purpura: a grinalda
 Se tece no esplendor de huma esmeralda,

Em que tem novo alento a planta esquiua :
Parece que huma palma se cultiva
No agrado, com que a empunha : o fado e forte,
O Mundo , a Carne, o Inferno, a Enveja, a Morte,
Debaixo dos seus pés se representa :
A Cidade se anima , o ar se augmenta
Na doce variedade , com que as vozes
Repartem pelos circulos velozes ,
De acordes instrumentos focorridas ,
Os musicos estrondos : divididas
Com varia consonancia em varios choros ,
Mais festivos expoem , e mais canoros
Mais nobres , mais alegres , mais solenes ,
Mais gloriosos , esplendidos perenes ,
Mais inclytos , com tantos artificios ,
Os cantos, os tropheos, os Epinicios.

*Sit laus Deo Patri ,
Summo Christo Decus ,
Spiritus Sancto ;
Tribus honor unus.*

8

